

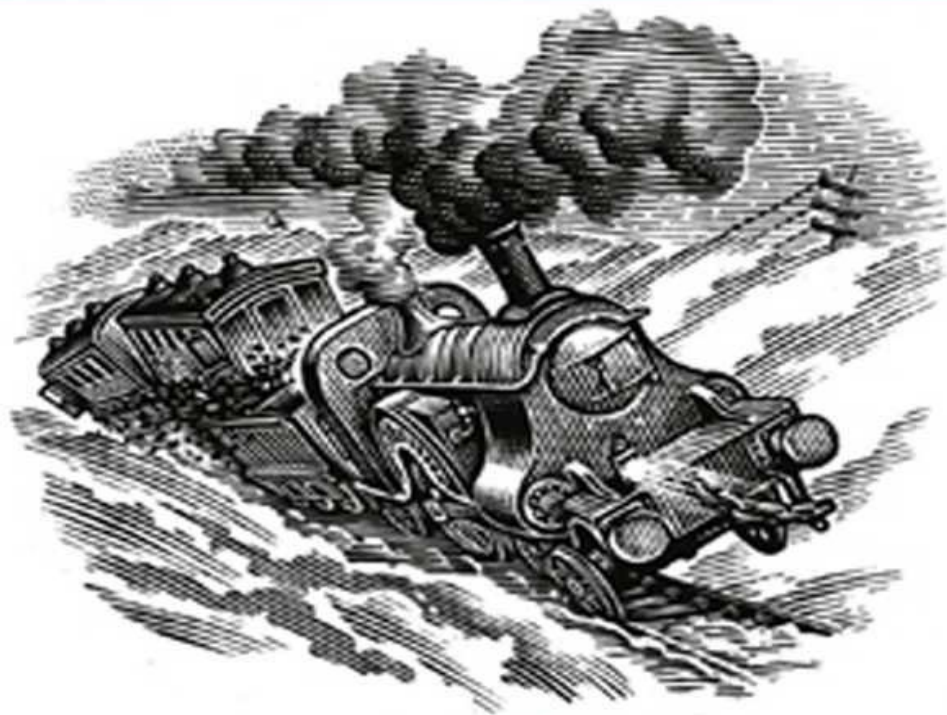
PHILIP PULLMAN

UM MISTÉRIO DE SALLY LOCKHART



Pelo autor premiado de *A Bússola de Ouro*

SALLY E A PRINCESA DE LATA





PHILIP PULLMAN

SALLY E A PRINCESA DE LATA

Tradução
Flávia Neves



Copyright © 1994 by Philip Pullman

Todos os direitos desta edição reservados à
Editora Objetiva Ltda.
Rua Cosme Velho, 103
Rio de Janeiro — RJ — Cep: 22241-090
Tel.: (21) 2199-7824 — Fax: (21) 2199-7825
www.objetiva.com.br

Título original
The Tin Princess — Sally Lockhart Vol. 4

Capa
Adaptação de John Lee Murray sobre design original de Scholastic Ltd.

Imagem de capa
© Bill Sanderson, 2009
Capa reproduzida com permissão de Scholastic Ltd.

Revisão
Regiane Winarski
Patrícia Sotello Soares
Lilia Zanetti

Editoração eletrônica
Abreu's System Ltda.



CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO-NA-FONTE SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ
P983s

Pullman, Philip

Sally e a princesa de lata [recurso eletrônico] / Philip Pullman ; tradução Flávia Neves. - Rio de Janeiro :
Objetiva, 2012.

recurso digital (Um mistério de Sally Lockhart, 4)

Tradução de: *The tin princess*

Formato: ePub

Requisitos do sistema: Adobe Digital Editions

Modo de acesso: World Wide Web

Sequência de: *Sally e o tigre no poço*

237p. ISBN 978-85-390-0337-2 (recurso eletrônico)

1. Ficção inglesa. 2. Livros eletrônicos. I. Neves, Flávia. II. Título. III. Série.

12-0562. CDD: 823

CDU: 821.111-3

Curiosidades de INTERESSE HISTÓRICO

1882

O secretário-geral britânico da Irlanda, lorde Frederick Cavendish, e seu subsecretário, TH Burke, são mortos em um bombardeio em Phoenix Park, Dublin. Este ato de terrorismo causa repugnância generalizada.

A Alemanha é uma nova potência mundial, tendo seus principados distintos finalmente unificados em 1871 pelo grande líder prussiano Otto von Bismarck, o “Chanceler de Ferro”. É firmado um pacto secreto conhecido como a Tríplice Aliança com a Áustria e a Itália. Eles concordam em apoiar uns aos outros no caso de ataque pela França ou pela Rússia.

Em 1882, na Inglaterra, a Lei de Propriedade da Mulher Casada estende o previsto na Lei de 1870, proporcionando às mulheres casadas maiores direitos legais sobre suas posses. (Os maridos não têm mais poder neste sentido; portanto, as mulheres podem ficar com suas posses em caso de divórcio.)

A MÁQUINA INFERNAL

Rebecca Winter, talentosa, alegre e pobre, havia chegado aos 16 anos sem nunca haver presenciado a explosão de uma bomba. Algo natural naquela época. A Londres de 1882 não era mais explosiva que a dos dias de hoje; nem por isso era menos explosiva, já que a dinamite se tornara um instrumento de ação política.

Entretanto, naquela bela manhã de maio, Becky não pensava em bombas. O sol estava radiante, e o céu, salpicado de pequenas e rechonchudas nuvens, como pinceladas brancas numa aquarela de paisagem marinha. Becky caminhava por uma rua arborizada no bairro de St. John's Wood, zona norte de Londres, pensando nos verbos em alemão. Estava indo encontrar sua nova aluna — sua primeira aluna, na verdade; e ansiosa por causar boa impressão, queria mostrar que era bem-preparada.

A capa estava um pouco surrada, e a boina, fora de moda, sem contar o furo na sola da bota direita. Mas não importava. O piso estava seco e o ar fresco, e um jovem com chapéu de palha lhe lançou um olhar que ela considerou, no mínimo, interessado; Becky se sentia esplendorosa, afinal era uma mulher independente, ou pelo menos quase isso. Com a cabeça erguida, ignorou o jovem curioso de chapéu de palha, verificou a placa da rua seguinte e entrou numa avenida com requintadas mansões de ambos os lados.

O alemão era a língua materna de Becky. A segunda língua era o inglês; a terceira, o italiano; a quarta, o francês; e a quinta, o espanhol; em breve dominaria o russo e já sabia xingar em polonês e lituano. Morava com a mãe e a avó numa pensão simples na parte mais humilde de Maida Vale, onde a mãe trabalhava como ilustradora de folhetins baratos e jornais sensacionalistas. Lá viviam desde que

Becky tinha 3 anos, quando foram forçadas a deixar a Europa Central e sobreviveram graças ao apoio de uma rede local de imigrantes oriundos de diferentes países, inclusive o delas. Tratava-se de um grupo vindo de quase todos os cantos da Europa, de gente barulhenta, talentosa, briguenta e generosa. Nada mais natural que Becky falasse tantas línguas e que ganhasse a vida com elas. Nada mais sensato do que unir o útil ao agradável.

Ao mesmo tempo, ela se exasperava com as limitações que a tolhiam. Apesar de não possuir o físico de uma típica heroína de romance (era gordinha, tinha olhos inquisitivos negros e vivos, bochechas que ruborizavam facilmente, cabelos rebeldes e escuros), Becky possuía uma alma aventureira, e sabia disso. Era louca por um romance perigoso. No entanto, o único romance que experimentara fora aos 12 anos, com um garoto que trabalhava num armazém. Ele havia lhe vendido um cigarro, que ela praticamente não fumou, em troca de um beijo. Ele havia lhe dito que o cigarro era perigoso para mulheres e que podia deixá-las malucas. Ainda assim, os dois se sentaram detrás de um arbusto e dividiram o cigarro. Becky vomitou nas botas do rapaz, o que foi bem-feito para ele. De qualquer forma, a experiência foi insuficiente, pois não satisfez seu desejo por experiências novas e proibidas. Ansiava protagonizar romances de capa e espada, com pistolas e conhaque, mas tinha que se contentar com lápis, café e verbos.

Seu consolo eram os verbos. Era absolutamente fascinada pelo poder das palavras e das diferentes línguas. Já que não podia viver com um bando de ladrões numa caverna siciliana, estava disposta a estudar linguística e filologia na universidade. Infelizmente, isto custava dinheiro. Por isso, como muitos de seus companheiros exilados, colocou anúncios em locais públicos, oferecendo seus serviços como professora particular de alemão e italiano.

Recebeu uma resposta quase imediata, além de curiosa.

Tratava-se de um jovem que insistia em falar inglês, embora tenha ficado claro para Becky e a mãe dela que ele se expressaria melhor em alemão; contratou-a para ir todas as manhãs ao número 43 da rua Church, em St. John's Wood, para dar aulas a uma senhorita de nome Bevan. A quantia oferecida era generosa, e o constrangimento dele — por ser muito jovem — ficara evidente. Depois que o rapaz saiu da casa dela, Becky e a mãe ficaram horas fazendo especulações sobre o rapaz. Becky tinha certeza de que ele era um anarquista, enquanto a mãe não tinha dúvidas de que se tratava de um homem nobre ou mesmo um príncipe.

— Eu já vi príncipes, você não — disse. — Acredite, ele é um príncipe. E a aluna...

E não pararam de especular sobre a srta. Bevan. Seria jovem? Velha? Ou uma criança? Uma linda e sinistra espiã?

Bem, pensou Becky, descobriria em breve. Entrou na rua Church e estava prestes

a abrir o portão de número 43, de uma mansão pintada de branco com um pátio na frente, sombreado por frondosos loureiros, quando alguém lhe disse:

— Com licença, senhorita?

Surpreendida, ela se deteve. Era o jovem de chapéu de palha. Como havia chegado ali antes dela?

Devia ter pouco mais de 20 anos, possuía uma expressão vivaz e inteligente, olhos verdes e cabelos da mesma cor do chapéu de palha. Havia nele algo de especial que ela não soube identificar: era um cavalheiro, a julgar pela aparência, mas seu jeito de falar e de se comportar indicava que ele tinha familiaridade com estábulos, entradas de palco de teatros e cantinas baratas.

— Sim?

— A senhorita conhece a jovem que mora nesta residência?

— A srta. Bevan? Na verdade, não, ainda não. Fui contratada para ensinar-lhe alemão. Mas quem é o senhor? E qual o motivo da pergunta?

Ele tirou um cartão de visitas do bolso. Dizia: *J. Taylor, Detetive Particular*, com endereço de uma loja de fotografia em Twickenham. Becky ficou meio atônita.

— O senhor é *detetive*? E o que está investigando?

— Acredito que a srta. Bevan possa ser a pessoa que estou procurando — ele respondeu. — Perdoe-me por tomar seu tempo. Posso perguntar seu nome?

— Srta. Rebecca Winter — Becky respondeu friamente. — Por favor, me dê licença.

Ele saiu da frente dela, com uma sutil elevação de chapéu e um sorriso maroto. Voltou a colocar o chapéu de palha num ângulo garboso e partiu. Becky se concentrou, respirou fundo e cruzou o pátio para finalmente tocar a campainha.

Uma criada impertinente a fez entrar, deixando claro seu desprezo pela aparência da recém-chegada. Quando queria, Becky sabia arquear a sobrancelha desdenhosamente como ninguém — o que fez em resposta, embora tenha comprometido um pouco sua atuação ao tropeçar no tapete, no pé da escada.

— Espere aqui — disse a criada, indicando uma sala de estar no segundo andar, ao lado do patamar da escada, e, em seguida, fechando a porta.

Becky se viu num bonito cômodo na parte da frente da casa. A janela estava aberta e ela pôde ver o céu azul, as copas das árvores, e sentir o frescor da brisa que entrava. Os móveis eram suntuosos, mas grandes demais, ocupando o espaço de forma opressiva. Não havia livros ali e os quadros eram medíocres. A única coisa interessante no lugar era um estereoscópio. Becky o pegou e olhou a imagem dentro dele. Era a foto de uma garota em roupas surradas, sentada no colo de um homem magro com enorme bigode; no verso da imagem estava impressa a letra de uma cantiga sentimental.

— Que diabos tá fazendo?

Becky quase deixou cair o estereoscópio e, ao se virar, viu uma moça na soleira da porta. Ela tinha o rosto moreno, esperto e desconfiado.

— Sinto muito — disse Becky. — Srta. Bevan, suponho...

— Quem é você?

— Srta. Winter. Becky Winter. Sou sua professora particular.

— E o que fazia com isso? — perguntou, franzindo o cenho, com olhos fixos no estereoscópio.

— É que adoro estereografias. Sei que não devia ter mexido em nada.

— Hummmm... — murmurou a srta. Bevan, entrando na sala. Olhou Becky de cima a baixo e então se sentou de forma lânguida numa poltrona ao lado dela, com um jeito preguiçoso e desconfiado, embora agora parecesse se divertir.

Ela não era bonita; magra demais, tinha os traços do rosto grosseiros e o comportamento desafiador demais para uma dama. Além disso, vestia roupas espalhafatosas e de mau gosto e falava com linguajar da classe operária. Mas Becky não pôde deixar de notar certa fragilidade na moça; havia suavidade por trás do tom de voz sarcástico, os olhos eram adoráveis, escuros e enormes, e, ao se movimentar, parecia uma gata dengosa.

— E que conversa é essa de aula particular?

— Fui contratada por Herr Strauss para ensinar-lhe alemão.

— Prove.

Becky estava perplexa.

— A senhorita não sabia?

— Qualquer um pode vir aqui me espionar com uma desculpa esfarrapada dessa. Você pode ser uma assassina ou coisa parecida. Pode ter uma arma na bolsa. Como vou saber quem é você de verdade?

— Oh, não... tenho livros na minha bolsa, veja. Ele deve ter lhe falado da minha vinda.

— Pode ser.

A srta. Bevan se esticou exageradamente e voltou a relaxar. Não estava realmente desconfiada, pensou Becky: apenas entediada. Devia ter 19 ou 20 anos, e agora Becky se perguntava qual seria a relação da moça com o misterioso Herr Strauss. St. John's Wood era notório por ser um bairro onde cavalheiros ricos compravam casas para suas amantes.

— Por que ficou vermelha? — questionou a srta. Bevan.

— Não fiquei vermelha. Acho melhor começarmos a aula. Já estudou alemão alguma vez?

— Eu hein... Quem era o sujeito no portão?

— O jovem com chapéu de palha? Um detetive. Ele me deu o cartão dele.

Ela deu o cartão para a srta. Bevan, que franziu a testa ao ler o conteúdo e em

seguida o jogou sobre a mesa de bambu ao seu lado.

— Detetive — falou sem entusiasmo. — Quanta baboseira. Deve ser repórter. Ei, sabe jogar Halma?

— Sei, mas...

— E este aqui, hein? Ganhei na segunda-feira e ainda não joguei. Esqueci como se chama...

Ela pulou da poltrona e foi até uma prateleira cheia de caixas de papelão coloridas com jogos de tabuleiros para crianças.

— Jogo sempre com Herr Strauss de noite — disse. — Qual é o nome desse jogo aqui?

Ela apertava os olhos como se fosse vaidosa demais para usar óculos.

— Chama-se Ludo ou Parcheesi — Becky respondeu. — Mas nós não...

— Você sabe jogar?

— Bem, poderíamos ler as instruções, mas não seria melhor primeiro eu lhe ensinar alemão? Afinal de contas, Herr Strauss está me pagando para isso.

— Quanto?

— Meia coroa a hora.

— Então eu pago o dobro pra você jogar Halma comigo. Vamos.

— Não. Eu jogo de graça, mas vou lhe ensinar alemão também. Eu me comprometi com Herr Strauss.

Franzindo a testa, a srta. Bevan olhou para Becky e voltou a se sentar na poltrona. Observava Becky com apreciação.

— Você é honesta, né?

— Não sei. Nunca fui tentada a ser desonesta. Por quê?

— Posso contar um segredo?

— Se desejar. Mas a senhorita mal me conhece.

— Não conheço mais ninguém — disse a srta. Bevan amargamente. — Só o cozinheiro, o lacaio e a criada, que é uma bruxa fofoqueira. Eu não diria a ela nem que horas são, se eu soubesse. Ficar enfurnada o dia inteiro aqui dentro está me deixando louca. Não sei ler nem escrever...

— É este o seu segredo?

— Um pedaço dele. O príncipe devia ter contratado você pra me ensinar a ler e escrever em vez de alemão.

— Príncipe? — perguntou Becky. — Quer dizer Herr Strauss? É essa a outra parte do segredo?

— Parte do resto. Mas você já tinha adivinhado, não tinha?

— Minha mãe. Príncipe de que ou de onde?

— Príncipe Rudolf da Razkavia. Aposto que nunca ouviu falar de lá.

Becky fora pega de surpresa e sentiu o ar lhe faltar.

— Já. Já ouvi sim. Mas por que... quero dizer... achei que...

— Ele tá em perigo. Nem sei se ele devia ter confiado em *você*. Sabe, nem sei se *eu* devia. Você bem pode ser uma socialista ou coisa pior.

— O que há de errado com os socialistas? — perguntou Becky, aturdida.

— Odeio eles. Sou conservadora; sempre fui, sabe?

— Mas você nem vota!

— Huh! Não preciso votar para mostrar que sou leal. Quem gosta do socialismo com certeza não sabe o que é bom. A gente precisa mesmo é de reis e príncipes. E conservadores. E princesas. Mesmo se eles não souberem ler e escrever...

Becky achou que havia escutado mal.

— Espere um minuto. A senhorita disse *princesa*?

— É. A gente casou, ele e eu. Sou uma princesa.

Boquiaberta, Becky fitou a menina.

A srta. Bevan deu uma risada curta.

— Eu provo — disse a jovem; e se levantou do sofá para abrir uma gaveta da cômoda de imbuia.

Pouco depois, voltou com um papel e, ao desdobrá-lo, Becky viu tratar-se de uma certidão de casamento. O casamento entre a srta. Adelaide Bevan e a alteza real, o príncipe Rudolf Eugen Wilhelm August Josef von und zu Eschten und Rittersthal havia sido concretizado na igreja católica St. Patrick, na rua Hickson, em Manchester. As testemunhas eram o sr. Albert Suggs e a srta. Emily Thwaite. O príncipe havia assinado apenas Rudolf, e Adelaide, um X.

— É o papel certo? Não peguei a lista de roupa pra lavar por engano?

A pergunta soou amarga. Becky devolveu a certidão, na dúvida se deveria ou não se curvar à princesa.

— Estou estupefata — disse.

— Está, né? Eu estou é perturbada. Não sei o que fazer.

— Mas como... por quê...?

— Ele insistiu. E é um sujeito tão bom. Quando você passa por tudo o que eu passei e vê as coisas que eu vi, não diz não quando encontra uma chance de melhorar de vida. Mas deveria ter dito não. Sei que deveria.

— Mas... por que Manchester?

— Longe de tudo, entende? Tinha que ser numa igreja católica, claro, e ele não queria que ninguém descobrisse e impedisse o casamento, por isso não dava pra casar aqui em Londres. Fomos pra essa igrejazinha insignificante e empoeirada que ficava atrás de uma fábrica. As testemunhas, a gente arranjou no meio da rua, e eles nem sabiam quem ele era. E o padre era um velho caduco que fedia a uísque. Ele ficava enxugando o nariz com a manga da batina, torcendo para a gente não notar. Mas é tudo legal, sem erro. Sou uma princesa, caramba! Posso chamar você de

Becky? Não precisa me chamar de alteza. Adelaide serve.

— Mas... alguém mais sabe disso? E a Família Real? Ou a corte? Ou o povo? O que vão dizer quando descobrirem?

A srta. Bevan virou as palmas das mãos para o teto e voltou a se atirar na poltrona.

— Não sei — respondeu.

Becky tinha os olhos arregalados tamanho o espanto. E quanto mais pensava na história, mais arregalados seus olhos ficavam. O casamento de um príncipe era um assunto de relevância política internacional. Reis, rainhas e estadistas eram diretamente afetados. Teria sido necessário consultar embaixadores, elaborar tratados, considerar todas as implicações dinásticas e diplomáticas de tal união. Onde esse príncipe estava com a cabeça ao levar sua amante *cockney* analfabeta para Manchester e desposá-la secretamente? Talvez fosse tão ingênuo quanto Becky havia sido um dia, quando fumou seu primeiro e último cigarro, atrás da moita com um namorado de araque.

Além disso...

— A senhora achou que eu nunca tinha ouvido falar da Razkavia — disse, insegura. — Conheço, porque nasci lá. Sou cidadã razkaviana.

A srta. Bevan a encarou em estado de alerta.

— Você é uma espiã! — exclamou, saltando novamente da poltrona e fincando furiosamente os pés na tábua corrida bem lustrada. — Veio aqui bisbilhotar, meter o nariz onde não foi chamada. Quem está pagando você? Hein? De que lado está? Dos alemães? Dos russos? Se tivesse uma arma, atiraria em você agora, sua imoral, desqualificada, hipócrita desprezível! Descarada de marca maior! Como se atreve a vir aqui fingindo que manteiga não derrete, e todo o tempo...

— Feche essa matraca — disse Becky com firmeza. Era uma expressão que conhecia, mas nunca tinha usado até então. Funcionou. A srta. Bevan piscou rapidamente e se calou. Becky continuou: — Não se atreva a zangar-se comigo. *Sou* raskaviana, mas não fazia ideia de que ele era o príncipe e não sou espiã coisa nenhuma. Não pense que seria capaz de trair meu príncipe, agora que o conheço.

— E o que você tá fazendo neste país, então?

— Somos exilados.

— Por quê?

— Nada que tenha relação com a senhora.

— Claro que tem, porque sou a princesa. Ou não sou? Tenho o direito de saber quem é minha professora particular. Senta. Vamos, para de fazer essa carranca pra mim. Pode deixar, não acho mais que você é espiã, você fica vermelha com muita facilidade.

Becky fungou e se sentou, ofendida. Não havia se dado conta de que se pusera de

pé.

— Está bem — disse. — Eu lhe direi por que eu, minha mãe e minha avó pedimos asilo. Meu pai era advogado e tentou criar um movimento pela democracia; acabou detido e colocado atrás das grades. Contraiu tifoide e morreu. Por isso minha mãe veio para cá comigo e minha avó. Isso é tudo.

— Você então não gosta do príncipe, gosta?

— Não foi a Realeza quem o aprisionou, foi a corte. Não guardo mágoa do príncipe Rudolf.

A srta. Bevan, ou princesa Adelaide, arqueou uma das sobrancelhas e por fim assentiu com a cabeça e se sentou, pondo-se a manusear taciturna um fio do vestido. Então olhou para Becky, indefesa.

— Que que eu *faço*?

Becky inflou as bochechas, sem saber bem o que responder.

— Bem... para começar, precisa aprender a ler e escrever. Não pode continuar a assinar com um X.

— É, acho que não. — A moça se ajeitou na poltrona. — Quando começamos?

Becky olhou em volta. Não havia livros à vista, mas o tabuleiro de Ludo se encontrava aberto diante delas.

— Podemos começar pela leitura das instruções dos jogos. A senhora já conhece as regras, o que pode facilitar. As cores, por exemplo... esta é fácil. AZUL...

Elas levaram meia hora nessa atividade, e Adelaide aprendeu a ler INÍCIO, CASA, FIM, além das quatro cores no jogo.

— Vamos ter que escrever também — disse Becky. — Hoje à tarde vou providenciar um caderno de caligrafia. Poderá praticar a mais elegante que houver. Na verdade, terá que aprender tanta coisa... Vai precisar mais do que uma professora para ensiná-la. Precisar de...

Mas Becky nunca chegou a concluir a frase, pois neste justo instante uma bomba explodiu.

Houve um estrondo ensurdecador e uma explosão que levantou as cortinas e fechou a janela violentamente, estilhaçando todos os vidros. As duas moças se curvaram instintivamente e, em seguida, Becky agarrou os papéis na mesa, enquanto Adelaide se agachava ao lado da poltrona, apavorada.

Após se refazer do choque, Becky se levantou para ver o que tinha acontecido. Adelaide se juntou a ela na janela. Becky se lembrou de ter escutado o som de uma carruagem saindo da casa pouco antes da explosão, de um cavalo relinchando e sacudindo a cabeça. E depois que a cortina de poeira gerada pela bomba baixou sobre a pista, ela viu a carruagem... destruída. O cavalo agora se encontrava deitado no buraco, parecendo ter espasmos, e o condutor estava imóvel. Na metade do caminho entre o jardim e a rua, ileso e assombrado, estava Herr Strauss, o príncipe

Rudolf da Raskavia.

Ninguém se moveu durante alguns instantes. E então o príncipe se virou para a janela à procura de Adelaide e pouco depois a rua inteira parecia ganhar vida: portas se abriram, criados apareceram de dentro das casas vizinhas, uma ama-seca com duas crianças pequenas pôs-se a espiar, um homem corpulento de bengala apressou o andar, desajeitado, até o portão da casa, um garoto de entregas com uma sacola de carne na mão lançou um olhar curioso sobre o cavalo; e então o detetive de chapéu de palha, J. Taylor, surgiu de lugar nenhum ao lado do príncipe e lhe falou algo ao pé do ouvido.

— Aquele é o detetive — disse Becky. Sua voz estava trêmula.

Adelaide não disse nada. Observava com total concentração. J. Taylor olhou para a rua e estalou os dedos para o rapaz com a sacola de carne na mão, que jogou a cesta para dentro do jardim e tirou o chapéu.

— Vá procurar um policial — J. Taylor disse ao garoto. — O mais rápido que puder. Precisamos de um médico também, para certificar a morte do cocheiro. Se fizer isso em menos de dez minutos, lhe darei meia coroa. Rápido!

— Já o vi antes — disse Adelaide em voz baixa. — *Sei* que já.

J. Taylor parecia saber como administrar as coisas. Ao homem corpulento, deu a incumbência de cuidar para que ninguém mexesse na carruagem destruída. Arrancou uma das cortinas soltas de uma das janelas destruídas e com ela cobriu o corpo do condutor morto; tirou um canivete do bolso e fez algo no cavalo que ficou quieto em seguida. Limpou o canivete e se levantou, cruzando o olhar com o de Becky e em seguida voltando-se para Adelaide, sem demonstrar qualquer reação; e então entrou na casa com o príncipe.

— Você tá pálida — disse Adelaide, em tom de crítica.

— Estou no mínimo em estado de choque — disse Becky.

— Não combina com você. Ouça, quando Rudi... Quando o príncipe entrar, finja não saber quem ele é.

Becky ia argumentar, mas bateram à porta e o príncipe entrou em seguida.

— Minha querida... — ele disse.

Adelaide correu para ele, como se o quisesse proteger, mas se deteve em seguida, pois logo atrás surgiu o garboso detetive com chapéu de palha, sério, e Becky teve a curiosa sensação de que J. Taylor e Adelaide se olharam com uma intensidade quase elétrica.

O momento passou.

O príncipe, ainda atônito pelo incidente, já que não havia testemunhado o intenso olhar recíproco dos outros dois, tentou se concentrar e falou:

— Minha querida, sinto muito interromper sua aula, mas devo pedir que a srta. Winter se retire. Como pôde ver, srta. Winter, corro perigo. Embora seja um pouco

tarde, não gostaria de expô-la ainda mais. Este cavalheiro a levará para casa.

Adelaide disse:

— Não, Becky, fica mais um pouco. Ela já vai, Rudi. — Ela colocou os homens para fora e fechou a porta. Em seguida, num sussurro urgente, perguntou: — Qual é o nome dele? O sujeito de chapéu de palha? Como se chama?

— Eu lhe dei o cartão dele... Ah, claro, a senhora não sabe ler — disse Becky, indo até a pequena mesa de bambu atrás do cartão de visitas. — J. Taylor, Detetive Particular, aos cuidados de *Garland & Lockhart*, Fotógrafos, Casa do Pomar, Twickenham... Qual é o problema?

Sua aluna apertou o peito com uma das mãos e empalideceu. Os grandes olhos negros estavam ainda maiores. E então ela arrancou o cartão da mão de Becky e voltou a se sentar na poltrona enquanto o rosto recuperava a cor natural.

— É melhor você ir — disse ela com voz fraca. — Vá. Ele está esperando. Mas volta, ouviu?

— Eu prometo — respondeu Becky.

Aturdida, Becky saiu da sala e desceu as escadas, encontrando no vestíbulo um príncipe ansioso. Conteve a reverência quando ele a cumprimentou com a cabeça e então se retirou para o jardim com o sr. J. Taylor, o detetive particular.

SRA. GOLDBERG

Quando Becky alcançou o portão do jardim, o garoto de entregas do açougue vinha na sua direção, resfolegando, com o rosto ruborizado, e, surpreendido, deteve-se ao vê-la.

— Oh! É você! — disse. — Viu a explosão, então? O sujeito morto? As tripas e vísceras saltando para fora?

— Não seja asqueroso.

— Ei, quer um cigarro? Que tal um trago atrás do arbusto como da outra vez? Hein?

Ela deu as costas para o rapaz. J. Taylor apareceu em seguida e o entregador de compras então voltou sua atenção para ele.

— Achei um policial — disse o garoto. — Um bem gordo. Deve chegar num minuto. Cinco contos, certo?

J. Taylor lhe deu algumas moedas e saiu da casa, acompanhando Becky.

— O senhor não deveria esperar pela polícia? — perguntou.

— Herr Strauss se ocupará deles. Ele tem meu cartão; saberão onde me encontrar se precisarem de mim. E, além disso, não vi os responsáveis pela bomba; ninguém viu. Eles devem ter utilizado uma máquina infernal.

— Uma o quê?

— Uma bomba-relógio que explode com dinamite. Já não é necessário lançá-la, isto já está ultrapassado. Para onde vai, srta. Winter? Posso acompanhá-la?

Eles estavam no meio da rua Church e Becky percebeu que tremia descontroladamente. Não sabia se devia confiar nele. Mas, obviamente, o príncipe

confiava e...

Começou a sentir tonteira e ele a pegou pelo braço.

— Venha, sente-se neste banco. Ponha a cabeça para baixo. Isso mesmo. Foi o estrondo. É natural que esteja assim. Vá se sentir melhor num minuto.

— Obrigada — disse. — Sinto-me uma tola.

— Pois não parece. Pare de se preocupar.

— Pobre cocheiro...

Mais e mais pessoas se amontoavam na rua, em frente da casa. Cortavam a rédea para livrar o cavalo morto da cabine da carruagem. Um policial movia-se desajeitadamente do outro extremo da rua na direção do acidente.

— O senhor é mesmo detetive? — Becky perguntou.

— Sou. Entre outras coisas. Venho procurando por aquela jovem... oh, há dez anos. Desde que éramos adolescentes. Achei que a tivesse perdido para sempre. Mas há um mês achei que a tinha reconhecido e a segui até aquela casa. Ia fazer uma surpresa, mas descobri que não seria tão simples assim e achei melhor ser mais discreto. Ela se chamava Adelaide.

— Ainda se chama assim.

— E o que está fazendo com um príncipe?

Becky o olhou desconfiada.

— E como sabe que ele é um príncipe?

— Não foi difícil descobrir. Sabe como é, os criados gostam de falar; depois, foi só consultar os brasões. Nos conhecemos há umas duas semanas, quando descobri quem ele era. Queria ter certeza de que estava tratando bem Adelaide, entende. Ele está apaixonado por ela, o pobre otário; inocente como uma criança. Estou preocupado, porque se ele está enfrentando uma crise política, não quero que envolva Adelaide nessa confusão.

— Ela já está envolvida — disse Becky. — Casou-se com ele.

— *O quê?*

— Ela me mostrou a certidão de casamento... Suponho que não faz diferença eu estar lhe contando isso, já que a conhece — acrescentou Becky, temerosa.

O olhar dele era de raiva.

— Que maldito irresponsável! Ele precisa *mesmo* de alguém para ficar de olho nele! Colocá-la numa situação dessas... Já seria difícil para uma moça criada para ser princesa. O que ele espera dela? Pelo amor de Deus!

— Ele não a forçou a nada. Acredito que tenha sido escolha dela também. Aliás, ela sabe quem você é.

Ele a olhou atentamente. Ela lhe contou sobre a reação de Adelaide ao ouvir o nome dele no cartão de visitas e ele assentiu com a cabeça.

— Ela reconheceu Lockhart e Garland também — disse. — Sem dúvida é ela.

Depois de todo esse tempo... Estou perplexo.

— Quem são Lockhart e Garland?

Ele olhou ao longo da rua, verificou a hora em seu relógio, fechou-o rapidamente e se levantou.

— Escute, srta. Winter. Acho que seria melhor que trabalhássemos juntos por um tempo. Se não estiver ocupada pelas próximas duas horas, eu a levaria a Twickenham e a apresentaria a uma velha amiga minha. Ela poderá responder por mim, por Adelaide e lhe contar a história toda.

Becky estava longe de ter certeza se isso era algo que deveria fazer. Mas o rapaz parecia estar sendo honesto, e ela estava extremamente curiosa. Além disso, quanto mais descobrisse, mais poderia ajudar Adelaide.

— Está bem — respondeu Becky.

No trem, ele contou a ela que, anos antes, havia sido assistente de escritório na capital e ajudara uma jovem senhorita, Sally Lockhart, a desvendar o mistério sobre o assassinato do pai dela. Era uma história obscura, que envolvia sociedades secretas chinesas, ópio e um enorme rubi. Adelaide fora a criada (na verdade, mais uma escrava) de uma vil senhora chamada sra. Holland, que desempenhou um papel importante na história de Sally Lockhart. Após a solução do mistério e de os vilões serem liquidados, Adelaide desaparecera. Eles temiam que ela estivesse morta, até que J. Taylor a viu no mês anterior e a seguiu até o número 43 da rua Church e conheceu o príncipe.

Becky disse:

— A srta. Lockhart é a sua amiga que estou prestes a conhecer?

— É. Agora ela se chama sra. Goldberg.

Sally (como o sr. Taylor a chamava) era um ás no gatilho de uma pistola. Trabalhava como consultora financeira e era casada com o jornalista político Daniel Goldberg, que havia ajudado a resgatar a filhinha de Sally, sequestrada no ano anterior.

Ele contou tudo isso como se fosse a história mais corriqueira, como se sequestros e casas de ópio fossem coisas do dia a dia. Becky ficou mais impressionada com isso do que teria ficado se ele tivesse tentado enfeitar a história. E então ela se deu conta do que o sr. Taylor disse sobre uma criança.

— Quer dizer que a sra. Goldberg teve uma filha? Antes... antes de se casar?

— Isso mesmo. Acontece, sabe? A pequena Harriet é filha de Fred Garland. Ele morreu num incêndio. Estava comigo na noite em que Adelaide desapareceu. Ela se lembrará dele. Tenho certeza.

Becky estava fascinada. Era preciso muita personalidade para uma mulher solteira ter um filho e permanecer respeitável. Oh, também era necessário ter um amante, mas isso já não era tão difícil. Becky sabia disso por experiência própria, a começar

pelo entregador de compras do açougue. Ficou ansiosa por conhecer a destemida atiradora sra. Goldberg e em descobrir como ela conseguira tal façanha.

A Casa do Pomar, em Twickenham, ficava no final de uma rua arborizada próxima ao rio; tratava-se de uma ampla casa do período regencial, de estuque branco, com entrada de cascalho e um estábulo recuado do lado esquerdo. Havia uma sacada trabalhada em ferro e uma varanda com teto de vidro na lateral, com vista para um amplo jardim. Parecia um lugar incomum para abrigar uma agência de detetives particulares.

— Bem, somos uma turma incomum — disse J. Taylor. — Eu tenho um escritório na rua Edgware, mas ainda não imprimi os cartões de visita com o novo endereço. Aqui é mais um lar do que um local de trabalho propriamente dito.

Ele a levou a um cômodo confortável, embora desordenado — uma mistura de estúdio, oficina e sala de estar, cujas janelas francesas encontravam-se escancaradas, deixando a luz do sol entrar. Havia uma cristaleira com um conjunto de louça azul, uma estante de livros e um piano de cauda; e, sobre um cavalete ao lado da porta, algo que chamou a atenção de Becky como um ímã: um esboço a óleo de uma rua de subúrbio sob os raios de sol da manhã, numa atmosfera primaveril, de grande vivacidade; uma pintura adorável.

— Pissarro! — exclamou ela, sem conter a exaltação. — Oh! Peço que me perdoe...

Sentada no sofá junto às janelas francesas havia uma jovem loura, de olhos castanho-escuros. Ela cortava com o dente um fio de lã azul-marinho de um volumoso novelo de tricô que tinha no colo.

— Olá, Jim — disse. — Vai me apresentar?

— Esta é a srta. Winter. Ela me trouxe sorte. Srta. Winter, esta é a sra. Goldberg.

A sra. Goldberg se levantou para cumprimentá-la. Era magra e bela, e mais jovem do que Becky imaginara. E em sua expressão possuía a mesma curiosidade amigável, franca e vivaz da de J. Taylor, como se fossem irmãos.

— Sim, é um Pissarro — respondeu a sra. Goldberg. — Comprei na semana passada. Fiz uma boa escolha?

— É encantador. Monsieur Pissarro fica na casa de uns amigos de minha mãe quando vem a Londres, e nós o conhecemos um pouco. Por isso reconheci seu estilo.

A sra. Goldberg ainda segurava o tricô e Becky agora a observava, desapontada: como podia a mulher que *tricotava* à sua frente ser a mesma de quem ouvira falar no trem, a aventureira que manuseava pistolas, que era casada com um socialista e tinha uma filha fora do casamento?

Ao perceber o olhar de Becky, a sra. Goldberg sorriu e jogou a peça de tricô para J. Taylor.

— Não acredito — disse ele, segurando o tricô contra o corpo: um suéter. — E

ainda por cima é do meu tamanho.

A sra. Goldberg riu, virando-se para Becky.

— Jim apostou cinco libras que eu não conseguiria — disse. — Demorei quase um ano para terminar, mas não podia desistir. Vamos, pode ir me pagando. — Ela esticou a mão.

Ele contou cinco moedas de ouro.

— Não faça apostas com mulheres — ele disse a Becky. — Sal, hoje nos metemos numa confusão daquelas. É *mesmo* Adelaide. Ela está casada com o príncipe. A srta. Winter é a professora de línguas dela. Ah, e alguém tentou explodir o príncipe nesta manhã.

— Espero que não tenham conseguido!

— Havia uma bomba na carruagem dele — contou Becky. — O sr. Taylor acha que era uma máquina infernal.

— Uma bomba? — perguntou a sra. Goldberg. — Nunca ouvi uma bomba explodindo. Que ruído faz?

— Sabe que não me lembro? Foi um enorme estrondo, mas não sei dizer se agudo ou grave. Eu estava no andar de cima, na sala de estar com a srta. Bevan, e o vidro da janela se estilhaçou. Provocou muita poeira...

— Srta. Bevan? É esse o nome que Adelaide usa?

— É, mas... — Becky ficou hesitante por alguns segundos; deveria revelar os segredos de Adelaide a estes estranhos? Mas poucas vezes se sentira tão à vontade e conhecera pessoas que lhe passavam tanta confiança.

A sra. Goldberg notou a relutância de Becky e apanhou um estereoscópio no aparador, encaixando algumas imagens no aparato antes de entregá-lo a Becky. Uma foto mostrava uma menininha com enormes olhos escuros, vestida de criada de copa, uma segunda a mostrava vestida de vendedora de flores, em outra ela parecia uma donzela bíblica, em seguida surgia fantasiada de fada e, por fim, de Pequena Nell. Tratava-se da srta. Bevan? Difícil dizer. E então a sra. Goldberg entregou-lhe outra imagem.

— Sim! É ela!

Era o mesmo estereótipo que Becky havia visto mais cedo no quarto da srta. Bevan: a menina no colo de um homem com a letra da cantiga. Comentou sobre isso com a sra. Goldberg, que bateu palmas, exultante.

— Não acredito! — disse. — Adelaide... Achávamos que ela estava morta, que a tínhamos perdido para sempre...

— Por que tirou tantas fotos?

— Estas fotos foram tiradas logo que iniciamos nosso negócio. Primeiro, vendemos as imagens individualmente e depois passamos a fazer séries. Cenas de Dickens, de Shakespeare, dos castelos da Grã-Bretanha, esquinas da velha Londres e

assim por diante. Mas Adelaide já havia desaparecido nessa época, por isso só aparece nas primeiras fotos. E ela guardou com ela...

Becky contou sobre a reação de Adelaide ao ouvir os nomes de Taylor, Garland e Lockhart.

— Não me surpreende — respondeu a sra. Goldberg. — E agora está casada com o príncipe de Razkavia... Onde *fica* a Razkavia? Dan saberia. Provavelmente já foi preso por lá mais de uma vez. Meu marido — explicou a Becky. — Não é um criminoso. É um ativista político.

— Eu sei onde fica Razkavia — disse Becky. — Na verdade, nasci lá. Suponho que ainda seja uma cidadã razkaviana.

Ficou satisfeita com a modesta reação que estava causando nos demais. A sra. Goldberg e o sr. Taylor se olharam sem palavras, e então um largo sorriso matreiro surgiu no rosto dele e outro caloroso no dela.

— Não resta dúvida — disse a sra. Goldberg. — Terá que almoçar conosco e nos contar tudo a respeito. Estamos todos curiosos, não é, Jim?

O almoço foi bem descontraído, para o alívio de Becky. Em meia hora, ela se sentia como se conhecesse aquela gente estranha, provocadora e amiga por toda a vida, e contou a eles tudo sobre o pequeno reino onde havia nascido.

— É um pouco maior que Berkshire. Fica entre a Prússia e a Boêmia, meio espremido entre a Alemanha e o Império Austro-Húngaro. Houve uma época em que existiam dezenas de pequenos reinos como esse, mas a maioria já foi anexada a nações maiores. Com exceção de Razkavia. A história começa no ano de 1253...

Ela relatou o que lembrava da história da Águia Escarlate. Razkavia havia sido invadida por Ottokar II, o rei da Boêmia, mas um nobre de nome Walter von Eschten e cem cavaleiros resistiram aos invasores, refugiando-se numa montanha rochosa, junto à curva do rio Eschten. Lutaram com uma bandeira que tinha a insígnia de uma águia vermelha, e todos os homens de Ottokar não conseguiram removê-los dali. Conhecendo muito bem o lugar, Walter e seus homens saíram silenciosamente durante a noite, sem suas armaduras para não fazerem barulho, e destruíram os mantimentos dos boêmios. Surpreendidos, os cavaleiros de Ottokar acabaram desorientados e famintos. E então Walter os atraiu até seu castelo em Wendelstein, e lá foi travada uma batalha em que a maioria dos invasores foi aniquilada.

Depois desse desfecho, Ottokar e seus cavaleiros mantiveram distância de Razkavia. E desde então a bandeira com a águia escarlate, a *Adlerfahne*, ficava hasteada sobre a Rocha de Eschtenburg. Enquanto a águia voar, Razkavia permanecerá livre, disse Walter von Eschten, e assim foi. A bandeira havia sido retirada apenas duas vezes pelos seguintes motivos: para reparo (quando voltou não havia um único fio original) e durante a coroação do atual rei, quando foi levada à catedral para ser abençoada e em seguida foi levada pelo rei pela antiga ponte de

volta à Rocha de Eschtenburg, onde voltaria a voar. Por essa razão, o rei de Razkavia era chamado às vezes de *Adlerträger*, o guardião da águia. Para os razkavianos, a águia vermelha não era apenas uma bandeira; era a identidade de um povo. Se algum dia fosse baixada, tocasse o solo... Não ousavam pensar nisso.

O país não era especialmente próspero. Outrora, existiram minas de metais preciosos nas montanhas Karlstein, de onde extraíram cobre e um pouco de prata, mas já havia dois séculos que a mineração de cobre praticamente desaparecera da área. Havia grande quantidade de um mineral semelhante ao cobre, cuja extração tornava doentes os mineiros. Era tão nocivo que o chamavam de *Kupfer-Nickel* ou Cobre do Diabo.

Muito tempo depois, alguém viria a descobrir que *Kupfer-Nickel* era um novo metal componente do arsênico e se chamava níquel. Algumas de suas serventias foram descobertas no início do século XIX, e os mineiros de Karlstein retornaram ao trabalho.

Mas durante séculos, Razkavia não representara ganhos para ninguém, e então as nações ao redor a esqueceram. As pessoas ordenhavam as vacas que pastavam nos planaltos, faziam vinho das uvas que cresciam nos declives do vale Elpenbach e caçavam nas florestas. Na capital, Eschtenburg, havia uma casa de ópera, onde, em certa ocasião, o compositor Weber conduziu a orquestra; havia um teatro e uma catedral e um belo palácio barroco, com fantásticas colunas, fontes e esculturas; e havia um parque com um pavilhão de grutas construído por um rei louco embora inofensivo, como costumavam ser os reis loucos. Na década de 1840, um grupo de jovens da aristocracia, cansados da vida tediosa e do conservadorismo da corte, fundou um *spa* chamado Andersbad, no vale de Elpenbach, para ser o centro da moda do país. Havia também um cassino. Johann Strauss tocou lá com sua orquestra, quando lhe pagaram para compor a Valsa Andersbad, embora não fosse uma de suas melhores criações. Havia alguns turistas, ocasionalmente um rei ou um grão-duque, mas não muito mais que isso.

Na verdade, Razkavia era um dos lugares mais agradáveis da Europa. As florestas eram exuberantes e românticas, o vale Elpenbach, pitoresco. Eschtenburg, com sua rocha e bandeira esvoaçante, se mostrava medieval e agradável; Andersbad era divertido, a cerveja, boa, os jogos abundantes e as pessoas hospitaleiras.

— Parece ser um lugar maravilhoso — disse a sra. Goldberg. — Mas a senhorita já não vive lá...

— Fomos exiladas, eu, minha mãe e avó. Sabe, quando eu era mais nova, meu pai, que era advogado, e alguns amigos tentaram criar um partido político. Um partido liberal. Eles desejavam criar um sistema representativo democrático, pois não havia parlamento, nada. Mas o colocaram na prisão e ele acabou contraindo tifoide e morrendo. Então, mamãe nos trouxe para cá e vivemos aqui desde então. Ela não

quer mais voltar. Aparentemente, o país está mais democrático, mas as duas grandes potências representam grande perigo para nós...

— O que elas querem? — perguntou o sr. Taylor.

— O níquel das minas. Creio que é possível com ele fazer liga metálica para canhões ou blindagem para armaduras ou coisa parecida. Ambas as potências estão rondando o país, prontas para atacar. A Alemanha seria capaz de tomar nosso país em uma hora e meia, bem como a Áustria-Hungria, mas quem der o primeiro passo terá de enfrentar o rival e por isso estão à espreita, por enquanto. Mamãe acha que estamos mais seguras aqui.

— Ela provavelmente tem razão — disse a sra. Goldberg. — E Adelaide, a pequena Adelaide! Casada com o príncipe... — E balançou a cabeça, ainda incrédula.

— Terá que ser um casamento morganático — disse Becky.

— O que é isso? — perguntou o sr. Taylor.

— Legal — disse a sra. Goldberg —, porém limitado. Caso ela tenha filhos, eles não serão herdeiros do trono. Não é isso?

Becky fez que sim com a cabeça.

— Havia um rei em Razkavia chamado Michael II, que era louco. Ele queria se casar com um cisne. Então permitiram que ele se casasse, mas foi uma união morganática.

— Fizeram muito bem — respondeu o sr. Taylor. — Imaginem um ovo no trono. Mas não acham que é coincidência demais o príncipe Rudolf escolher uma conterrânea para ser a professora de sua esposa?

— Não necessariamente. Há muitos de nós em Maida Vale; pessoas que deixaram a Razkavia por uma razão ou por outra. Conheço pelo menos uma dúzia. Escritores, pintores, artistas. Uma das formas de se ganhar dinheiro é dando aulas de alemão. Além disso, Maida Vale é bem próximo da rua Church. O príncipe poderia ter escolhido qualquer um de nós sem imaginar nossa nacionalidade.

— E você — perguntou a sra. Goldberg. — O que pretende fazer na vida?

Para Becky, tratava-se de uma pergunta raramente feita a uma moça, e ela não sabia, de imediato, qual resposta dar. Gostava da ideia de entrar numa palestra, séria, elegante, majestosa, e ser chamada de dra. Winter. Mas também lhe agradava a imagem dela numa cidade no fim do mundo, com um charuto na boca, um diamante pendurado na orelha e uma arma presa ao cinto. Escolha difícil essa.

— Preciso ganhar dinheiro — ela disse. — Quero ingressar na universidade, mas também preciso ajudar minha mãe. Ela faz ilustrações para histórias de revistas. Mas agora estou envolvida nisso... Prometi voltar a visitar a srta. Bevan. Adelaide. A princesa. Ela precisa aprender. E desejo ajudá-la. E, além disso, sou muito curiosa. O príncipe Rudolf é descendente de Walter von Eschten, entendem. E isso significa

muito para mim. Pois *sou* uma razkaviana, afinal, apesar do que fizeram ao meu pai; e se estão querendo explodir a minha Família Real...

— Sim? — perguntou o sr. Taylor.

— Bem, quero tentar evitar.

— Fico feliz — disse ele. — Mas chega de dinamites.

— Sabe, adoraria acompanhar essa história de perto — disse a sra. Goldberg com anseio na voz. — Mas parto para a América com meu marido depois de amanhã. Ele está indo estudar relações de trabalho em Chicago e eu estou interessada em ver como funciona a bolsa de Nova York; estaremos ausentes por algum tempo... Escute, Rebecca... posso lhe chamar de Rebecca?

— Becky.

— Becky, transmita meu afeto a Adelaide. E pode confiar em Jim, o sr. Taylor, aceite seus conselhos. Ele já salvou minha vida três vezes. Espero que nunca precise salvar a sua, mas ele o fará se precisar. E lhe desejo toda a sorte do mundo!

OS GUARDIÕES IRLANDESES

Jim Taylor tinha 23 anos. Como já dissera a Becky, ele e Sally Goldberg haviam compartilhado uma série de aventuras e uma quantidade considerável de episódios perigosos; ele realmente trabalhava como detetive, embora aquela atividade fosse uma entre as muitas que ele exercia para seu sustento. Ele também escrevia histórias para revistas baratas do estilo das que a mãe de Becky ilustrava. Porém, sua ambição literária ia muito além. Também era um jogador, e já havia sido um mensageiro europeu e guarda-costas; em resumo, já havia vivido de tudo um pouco, o que significava que Jim Taylor conhecia bem o lado mais interessante, ou mais fora da lei, de Londres.

No entanto, sabia muito pouco sobre política europeia. Depois de acompanhar Becky a Maida Vale, tomou um ônibus para o Soho e, chegando lá, subiu até o terceiro andar de um edifício mal conservado na rua Dean, que servia de clube socialista e estalagem, onde se encontrava o marido de Sally, Daniel Goldberg, com um grosso charuto entre os dentes, acomodando livros na mala para a viagem à América.

— Já estive na Razkavia, Dan?

— Passei por lá uma vez. Não beba a água do *spa* de lá; ficará uma semana com dor de barriga. Por quê?

Jim lhe contou a história toda. Goldberg deixou o que estava fazendo para ouvi-lo.

— Estou pasmo. Como faz isso? Como consegue arranjar problema com tanta facilidade?

— Sorte apenas. Mas o que quero saber é quem ia querer explodir o sujeito. Anarquistas, você acha?

— Ah, como ter certeza? Metade deles é de insanos, e a outra metade, de inúteis. Você mesmo conversou com o príncipe, diga-me: o que ele acha?

— Ele acha que pode ser seu primo Otto. O conde Otto von Schwartzberg. O príncipe me deu uma fotografia dele...

Jim enfiou a mão no bolso do colete e tirou uma foto em que um grupo de homens, incluindo o príncipe, vestidos com jaquetas curtas ao estilo austríaco e chapéus com penas e pelos de texugo, se encontrava ao ar livre, defronte de uma cabana de caçadores, com um amontoado de veados mortos aos seus pés. Alguns carregavam rifles.

— Este é Otto, com a balestra — disse, apontando para um homem alto, de sobrelhas escuras e pesado bigode, um brilho feroz no olhar e uma cicatriz no queixo. — Aparentemente, ele matou um urso com as... próprias mãos. Ele atirou no filhote e a mãe o atacou antes que ele tivesse tempo de recarregar a arma. Então ele quebrou a parte inferior do maxilar do animal e golpeou a cabeça da ursa com uma pedra. Apesar de terrivelmente ferido, pôs-se de pé e começou a rir. Depois de Rudolf, ele é o próximo sucessor ao trono. O príncipe tem medo dele, isso ficou claro. Mas não sei, tem alguma coisa que não faz sentido.

— Eu concordo — disse Goldberg. — Sempre procure respostas na política primeiro. Mais cedo ou mais tarde, o país acabará nas mãos de uma das duas grandes potências vizinhas, e vá por mim, este é o motivo. Quanto ao selvagem que mata ursos com as próprias mãos, não, ele não parece ser um detonador de bombas. Passe-me este livro; este, debaixo de seus pés, caro e com belíssima capa.

Jim retirou os pés de cima da mesa e lhe entregou o livro de registro encardido a que se referira Goldberg. Este o folheou rapidamente e correu o dedo por uma coluna.

— Aqui está — disse. — Está desatualizado em uns dois anos, mas o lugar não é uma democracia, os mesmos homens devem continuar no poder.

Ele devolveu o livro a Jim. Forçando seu alemão, Jim leu uma breve descrição sobre o reino da Razkavia, com os nomes e as residências do rei, do príncipe coroado e do príncipe Rudolf, e os nomes de várias autoridades: os do chanceler, do major de Eschtenburg, do inspetor das minas, do chefe de polícia e assim por diante.

— E seu príncipe não é o primeiro na lista para ser coroado? — perguntou Goldberg.

— Não, o primeiro é seu irmão Wilhelm, que é casado, mas não tem filhos; por isso, o príncipe Rudolf seria o próximo. Mas para ficar claro, Dan: quem *você* acha que pode ter colocado aquela bomba na carruagem? Devo estar alerta para quê?

— Bem, pode descartar o lobisomem de Schwartzberg. É um personagem

interessante, mas apenas antropológicamente, não politicamente. Ele não é o nosso homem. Mas há alguém obscuro, trabalhando na surdina para provocar uma crise, e assim dar ao príncipe Bismarck em Berlim ou ao imperador Franz-Josef em Viena um pretexto para enviar à Razkavia um regimento e anexar o país. E uma vez que consigam fazer isso, tudo permanecerá praticamente igual. O rei se tornará duque de alguma coisa, mantendo seu palácio e sua cabana de caça, Otto Von Schwartzberg continuará matando animais com as próprias mãos, mas todo o níquel das minas sairá do país a todo vapor pelas linhas férreas, para um lado ou para o outro. Minha aposta é a Alemanha. Acabará desembarcando em Krupps, em Essen.

— Você é do tipo otimista, não é?

— Realista, meu caro. O fato de sempre estar certo é que me mantém animado. Quer este livro? Não vou precisar dele em Chicago. Por acaso, conheço uma história de Eschtenburg, a capital da Razkavia. As ruas lá são tão sinuosas, antigas e estreitas que não possuem nomes, e as casas são numeradas não por sua localização mas pelo tempo de existência. Por isso, a casa de número três fica ao lado da de número 46 e assim por diante. De qualquer forma, parece que o diabo esteve lá uma vez e não soube encontrar a saída. O que quer dizer, claro, que ele ainda está por lá. Prefiro estar em Chicago.

Um ou dois anos antes, Jim havia conhecido uma gangue de meninos de rua irlandeses de Lambeth. Era um grupo brigão, boca-suja e asqueroso, mas ele nunca havia visto gente tão boa de briga, esperta e tenaz. Caso ratos acasalassem com *terriers*, dariam à luz filhotes como esses adolescentes. Jim já havia usado os serviços deles em várias ocasiões e sempre pagava bem, e por isso, naturalmente, eles o respeitavam e o consideravam um sujeito justo, além de farrista e divertido.

Tão logo Jim suspeitou que a moça que havia visto era Adelaide, enviou alguns do bando para vigiar a casa na St. John's Wood, sem que percebessem a presença deles. Eles deveriam se esconder detrás de arbustos de um casarão vazio, em frente à casa de Adelaide e, se houvesse algum problema, forjariam uma confusão. Naquela mesma manhã, Jim havia estado com eles, pouco depois da explosão; eles não haviam visto ninguém jogando bomba alguma, o que o levou a concluir que era uma máquina infernal.

Mais tarde, naquela noite, enquanto o príncipe participava de uma *soirée* na Embaixada brasileira, Jim foi prestar uma visita de inspeção aos guardiões irlandeses. Estavam em boa forma; boa demais até. Não havia malandros à altura desse bando, e quando Jim chegou ao esconderijo, encontrou-os se gabando de um ataque a um garoto de entrega, e assavam apetitosas salsichas sobre uma fogueira esfumaçada.

— Mas nós vivemos do crime! — protestou Liam, quando Jim os repreendeu. — E não é isso que seus guerrilheiros devem fazer?

— Vocês devem ficar invisíveis. Deixem as brigas para quando terminarem essa missão. A moça está na casa?

— Ela saiu de carruagem — disse o franzino garoto de nome Charlie. — Voltou faz uma hora. Ei, patrão, já sabe da criada?

— O que tem ela?

— Ela tem um amante.

— É pilantra!

— É um folgado!

— Está bem, falem baixo — disse Jim. — O que faz o sujeito?

— Ele vem toda noite, bem tarde — disse Liam. — Ela sai e eles fazem a festa atrás do arbusto. Acho que a gente podia era acertar o coco dele, o que diz? Vasculhar os bolsos dele.

— Eu digo não. Por que vocês não o seguem e descobrem de onde ele vem?

— Shhh! — disse alguém que estava de olho na casa, e Jim escalou o emaranhado de pernas para olhar na direção que o rapaz apontava. — Ali vem ele...

A rua estava iluminada pela luz a gás dos postes, mas os galhos dos loureiros sobre o jardim de Adelaide produziam pesadas sombras. Jim pôde avistar apenas uma silhueta passando sorrateiramente pela lateral da casa e desaparecendo na escuridão. Alguns segundos depois, por instantes, um foco de luz surgiu de dentro da casa com o abrir da porta e desapareceu quando a fecharam.

— Está bem — disse Jim. — Vamos tentar ouvir. Eu, Liam, Charlie e Sean. Se eu gritar, então o pegamos. Do contrário, continuem escondidos e não deixem que ele os escute.

Os guardiões irlandeses eram eficientes. Cruzaram a rua com uma agilidade felina e em poucos segundos Jim e eles estavam sob as árvores do jardim de Adelaide. Jim sentiu que lhe tocavam o ombro e Liam sussurrou:

— Escuta.

Duas pessoas murmuravam próximo dali. A mulher dizia:

— ... e ela disse àquela mal-ajambrada que era *casada* com ele!

— Casada? — perguntou a voz masculina. Jim sentiu um leve arrepio na nuca, pois havia algo de *errado* com aquela voz. Era um estrangeiro? Ou o quê?

— E eu consegui isso.

Ouviu-se o barulho de papel sendo manuseado e então um fósforo foi aceso. Jim viu os olhos de Liam brilharem pelo reflexo da chama.

— Uma certidão de casamento... — disse o homem. — Que assinatura é essa?

— É um X. É a assinatura dela. É ignorante demais, a burra, para saber ler e escrever, por isso teve que marcar um X. Mas aqui está o nome dela. É tudo legal.

O homem respondeu:

— Ahh...

Ouviu-se o tilintar de moedas. Jim aproveitou que os dois estavam distraídos e sussurrou:

— Assim que ela voltar para dentro, pegamos ele. Quero aquele papel; é vital. E não quero ele gritando.

Não precisou dizer mais nada. Como a maioria dos garotos da sua idade, Liam levava consigo um lenço de seda, para vários usos. Apanhou-o, agachou-se e pegou uma pedra no chão, que amarrou numa das pontas do lenço para que pudesse utilizá-lo ao redor do pescoço do sujeito, como uma espécie de garrote. Os demais rapazes se afastaram e se esconderam ao lado do portão.

Não precisaram esperar muito. O homem disse em voz baixa:

— Amanhã na mesma hora?

— Está bem. Verei o que mais consigo descobrir. Mas quero mais dinheiro da próxima vez.

— Terá — respondeu ele.

A empregada se virou de costas e caminhou pela parte lateral da casa. O homem ficou parado um minuto para acender um cigarro, enquanto Liam, inquieto, se contorcia ao seu lado. E então o homem foi em direção ao portão do jardim.

Dois passos e Liam estava atrás dele, o lenço balançando no ar com um sussurro de nada, que em seguida enlaçou o pescoço do homem. Liam o puxou para trás, enquanto Jim se jogou para agarrar os joelhos do indivíduo. Ouviram-se sons de arquejo, engasgue e luta corporal por alguns segundos, até o sujeito ficar com o rosto rente à grama debaixo dos loureiros, com Liam ajoelhado em suas costas e os outros dois rapazes segurando suas pernas e braços.

— Muito bem, escute — sussurrou Jim. — Meu amigo vai soltar seu pescoço assim que você acenar com a cabeça.

O homem sacudiu a cabeça freneticamente e Liam afrouxou o lenço.

— O que você quer? — perguntou a voz abafada e falha.

— O papel que a criada acabou de lhe dar. Virem-no, rapazes.

O homem foi colocado de frente e Jim apalpou seus bolsos. Enquanto o fazia, a sensação de que havia *alguma coisa errada* se intensificou, transformando-se numa estranha suspeita. Ele hesitou, e os olhos do sujeito — grandes, escuros, expressivos — brilharam no escuro. Então Jim encontrou o papel no bolso do colete e o guardou no próprio bolso antes de ficar de cócoras.

Liam se levantou, retirando o lenço do pescoço do desconhecido. Os outros rapazes o soltaram. O espião levantou-se lentamente, como um gato traiçoeiro. E algo cintilou em sua mão.

Jim teve tempo de recuar, mas não o suficiente para se esquivar da lâmina da

faca. Atingiu-o na articulação dos dedos da mão direita: uma dor intensa que imediatamente começou a queimar-lhe a pele. Jim soltou um palavrão e se atirou para o lado ao ver que o sujeito saltava para cima dele, e então se levantou rapidamente, tirando os braços das mangas do paletó do homem, envolvendo-o e amarrando-o automaticamente, como sempre fazia com alguém que usava uma faca, exceto que ele não tinha nada com que se defender.

Liam voltou a pegar o lenço, mas o espião conseguiu escapar e, em seguida, Jim ouviu uma série de sons ao mesmo tempo: ferraduras de cavalos, rodas de uma carruagem e uma janela se abrindo sobre sua cabeça; o espião se virou e saiu correndo pelo jardim.

— Atrás dele, rapazes! — gritou Jim. — Sigam ele até o fim!

Liam gritou para os outros que estavam escondidos no arbusto e Jim correu até o portão para ver o homem fugindo pelo meio da rua, perseguido por uma fila de garotos, dando gritos de guerra lambethianos.

E só então se deu conta de que o príncipe estava bem ao seu lado. Acabara de sair da carruagem e estava vestido de gala: gravata branca, fraque, adornos brilhantes sobre os ombros. O rosto estava muito abatido.

— O que aconteceu? — perguntou. — Ela está bem?

— Um espião... Sim, ela está bem. Mas precisamos conversar, o senhor e eu.

— O senhor está sangrando — disse o príncipe, e Jim se deu conta de que o sangue escorria em profusão da ferida na mão. Também doía terrivelmente.

— Achei que o senhor estivesse na embaixada do Brasil, senhor — comentou, enquanto amarrava um lenço ao redor do ferimento.

— Eu estava, mas ocorreu um imprevisto... E agora um espião também? Ai, isso é demais...

— Vamos entrar... — propôs Jim e em seguida se dirigiu ao chofer com expressão aparvalhada em cima da carruagem: — Vá e procure um policial, e rápido.

O homem chicoteou os cavalos e saiu em disparada. Assim que entraram na casa, Jim deixou o príncipe na sala de estar e foi à procura da criada. Ela estava assustada, mas olhava os dois cavalheiros, alternadamente, desconfiada. Jim foi direto ao ponto.

— Você é uma ladra — disse a ela —, e um policial está a caminho para levá-la com ele. Mas o tempo que ficará encarcerada vai depender se nos dirá ou não a verdade. Quem era o homem com quem conversava?

— Não sei — respondeu ela, erguendo o queixo. — Eles não vão me mandar para a prisão.

— Talvez não. O que fez foi traição e geralmente isso significa a força. Gosta da ideia de acabar nas docas, com uma carapuça preta na cabeça? Gosta?

Era uma mentira, mas surtiu resultado. Os olhos da moça se arregalaram.

— Eu... eu não sei quem ele é... Ele me pagou cinco coroas, mas eu nunca tive a intenção de prejudicar ninguém... Achei que não tinha importância...

Ela não estava sendo sincera, mas tampouco tinha o que contar. Jim a trancou na copa e voltou para a sala de estar, onde o príncipe, nervoso, andava de um lado para o outro, roendo as unhas.

— O que foi que ela roubou? — ele perguntou.

— Isto — disse Jim, mostrando a certidão de casamento.

O príncipe levou as mãos à cabeça. Transtornado, arregalou os olhos. Se bem que o pobre-diabo já se mostrava perturbado desde que chegara; algo mais havia acontecido.

— Por que não me contou, senhor? — perguntou Jim. — Por que me deixou no escuro? Estou trabalhando para o senhor, esqueceu?

O príncipe ficou ali parado em seu traje de gala, com uma cruz de algum santo e uma Ordem dourada qualquer reluzindo sob a luz do lampião. Estava sobrecarregado. Aquilo tudo era demais para ele. E então contou a Jim por que voltara para casa mais cedo.

— Precisei sair no meio da *soirée*. Recebi uma mensagem... uma terrível notícia. Atiraram em meu irmão, o príncipe herdeiro, e sua esposa Anna. Ele está morto e ela tem poucas chances de sobreviver. Preciso voltar imediatamente. Vim aqui para... avisar a minha esposa... Pedi ao embaixador e sua esposa para virem aqui imediatamente. Eles não sabem o motivo.

Neste instante, a porta se abriu e Adelaide apareceu. Jim sentiu um golpe no coração, como se sua alma quisesse fugir do corpo e voar para ela. Aqueles enormes olhos negros, o belo físico, o rosto expressivo, alerta, desconfiado e travesso, tanto quanto com sinais de melancolia ou apreensão... Naquele segundo, ele soube que, onde quer que aquele jogo terminasse, ele iria até o fim. Seu espírito elevou-se para logo se contrair ao lembrar que ela era casada, que era uma princesa, e que ele trabalhava para o marido dela.

— Olá, Jim — ela disse suavemente.

— Pequena Adelaide — ele respondeu com voz trêmula. — Por onde andou todo este tempo?

Ela olhou para o príncipe, observou a expressão do rosto dele e então olhou a mão de Jim.

— Você está machucado — ela disse, preocupada, e deu um passo à frente para perto dele, abrindo o lenço que cobria a mão de Jim. — Deixa eu cuidar disso direito. Tem que lavar isso. Rudi, o que está acontecendo? Qual é o problema?

Enquanto tocava o sino e mandava a cozinheira apanhar uma bacia de água quente, o príncipe contou a ela o que havia acontecido em Razkavia.

— Agora sou o herdeiro direto — disse. — Quando meu pai morrer, eu serei o

rei. O embaixador chegará em alguns minutos. Pedi a ele que trouxesse a esposa; ambos precisam saber. E então devemos partir imediatamente.

— Para Razkavia?

— Sim, claro. Não posso ir sem você. Precisa ir comigo, Adelaide. E o senhor também, sr. Taylor.

Adelaide lançou um olhar sombrio para Jim e em seguida para o príncipe.

— Quero que Becky vá também.

Tudo estava acontecendo ao mesmo tempo. A cozinheira trouxe uma bacia e um pano limpo, e simultaneamente alguém bateu à porta. Ao olhar pela janela, Jim avistou um policial do lado de fora da entrada da casa e as luzes de uma carruagem que estacionava.

— Suba comigo — disse Adelaide, apanhando a bacia, e Jim a seguiu, deixando para o príncipe a tarefa de apresentar queixa contra a criada e receber o embaixador e sua esposa. Sabe-se lá Deus o que eles deviam estar pensando, mas descobririam num minuto...

Adelaide se ajoelhou no chão e limpou a ferida da mão de Jim, sem que pudesse impedir a dor; em seguida fez o curativo, enquanto conversavam aos sussurros e em tom de urgência, como duas crianças que fizeram coisa errada.

— O que vai acontecer comigo, Jim? Não *posso* ser uma maldita princesa...

— Já é. Para com isso. Por onde *esteve*? O que aconteceu depois que perdemos você? Naquela noite, quando fugíamos da sra. Holland...

— No ancoradouro... você e o sr. Garland lutando com aquele homem enorme...

— Nós o matamos. Mas ele quase nos matou. Por que saiu correndo?

— Não sei. Estava tão assustada. Ai, Jim, tenho feito coisas tão horríveis que nem posso dizer...

— Como conseguiu se meter nesta enrascada?

— Ele me pediu. Está apaixonado por mim.

— Dá para perceber. Mas como se conheceram?

— Eu costumava... eu era... Estou com vergonha, não posso contar.

— Esta é sua última chance, Adelaide, porque eles vão chegar aqui num minuto e depois nunca mais vamos ficar sozinhos, percebe? Você caiu na vida, não foi?

Ela fez que sim. O frágil rosto estava corado de vergonha e humilhação, e ele quis beijá-la. E então jurou a si mesmo que, enquanto o príncipe vivesse, nunca mais permitiria que esse sentimento o dominasse, que as mãos deles se tocassem como se tocavam agora. Manteria pelo menos um metro de distância dela. Havia amor, havia honra, e quando os dois se chocavam, feriam o coração de Jim.

— Eu me perdi, Jim. Não sabia o que estava fazendo. Mendiguei, roubei, quase morri de fome... Finalmente, acabei parando numa casa em Shepherd Market. Sabe que tipo de casa quero dizer. A dona, a sra. Catlett, tinha meia dúzia de garotas. Não

era má, chamava um médico uma vez por mês para cuidar da nossa saúde... E um dia um nobre alemão apareceu com um grupo de amigos. Mostrava o lugar para eles como se fosse uma atração turística. Um deles era o príncipe. Dava para perceber que ele estava desconfortável, não queria aquele tipo de coisa, mas ele foi bom comigo e só conversamos, e... acho que ele se apaixonou por mim ali mesmo. Não recebeu muito afeto na vida, pobrezinho. Então, enfim, ele pagou à sra. Catlett muito dinheiro para me tirar de lá e me pôr aqui. E logo depois a gente casou. Ele não aceitava um não como resposta. Eu... No início, eu costumava ir até Bloomsbury, sabe. Ficava do outro lado da rua, olhando para os Garlands, para a loja...

— Por que nunca entrou, sua biruta? Sabia que tínhamos detetives vasculhando Londres atrás de você?

— Tinha medo, achava que tinha feito alguma coisa errada. Mas aí, quando tomei coragem e fui lá de novo, tudo tinha pegado fogo...

— Fred morreu no incêndio.

— Ele não... Oh, meu Deus... E a srta. Lockhart? E Trembler?

— A srta. Lockhart está casada agora. Agora se chama sra. Goldberg. E o velho Trembler se casou com uma viúva rica. Ele é dono de uma estalagem em Islington.

Ela voltou a dizer:

— Jim, o que vai acontecer? Não *posso* ir lá para ser princesa, não posso.

— Você casou-se com ele. Precisa encarar a realidade. Não pode voltar atrás numa coisa dessas. Mas eu vou estar lá, e Becky...

— Ela vai? Não vou sem ela, juro.

— Sim, claro que ela vai — disse Jim, disfarçando a hesitação. — Escute, eles estão subindo as escadas. Anime-se, garota. Já estivemos em situações bem piores que esta. Lembra da fábrica de carvão animal?

Ela esboçou um sorriso nervoso e contido, e o coração de Jim acelerou.

Ouviu-se um leve toque na porta. Jim se levantou ao ver o príncipe entrar. O homem idoso que o seguia piscou umas duas vezes, surpreso com a imagem do jovem de cabelo desfeito e casaco amassado junto à jovem que ajeitava a saia do vestido, com a bacia de água ensanguentada no chão; então fez um movimento de reverência com os saltos dos sapatos e se curvou. Era um homem robusto, de rosto avermelhado, cabelo espetado de militar com uma cicatriz de espada no queixo, um espesso bigode e o peito tomado de medalhas. A esposa, redonda e fria, brilhava como uma casa de espetáculos.

O príncipe fechou a porta.

— Devemos falar em inglês — disse. Estava pálido e sua voz demonstrava nervosismo, mas prosseguiu com firmeza: — Não foi dessa forma que havia planejado dar a notícia. No entanto, não me resta alternativa. Adelaide, este é o embaixador, conde Thalgau, e sua esposa, a condessa Grace.

Jim percebeu que os dois recém-chegados notaram a maneira como ele fez a apresentação: foram apresentados a ela e não o contrário, o que significava que ela era socialmente superior a eles. Um sopro de surpresa pairou no ar por um ou dois segundos e ele continuou:

— Conde Thalgau, este é meu fiel secretário e conselheiro, o sr. James Taylor. Como pode ver, ele já foi ferido nesta noite, a meu serviço.

Desta vez o suspiro foi de aprovação, seguido de um bater de tacos e um aceno positivo da cabeça. Jim não tinha como apertar a mão do homem, mas conseguiu ensaiar um respeitoso cumprimento com a cabeça ao estilo prussiano. Por detrás de toda aquela educação, Jim podia sentir a curiosidade colossal que crescia como vapor dentro de uma caldeira.

O príncipe procurou a mão de Adelaide e a trouxe para perto.

— E esta é minha esposa, Adelaide, e sua princesa — disse.

O conde deu um passo para trás. A condessa pôs-se boquiaberta. E então o velho descontrolou-se.

— Deus do céu! Casado! *Casado!* Está louco, senhor? Perdeu a razão? O casamento de um príncipe; e agora um príncipe herdeiro, por Deus! O herdeiro do trono! Não é algo para adolescentes apaixonados ou poetas lunáticos, por Deus! É um assunto para diplomatas e estadistas! Meu bom Senhor! O futuro de Razkavia depende da aliança que o senhor contrai com seu casamento... *Ach! Mein Gott!*

— E esta seria uma boa razão — disse o príncipe, pálido e mantendo-se calmo em meio ao incêndio — se eu não precisasse de nenhuma outra além do meu amor por esta dama para justificar meu casamento. Um casamento arranjado seria um sinal de minha posição política, e isto seria fatal. Agora, tenho a liberdade de decidir o que é melhor para Razkavia, sem me prender a uma aliança que poderia dividir o país.

— Ah! *Sancta simplicitas!* — murmurou o conde. — Mas... e a família da dama... quem é ela?

O príncipe olhou para Adelaide e disse:

— Minha esposa tem sangue inglês. Pelo que sei, nunca houve nada além de amizade entre o povo da Inglaterra e o de Razkavia. Não há nada que impeça o nosso casamento.

— Impedir, não. Mas dissolvê-lo, sim. Vamos fazer o requerimento ao Vaticano imediatamente. O cardeal-arcebispo fará como...

— Nunca! — exclamou o príncipe, e então começou a falar em alemão. Num tom alto e colérico disse: — O senhor não está em posição, conde Thalgau, de procurar desfazer os atos do seu príncipe. Se houvesse pedido o seu conselho, eu o ouviria com respeito... mas não pedi. Não desejo o seu conselho. Exijo sua lealdade. O senhor tem sido um amigo fiel da família; não me traia agora. Amo esta dama com todo meu coração. Nada vai nos separar, além da morte. Muito menos um arranjo

esquálido com o Vaticano. O senhor entendeu?

Pela primeira vez, Jim viu uma atitude de realeza no príncipe. O conde fechou os olhos. Então esfregou as têmporas e disse:

— Bem, se está feito, está feito. Mas obviamente será morganático. A realeza dos Eschtenburg terminará no senhor. O rei Augusto II...

— Não pode ser morganático.

— Por que não?

— Porque nos casamos neste país. As leis inglesas não reconhecem o casamento morganático. Minha esposa tem agora status de princesa.

Só o fato de o príncipe ainda estar de pé impediu que o embaixador afundasse na poltrona. Ele cambaleou, e então Adelaide falou:

— Vossa excelência — ela disse com seu sotaque *cockney* —, eu entendo sua surpresa. Fico muito feliz em conhecê-lo. Meu marido me fala muito da admiração que tem pelo senhor e por seus feitos nos campos de batalha. Gostaria de ouvir mais sobre esses atos de heroísmo. O senhor e a condessa não gostariam de se sentar? E talvez o sr. Taylor seria gentil o bastante em solicitar uns refrescos para nós?

Muito bem, menina, pensou Jim, e apanhou a bacia com água ensanguentada e dirigiu-se à cozinha. Encontrou a cozinheira e o limpador de botas fazendo especulações em estado de ânimo alterado e pediu a eles que providenciassem alguns sanduíches e vinho o mais rápido possível.

Ao retornar para o andar de cima, Jim ouviu que falavam de Becky e resolveu intervir.

— Senhor, se me permite, sugiro que vossa alteza, a princesa e a condessa se dirijam à casa de Rebecca imediatamente, para conversar com a mãe dela, Frau Winter. É importante que ela venha conosco, concordo com Ad... com a princesa, mas a moça tem apenas 16 anos e a mãe precisa se assegurar de que, é, que...

— *Die Richtigkeit* — disse a condessa.

— *Ja*. É uma questão de decoro — concordou o embaixador. — Muito acertado. *Ja*.

Ambos ainda estavam meio atônitos. Jim compadeceu-se. A mão começou a doer absurdamente, e quando o limpador de botas, boquiaberto, apareceu com o vinho, Jim tomou três taças de uma só vez para aliviar a dor. O príncipe então se retirou com Adelaide e a condessa, a caminho da casa de Frau Winter, ficando Jim a sós com o embaixador.

— Muito bem, sr. Taylor — disse, olhando para Jim de um jeito que desconcertaria até um grande cavaleiro. — Quero que me diga a verdade. Como se envolveu nisso? E quem é o espião que causou este ferimento no senhor? Não se engane, sr. Taylor, o impacto desta noite foi enorme para mim, mas antes de tudo amo meu país e reverencio o meu príncipe. Agora também... — ele deu um longo

suspiro — sou o mais leal servo da... da princesa. Há muito nesta história que considero um mistério. Conte-me tudo ou irá se arrepender.

Jim, então, pôs-se a falar.

O TEATRO ALHAMBRA

Becky estava debruçada sobre a mesa, compenetrada num exercício de gramática italiana. O livro recebia um feixe de luz que também iluminava a mão de sua mãe, que pacientemente desenhava o personagem Deadwood Dick em um duelo no qual tanto ele quanto seu adversário, um fora da lei enorme e barbudo a poucos metros de distância, atiravam com duas pistolas. Talvez as balas tenham se chocado no meio do caminho, pois os dois saíram ilesos do duelo. Mais uma pincelada, mais um fio na barba do fora da lei; e então *mama* secou a ponta do pincel, levou as mãos até a lombar e se espreguiçou.

— Por hoje é só — disse, bocejando.

— Chocolate? — perguntou Becky, pondo um marcador na página do livro.

A chaleira chiava sobre o fogo, e o pequeno relógio de madeira de Elpenbach estava prestes a badalar as dez horas da noite.

Mas antes que Becky tivesse tempo de se levantar da cadeira, ouviu-se uma batida na porta da frente da casa. Becky e a mãe entreolharam-se; tratava-se de uma pensão respeitável e séria, em que as visitas eram raras após as seis da tarde. Elas ouviram a sra. Page, dona do estabelecimento, descer vagarosamente as escadas e mancar pelo corredor até abrir a porta.

Um murmúrio de vozes; vários passos; e então uma batida na porta da sala de estar de Becky e sua mãe.

Becky correu para abri-la e sua mãe pôs-se de pé ansiosa.

O rosto envelhecido e confuso da sra. Page apareceu e disse:

— Um senhor e, bem, duas damas vieram vê-la, querida. Não consegui guardar os

nomes — ela completou num sussurro.

Os olhos de Becky depararam-se com Adelaide, de capa e chapéu, o príncipe e uma senhora tão alta, fria e monumental que parecia feita de mármore.

— Oh! Ad... príncipe... vossa alteza... madame... mama, é o... por favor, entrem — ela balbuciou, atônita.

Mama estava intrigada, embora quisesse ser simpática, e também constrangida pela simplicidade do lugar. Havia apenas quatro cadeiras! Mas a sra. Page já havia notado a falta e ido ao salão pegar mais uma cadeira.

Becky tentava descobrir quem deveria apresentar a quem primeiro, e se ela poderia deixar transparecer que sabia a identidade do príncipe ou mesmo se podia revelá-la à mãe, coisa que, obviamente já havia feito; mas Adelaide falou primeiro.

— Rudolf — disse —, já conhece a srta. Winter e sua mãe. Becky, acho que a sua mãe já percebeu que Herr Strauss é mesmo o príncipe Rudolf.

Mama fez uma reverência ao príncipe, ruborizando intensamente. Becky também se curvou, rapidamente, e então Adelaide voltou-se para a outra senhora.

— Condessa — disse —, deixe-me apresentar Frau e Fräulein Winter. Esta é a condessa Von Thalgau, esposa do embaixador da Razkavia.

Mais reverências, um aperto de mãos impessoal. Após olhar em volta, a condessa, desdenhosa, fechou os olhos numa eloquência silenciosa.

Depois da sra. Page reaparecer com outra cadeira e de todos se encontrarem já sentados, o príncipe iniciou sua fala. Primeiro, contou sobre o assassinato do príncipe herdeiro e depois de seu próprio casamento. Falou em inglês, língua que dominava, mas que não o deixava à vontade. Então se virou para Adelaide:

— Perdoe-me, minha cara; devo falar em alemão agora; do contrário não conseguirei ser preciso.

Rosto pálido, ingênuo, iluminado pela lamparina, o príncipe se dirigiu à mãe de Becky:

— Frau Winter, quando minha esposa contou-me que sua professora era uma cidadã de nosso país, suspeitei que a mão do destino estivesse me guiando. Então soube quem foi seu pai e tive certeza. Tive o privilégio de conhecer seu falecido marido. Ele foi ao palácio para conversar comigo sobre o progresso de nossas leis, um encontro agendado como parte de minha educação. Acredite, senti muitíssimo a morte dele. Uma das mudanças que desejo realizar em nosso país é em nossa constituição, para permitir que partidos democráticos se organizem, como desejava seu marido.

“Mas assim como todas as outras mudanças que pretendo realizar, estarei atento ao julgamento e à sensibilidade de minha esposa. Sua experiência de vida lhe deu uma sabedoria que ultrapassa a de sua idade e uma força e percepção com as quais espero poder contar sempre.”

Becky notou que a condessa olhou Adelaide friamente. Esta nada notou. Com discrição, apenas fitava o príncipe, as mãos sobre as pernas.

— Mas minha esposa precisará de auxílio — prosseguiu o príncipe. — Precisarão de companhia e orientação. Precisarão de instrução. E ela me disse que Fräulein Winter é capaz de atender a esses requisitos como ninguém.

“Frau Winter, me estendi por demais em minha fala e me desculpo por isso. Caso a senhora não possa permitir que Fräulein Winter acompanhe a princesa à Razkavia, eu entenderei e respeitarei sua decisão e lhe desejarei uma boa noite. Em qualquer um dos casos, senhora, peço sinceramente que me perdoe por perturbá-la.”

Mama olhou para Becky, deu um longo suspiro, juntou as palmas das mãos como se fosse rezar e, em seguida, as bateu de leve, como um sinal de que havia tomado sua decisão.

— Vossa alteza — disse —, primeiro quero dizer o quão honradas estamos. E como desejaria recebê-los num local mais confortável. Lembro-me bem da visita de meu marido ao palácio. Ele me contou que vossa alteza o ouviu atentamente e o questionou também. Se ele estivesse vivo agora, vossa alteza não encontraria conselheiro mais fiel e sábio.

“E estou honrada por vossa alteza haver confiado em nós... Mas seu pedido é oneroso demais... Sou uma viúva num país estrangeiro; preciso batalhar para sobreviver. E tudo o que tenho aqui são minhas amadas mãe, já idosa, e filha. Se alguma coisa acontecer a Rebecca, será o fim de minha vida.

“Ela é uma jovem forte e sincera, possui muitas qualidades. Sempre a eduquei para que fosse boa, modesta, para que trabalhasse bastante e fosse caridosa. Tenho muito orgulho dela. Creio que a princesa vá precisar de uma boa amiga. Pois ela não encontrará amiga mais verdadeira e valiosa do que minha Rebecca. Senhor, estamos lisonjeadas com seu pedido. Mas me permita dizer que a princesa Adelaide ficará mais lisonjeada ainda com a amizade de minha filha.

“Por isso, minha resposta é sim, ela pode ir, com minha benção. Mas eu lhe asseguro que, se algo acontecer a um fio de cabelo de minha filha, não haverá lugar na face da terra onde o responsável poderá se esconder. E eu o encontrarei e lhe arrancarei fora o coração, assim como ele terá feito comigo. Rebecca, *liebchen*...”

E ela se virou para Becky, com voz trêmula, olhos mareados, braços abertos. Mãe e filha se abraçaram tão fortemente que Becky ouviu ossos estalarem, sem saber se eram suas costelas ou o espartilho da mãe; mas isso não tinha importância agora, pois ela também chorava.

Quando já estavam um pouco mais compostas, o príncipe Rudolf disse:

— Devemos partir em 36 horas. Precisarão de algumas roupas, Fräulein... de luto, entre outras. A condessa Thalgau irá aconselhá-la. Frau Winter, vou deixar-lhe dinheiro para suas despesas e, por favor, avise a condessa caso precise de mais...

Em seguida, ele deixou um montante de ouro sobre a mesa, mais do que aquela casa vira em anos. Adelaide e Becky se entreolharam e um sorriso foi ensaiado e respondido com outro. Becky se perguntou qual das duas precisaria mais da outra.

Os guardiões irlandeses haviam perseguido o espião até Marylebone, na altura da rua Baker, ganhando reforço pelo caminho, até chegarem a uma centena ou mais de pivetes gritando atrás da caça. Na esquina da rua Oxford, no entanto, o homem conseguiu entrar num cabriolé. Liam e Charlie estavam próximos o bastante para ouvi-lo, esbaforido, dizer o endereço ao chofer, e enquanto o veículo dirigia-se para Mayfair, os dois rapazes gritaram:

— Por aqui, sigam a gente! — e correram ao longo da rua Oxford e depois adentraram o Soho.

Arquejantes, chegaram a Leicester Square na mesma hora em que o cabriolé estacionava em frente à entrada do Teatro Alhambra.

— É aquele ali? — perguntou Liam.

— Lá está ele! — gritou Charlie.

— Atrás deles, cambada! — gritou Dermot.

O porteiro que guardava a entrada dos fundos não teve a menor chance: eles entraram como um enxame de vespas furiosas. Os ingressos para as apresentações daquela noite estavam quase esgotados e a área dos bastidores, os corredores e os camarins estavam amontoados de artistas, carpinteiros, responsáveis pela iluminação, pelas cortinas; mas em menos de um minuto, não havia canto do teatro, da coxia ao foyer, que não estivesse infestado de pivetes.

— Lá está ele!

— Estou vendo, na escada de mão!

— Desceu pela escotilha! Atrás dele!

— Está no corredor, lá vai!

Acrobatas, garçons, diretores de cena eram parados num canto, interrogados e logo liberados, até que Liam, Charlie e Dermot voltaram a avistar sua presa num corredor próximo ao Salão Verde.

Determinados, correram atrás dele, porém tarde demais para evitar que ele entrasse num camarim. Ouviram a porta ser trancada e golpearam sem dó a porta almofadada.

— Sai daí, seu ladrão canalha! Espião covarde! Sai e vem brigar, seu rato nojento! Lá dentro estava silencioso, mas os gritos e o clamor detrás deles aumentavam.

— Vamos arrombar a porta, cambada — disse Liam, dando alguns passos para trás no estreito corredor. — Um, dois...

E a porta se abriu.

O grupo se segurou para não cair. Estavam diante de uma mulher: uma linda atriz de traços hispânicos, olhos e cabelos escuros, pele alva, ombros à mostra, num

vestido vermelho escarlate; ela mal conseguia falar, com o coração acelerado.

— Onde está o homem? — inquiriu Liam. — Para onde ele foi?

Ela apontou para a janela aberta.

— Por aqui! — gritou Liam, quando o enxame de moleques invadiu o camarim. Guiado por ele, o bando atravessou o lugar e saiu pela janela, saltando pelo muro e misturando-se na confusão de canteiros de obras na rua Castle, de tijolos, tábuas, pilhas de escombros, como mutucas atrás do touro enlouquecido.

Um touro imaginário.

A atriz fechou a janela e após um longo e estremecido suspiro, liberou o ar que havia estado preso. Estava exausta; mal conseguia ficar em pé. Com peito arfante, ela voltou a trancar a porta, fechou as cortinas e então começou a tirar a peruca. Ergueu a saia do vestido, soltou uma das amarras do espartilho, pisou para fora das calças que estavam escondidas sob a saia e as jogou para junto do paletó e camisa masculina, amontoados atrás da porta. Então se sentou pesadamente defronte da penteadeira. A respiração foi gradualmente voltando ao normal. Soltou os cabelos negros, que estavam rigidamente presos, e tirou a faca ensanguentada presa à panturrilha da coxa e a limpou num lenço de seda. Sorriu levemente e ficou se observando pelo reflexo do espelho.

A suspeita inverossímil de Jim estava correta.

— Uma mulher? Qual o nome dela?

— Carmen Isabella Ruiz y Soler, senhor. Uma atriz.

— É confiável?

— Acho que sei como controlá-la, senhor.

— Então o faça, por Deus. Bem, o senhor ainda não me desapontou, tenho que admitir, embora esse seja o mais absurdo dos estratagemas que já vi. Continue como combinado, Bleichröder. E mantenha-me informado.

Estamos a mais de novecentos quilômetros de distância, em Berlim. O interlocutor de Bleichröder é um homem de idade avançada e de aparência inamistosa; careca, cabeça abaulada, com olhos protuberantes e longos bigodes. Ele olha ao redor, acena sutilmente com a cabeça e deixa o recinto. Até chegar a sua carruagem, oficiais na antessala terão se curvado, os empregados da residência abrirão as portas para ele passar, assessores o seguirão apressados e carregando documentos, todos com expressão de tensão e medo, pois estão diante do grande chanceler, o príncipe Otto von Bismarck.

O homem que permaneceu no escritório pousa as mãos sobre os braços da cadeira e se senta lentamente. É um banqueiro, da mesma idade do chanceler, mas sem a energia poderosa deste. Bleichröder exhibe ar de estudada abstração. Também calvo, com bastas costeletas, os olhos estão semicerrados sobre o nariz fino e curvo. Espera o secretário fechar a porta.

— Então, Julius? — diz ele. — Como você interpreta o significado dessa afirmação?

Esse é um jogo que existe entre os dois. O jovem secretário fala do conhecimento que tem, faz suposições de conexões que desconhece e tenta adivinhar os pensamentos da labiríntica e sutil mente do patrão.

— Razkavia... não é o lugar onde o príncipe herdeiro foi assassinado hoje, senhor? Li algo a respeito num dos telegramas do meio-dia... um pequeno reino na fronteira com a Boêmia. Uma cerimônia pitoresca... algo relacionado a uma bandeira...

— Isso mesmo, até agora está tudo certo.

— Ah. Agora me lembro. Eles não têm minas por lá? Estanho ou coisa parecida?

— Níquel. Muito bem, Julius.

— Mas não entendo por que uma atriz espanhola está envolvida nisso. Complicado demais para minha compreensão, senhor.

— Então eu vou lhe dizer. Vá até o armário azul, por favor, e pegue o arquivo com o nome Thalgau.

Enquanto o secretário destranca o armário, as suaves mãos do banqueiro passeiam sobre a mesa de trabalho, pondo a caneta em seu devido lugar, o mata-borrão, limpando partículas de poeira imaginárias, tocando com cuidado um pequeno, porém pesado, globo de vidro.

O secretário retorna com o arquivo, e Bleichröder recosta-se um pouco mais na cadeira, mãos para trás da cabeça, olhos quase fechados.

— Comece, então... — ele diz, acalmando a mente.

ETIQUETA

O dia seguinte foi um frenesi de compras para Becky. Não havia tempo para confeccionar roupas sob medida: teriam que já ser prontas e com os devidos reparos feitos lá. A condessa observou tudo com olhos semicerrados, ocasionalmente dando bruscas ordens, que Frau Winter traduzia aos chapeleiros, fanqueiros e alfaiates. Ainda precisavam comprar valises e um baú; e Becky, lembrando-se do motivo da sua participação na aventura, insistiu em comprar cadernos e dicionários para Adelaide. O que poderia usar como material didático? Não havia tempo para procurar muito: levaria os dois livros de *Alice*, *Diamante Negro*, um novo jogo chamado *Vá como Desejar*, um de xadrez, outro de damas e pilhas de revistas de ficção sensacionalista de um centavo com os desenhos da mãe de Becky. Aquilo daria para o gasto.

A avó, acamada e esquecida, percebeu que algo de diferente ocorria, e ficou inquieta até que Becky se sentou ao lado dela e, sob a luz do entardecer, lhe explicou o sucedido. A velha senhora não entendeu muito bem, mas suas mãos pálidas descansaram sobre as da neta até adormecer. E então havia mais malas por fazer, mais listas de última hora de coisas que não podia esquecer de levar; e uma soneca; um café da manhã frugal, um abraço apressado demais, lágrimas; e Becky então iniciaria sua jornada.

O canal do Tâmis estava turbulento, mas enjoo estava fora de questão: qualquer livro de etiqueta dizia isso. E foi a etiqueta o primeiro dos pensamentos de Becky quando o navio desembarcou em terra firme; e uma vez no trem, a condessa ensinou

a ela e a Adelaide uma quantidade sem fim de normas e regras de comportamento que elas nem sonhavam que existissem: como se dirigir ao chanceler, a precisa diferença hierárquica entre o filho mais novo de um conde e o mais velho de um barão, como descascar uma laranja sobre a mesa, o tipo de introdução em uma conversa que se deve fazer com um bispo — todo o tipo concebível de matéria de etiqueta, até que as duas tivessem a cabeça tilintando de tanta informação.

E quando a condessa não estava ensinando a Adelaide etiqueta e regras de protocolo, Becky a ensinava a ler e escrever e um pouco de alemão. Se não fosse durona, Adelaide teria esmorecido; o único sinal de cansaço era um leve cenho franzido que assumiu residência permanente entre as sobrancelhas e que apenas dava uma trégua quando o príncipe ou Becky jogava Halma com ela ou “Vá como desejar”, “O cerco a Paris” ou *Spyrol*. Para a surpresa de Becky, Adelaide nunca havia aprendido a jogar damas, mas aprendeu rapidamente e ganhou de Becky já na terceira partida. Depois Adelaide insistiu para que lhe ensinasse xadrez, pois as peças pareciam mais interessantes; e assim o tempo foi passando.

Na tarde do primeiro dia de viagem, eles passaram por Essen, onde ficavam as fábricas da poderosa empresa Krupp, avermelhadas e esfumaçadas em meio ao pôr do sol esfogueado. Do trem, dava para ouvir as marteladas impetuosas, as fornalhas para a produção de ferro e armas. Jim Taylor, sentado ao lado de Becky, disse:

— Esta é a razão de tudo isso, você sabe. Alfred Krupp quer o níquel deles. Como está a princesa?

— Trabalhando como uma Krupp. Vai ficar exausta.

— Bem, é sua função entretê-la. Jogue com ela uma partida de Parcheesi.

— Gostaria de jogar também?

— Eu? Está brincando! Tenho coisas mais importantes para fazer, como fazer companhia ao Conde e fumar charutos.

Aquele já não era mais o sr. Taylor: era Jim. A cada dia, Becky o conhecia melhor e gostava mais dele. Mentalmente, buscava palavras que pudessem descrevê-lo na carta que escrevia à sua mama, mas era difícil. Pois ele era diferente dos jovens de que ouvira falar (os que conhecia eram muito poucos para contar). Houve aquela primeira impressão do rapaz garboso e de reputação duvidosa, que se emplumava cada vez que ela o avistava. Mas tal impressão não combinava com sua sensibilidade e seu tato com aristocratas; e sem nenhuma insinuação de deferência ou adulação. Ele parecia tratá-los de igual para igual, numa presunção de tirar o fôlego, mas o fazia tirando de letra. Ela imaginava que parte do sucesso devia-se à sua presença de espírito, à elegância com que vestia as roupas da moda, à graça atlética e decidida de seus movimentos, ao jeito de andar que sugeria uma inofensiva arrogância; mas parte também vinha da vivacidade de seus felinos olhos verdes; do brilho preguiçoso e maroto que sempre os acompanhava; da impressão que ele dava

de que, simplesmente, era mais inteligente que qualquer um à sua volta. E, finalmente — isto ela não contaria à mama — havia nele uma aura de perigo que parecia nunca deixá-lo, a sensação de que, se ele precisasse lutar, e lutar para matar, o faria com gosto.

Por isso, seja lá o que ele fosse, não era um cavalheiro. Mas era, sem dúvida, alguém muito mais interessante que isso. A única coisa que impedia Becky de perder a cabeça era o óbvio fato de que ele estava apaixonado por Adelaide; mais um motivo de preocupação. Mas tampouco mencionou isso em sua carta.

No segundo dia da viagem, quando a luz do dia já desvanecia, a paisagem começou a mudar. O trem ia (agora num ritmo ainda mais lento) por entre montanhas e quanto mais ao sul rumavam, mais altas ficavam as montanhas, até que foi necessário colocar a cabeça para fora das janelas do vagão para avistar os picos, pontas salientes de calcário, que se tornavam róseas sob a luz do entardecer, envoltas em nuvens de tonalidades alaranjadas, amarelo pálido e damasco. Mais abaixo dos declives, pinheiros verde-escuros cobriam tudo; e noutra ocasião avistaram numa clareira um caçador, com seu mosquete e o cão farejador. Ele ergueu o chapéu emplumado enquanto acenavam para ele. Becky sentiu o corpo arrepiar de emoção; aquele era o seu país, a sua terra, ela pertencia àquele lugar. Estava indo para casa.

Havia enorme quantidade de fumaça na escuridão noturna da estação, um tapete vermelho, oficiais curvados com cartolas, criados apressados em desembarcar bagagens e baús para colocá-los em duas carruagens. Luto: todos de preto, as bandeiras a meio mastro, pelo príncipe herdeiro morto; passando pelas ruas, pelas praças públicas e pelos jardins no Labirinto das Rosas, nos Jardins Espanhóis na curva do rio, ouviam-se sons de música, que iam de Weber a Strauss e Suppé em ritmo alegre, do sino da catedral que badalava sem cessar, e de mais sinos que tocavam das igrejas ancestrais de pequenas ruas e praças, anunciando a hora. Fumaça de charuto pairava no ar, perfume de flores primaveris, aroma de ensopados cozidos, chucrute e carne grelhada. Os beirais sobressaindo-se dos velhos edifícios passavam sobre suas cabeças, bem como sacadas repletas de gerânios vermelhos; as janelas iluminadas dos cafés e tabernas, repletos de chifres e animais empalhados e todo tipo de troféu de caça. O rio, escuro e revoltado, com a Rocha de Eschtenburg no outro extremo, e a Águia Escarlata, a Adlerfahne, voando por sobre a cidade como fazia há 600 anos.

E então o palácio: colunas brancas como açúcar sob a luz do luar e chafarizes que tilintavam nos jardins reais.

Criados fazendo reverência, escadarias de mármore, estátuas, pinturas, tapeçarias,

carpetes, porcelanas. Adelaide ao lado de Becky, soturna, nervosa, mas controlando-se com tensa dignidade.

E uma longa espera na antessala, onde dezenas de velas queimavam sobre apliques dourados nas paredes em frente a espelhos escuros com aparência de muito antigos, enquanto o príncipe conversava em particular com seu pai, o rei. Adelaide, Becky e a condessa ficaram ali sentadas por uma hora. Becky contou os minutos no relógio de bronze do aparador da lareira.

Finalmente, faltando quinze minutos para a meia-noite, a porta se abriu e o mordomo ou algum tipo de camareiro curvou-se rigidamente e disse:

— Sua majestade as receberá agora. Ao entrarem no recinto, devem fazer uma reverência de imediato, sob a soleira da porta, e, ao avançarem na direção do rei, curvem-se novamente. Se saírem do aposento antes do rei, devem caminhar de costas, seguindo o tapete vermelho até chegarem onde estou. Então voltarão a se curvar, se virarão e se retirarão. Por favor, sigam-me.

Becky traduziu as orientações para Adelaide, que entrou primeiro, seguida por Becky e a condessa. Entraram numa bem iluminada sala de estar. O príncipe, nervoso, estava de pé defronte a uma lareira onde o fogo flamejava. O conde também estava lá, solene; e sentado num sofá, um velho senhor de fisionomia severa, vestido em pesado luto, a cabeça calva e longas costeletas grisalhas, dono de uma expressão melancólica irreparável. A mão direita estava apoiada sobre o braço da cadeira e seus dedos, notou Becky, não paravam de tremer. Um dos pés descansava num banco.

Elas fizeram uma reverência, aproximaram-se do banco, fizeram nova reverência. O mordomo retirou-se silenciosamente.

— Condessa — disse o rei em sua voz rouca e ofegante —, espero que a viagem não a tenha exaurido.

— De forma alguma, obrigada, vossa majestade.

— Estamos vivendo tempos difíceis. Como vai sua prima, lady Godstow?

Como muitos monarcas, o velho rei tinha memória prodigiosa para parentescos; ele sabia que a condessa tinha uma prima, de terceiro ou quarto grau, uma inglesa que estava casada com um dos lordes que pertenciam à corte da rainha Vitória. A condessa chegou a ruborizar de prazer, e falou sobre a prima e o restante da família por quase dez minutos, antes de o rei se dirigir a Becky.

Mas não a Adelaide ainda. Elas permaneciam de pé e Adelaide estava terrivelmente cansada, mas o rei a ignorou e virou-se para Becky.

— Fräulein Winter — disse. — Você é jovem demais para haver desenvolvido todos os talentos que ouvi dizer que tem. A educação de uma jovem dama deve ser muito exigente na Inglaterra. Aqui, na Razkavia, somos mais antiquados. Não há nada que valorizemos mais numa moça que sua modéstia; talvez venha a nos achar

lentos demais em reconhecer seus dotes.

Becky demorou alguns segundos para registrar o que ele havia dito e, em seguida, ela o odiou de imediato. Não conseguia deixar de lembrar que esse homem fora responsável, mesmo que indiretamente, pela morte de seu pai. E o odiou também por esnobar Adelaide deliberadamente, preferindo falar primeiro com uma mera intérprete. E estava cansada e com fome, e sabia que não devia expor seus pensamentos, mas não conseguiu evitar.

— Vossa majestade é muito cortês. Mas também sou uma razkaviana, e minha mãe sempre me disse que não importava quão pobre fôssemos em alguns aspectos, pois éramos ricos em gentileza e bondade. Sinto-me lisonjeada pela chance de poder aprender sobre essas qualidades pelo exemplo de vossa majestade.

E completou com a melhor das reverências que conseguiu fazer, quase tocando o nariz no carpete. Não estava indiferente à petrificada condessa ao seu lado, ao conde que se encrespara de raiva, ao tremulante príncipe e, sobretudo, a Adelaide, ao seu lado, confusa e em estado de alerta.

O rei a olhou por um bom tempo, e Becky não se intimidou, encarando-o. Finalmente, ele se voltou para Adelaide. Olhou-a de cima a baixo, uma ou duas vezes, antes de falar. Becky começou a traduzir, seguindo a orientação da condessa: em voz baixa e da forma mais discreta e ágil possível, mantendo-se fiel às palavras de Adelaide e do rei.

— Então foi essa a noiva escolhida por meu filho — ele disse.

— É uma honra conhecê-lo, vossa majestade.

— Seu sobrenome era Bevan, suponho. Conte-me sobre sua família.

— Minha mãe era costureira, majestade. Morreu trabalhando em Wapping. Meu pai era sargento, mas nunca o conheci. É tudo o que sei sobre minha família.

Ela falou sem rodeios. O rosto do rei, ao ouvir a tradução de Becky, era pétreo; apenas os dedos, tamborilando mais avidamente que nunca, delatavam seus sentimentos.

— Disseram-me que se tornou uma princesa — ele prosseguiu.

— Tornei-me a esposa de um príncipe. Se desejarem me fazer princesa, tentarei ser a melhor possível, pelo bem do príncipe.

Fez-se uma longa pausa, preenchida pelo crepitar de lenha queimando e do badalar da meia-noite do relógio no consolo da lareira. Os dedos do rei continuaram tamborilando, uma, duas vezes, três, e ele tentou erguer o braço direito, mas fracassou. Becky imaginou que ele tivesse sofrido algum tipo de derrame, pois a verdade era que se tratava de um homem bem velho e doente.

Entretanto, o rei conseguiu mover o braço esquerdo e, dando uma batida sobre a almofada ao seu lado, indicou-a para Adelaide, dizendo-lhe com gentileza:

— Venha sentar-se ao meu lado.

Por um segundo perturbador, Becky acreditou estar diante de seu avô querido e se esforçou para controlar a voz ao traduzir as palavras dele. E então Adelaide se sentou ao lado do rei, que pediu vinho. Já com a taça, sua mão vacilante ofereceu-a com enorme esforço a Adelaide, sem derramar sequer uma gota, e em seguida pegou outra taça para si.

— Adelaide — disse. — É um bom nome. É como nossa águia, nossa Adler. Viu a Águia Vermelha voando sobre a Rocha? Eu achei que no momento certo meu filho Wilhelm carregaria a bandeira da catedral para a Rocha, mas nosso Poderoso Pai resolveu que seria diferente. Que assim o seja. Rudolf é digno. Não o deixe fraquejar, Adelaide.

Ele tomou apenas um gole do vinho e então, por alguns minutos, ficou silencioso ao lado de Adelaide, segurando uma de suas mãos. Então ele deu um suspiro que pareceu doer e lançou um olhar para o filho.

O príncipe entendeu e retirou o banco de baixo do pé do pai e o ajudou a se levantar.

Adelaide também ficou de pé, e o rei se inclinou para beijá-la com gentileza.

— Boa noite, Adelaide.

Ele deu boa-noite ao príncipe, ao conde e à condessa, e o mordomo tomou-lhe o braço para ajudá-lo. Becky estava consciente do rubor intenso que lhe subia do pescoço até a raiz dos cabelos, mas sabia que tinha que falar com ele.

— Vossa majestade — ela disse, e ele parou. Ela fez outra reverência. — Sinto muito, senhor. Fui muito rude e peço perdão.

Ela não conseguiu encará-lo. Depois de uma breve pausa, ele disse:

— Boa noite, criança. Quando vir sua mãe de novo, transmita-lhe meu agradecimento.

Depois disso, passo trêmulo a passo trêmulo, ele saiu do aposento. Um criado fechou a porta.

ÁGUIASE ARMADILHAS PARA PÁSSAROS

Becky estava certa a respeito de Jim, pelo menos em um aspecto: ele se considerava igual a qualquer outro, de um jeito muito democrático, curto e grosso. Sentia-se à vontade na companhia de batedores de carteira e estribeiros, assim como na companhia de artistas, atores e nobres; mas era a primeira vez que entrava num palácio real e estava fascinado.

No primeiro dia em Razkavia, bem cedo, Jim foi chamado para conversar com o camareiro. Barão Gödel era o encarregado de administrar as tarefas domésticas do palácio da família real, o responsável por garantir o sucesso das cerimônias e recepções, por marcar os compromissos internos e pelas contas reais. Jim entrou no escritório do homem cheio de curiosidade.

O barão tinha uns 50 anos; era pálido, com rosto flácido e olheiras, olhos esbugalhados, desmaiados, dentes dianteiros que protuberavam como os de um rato. Era tão incrivelmente feio que Jim sentiu pena dele. Mas então viu o olhar de Gödel: já cansado de conhecer o impacto que sua aparência causava nas pessoas, apenas observava a reação de Jim. Um lampejo de triunfo surgiu, como o vulto de um peixe saltando na opaca umidade dos olhos do barão. Em seguida, Jim reparou no cuidado enfadonho com que o homem se produzia: o corte impecável do sobretudo, o colarinho branco imaculado, o preto abrilhantado dos cabelos, tão esticado que parecia estar grudado na cabeça. O sujeito era tão fútil e vaidoso quanto feio que Jim começou a sentir pena dele.

— Herr Taylor — disse o camareiro, sem convidá-lo a se sentar. — Fui informado de que a alteza real o designou como seu assessor particular. Claro, não pretendo

interferir no que foi determinado por ele. Mas devo informá-lo de que não existe nenhuma posição para o senhor dentro do Palácio Real. O gabinete de sua alteza está devidamente provido de funcionários; o efetivo de criados está no máximo de sua capacidade; a segurança dele está sendo cuidada noite e dia pela guarda do palácio. O senhor compreende o que estou dizendo? Não há emprego para o senhor aqui, não há posto para o senhor preencher, não haverá salário. Sua alteza real informou ao meu escritório que deseja que o senhor seja acomodado com os criados. O aposento onde o senhor dormiu na noite passada está reservado para um de meus secretários. Não tenho dúvidas de que no escritório do administrador irão providenciar uma acomodação para o senhor. Suas obrigações e sua remuneração são assuntos para serem tratados pessoalmente com sua alteza. Peço apenas que o senhor se comporte de maneira apropriada enquanto estiver no palácio e que não prejudique nenhum dos trabalhos aqui dentro. Tenha um bom dia.

— Bom dia — disse Jim, saindo logo em seguida.

Então era assim que a banda tocava. Bem, poderia ter sido pior; Gödel poderia tê-lo incumbido de uma centena de tarefas, deixando-o sem tempo para fazer o que o levava até ali.

E o que era, exatamente?

O príncipe não sabia. Como uma criança, ele havia se apegado à figura mais próxima de amigo que encontrara, assim como havia se casado com Adelaide, porque ela o tratara bem. Ele esperava que Jim o protegesse, mas também esperava que Jim soubesse do que deveria protegê-lo e de como fazê-lo. Não era apenas pelo bem de Adelaide que Jim se sentia na obrigação de realizar tal tarefa, pois tinha simpatia pelo príncipe; o rapaz não passava de uma criança assustada, que, no entanto, desejava cumprir seu dever, não importava qual fosse. Era como um pierrô numa arlequinada: sonhador, inocente, um amante gentil, simples demais para este mundo. Deixando para Jim, como seu habilidoso criado, o desafio de mantê-lo fora de perigo.

Até que não era um mau papel, pensando bem. Mas significava que Jim teria primeiro que fazer um reconhecimento do território; ali não era seu habitat. Por isso, após passar um longo dia no escritório do administrador e se instalar num pequeno e estreito cômodo no sótão dos criados, acima do quarto confortável de Becky, Jim resolveu dar um passeio ao entardecer. Vestiu um elegante terno de lã, uma boina, uma gravata verde-escuro e se dirigiu ao centro da cidade.

Era um lugar curioso, Eschtenburg: meio alemão, meio boêmio, meio medieval, meio barroco, em parte moderno e sóbrio, em parte simplesmente excêntrico. Do lado oeste do rio estavam o palácio, os edifícios governamentais, os bancos, embaixadas e hotéis, a universidade e a catedral. Do lado leste, amontoada ao redor do morro com a bandeira da Águia Escarlata, a Cidade Velha, um lugar insalubre,

decadente e malcuidado, como Jim nunca havia visto num país da Europa — pelo menos, desde que haviam posto abaixo os barracos em Seven Dials para a construção da Charing Cross Road. Nas partes mais antigas, não havia sequer ruas: os prédios se amontoavam uns sobre os outros. Segundo uma das lendas do lugar, as casas sacudiam na calada da noite e apareciam em outro lugar na manhã seguinte. Já outra lenda dizia que a névoa do rio brincava com a aparência das coisas: dissolvia estátuas, alterava o nome das casas, dava novas formas aos umbrais das portas e molduras das janelas.

Intrigado, Jim pensou em cruzar uma das belas e antigas pontes para se deixar perder, mas antes disso, viu-se tentado a parar numa taberna no quarteirão da universidade, atraído pelo delicioso cheiro de salsicha grelhada e de cerveja e pela música: trombones tocando uma exaltada polca. Era irresistível; Jim abriu a porta e desceu as escadas.

O enfumaçado porão era estreito demais para abrigar tantos estudantes. Vestiam uniforme, uma túnica semimilitar, calças justas, platina nos ombros e laços nas lapelas que indicavam a irmandade estudantil à qual pertenciam. Havia uns oitenta ou noventa deles no local, que já ficaria apertado com trinta pessoas. Os rostos vermelhos e rechonchudos dos integrantes da banda, que tocava num minúsculo palco nos fundos do porão, brilhavam e, em meio à fumaça de charuto, Jim avistou nas paredes chifres e animais empalhados em número suficiente para habitar uma pequena floresta.

Abriu caminho até um canto do lugar, pediu salsichas, chucrute e uma caneca de cerveja, e descobriu que havia encontrado o lugar ideal para ouvir sobre a política local, objeto de uma furiosa discussão que acontecia a poucos passos dele.

O assunto parecia ser a Família Real e sua atitude ante a proposta da Alemanha. Um dos estudantes, de uniforme com platina vermelha e preta nos ombros, dava murros na mesa e vociferava. Sua voz sobrepunha-se às demais. Seu olhar era ameaçador, o rosto, branco como papel, e nos cantos da boca havia partículas desagradáveis de saliva — traços de alguém em cuja companhia Jim não fazia nenhuma questão de estar.

Junto com ele, outros de platinas vermelhas e pretas também falavam alteradamente. Um grupo menor de estudantes, de verde e amarelo, tentava abafar o som rival. Jim tentava entender o que o orador dizia, quando a atendente lhe trouxe uma linda caneca de porcelana, aparentemente com quase um litro de cerveja, e uma tampa de peltre. Antes do primeiro gole recebeu um empurrão nas costas que fez quase meio litro de espuma derramar no chão.

— *Ach! Mein Herr!* Perdoe-me. Maldição, Reiner! Dê-me um pouco de espaço! Senhor, permita-me lhe pagar uma cerveja...

Jim se virou e deparou-se com um robusto rapaz de cabelos encaracolados e

olhos azul-claros que se esforçava para conseguir passar e sentar. Ele vestia uniforme verde e amarelo.

— Não derramou nada — disse Jim. — Exceto espuma.

— Então terei que lhe pagar mais espuma. O senhor é inglês?

— Jim Taylor — disse, estendendo a mão. — E o senhor?

— Karl von Gaisberg, estudante de filosofia. Sinto muito que tenha que aturar os queixumes daqueles hegelianos místicos, como o Glatz, ali adiante — disse, apontando para o orador.

— Do que está falando? — perguntou Jim. — Por acaso, ele disse ferro e sangue? Esta é a palavra de ordem do príncipe Bismarck, não?

Karl von Gaisberg fez uma expressão de desprezo.

— Baboseira. Há um grupo de estudantes que idolatra Bismarck e tudo que é alemão. Raça pura, sangue e o destino sagrado da Grande Razkavia. Puro lixo, se quer saber minha opinião.

— Então, está do lado do príncipe Rudolf e da democracia?

— Certamente! — exclamou von Gaisberg. — Ele não é perfeito, mas é nossa única chance. Esta gente nos jogaria nos braços de Bismarck sem pestanejar; seria fatal. Mesmo Franz-Josef seria melhor que isso.

Porque aquela era mais ou menos a linha de raciocínio de Daniel Goldberg e porque Karl von Gaisberg era um sujeito animado, barulhento e parecia ser honesto e despreocupado, do tipo que Jim gostava, Jim pediu mais duas canecas de cerveja; e enquanto comia suas salsichas, Karl lhe explicou o que estava por trás de seu argumento.

— Quem é esse Leopold que ele mencionou uma ou duas vezes? — perguntou Jim.

— Príncipe Leopold. O filho mais velho do rei...

— Achei que fosse Wilhelm, o príncipe herdeiro, o que foi assassinado...

— Leopold era o filho mais velho. Também já morreu, muitos anos atrás. Mas há um mistério envolvendo a morte dele. Um escândalo que foi abafado. Ninguém mais fala dele, como se quisessem esquecê-lo. Glatz e sua turma acreditam na ideia de que Leopold foi uma espécie de líder, sabe, traído por covardes e traidores... É um bom estratagema; não precisam encarar a realidade.

O orador que espumava pela boca havia alcançado o auge de seu frenesi, agora que tinha a atenção de quase todos os presentes. Jim ouviu com atenção, tentando compreender o que ele dizia, mas seus estridentes gritos dificultavam a compreensão.

E então alguém gritou:

— Mas você não quer um rei razkaviano! Quer um fantoche alemão!

— Isto é mentira! — guinchou Glatz. — Quero um razkaviano puro da Família

Real! Um que esteja à altura de Walter von Eschten, não este príncipe frouxo e sua meretriz inglesa!

Tais palavras caíram em silêncio. Mesmo a banda cessou de tocar. Todos se calaram; e então Jim pôs o prato de lado e se levantou.

Começou a retirar o paletó. Karl von Gaisberg sussurrou:

— Aquiete-se, seu inglês maluco! Glatz é um excelente espadachim... Vai lhe furar todo...

Jim sentiu uma fagulha de vaidade ao reparar que todos os olhos se voltaram para ele e simultaneamente xingou a si mesmo pela maluquice: estava ali para espionar, e não para bancar o D'Artagnan.

— O que quer? — zombou Glatz, notando, pelas roupas de Jim, que ele não era um nativo. — Isto não lhe diz respeito. Você é estrangeiro. Mantenha-se fora das discussões razkavianas.

— Equivoca-se — disse Jim. — Em primeiro lugar, o senhor acabou de falar algo sobre uma dama inglesa que merece uma resposta. Em segundo lugar, mesmo que eu seja um estrangeiro, sou o homem de confiança do príncipe Rudolf. Sendo assim, se os cavalheiros presentes aceitarem meu auxílio, ficarei feliz em ajudar.

Ao dobrar as mangas da camisa, Jim ouviu o ruído de aclamação e murros na mesa vindos do grupo com uniforme verde e amarelo, bem como assovios e vaías do bando de vermelho e preto. Pelo canto dos olhos, observou a banda guardar às pressas seus instrumentos e parecia que a diversão estava prestes a começar. E então Glatz se debruçou sobre a mesa e esbofeteou Jim.

Em uma fração de segundos, Jim pôde visualizar a sequência de acontecimentos que estava por vir: o desafio formal, o apoio, a escolha das armas, os médicos... Não foi a primeira vez que ele agradeceu a Deus por não ter nascido um cavalheiro. Lançou um murro certo no nariz de Glatz.

O rapaz desabou como um tronco de árvore, e aí começou a maior confusão de todos os tempos, pelo menos desde a noite que Jim fora expulso do Rosa e Coroa após uma disputa por dois mil guinés. Mesas foram viradas, bancos quebrados, canecas de cerveja voaram como balas de canhão. Esses razkavianos eram bons de briga, e Jim notou pela fúria que se propagava no apertado porão que um sentimento feio e impulsivo se acumulara ao longo de muito tempo. Jim poderia ter se dado mal, mas sendo um malandro nato e cria do submundo, sempre ganhava pontos de vantagem sobre os cavalheiros mais bem treinados. E deixou os três primeiros “preto e vermelho” no chão em menos de um minuto. Em seguida, virou-se em busca do próximo lote.

Avistou Glatz, nariz sangrando, atacando um grupo “verde e amarelo” já caído no chão. Jim deu um chute nas pernas do sujeito e estava prestes a dar-lhe uma nova lição quando ouviu algo muito familiar. A polícia produzia os mesmos sons mundo

afora: botas pesadas, apitos, batidas na porta. E a melhor forma de lidar com eles era desaparecendo na mesma hora. Agarrou seu paletó, pegou von Gaisberg pelo braço e o puxou para a cozinha. A atendente alta e forte saiu do caminho como se fosse uma pulga, e pouco depois eles estavam num escuro jardim, em seguida num beco, e finalmente numa espécie de parque com cerejeiras ornamentais, onde se deixaram desabar sobre um banco. Karl gargalhava descontroladamente.

— Viu a cara do Glatz quando você o golpeou? Ele estava incrédulo! E Scheiber, quando ele pulou na beirada do banco e a outra ponta levantou e acertou o queixo de Vranitzky... Maravilhoso! Bem, sr. Taylor — ele prosseguiu —, seja lá quem for, é um bom lutador. Mas o que faz? E qual é o seu interesse no príncipe Rudolf?

Jim limpou o sangue na ferida reaberta da mão. A lua brilhava o bastante para iluminar os cachos e os olhos azuis do estudante, os rasgos deixados na túnica e uma das platinas solta no ombro. Ouvia-se um burburinho do tráfego nas ruas da capital ao redor deles, e do outro lado do rio, brilhando como estanho, estava a grande Rocha imponente com a *Adlerfahne* nela pendurada, fixa sob as estrelas. Jim se decidiu.

— Está bem. Vou lhe contar — disse. — Tudo começou em Londres, dez anos atrás...

Ele contou tudo a von Gaisberg, desde a primeira vez que Adelaide apareceu como uma pequena e assustada sombra, com o cheiro da estalagem Holland entranhado nela, até o momento em que o rei a aceitou como nora na noite anterior, cujos detalhes ficou sabendo por Becky.

O estudante estava boquiaberto. Quando Jim acabou de falar, Karl deu um tapa em seu joelho, recostou-se no banco e deu um longo assobio.

— Não preciso lhe dizer do risco que estou correndo — comentou Jim — por ter lhe contado tudo isso. Mas vi como você luta e não acho que irá prejudicar o príncipe. Haverá todo tipo de rumores, e Glatz já tratou de espalhar alguns. E o pior é que alguns são verdadeiros. Ela *realmente* vem do pior dos buracos de Londres. Mal sabe ler e escrever. Ao mesmo tempo, é destemida e forte, é calorosa, inteligente e sagaz e lutará pelo príncipe até cair.

“Esta é sua princesa e estou aqui para servi-la. Posso contar com você?”

Sem um segundo de hesitação, Karl von Gaisberg ergueu a mão e prometeu reunir todo o *Richterbund*, nome que levava o grupamento verde e amarelo, em defesa do príncipe e da princesa.

— Farei com que você cumpra sua promessa — disse Jim, quando o relógio da catedral badalou a meia-noite. Foi então que percebeu que quase todas as excelentes salsichas e boa parte da cerveja haviam sido utilizadas como mísseis antes que ele tivesse tido tempo de consumi-las. Estava faminto. As brigas costumavam lhe abrir o apetite. Em Londres, iria a uma tenda de café ao longo da Smithfield, onde as

casas de assado ficavam abertas até altas horas. Mas ele não conhecia Eschtenburg, e quando perguntou a Karl sobre um lugar para comer, o rapaz abanou cabeça.

— Aqui, temos o costume de ir cedo para a cama — disse. — Não importa. Venha comigo. Tenho um pouco de pão e queijo e uma garrafa de alguma coisa no meu quarto, lá no dormitório da universidade...

Chegando ao edifício, subiram quatro lances de escada até o quarto de Karl, com uma vista esplêndida da quadra da universidade. Da janela, Karl lhe assegurou que, caso se inclinasse para a esquerda, na ponta dos pés no parapeito, veria a bela paisagem dos bosques montanhosos do norte. Jim preferiu acreditar na palavra do estudante. Sob a luz de velas, comeram um pão velho, um queijo ainda mais seco e beberam um conhaque de ameixa; enquanto Karl lhe falava sobre a política razkaviana, duelos, bebidas, e da seriedade de ser um estudante, os dois iam se tornando verdadeiros amigos.

Na manhã seguinte, Jim conversou particularmente com o príncipe e lhe contou sobre a briga na taberna.

— O fato é, senhor, que as pessoas já estão sabendo do seu casamento. A princesa precisa ser apresentada publicamente. Quanto mais tempo for mantida escondida, mais rumores surgirão, piorando sua situação. Não teria como conversar com sua majestade e sugerir-lhe algum tipo de anúncio? Quem sabe uma missa na catedral?

— É um momento muito difícil... A corte ainda está de luto pela morte de meu irmão e de sua esposa... Taylor, quem está matando a todos nós?

— É o que estou tentando descobrir, senhor. Não acredito que Glatz e seus seguidores sejam motivo de preocupação. Mas eles são um sintoma, entende? Estou mais interessado na mulher.

— Mulher? Que mulher?

— A espiã que estava em seu jardim naquela noite.

— Uma *mulher*?

— Eu não tinha certeza, mas depois que os guardiões irlandeses me contaram da perseguição até o teatro e de como uma atriz os despistou, percebi como ela podia ter feito isso... Nada lhe perguntei sobre isso ainda, senhor, e não voltarei a perguntar, mas o senhor já esteve envolvido com alguma atriz antes? Alguém que queira se vingar por algum motivo?

O príncipe estava tão evidentemente surpreso que Jim acreditou em sua negativa de imediato.

— Mas terá que anunciar o quanto antes seu casamento — disse. — Estando de luto ou não, é a única forma de manter o povo do seu lado.

Outra coisa incomodava Jim: o príncipe morto Leopold. Houve tributos intermináveis ao príncipe herdeiro Wilhelm e sua princesa, artigos de jornal

elogiando a diligência dele e a beleza dela; fotos e pinturas do casal à venda; artigos sobre as buscas dos covardes assassinos, que, dependendo do jornal lido, haviam sido encontrados em Bruxelas ou São Petersburgo, ou Budapeste, mas que acabaram conseguindo escapar. Havia um excesso de príncipe Wilhelm; mas sobre seu irmão mais velho, o primogênito do rei, nem uma palavra. Era como se ele houvesse sido expurgado da história.

Além disso, Jim sentia que sempre que perguntava sobre ele as respostas eram gélidas: um franzir de testa, suspiros contidos. Até mesmo o conde Thalgau relutou em falar sobre o príncipe Leopold.

— Isso faz muito tempo — retrucou. — Não faz sentido rememorar antigos escândalos. O príncipe está morto; nosso trabalho é proteger este que está vivo. Onde conseguiu este olho roxo, meu rapaz?

Jim contou ao conde sobre a briga na taberna e o velho homem riu com satisfação, batendo o punho na palma da mão.

— Caramba! — exclamou. — Adoraria estar lá! É este o tipo de espírito de que precisamos ao redor do palácio: jovens como o seu von Gaisberg. Conheci o pai dele, sabe. Em mais de uma ocasião nos embebedamos juntos.

— Andei pensando — disse Jim — que talvez pudéssemos organizar uma espécie de guarda particular, com a ajuda dos Richterbund. Um tipo de segurança extraoficial, disfarçada, para o príncipe e a princesa.

— Excelente ideia. Mas não conte a Gödel, seja lá o que pretenda fazer. Ele o proibiria na mesma hora. Quem me dera voltar a ser jovem, Taylor. Eu me juntaria a vocês nesta guarda particular num piscar de olhos...

Jim estava se apegando a este velho e barulhento guerreiro; havia muita sagacidade por detrás da jactância, e um coração bondoso sob a ferocidade. O conde não era um homem de posses, ou pelo menos era o que supunha Jim: as propriedades da família haviam definhado, e ele vivia apenas do salário de embaixador, o que era incomum em sua posição. Permanecera com o príncipe Rudolf desde o retorno à Razkavia, não apenas porque a condessa estava ensinando à Adelaide os protocolos da corte, mas também porque Rudolf havia lhe oferecido uma posição em sua equipe.

Entretanto, ficou claro que o conde não falaria sobre o príncipe Leopold, e Jim foi procurar a informação em outro lugar. Ao longo da semana, fez descobertas numa parte do palácio que ainda não havia visitado: a Galeria de Pinturas.

Lá passou meia hora contemplando representações de antigas batalhas esquecidas e cenas mitológicas incompreensíveis, nus rechonchudos e heróis musculosos com gestos exagerados que seriam perfeitos no palco do Teatro Victoria, em Lambeth, onde o público gostava de emoções fortes. Também havia retratos dos monarcas do passado: um do pobre louco rei Michael com sua noiva cisne, que deixou Jim

boquiaberto. E bem no alto, no canto mais escuro da galeria, a pintura de um jovem vestido de uniforme de coronel hussardo que se parecia muito com Rudolf. A semelhança era tanta que Jim soltou uma exclamação abafada, ouvida pelo velho curador, que selecionava águas-tintas sobre uma mesa mais adiante.

O velho se aproximou para ver o que Jim olhava.

— Trata-se do falecido príncipe Leopold — disse ele numa voz baixa. — Este certamente não é um exemplo insignificante da obra do grande Winterhalter. Gostaria de examinar a pintura mais de perto?

Ele puxou uma escada de mogno de um pequeno vão e Jim a subiu para ver melhor a semelhança entre o príncipe Rudolf e seu irmão morto. Olhando bem, não eram tão parecidos assim. Enquanto a expressão de Rudolf era sonhadora, a de Leopold era de fraqueza, e provavelmente devia ter sido ainda mais frágil na vida real, pois sem dúvida o grande Winterhalter havia favorecido o dono do quadro encomendado. Havia uma sugestão de persistente petulância na curva dos lábios, uma curiosa pálpebra caída que parecia preceder uma piscadela furtiva. Mas era um homem bonito, por assim dizer, e sem dúvida tinha recebido elogios pela covinha do queixo.

— O que aconteceu ao príncipe Leopold? — Jim perguntou.

O velho curador deu um suspiro judicioso e olhou cautelosamente por sob o ombro. Talvez essa fosse a primeira vez que lhe falavam em meses, ou talvez fosse mesmo um fofoqueiro. Jim desceu as escadas para que o outro lhe falasse com privacidade.

— O fato é que ele arranjou um casamento dos mais *infelizes*. Uma atriz, creio que espanhola; não poderia ter sido mais inapropriado. O rei Wilhelm ficou furioso. A mulher foi banida imediatamente; acredito que tratada com desprezo. Com crueldade até, dizem alguns. O que aconteceu depois eu não sei. Leopold era o príncipe herdeiro; mas houve um acidente enquanto caçava e ele morreu. O caso foi esquecido. O irmão mais jovem era *bem* mais comportado. Pobre príncipe Wilhelm. Por isso, quando o príncipe Rudolf... mas não preciso expor a questão.

Foi como se uma porta se abrisse para Jim. Todos na corte, do rei aos criados, certamente haviam feito um paralelo entre os irmãos: primeiro Leopold e agora Rudolf num casamento com mulheres de classes sociais bem abaixo da deles.

E aí lhe veio outra revelação: a espiã! A mulher no teatro Alhambra...

— Ora, ora, obrigado por seu relato. Sou-lhe muito grato.

Deu uma última olhada em Leopold, fixando aquele ser belo e frágil na memória. Não era de surpreender que evitassem falar sobre ele; mas que outros segredos se escondiam no palácio?

O velho rei passou um valioso tempo em companhia de Adelaide. Becky, que era a sombra da princesa aonde quer que ela fosse, observava e fazia conjecturas,

enquanto o rei passeava pelo terraço segurando Adelaide pelo braço em meio à luz da manhã ou se sentava ao lado dela no pequeno veículo, puxado por cachorros, pelos caminhos de cascalho. O rei parecia estar tentando reparar a hostilidade com que recebera Adelaide. Ou talvez estivesse simplesmente afeiçoando-se a ela. Ele fazia questão dela por perto em todos os eventos.

Na segunda semana de Adelaide em Razkavia, ele concordou que chegara o momento de fazer um anúncio formal.

Convidou todos os líderes políticos, clérigos e senhores de terras — todos os cidadãos proeminentes de Razkavia, assim como os embaixadores — para uma recepção no palácio a ser realizada na noite seguinte.

Como a cidade já estava contagiada por rumores, a curiosidade era enorme, e quando a noite chegou, o salão de festas do Palácio estava abarrotado. Vestido de gala, Jim observava tudo de um dos cantos do salão, com uma pistola no bolso, pois aquela era uma ocasião estranha; a corte ainda estava de luto, mas havia uma corrente de excitação e expectativa, e quando a Família Real adentrou o ambiente, cada par de olhos presente fixou-se de imediato na pálida e bela figura de Adelaide, em seu elegante vestido preto, ao lado do príncipe e pouco atrás do rei.

Becky, a um metro de distância, notou o mar de olhares que acompanhou a princesa e se afligiu por Adelaide.

O velho rei caminhava sem auxílio, embora todos notassem o esforço que isso lhe custava. Ficou de pé sobre um estrado acarpetado e falou em alto e bom tom, sem, no entanto, conseguir disfarçar o tremor na voz:

— Meus caros razkavianos! Caros convidados! Num momento de luto, uma reunião como esta pode parecer incomum, para não dizer inapropriada; mas estamos vivendo tempos mais do que incomuns. Habitamos um mundo ansioso; grandes mudanças ocorrem no exterior, aceleradas e impressionantes descobertas na ciência e na indústria acontecem para além de nossas fronteiras. Apesar das mudanças, três elementos se mantêm firmes: a Rocha de Eschtenburg, a Águia Escarlata e a sagrada união da família.

“Meu querido filho Wilhelm foi arrancado de nós. Mas meu filho Rudolf retoma em seguida a posição de herdeiro. E ele trouxe, em meio a este momento de profunda dor para todos, uma grande alegria, que desejo compartilhar com os senhores e senhoras. Estamos numa era moderna, e as circunstâncias mudam tão rapidamente que precisamos correr para acompanhá-las. Precisamos voar como uma águia. Como a Águia Escarlata!

“Por isso, meu povo, meus amigos, quero anunciar algo que lhes trará alegria. Meu filho Rudolf se casou. Foi uma cerimônia singela e nossa triste perda fez com que qualquer comemoração pública fosse inapropriada, mas nossa alegria, agora de conhecimento de todos, é ilimitada. Adelaide...”

Becky estava bem atrás de Adelaide, interpretando a fala do rei em voz baixa. Até então havia sido um discurso de fácil tradução, mas agora vinha a parte difícil, pois o velho homem fazia um complicado jogo de palavras com o nome de Adelaide. *Adel* em alemão significava nobreza, e Becky precisou explicar isso a Adelaide.

— Ele está dizendo que a origem de nascença não tem importância quando se *Adel des Herzens*, isto é, quando se tem um coração nobre, e agora ele está falando novamente sobre a águia, a Adler, e dizendo que você é *adlig*, isto é, nobre... e... Dê um passo adiante, rápido!

Pois o rei agora estendia a mão trêmula. Adelaide lançou um rápido porém aflito e impaciente olhar para Becky, que por sua vez se sentiu impotente, e em seguida olhou para o velho homem com afeição tão sincera que era possível se perceber do ponto mais longínquo do salão. Ela deu um passo, parando ao lado dele, e um assessor entregou ao rei um enfeite em uma fita.

— Princesa Adelaide — ele disse, colocando o adorno ao redor do pescoço dela.

Naquele instante ela se tornava oficialmente princesa, reconhecida como tal pelo próprio rei. E ninguém poderia argumentar contra isso. Minutos depois ela e o príncipe (e Becky), estavam no centro de uma roda recebendo os cumprimentos e Becky, ocupadíssima, traduzia as palavras dos convidados e as respostas de Adelaide.

Um dos primeiros a cumprimentá-la foi o embaixador da Inglaterra, sir Charles Dawson, um militar de costeletas grisalhas que lhe falou em alemão. Quando ela respondeu em seu inglês *cockney*, com entonação típica de uma operária londrina, ele quase engoliu os óculos.

— Sou londrina, sir Charles. Posso falar em inglês assim como o senhor. Prazer em conhecê-lo.

— Eu... minha nossa... eu... mas não pode... eu... meu Deus! Uma... é... uma inglesa... um... por Deus! Ha! Humpf! Sim, o prazer é meu!

O pobre idiota devia ser o único em toda Eschtenburg que ainda não havia escutado os rumores sobre Adelaide, pensou Becky. Mais uma prova da eficiência do Corpo Diplomático Britânico.

Ele se afastou ainda balbuciando incoerências e pouco depois um gigante apareceu defronte deles, bateu os tacos dos sapatos, fez uma reverência e beijou a mão de Adelaide.

O cabelo preto estava todo escovado para o alto e o bigode era tão pontudo que Becky achou que seria mais seguro se ele colocasse duas rolhas em cada extremidade antes de beijar as pessoas. Os olhos escuros do grande homem brilhavam intensamente.

— Conde Otto von Schwartzberg — murmurou um assessor.

O famoso caçador! A primeira reação de Becky foi sentir pena do pobre animal

que se deparasse com ele, fosse lobo, alce ou mastodonte. Intrigada, olhou para as mãos assassinas de ursos. Nunca havia visto mãos tão grandes e com tantas cicatrizes.

— Prima! — ladrou ele para Adelaide. — É uma honra recebê-la em Razkavia.

Ele ignorou o príncipe solenemente. Adelaide puxou sua mão com tranquilidade.

— Obrigada, conde Otto. Ouvi falar de seus feitos como caçador. Gostaria de conhecer mais sobre os pássaros e animais da floresta. Se é que sobrou algum — disse ela, acrescentando para Becky. — Não traduza a última frase.

Conde Otto olhou-a de cima a baixo e então deu uma gargalhada.

— Eis uma pintassilga inglesa! — bramou, e embora em qualquer pessoa um pouco menor aquele volume de voz soasse insuportável, nele parecia muito natural. Interiores não eram ambientes para ele, e esse era o problema; Becky imaginou que ele seria uma agradável companhia se estivessem do outro lado do vale. O príncipe parecia desconfortável, mas Adelaide não havia terminado.

— Já matou um pintassilgo com sua balestra, conde Otto?

— Oh, não se matam pintassilgos com balestra! Usam-se armadilhas para aprisioná-los e depois eles ficam em belas gaiolas.

— Então deve ter me confundido com outro pássaro — disse Adelaide. — Pássaros ingleses não ficam em gaiolas. Tampouco é possível caçar águias com armadilhas.

Após Becky terminar de traduzir a frase, Adelaide o observou com arrogância. O príncipe olhava para outro lugar, conversando com o arcebispo, mas Jim estava próximo, assim como o rei, ouvindo a conversa com atenção, e terminada a tradução, o velho monarca gargalhou tão alto que ela achou que ele fosse engasgar.

Conde Otto sorriu como um pirata. Os dentes brancos reluziram sob o bigode.

— Ainda tem muitos convidados com quem conversar, princesa — disse ele. — Boa noite, prima.

Curvou-se novamente e se virou.

A noite transcorreu como esperada, com uma contínua corrente de pessoas a serem apresentadas, a quem dizer palavras simpáticas e sorrir. Após os cumprimentos a todos os nobres e embaixadores, chegou a vez dos escalões mais baixos: os oficiais e políticos, aqueles que verdadeiramente governavam o país. Um por um, eles se aproximaram, se curvaram, disseram algumas palavras cordiais e se retiraram. Becky começava a ficar tonta; a cabeça girava, os pés doíam, a garganta estava seca — por um bom tempo, enquanto todos os demais contribuíam com metade da conversa, ela precisava retransmitir a conversa toda, nas duas direções. No fim, precisou reprimir um vestígio de histeria que começava a suprimir-lhe o peito, enquanto as reluzentes figuras sorriam radiantes, batiam os tacos dos sapatos e curvavam-se, uma após a outra: Herr Schnickenbinder, o prefeito de Andersbad, Herr

Rumpelwurst, o inspetor de Water Purity, Herr Knorpelsack, o diretor dos serviços postais...

Certamente, esses nomes não eram reais, eram? Ela devia estar inventando-os. Acabaria causando um incidente diplomático. Seria dispensada, presa, morta. Precisava acertar a visão, sacudir a cabeça, concentrar-se.

Quem supervisionava tudo, realizando a maioria das apresentações, atento a todas as conversas, era o camareiro, barão Gödel. Becky sabia quem ele era e o temia sem entender por quê. Quando o fim da noite se aproximou, num momento em que Becky não estava sendo requisitada, pois Adelaide conversava em voz baixa com Rudolf, Gödel chamou Becky com o dedo. O coração da moça acelerou.

Ele a levou para um dos cantos do salão e se inclinou para perto dela. Becky sentiu o cheiro da água-de-colônia dele, da brilhantina no cabelo, da bala de açúcar com essência de violeta no hálito.

— Está falando alto demais — disse ele em seu tom suave e ronronante. — Não é assim que uma intérprete deve se comportar. Precisa falar com mais modéstia. Além disso, não deve encarar os convidados de forma rude. Há uma insolência na senhorita que é das mais desagradáveis. Está quase se esquecendo de qual é o seu lugar. Se isso acontecer, vai perdê-lo.

Becky precisava olhar para as pessoas para entender o sentido que tentavam passar em suas palavras, e a própria Adelaide havia pedido que ela falasse mais alto. Mas não havia por que perder tempo argumentando com o camareiro: a única coisa que queria era ficar bem longe dele.

— Muito bem, senhor — disse e sorriu docilmente, quando ele a dispensou. Jim, que a observava de perto, piscou para ela rapidamente.

E a noite passou, e Adelaide foi formalmente apresentada como a princesa do reino.

Nesta noite, o rei morreu.

WHIRLPOOL

Menos de dez minutos depois de o criado particular do rei entrar no aposento real, às sete da manhã, com café numa cafeteira de prata, todo o palácio já sabia da morte do rei Wilhelm. Jim, ansioso pelo café da manhã, barbeava-se e se vestia quando um laçao bateu à porta e lhe informou que ele era esperado de imediato nos aposentos do conde Thalgau.

Jim desceu as escadas às pressas e encontrou o conde vestindo um peitilho com o auxílio de um criado, e bastou ver a expressão no rosto do velho homem para saber do ocorrido.

— Sua majestade morreu?

— Sua majestade vive — disse o conde, olhando para Jim, com seu bigode eriçado, enquanto o pajem ajeitava a roupa na altura do ombro de seu senhor. — O rei Wilhelm faleceu dormindo. Agora precisamos pensar rapidamente como melhor poderemos aconselhar e proteger o rei Rudolf. Ai, basta homem, pode ir, termino isso sozinho — disse ao pajem, que se curvou e saiu.

Jim havia planejado contar ao conde da descoberta que fizera sobre o príncipe Leopold e lhe pedir mais informações a respeito da atriz espanhola, mas aquele não era o momento. Agora o conde esticava o queixo de frente para o espelho, ajeitando o peitilho.

— Pronto — disse ele após dar o último nó e pegando sua escova de cabelo de prata. — Agora, escute. Sua majestade ainda não assumiu. E terá muita dificuldade em enfrentar Gödel e fazer as mudanças necessárias dentro do palácio. Ele não pode dispensar o homem, é uma posição hereditária. E, francamente, o príncipe não é

maduro o suficiente para tomar algumas decisões, por isso precisaremos ajudá-lo. Ele deseja ver-me em cinco minutos e a você, em dez. No salão verde. Vou encorajá-lo a lhe oferecer uma posição de maior responsabilidade, e Gödel irá se opor, mas se o rei se mantiver firme, o camareiro terá que acatar. O que você precisa agora é ser paciente e segurar a língua até que tudo esteja definido, entendeu?

— Entendi. Conde, o barão Gödel está por trás do assassinato do príncipe Wilhelm?

— *O quê?*

— Está?

— Claro que não! Tal ideia é absurda. Ele é um sujeito profundamente irritante, mas um leal servo da coroa. Não perca seu tempo com especulações desse tipo, por Deus. Dez minutos... oito minutos, agora. Não se atrase.

Jim levou a mão ao queixo, pensativo, e foi caminhando pelo corredor do jardim em direção ao salão verde, onde os assuntos relacionados ao palácio eram tratados.

A porta do salão abriu-se pontualmente e um sombrio oficial o deixou entrar. O salão era carregado de móveis de plush com abundantes franjas; o ambiente exibia uma suntuosidade pesada, desde a exagerada forma da mesa de trabalho aos pés das cadeiras que começavam volumosos e terminavam estreitos.

O rei Rudolf estava sentado atrás da mesa, vestido com um uniforme. Jim se curvou. Do lado direito do rei estava o conde e do lado esquerdo, o barão Gödel.

— Obrigado por ter vindo, Taylor — disse o novo rei. Ele estava pálido e parecia perdido, sua voz era baixa como se ele não houvesse recuperado o fôlego.

Gödel disse suavemente:

— Herr Taylor, Sua Majestade me informou que tinha em mente promovê-lo a uma posição mais alta na Corte. Serei bem franco com o senhor: eu o aconselhei do contrário. Nada sabemos sobre o senhor, exceto que é extremamente jovem, tem gosto por companhias não ortodoxas e que não tem nenhuma ligação com nosso país. Está aqui, pelo que me parece, como um mercenário. Caso o inimigo lhe ofereça um soldo mais alto para trair o rei, como teríamos certeza de que o senhor resistiria? Se fosse um razkaviano, nascido sob as asas da Águia Escarlate, confiaríamos sem questionamentos. Mas um estrangeiro...

Rudolf estremeceu; seu julgamento estava sendo questionado. O conde Thalgau tinha expressão de alerta, mas o coração de Jim havia disparado de raiva.

— É verdade — disse. — Sou um estrangeiro. Também assumo a culpa por outros defeitos: sim, sou jovem. Não nasci em berço de ouro. Desfruto da companhia de trapaceiros, artistas e vagabundos. Quanto à acusação de mercenário, admito que, quando abordei sua majestade pela primeira vez, foi para oferecer meus serviços de detetive particular. Nós selamos um acordo com um cumprimento de mãos e isso foi o bastante para mim, porque não sou apenas um estrangeiro, sou

inglês, e lhe agradeço por se lembrar disso. Não me corrompo com agrados nem me intimido com ameaças, e não me deixarei comprar por ouro. Minha lealdade é única e exclusivamente ao rei e à rainha, por toda minha vida, e que Deus proteja o homem ou a mulher que duvidar dela.

O conde se segurava para não falar e o rei parecia aflito, mas, por instantes, um sorriso de gratidão surgiu em seu rosto. Então olhou nervosamente de relance para Gödel.

O camareiro curvou-se levemente.

— Obviamente, eu posso apenas aconselhá-lo — disse ele a Rudolf. — Se é este o seu desejo, sem dúvida poderemos providenciar um posto qualquer para Herr Taylor; talvez um no cerimonial fosse mais apropriado. Agora que o senhor é o rei, seus empregados particulares estarão sob a administração do escritório do camareiro, logo, Herr Taylor deverá prestar contas a mim, assim como qualquer outro criado. Se desejar, posso providenciar isso.

— Muito bem — disse Rudolf em tom cansado. — Faça isso, barão.

Gödel sorriu e foi como óleo se espalhando em uma poça de água. Jim o ignorou e fez uma reverência ao rei.

— Minhas condolências pelo falecimento de seu pai — disse. — Prometo servi-lo e à sua majestade, a rainha, da melhor forma possível.

— Sei disso, Taylor, obrigado.

Jim se retirou. Do lado de fora do salão, deteve-se e sacudiu a cabeça.

Idiota, pensou. Complicou-se ainda mais, seu palhaço. Porque agora ele teria ainda menos liberdade: Gödel o manteria prisioneiro em alguma inútil rotina, quando ele deveria estar atrás da espanhola mascarada — se é que ela realmente existia e se é que era culpada.

Soltou um grunhido e chutou uma bola imaginária na direção das janelas, com uma explosão imaginária a estilhaçar os vidros. Então desceu para tomar o café da manhã.

Passou o restante da manhã observando os dignitários que apareceram para dar suas condolências ao rei e à rainha. O arcebispo foi um dos primeiros: um velho cadavérico e rabugento, pensou Jim, com rosto cinzento e ossudo sob o capuz preto. Em seguida, vieram os embaixadores, sendo que o alemão e o austro-húngaro chegaram precisamente na mesma hora, causando um doce problema protocolar ao camareiro: quem deveria anunciar primeiro? Mas camareiros eram pagos para resolver esse tipo de problema, e os dois embaixadores conversavam amigavelmente ao partirem; apesar de que, supôs Jim, *eles* eram pagos para isso. Entre as idas e vindas dos visitantes, a rotina do palácio seguiu-se inalterada: a prataria devia ser limpa, os cavalos precisavam ser alimentados e banhados, a guarda precisava ser trocada e o almoço, servido.

Às duas e meia, Jim foi chamado: a rainha solicitara sua presença. Ele a encontrou no escritório contemplando o jardim, por onde havia caminhado de braços dados com o falecido rei. Vestia preto, obviamente; de pé, junto ao beiral da janela, abanava seu pálido rosto com um leque, os olhos grandes e negros, úmidos pelas lágrimas...

Jim se recompôs e se curvou.

— Obrigada, condessa — disse Adelaide. — Por favor, deixe-nos a sós por cinco minutos.

A condessa Thalgau fez a reverência — agora era obrigada a fazê-lo — e se retirou como um iceberg. Becky também se retirava, mas Adelaide fez que não com a cabeça. Estava mais cansada que Adelaide; pálida, nariz róseo, parecia que estava ficando gripada.

— Precisa ficar, Becky — disse Adelaide sem mudar o tom de voz. — Deus sabe lá o que iam falar se eu ficasse sozinha com um homem. A não ser que fosse o arcebispo, aquele esqueleto com cheiro de mofo, é isso que ele é. Por onde andou, Jim?

Ela estava rouca e irritada. Jim já conhecia os sinais: a pequena Harriet, filha de Sally, ficava assim quando tinha febre e não conseguia dormir.

— Se vossa majestade me permite — disse ele —, *acho* que sei quem está por trás do assassinato do irmão de Rudolf e sua esposa. O rei alguma vez lhe falou sobre o irmão mais velho, príncipe Leopold?

Ela semicerrou os olhos. Mas não parecia zangada, apenas confusa. E balançou a cabeça negativamente.

— Não. Sei quem é, mas não gostam de falar dele aqui. Por quê?

Jim contou o que havia descoberto.

— Acabo de agir como um maldito imbecil — completou. — Praticamente me voluntariei para receber ordens do camareiro: o barão von Gárgula. Preciso sair daqui e esquadrinhar a cidade com Karl von Gaisberg e os Richterbund. Podemos falar normalmente, majestade? Pois do contrário...

— *Claro* — ela disse, com suavidade. — Se não, não vou aguentar. Mas só quando estivermos nós três. Porque daqui a pouco isso chega aos ouvidos... *deles*, dessa gente que nem o estudante maluco Glatz. E aí vão ter mais acusações contra o rei Rudolf, entende? Pobre homem, está atordoado. Nunca devia ser rei. Mas agora preciso ajudá-lo. E você, Jim, precisa me ajudar. Não vou sobreviver sem um pouquinho de fofoca, de vez em quando.

Ela se jogou numa cadeira. Tinha dois comportamentos distintos, e Jim os conhecia: um, sereno e gracioso, o outro, rude, preguiçoso e provocador. Ele amava os dois, mas especialmente o segundo, pois não se mostrava amiúde. Mas pensando agora, achava cada vez mais difícil diferenciá-los com exatidão. Pois no charme e na

graça de sua postura nobre, havia sempre um resquício de provocação enfiada; e em seus momentos mais rudes, ela nunca conseguia ocultar totalmente sua ternura envolvente... Ele podia passar horas pensando sobre isso.

— Terei que investigar com muita cautela — disse. — Não vou desistir. Tem alguma coisa errada que ainda não consegui decifrar... E o que vai acontecer de agora em diante?

— O funeral é terça — disse Adelaide. — Depois, tem duas semanas de luto, e depois é a coroação. Tiro de letra tudo isso. A condessa me diz o que tenho que fazer, onde tenho que ficar, e eu vou e faço. Mas é a política que não entendo...

— Deixe isso para o rei. É uma tarefa de homem, a política.

Ele disse isso para provocá-la, mas foi Becky quem respondeu. Também estava rouca.

— Não seja estúpido — disse. — Sua majestade está contando com Adelaide, não entende? O rei Wilhelm nunca o deixou ver os documentos do Estado. Ele foi príncipe herdeiro por menos de um mês. Nesses assuntos, ele é tão ignorante quanto qualquer um de nós e está recebendo tantos conselhos contraditórios que tem a cabeça zonzinha. Adelaide precisa ser sua melhor conselheira. Por isso, tudo o que você descobrir deve contar a ela.

A voz lhe falhou por completo.

— Viu? — disse a rainha. — É a Alemanha ou o outro lado, se não tomarem logo uma decisão vão ter que lutar, e se tomarem uma decisão vai ter guerra assim mesmo, porque quem sair perdendo vai reagir. E enquanto isso um assassino está solto por aí. Que diabos devo fazer, Jim?

Ele coçou a cabeça e então disse:

— Acho que eu perguntaria a Dan Goldberg, e acho que sei o que ele responderia. Ele diria “faça com que o povo fique do seu lado”. Saia e mostre o rosto o máximo que puder. Eles não a conhecem ainda e não estão muito seguros com Ru... com sua majestade, quero dizer. Tenho certeza que vão gostar de você, mas precisa dar a eles essa chance. E então, se houver conflitos, terão boa vontade com você e isso pode pesar na balança.

Jim então se voltou para Becky com ar sombrio.

— O que não posso esconder de vocês é que tudo isso pode ser bem perigoso. Mas o que posso prometer é que os Ritcherbund, os alunos da fraternidade com ombreiras verdes e amarelas, lembrem-se, estarão sempre por perto aonde quer que vocês forem. Vocês podem não vê-los, mas eles estarão lá. Por isso, saiam e encontrem-se com o povo, mas estejam preparadas para o perigo. É este o meu conselho, se é que vale de algo.

Adelaide concordou com a cabeça.

— Obrigada, Jim.

Ele se retirou, enquanto Becky apanhava, exausta, o jogo de tabuleiro Halma.

Becky, que escrevia duas vezes por semana para a mãe, cada vez liberava mais informação sobre sua viagem. Escreveu a primeira parte do conselho de Jim, mas deixou a outra de fora; e encheu as cartas com os mínimos detalhes de seu dia a dia. Havia muito o que escrever; Becky descobrira que ser a melhor amiga de uma rainha era mil vezes mais difícil do que ser a professora e companheira de jogos de uma princesa. Em primeiro lugar, o tempo era muito mais curto. Cada minuto do dia parecia ter sido agendado antecipadamente por uma enorme máquina anônima planejadora do tempo, e as lições — sem falar no ludo e xadrez — tinham que se encaixar nos intervalos entre uma atividade e outra.

A rotina de Adelaide começava às sete da manhã, quando a criada lhe trazia uma bandeja com café e rosquinhas e lhe preparava a banheira. Então se vestia com as roupas selecionadas pela ama do guarda-roupas (uma francesa rechonchuda que ficou pálida ao ver o que Adelaide havia trazido na mala e convocou a presença imediata de um costureiro parisiense). Então, às nove e meia, um secretário aparecia com as respostas às cartas de condolências para Adelaide assinar (que ela firmava com a letra A e dizia majestosamente que era suficiente). Em seguida, uma ou duas visitas: uma delegação do Comitê de Damas para Ações de Caridade ou das esposas do chanceler e senadores da universidade, para fazer uma visita de cortesia.

E então o almoço, sempre com algum convidado enfadonho, na presença da condessa Thalgau, sempre a observá-la de perto; na parte da tarde, novo encontro com a condessa, para ensiná-la como uma rainha devia se comportar durante o funeral do rei; como cumprimentar chefes de Estado; quais talheres utilizar quando esturjão estivesse no menu... Adelaide se submetia a tudo com obstinada paciência.

Obviamente, durante todo este tempo o povo estava em cólicas para conhecê-la. A curiosidade era imensa, razão por que valia a pena receber todas as visitas que apareciam e tratá-las com gentileza; pensando no conselho que Jim lhe havia dado, Adelaide pediu à condessa Thalgau que providenciasse algumas visitas públicas: à catedral, a fim de inspecionar os últimos arranjos para o funeral do falecido rei; ao Labirinto da Rosa nos Jardins Espanhóis, à beira do rio, para inaugurar uma estátua; ao Hospital Fever, para a abertura de uma nova ala. Uns dois jornais criticaram Adelaide por tal comportamento; era indecoroso, disseram, que ela aparecesse tanto em público durante um momento de luto. As críticas, no entanto, foram ofuscadas pelo respeito que Adelaide estava conquistando. Quando parava em sua carruagem para comprar rosas de uma vendedora na rua e lhe agradecia com um sorriso, quando caminhava pela enfermaria do hospital e estendia a mão para os pacientes, quando levava lembranças para as crianças do orfanato, ganhava mais e mais corações.

Mais até que o próprio rei, na verdade. Ela irradiava uma doçura natural, simples,

sem afetação. Já Rudolf era tenso e introvertido em público. Quanto mais ele se esforçava, mais esquisito ficava. Becky morria de pena.

E Becky acompanhava Adelaide a todos os lugares. Sentava-se atrás dela na mesa, sentava-se de frente para a rainha na carruagem, posicionava-se atrás quando ela recebia visitas; e cada palavra dita ou ouvida por Adelaide era traduzida por Becky, exceto quando a rainha estava a sós com o marido. Com frequência, quando a paciência ou atenção de Adelaide parecia esmorecer, Becky respondia o que a rainha deveria ter dito, e então as respostas dos visitantes traduzidas para o inglês incluíam uma ou duas orações extras, do tipo (em tom dos mais diplomáticos) “Pare de fazer beijo, pelo amor de Deus” ou “Olhe os modos, sua mal-educada”, ou mesmo “Não consegue pensar em nada para dizer? Diga que estão fazendo um belo trabalho”.

Nunca soubera se a condessa Thalgau reparava no imprevisto, pois embora ela estivesse sempre presente, perto o suficiente para escutar tudo, e soubesse um pouco de inglês, nunca dava qualquer sinal de perceber nada.

Um dia, Becky descobriu. Estava sentada ao lado de Adelaide, no Salão Matinal, enquanto a condessa Thalgau dava lições sobre as ligações entre a realeza razkaviana e a europeia. Àquela altura, haviam desenvolvido um modelo de trabalho a três: a condessa fria e pedante, Adelaide fria e objetiva, e Becky, passando e repassando as perguntas e respostas, sentindo-se um tubo pneumático de uma enorme loja de departamentos por onde passavam contas e recibos, tamanho era o contato humano entre as duas.

Então alguém bateu à porta e o laçao anunciou a visita: o camareiro. Ele se desculpou de forma afetada e efusiva pela interrupção e então disse em inglês, ignorando Becky:

— Amanhã, vossa majestade, gostaria de lhe apresentar seu novo intérprete, o dr. Unger. Ele é professor da Universidade de Razkavia, graduado em Heidelberg e na Sorbonne, e um consultor respeitado do Ministro das Relações Exteriores de Razkavia. Ele irá substituir Fräulein Winter, que poderá retornar à sua família e aos seus estudos em Londres.

Becky arregalou os olhos, a condessa semicerrou os seus, os de Adelaide faiscaram.

— O quê? — perguntou ela.

— Agora que a senhora é a rainha e não mais uma princesa, naturalmente seria mais apropriado que uma pessoa mais qualificada a servisse. Nessas circunstâncias, acredito que desejará que Fräulein Winter seja bem recompensada por seus serviços, e sem dúvida poderíamos providenciar uma pequena condecoração. Mas...

— De quem foi essa ideia? — perguntou Adelaide. Suas narinas estavam alargadas e as bochechas coradas.

— Acharam que seria mais apropriado. Tenho certeza de que Fräulein Winter é muito talentosa, mas...

— *Acharam?* Quem achou? Pois eu não acho. Está me dizendo que foi ideia do rei?

— Sua majestade naturalmente está ansioso por lhe assegurar os melhores conselhos e assistência. O dr. Unger é um homem de grande...

Adelaide se levantou. Becky e a condessa também tiveram que levantar. Não foi o repentino movimento das três, mas a raiva e o desprezo estampados no rosto de Adelaide que fizeram com que o camareiro desse um passo atrás.

— Desejo ao dr. Unger todo o sucesso em sua carreira — Adelaide respondeu gelidamente. — Mas minha intérprete é Fräulein Winter. Ela e ninguém mais. E, além disso, eu decido quem vai me aconselhar. O senhor entendeu?

— Eu... naturalmente... eu...

— Tenha um bom dia.

— Talvez o dr. Unger pudesse auxiliar Fräulein Winter em...

Adelaide respirou fundo, mas antes que tivesse tempo de dizer qualquer coisa, a condessa Thalgau se pronunciou.

Para espanto de Becky, a senhora Thalgau respondeu prontamente falando em acelerado alemão:

— Barão Gödel! Não preciso recordá-lo de que o senhor está se dirigindo à rainha! Já ouviu sua resposta. Como ousa insistir com tamanha impertinência? Fräulein Winter exerce suas obrigações e muito mais do que suas obrigações com excelência e talento. Não posso imaginar nenhum homem capaz de fazer melhor. Agora, está tomando o tempo de sua majestade; por favor, siga seu caminho.

Becky estava boquiaberta. O camareiro fez uma leve reverência e se retirou. Momentos depois a lição foi encerrada como se nada tivesse acontecido. A condessa retomou seu comportamento habitual: fria, formal e seca; mas Becky passou a vê-la com outros olhos, com mais respeito e cautela.

Jim se encontrava com Karl von Gaisberg e o restante dos Richterbund sempre que conseguia escapar do palácio. Costumavam se encontrar no Café Florestan, uma pequena cafeteria ao lado da ponte Matthias, cujo proprietário era discreto e deixava pagar fiado. Uns dois dias antes da coroação, Jim levou Becky com ele, que raramente arranjava tempo para fugir das formalidades da corte e adorou poder passear pelas ruas movimentadas, como uma cidadã comum, despercebida.

Mas já no café, com uma caneca de chocolate quente e uma fatia de torta à sua frente, Becky notou que era objeto da atenção dos presentes. Os alunos de Richterbund disputavam entre si para ver quem a cumprimentava primeiro e tentavam disfarçar o rubor, o que era charmoso, desconcertante e embaraçoso, nessa ordem; e aí Karl von Gaisberg chegou. Jim os apresentou e foi então a vez de Becky

corar. Isto porque ele se curvou e beijou a mão dela formalmente, e porque, ao contrário do que ela suspeitara, ele não caçoava dela, e estava sendo verdadeiramente educado e sério, controlando a evidente timidez. E ela quase tinha rido dele! Não era de admirar que corasse.

— Alguma sorte, rapazes? — perguntou Jim.

— Passei por todos os hotéis — disse um dos estudantes. — Tinham muitos jornalistas. Consegui descobrir cinco mulheres que estão viajando sozinhas, mas três delas têm mais de 70 anos e as outras duas são irmãs enfermas que estavam em Andersbad para se tratar. Vieram assistir à coroação e depois voltam para o parque termal.

— Continue procurando. E quanto a você, Gustav?

— Andei folheando os arquivos dos jornais. Não há muito a respeito do casamento do príncipe Leopold, mas com certeza a censura deve ter proibido a publicação de qualquer matéria a respeito. Mas achei uma nota sobre a morte dele. Aparentemente, foi morto por um porco-do-mato num local de caça próximo a Ritterwald. A única testemunha foi um caçador que estava com ele, um velho criado da família chamado Busch. Acho que poderíamos tentar falar com ele, se ainda estiver vivo.

— Vale a pena tentar. Hans?

— Friedrich e eu arruinamos os planos de Glatz! Nós o ouvimos dizer que arruinaria a visita da rainha à Escola de Minas amanhã, então lhe dissemos que mudaram a programação e que a rainha iria ao conservatório. Vai perder tempo. Ele e seu bando de mal-amados não terão de quem zombar.

— Excelente! Agora, e os planos para a coroação? Karl?

Karl pigarreou e dirigiu um rápido e tímido olhar a Becky antes de descrever como pretendia proteger o trajeto que o rei faria. Minutos depois ele esquecia a timidez, falando com clareza e segurança, e Becky viu nele um líder, uma outra versão de Jim: mais resguardado, aparentemente menos inconstante e com certeza menos experiente, mas igualmente forte.

— O problema é que somos poucos — completou ele. — Conseguiremos reunir sessenta companheiros, no máximo 63. E, claro, nossa única arma são as espadas. Estamos autorizados a portá-las pelas regras da Fraternidade, mas ninguém tem pistola.

— Adoraria poder unir-me a vocês! — disse Becky.

— Sabe atirar? — perguntou um deles.

— Aposto que sim, se tentasse.

— Posso lhe ensinar — ofereceu outro. — Há pistolas bem delicadas à venda que cabem numa bolsa de mulher. Já vi uma dessas.

Becky o olhou com curiosidade.

— E o que o faz pensar que eu gostaria de algo delicado? Preferiria ser um pirata e atirar com um canhão. De qualquer forma, preciso estar com a rainha. Ela precisa de mim. Ficarei de olho em vocês.

— Espero que não precisem de nós — disse Karl. — Se precisarmos agir é porque deu tudo errado.

— Deixe disso — disse Jim. — Vocês têm dado o melhor de si. Vamos tomar uma cerveja. Mas não desistam de checar os hotéis e principalmente a estação de trem...

Mais tarde, no caminho de volta para o palácio, cruzando a ponte, Becky disse:

— Acha mesmo que haverá problemas na coroação?

— Acho. Gostaria de estar errado. Mas você parece estar gostando da ideia.

— Pareço?

— Toda esta conversa sobre canhões... Na verdade você tem uma personalidade que gosta do perigo, não tem?

— Não sei — disse ela honestamente. — Nunca tive a chance de descobrir. Mas tenho certeza de que lutaria se precisasse. Não iria desistir, vacilar, chorar nem desmaiar. Falam que mulheres não são corajosas, mas adoraria poder provar o contrário... pelo menos uma vez, quem sabe. Experimentar correr o risco de perder a vida e lutar sem medo de morrer. Não quero matar ninguém, apenas conhecer melhor meus limites. Nunca vou saber se não tentar.

— Não acho que as mulheres sejam menos corajosas que os homens, mas também, pudera, tive a oportunidade de conhecer Sally. A sra. Goldberg. Mas acho que confiaria em você numa briga.

— Por quê?

— Pressentimento. A propósito, você impressionou Karl von Gaisberg, sabia?

— Oh, é mesmo? Oh. É... Eles... parecem ser muito competentes. Os Richterbund...

— Não poderia ter encontrado grupo melhor. Principalmente o Karl... Às vezes me pergunto o que perdi, Becky, por não ter estudado. A vida parece ser muito boa na universidade, nas brigas, músicas, bebidas e assim por diante. Acho que quando tudo acabar talvez estude filosofia. Isso se conseguir aguentar o ritmo.

Mais tarde, depois de Becky já ter se retirado para o quarto, Jim foi perambular pelo palácio. Era uma noite clara, sem luar, e o jardim principal estava quieto e perfumado sob a miríade de estrelas. Caminhou pelo iluminado piso de cascalho ladeado pela escuridão, sonolento e se sentindo intoxicado pela beleza da noite, pensando em quão apaixonado estava por Adelaide, cuja janela podia avistar acima do terraço de pedra com colunas de mármore. Ficou ali parado por um instante e então saiu do jardim, em direção ao parque, onde a vegetação alta, em meio às árvores, se estendia até a distante floresta.

Distanciou-se do palácio, sem rumo, por uns vinte minutos. O silêncio era

absoluto. Sentiu-se o único ser humano na face da terra.

De repente, um som deixou Jim petrificado. Era o grito de um homem. Ecoou repentinamente e dissipou-se da mesma forma.

Jim nunca havia sentido tanto medo. Parecia que seus músculos haviam paralisado; por pouco não foi tomado pela náusea devido ao medo. Foi mais que um grito: foi um urro de pavor — um lamento de infinita dor. Agarrou com força a bengala que levava consigo, tentando manter a calma e se lembrar de qual direção viera o grito: de lá? Da floresta? Seria um animal noturno? Devia ignorar o som?

Não. Engoliu em seco e rumou na direção de onde viera o grito, de um conjunto de carvalhos, ao lado de um declive. Agachado e se sentindo melhor por estar em ação, ele chegou mais perto, ouvindo com todos os nervos, preparado para ser atacado por algo cruel: mas nada aconteceu. Jim se apoiou no primeiro tronco de carvalho e ficou parado à escuta. Nada ouviu.

Bateu com a bengala no tronco. Nada aconteceu.

Moveu-se por entre as árvores, olhos bem abertos, atento a todas as sombras. Nada se movia. As sombras eram nada mais que sombras. Não havia nada ali que lhe pudesse fazer mal. Somente o silêncio, a luz das estrelas e sombras.

Jim deu um longo e estremecido suspiro e decidiu que era hora de ir para a cama.

Na noite anterior à coroação, o palácio e a cidade estavam um rebuliço só, às voltas com os últimos preparativos. Nas cozinhas do palácio, os cozinheiros terminavam as torres de tortas e glacês que iam enfeitar a mesa do bufê da solenidade. Um escultor de figuras em gelo raspava atribulado um enorme bloco trazido de São Petersburgo que mantivera intacto desde o inverno. A escultura ia representar a catedral, mas se no dia fizesse calor e grande parte derretesse, o escultor rapidamente a transformaria num remedo da Rocha de Eschtenburg, acrescentando a linha do funicular e uma pequena bandeira.

Nos estábulos, os cavalos estavam sendo preparados para o grande dia, as crinas escovadas e os rabos trançados. Os veículos haviam sido encerados, lustrados, as rodas trocadas por novinhas em folha e os assentos recém-estofados com novas crinas de cavalos. Do lado de fora do palácio, as ruas estavam sendo varridas e limpas, as flores nos canteiros molhadas e aparadas, e todas as vidraças por onde passaria o cortejo, limpas até ficarem brilhando. Nas margens do lago Nenufar, no parque Stralitzky, um time de pirotécnicos armava os estopins e revolvía as rodas para a apresentação dos fogos de artifício. O coral estava sendo ensaiado na catedral. A orquestra da Ópera repassava as músicas que seriam tocadas no baile de coroação, que incluía, obviamente, a valsa de Johann Strauss, “O Jovem de Andersbad”. Os sentinelas de plantão do lado de fora do palácio batiam continência e seguravam suas armas ainda com mais vigor, enquanto a polícia razkaviana patrulhava as ruas, com suas costeletas e testas franzidas. Nos hotéis, hospedarias e

restaurantes, verificavam o estoque de cerveja, de vinho e de carne deveado. Nos bares e cafés, jornalistas e correspondentes de diferentes partes da Europa — e poucos da América — reuniam informações essenciais e detalhes locais para florear suas matérias, em conversas à base de boas doses de álcool.

Na sacristia da catedral, onde a bandeira estava sendo guardada desde a morte do velho rei (visto que o período entre a morte do monarca e a coroação era o único momento em que a bandeira não permanecia hasteada), as freiras de Santa Agatha, costureiras responsáveis pela bandeira, utilizavam as melhores agulhas e linhas remendando cada mínimo rasgo, furo ou mancha e reforçando as linhas já existentes, delineando a velha águia com viva seda escarlata e fixando novas borlas de ouro às bordas.

Enquanto isso, o rei e sua jovem rainha — o foco maior de todas as atenções — encontravam-se sentados defronte a um tabuleiro de jogo de crianças, rindo, batendo palmas e fazendo sons com a boca. Becky estava ao lado como se fosse uma amaseca dos dois.

O jogo chamava-se *Whirlpool*, e Adelaide e Becky já o jogavam quando o rei apareceu. De início, Adelaide quisera jogar xadrez, mas como Becky sempre perdia e Adelaide, que havia encontrado um livro sobre xadrez para iniciantes, cansou-se de jogar com perdedores, achou melhor tentar *Whirlpool*. O objetivo do jogo era ser o último a cair num vórtice. Logo, era preciso fazer números baixos com os dados e Adelaide estava trapaceando descaradamente: fingia deixar os dados caírem acidentalmente no chão e anunciava os menores números, contava para menos as casas que tinha que pular propositalmente e puxava papo com Becky para desconcentrá-la e em seguida insistia que era novamente a vez da amiga. Mesmo assim, teve que aceitar que seu pequeno barco de lata estava prestes a submergir no redemoinho bem antes do de Becky. E Adelaide ainda teve a ousadia de dizer que Becky devia estar trapaceando. Becky riu da amiga.

Adelaide estava a ponto de ter um ataque de pirraça — Becky já conhecia os sinais — quando bateram de leve à porta e o rei entrou.

Becky se curvou. Adelaide deu um salto e foi cumprimentá-lo. A amiga gostava mesmo dele, pensou Becky. Adelaide tinha grande capacidade de admirar as pessoas. Ela chamara Becky de irmã pelo menos umas duas vezes, surpreendendo-se em seguida tanto quanto a própria Becky e esforçando-se ao máximo para abafar a revelação de afeto com alguma atitude petulante. Por isso, Becky nunca se surpreendia com as revelações de afeto de Adelaide por Rudolf, embora mais parecesse o tipo de afeto que se tinha por um irmão, não pelo marido.

Becky fez menção de se retirar, mas o rei Rudolf disse:

— Não, srta. Winter, por favor, fique conosco. Estão jogando o quê?

— Praticamente já terminamos — disse Adelaide. — Jogue xadrez comigo, Rudi.

Becky pode ficar vendo e aprender uma nova jogada.

— Não, não. Gosto mais deste tipo de jogo. Posso jogar também?

Adelaide deu um sorriso triunfante: começaria tudo de novo, longe do redemoinho. Retirou as peças do tabuleiro e o rei se sentou com elas à mesa com toalha carmim, no confortável quarto, embora um pouco carregado na decoração. A escuridão crescia do lado de fora e os lampiões estavam acesos, a luz açafrão refletindo sobre a mesa, o tabuleiro muito colorido, os dados marfim, os navios miniaturas de ferro e as mãos deles: as do rei com seu anel de estadista, as de Adelaide delicadas e rosadas enquanto sacudiam os dados:

— Um e um! — disse animada, batendo palmas. — Vai dar tudo certo desta vez.

Moveu seu navio duas casas e o jogo começou.

Em um dos altos e belos edifícios da praça St. Stephens, em frente às escadarias da catedral, uma mulher tocava a campainha de um apartamento no quarto andar. O homem atrás dela carregava um grande baú de couro e uma sacola verde que parecia guardar um tripé.

Um criado abriu a porta. O dono da casa, um mercador de charutos, solteirão, chamado Alois Egger, não conhecia a senhora que disse chamar-se Señora Menendez, representante de uma importante revista de moda na Espanha. Seu parceiro era um fotógrafo. Por acaso Herr Egger sabia do enorme interesse que a ascensão da jovem e bela rainha havia causado em toda a Europa? Caso a Señora Menendez conseguisse detalhes de primeira mão e fotografias da princesa a ser coroada... E o apartamento tinha vista privilegiada das escadarias da catedral, não tinha?

Tinha, deveras. A varanda possuía uma das melhores vistas da cidade.

Herr Egger não era nenhum provinciano atrasado; era um homem de negócios cosmopolita, viajava a Amsterdã várias vezes ao ano; havia estado inclusive em Havana. Era um prazer fazer negócios com uma mulher moderna, agradável e charmosa como a Señora Menendez! Além disso, o recordava de certa noite em Cuba — a lua detrás das palmeiras — as doces notas de um violão — rosa vermelha, cabelos negros...

E o pagamento oferecido por ela era realmente muito generoso. Ficou acordado o seguinte: ele deixaria o apartamento no dia seguinte logo cedo e ela e o fotógrafo teriam acesso exclusivo à coroação. Ele sairia lucrando, as damas em Madri teriam sua reportagem de moda e, quem sabe, na noite seguinte, um jantar romântico, um passeio no Jardim Espanhol, a cidade *en fête*... E poderia reviver Havana mais uma vez.

Estava tudo pronto para a coroação.

A COROAÇÃO

Becky foi despertada pela criada às seis da manhã. E não conseguiu ficar na cama nem um minuto mais. Pôs-se de pé num pulo e foi para a janela olhar o parque e os telhados avermelhados da cidade, o verde intenso das montanhas ao longe, enquanto o sol banhava tudo com seu frescor e sua luz aperolada, que talvez seu conhecido Monsieur Pissarro fosse capaz de pintar, mas que Becky conseguia apenas contemplar.

E logo era a hora do banho, de vestir-se, comer, retornar correndo ao quarto, arrumar o cabelo com ajuda da criada, sapatos, chapéu, broche, bolsa... Ah, e onde estava a *carteira*? Precisaria de dinheiro? Haveria uma coleta durante a cerimônia? Passariam o prato durante a coroação? Certamente não; mas levaria umas moedas por precaução... Que horas eram? Já! Apresse-se, apresse-se.

Desceu correndo as escadarias e quase tropeçou no carpete do corredor oeste ao esbarrar em alguém. Era Jim. Com uma expressão furiosa, que não era para ela. Ele a levou até a pequena antessala, nos fundos da biblioteca.

— Escute — disse ele. — Não nos resta muito tempo.

— Eu sei! Preciso chegar ao Portão Oeste em *três minutos*!

— Feche a matraca e escute. Gödel inventou uma punição ridícula para mim e me obrigou a ficar no Palácio, maldito seja. Já consegui despistar o Sargento das Armas uma vez, mas se ele descobrir que fugi novamente serei preso e trancafiado. Vou tentar escapar daqui a pouco e me juntar a Karl e os outros. Tem algo de estranho no ar, Becky. Por Deus, se pelo menos eu pudesse...

Ele ficou estático e com os ouvidos em alerta, e na mesma hora saiu em disparada

para trás da pesada cortina. Becky fingiu estar com dificuldade com as luvas ao ouvir uma batida agressiva à porta e sua abrupta abertura.

Virou-se, fingindo surpresa ao se deparar com dois soldados.

— Perdoe-me, Fräulein — disse um deles —, mas a senhorita por acaso viu o inglês? Herr Taylor?

— Não, nesta manhã, não. Certamente, ele deve estar com sua majestade, não?

— Está desaparecido, Fräulein. Perdoe-nos por incomodá-la.

Eles se despediram e partiram. A esta hora Becky já deveria estar no Portão Oeste; iria atrasar todo mundo. O combinado era que ela iria à catedral acompanhada da condessa e do conde, pois Adelaide havia insistido que ela estivesse por perto.

— Jim? — disse, num sussurro aflito. — Tenho que ir!

— Veja se eles ainda estão no corredor — pediu ele, aparecendo por trás da cortina. — Faça um sinal com a cabeça se o caminho estiver livre. Lembre-se: os rapazes de amarelo e verde farão a segurança.

Ela abriu a porta. O corredor com tapete vermelho estava vazio e Becky olhou para trás e sussurrou antes de sair correndo:

— Está vazio.

Ela conseguiu chegar a tempo, aos tropeços, como uma comediante de farsa melodramática. Do interior da carruagem, o conde a fuzilou com os olhos. Becky notou que havia um quarto integrante no veículo e morreu de vergonha.

— Peço que me perdoem — disse, subindo na carruagem da forma menos feminina e educada possível. — No caminho para cá, o salto do sapato prendeu no carpete e tropecei.

O silêncio que se seguiu foi gélido. Becky tomou seu lugar ao lado do conde. O cavaleiro fechou a porta, o cocheiro segurou as rédeas e deu a partida, e o veículo foi aos poucos alcançando a carruagem real, que já cruzava os portões do palácio. Becky quis olhar para trás e ver a multidão na entrada do palácio, mas conteve-se, pois seria uma atitude rude, já que o conde estava nesse momento apresentando-a ao cavalheiro sentado defronte dela, um duque de uma linhagem qualquer, cujo nome ela não guardou. Sem saber como prestar uma reverência sentada, mas sentindo que esperavam dela gesto similar, curvou-se, mas de maneira nada elegante; o homem, muito educadamente, ergueu a cartola. O veículo diminuiu a velocidade após ter alcançado a carruagem real e então duas outras apareceram atrás deles. Pouco depois, uma barulhenta tropa de hussardos, lanceiros ou ulanos surgiu e passou trotando pela carruagem de Adelaide. Todos a olharam de rabo de olho sob os capacetes de pele.

Uma forte aclamação vibrava de cima dos terraços, assustando os pombos, e bandeiras agitavam-se de janelas, portas e sacadas. A distância entre o palácio e a

catedral não era grande, mas o condutor levou cerca de meia hora para concluir o trajeto: desceu o bulevar Cesky, passando pelo Arco Memorial, pelo parque Stralitzky, ao longo do rio Nenuphar, pelo Pavilhão-Grotto, construído pelo rei Michael em 1765 para sua noiva-cisne.

Durante todo o percurso, passaram por cidadãos agitando bandeiras, turistas erguendo seus chapéus, policiais rígidos batendo continência. De vez em quando, Becky tinha a impressão de avistar um jovem movimentando-se entre a multidão, com detalhes em verde e amarelo no ombro; ou pelo menos ela queria acreditar nisso.

Jim foi até o outro extremo do Corredor Oeste, espiando o Salão de Banquetes. Do outro lado do salão, havia uma copa, com um aparador a vapor para manter pratos e louças aquecidos, e mais além uma pequena passagem para a cozinha; conseguiria chegar ao outro lado do salão sem ser visto? Criados entravam e saíam ajeitando os arranjos de flores, posicionando cadeiras e copos.

Jim ouviu vozes atrás dele. Não tinha jeito; teria que arriscar. Entrou no Salão de Banquetes engatinhando e escondeu-se debaixo da mesa.

A toalha ia quase até o chão. Se não fizesse barulho, conseguiria chegar ao outro lado da mesa sem ser descoberto, pois o piso era acarpetado. Mas era um longo caminho. A mesa tinha a extensão de um campo de críquete; Jim já a tinha medido com passos: pouco mais de 20 metros, de ponta a ponta. E era suportada por vários e enormes pés no centro dela, de cujas bases muito bem polidas e lustradas ele teria que passar por cima.

Iniciou a empreitada. Levou muito mais tempo do que previra, pois quando já se encontrava na metade do caminho, meia dúzia de lacaios apareceu para arrumar as louças e os talheres com precisão geométrica. Jim avistava apenas as meias brancas e os sapatos de couro preto envernizado, movendo-se lentamente por todos os lados, posicionando um prato após o outro. Ele podia ouvir o ciclar de algo fervendo no Salão de Servir, o som baixo e suave dos talheres sendo posicionados sobre a toalha de mesa, o burburinho de conversa — que cessou quando o administrador apareceu (de calças pretas), caminhou pela mesa, parou para fazer críticas e voltou a caminhar.

Em seguida, outro silêncio, e os pés e pernas se viraram para a porta que Jim atravessara engatinhando. Pernas uniformizadas apareceram no outro extremo da mesa: marrons com listra preta, da Guarda do Palácio.

— Alguém viu o secretário do rei? O inglês Taylor?

— Não, sargento — disse o encarregado.

— Se o virem, toquem o alarme na mesma hora, entenderam?

— O alarme, sargento? Mas...

— É uma questão de enorme gravidade. Pode haver um complô contra o rei.

— E o inglês é...

— Exatamente. Fiquem de olhos abertos. Cabo, verifique o salão de baile. Eu subirei para a galeria...

Enquanto os homens uniformizados se retiravam, Jim praguejava em silêncio. A situação era mais crítica do que ele havia imaginado; pois quando o pior acontecesse — e ele agora tinha certeza que aconteceria —, poriam a culpa nele. Agora tornava-se ainda mais urgente sair dali. Quanto tempo mais demorariam esses criados?

Quase meia hora, logo descobriria. Quando a última colher foi posicionada em seu devido lugar, a última cadeira posta rente à mesa, a última poeirinha retirada da última taça, Jim estava quase gemendo de raiva e frustração.

Finalmente, todos os lacaios deixaram o Salão de Banquete. Jim contou até cem antes de sair debaixo da mesa e correr para o Salão de Servir. Um criado carregando uma montanha de louça nos braços observou boquiaberto Jim passar voando pela porta da cozinha e pelo pelotão de assistentes do chef e de cozinha, ocupados em desfiar pedaços de carne, fatiar verduras. Jim saiu num pátio com piso de laje e ali parou para se localizar. Alguém gritou e logo veio o som de botas correndo. Jim correu para o muro mais afastado, subiu em um barril próximo e num impulso escalou a parede, encontrando do outro lado o pátio dos estábulos.

Já era hora de ter alguma sorte, pensou, e lá estava um magnífico cavalo, já selado para o Coronel dos Dragoons, que repreendia um cavalição noutro canto. Jim não tinha muito jeito com cavalos, mas sabia como fazê-los andar e parar, e tinha uma ideia de como se manter firme em movimento. Montou o cavalo, apoiou os pés nos estribos e agarrou as rédeas; antes que o coronel tivesse tempo de respirar, Jim já estava fora do estábulo, atravessando o caminho de cascalho rumo ao portão principal.

O cortejo partira algum tempo antes e a multidão que o seguia já havia se distanciado das proximidades do palácio, mas logo Jim precisou diminuir a marcha, pois quanto mais se aproximava do centro, mais e mais gente surgia nas ruas. De início conduziu o cavalo a trote, mas a multidão tornou-se tão densa que Jim decidiu que seria mais rápido abandonar o cavalo e caminhar. Deixou o animal sob a responsabilidade de um homem com vastos bigodes e colete húngaro e prometeu a ele vinte coroas se ali ainda estivesse naquela tarde, pensando consigo que o homem conseguiria muito mais pelo cavalo e que não tardaria meia hora em se mandar. Boa sorte para ele, pensou Jim.

Saiu correndo por entre a multidão, desviando de pedestres lentos, deslocando-se em zigue-zague pelas esquinas, subindo degraus, às pressas para chegar à catedral e evitar — o quê? Não tinha ideia; ou talvez tivesse, o que tornava ainda mais imperativo chegar lá o quanto antes.

Quando o cortejo entrou na praça St. Stephen, defronte da catedral, Becky

preendeu a respiração diante da enorme quantidade de gente, diante do clamor que se elevou do povo e, sobretudo, diante da beleza do lugar naquela linda manhã de domingo. As graciosas e antigas moradias com seus telhados extensivamente ornamentados e beirais trabalhados brilhavam em tons que variavam do ocre ao dourado sob a resplandecente luz do sol. Pessoas acenavam das sacadas, o negrume gótico e ancestral da catedral mostrava-se imponente em contraste com o azul límpido do céu. Becky avistou, pelo espaço entre as casas, a cinzenta Rocha de Eschtenburg do outro lado do rio, à espera de sua bandeira.

Alguém tocava o órgão quando os convidados tomaram seus lugares no interior da catedral. Uma fanfarra de trompetes soava em tom alto suficiente para estremecer a bandeira presa num mastro fixo na parede ao lado da grande Porta Oeste. E todos se puseram de pé ao ver o decrepito arcebispo guiar o rei e a rainha lentamente pelo corredor.

O futuro rei vestia o uniforme do Comandante Supremo da Guarda de Eschtenburg, o mais elegante de todos os regimentos: de um branco muito alvo, uma fileira de medalhas no peito, dragonas douradas nos ombros e uma longa e curvada espada com borla escarlate. Naturalmente, não levava nada na cabeça. Quando os três passaram por Becky, ela pôde notar a ansiedade no rosto do futuro rei.

Ao lado dele, Adelaide usava um vestido de seda creme. Tinha uma das mãos apoiada no braço do rei, embora, para Becky, um parecesse apoiar o outro.

O coral abriu a missa que se seguiu até as onze e quinze, quando finalmente deu-se a coroação. Foi uma cerimônia simples: uma oração, o juramento de Rudolf de que seria fiel à Águia Escarlate e, por último, o arcebispo untou o rei com o óleo sagrado. Becky observou Rudolf e Adelaide se ajoelharem um ao lado do outro sobre as almofadas postas para a ocasião, como se fossem crianças numa peça teatral, e sentiu um nó na garganta, não apenas pelo seu sentimento de patriotismo.

Foi feita outra oração desejando ao rei vida longa e fecundidade e então o arcebispo virou-se para o pajem que estava próximo e pegou a coroa sobre a almofada que o rapaz segurava.

Não havia muito para ver: um aro de ferro escuro, adornado com uma única e irregular pedra de topázio amarelo; mas a coroa fora fundida com a mesma espada com que Walter von Eschten havia defendido a Rocha e derrotado Ottokar II na Batalha de Wendelstein; e o topázio fora um dote de Erszebet Cséhak, a condessa húngara que se casara com Karl, o filho de Walter. A coroa de Razkavia era mais valiosa que qualquer peça de ouro.

Rudolf levantou-se, de frente para a congregação, e o arcebispo ergueu a coroa, colocando-a gentilmente na cabeça do rei. Uma espécie de suspiro coletivo tomou conta da catedral e o velho arcebispo se ajoelhou para beijar a mão do rei. Becky poderia jurar ter ouvido os joelhos do arcebispo estalando.

Adelaide também beijou as mãos do rei e os trompetes tocaram um forte acorde, enquanto o órgão trovoava ao fundo. O arcebispo guiou o caminho até a Porta Oeste, onde se achava a *Adlerfahne*, e enquanto passavam pelo corredor, todos os observaram sem pestanejar.

A Porta Oeste agora estava completamente aberta. O arcebispo esperou a congregação se agrupar em torno dele, do rei e da rainha, o que gerou um educado empurra-empurra. Os olhares de Becky e Adelaide se cruzaram e a rainha pareceu aliviada em ver sua intérprete — um sorriso relampejou em seu rosto, logo apagado pela expressão impassível de antes.

Do lado de fora, na praça, cerca de quatro mil pares de olhos ou mais — impossível precisar — os aguardavam. Soldados e policiais estavam a postos para liberar o trajeto até a antiga ponte.

E então o arcebispo virou-se para a *Adlerfahne*. A bandeira tinha cerca de 2,5 metros de comprimento e quase 2 de largura, toda de seda dourada, com a Águia Escarlate bordada nas cores escarlate e carmesim. Nas bordas, uma franja também dourada. Pesada, estava presa a um mastro de pouco mais de 3,5 metros; mas não tinha importância, afinal seria carregada por um rei.

O arcebispo fez uma oração e benzeu a bandeira com água benta; em seguida, Rudolf retirou o mastro da parede e com ele caminhou uns três ou quatro metros até a escadaria da catedral.

Quando apareceu lá fora, ouviu-se uma onda de clamores e urras. Chapéus acenavam no ar, a multidão se espremia para chegar mais perto do rei e da rainha, enquanto os soldados e policiais começavam a liberar o caminho para o rei, e os trompetistas alinhados nas escadas erguiam os reluzentes instrumentos e tocavam a Fanfarra da Águia.

Adelaide se uniu ao rei, um pouco atrás dele, à esquerda. Pelo menos momentaneamente, os razkavianos haviam deixado de lado os receios sobre o rei Rudolf. Por mais excêntrico e avoadado que parecesse ser, era o rei, o *Adlerträger*, o guardião da Águia, e o amavam por isso. Aquele momento representava a restauração da nação: o carregar da bandeira, a renovação. Becky sentiu o coração pleno de orgulho, e também de tristeza pelo falecido pai. Ele devia estar vivo para presenciar esse momento. Também havia alegria dentro dela, e sabia que muitos outros cidadãos compartilhavam deste sentimento de patriotismo. Morreriam pelo rei.

Mas foi o rei quem morreu por eles. Ao dar os primeiros passos em direção à praça, um tiro foi disparado, cujo som horrível e chocante foi mais alto que a fanfarra e os aplausos, e Rudolf cambaleou. Os instrumentos e a multidão se calaram, caindo em um silêncio assustador, enquanto a enorme bandeira ia caindo, caindo em direção ao chão, como se a própria águia houvesse sido atingida, e Becky

podia sentir milhares de pessoas prenderem a respiração ao mesmo tempo.

A primeira a se mover foi Adelaide, e seu primeiro movimento foi na direção do marido. Uma rosa vermelha parecia desabrochar rapidamente sobre o uniforme branco na altura do peito do rei. As mãos de Adelaide o buscaram com urgência. Com o pouco que lhe restava de forças, Rudolf ergueu a bandeira e sussurrou:

— Der Adler...

Uma dúzia de mãos apareceu para segurar a bandeira, mas se deteve: cada homem, mulher e criança na praça parecia querer ajudar, mas todos permaneceram imóveis, pois a bandeira já estava firme nas mãos da rainha Adelaide, que a segurava com determinação.

O arcebispo pôs-se de joelhos ao lado do rei moribundo. A multidão já começava a avançar e a se abrir, convidando Adelaide a descer as escadas, encorajando-a a seguir adiante.

Ela fez enorme esforço para manter a bandeira ereta e, de forma nada elegante, apoiou no quadril, enquanto buscava uma posição que lhe fosse mais confortável. Finalmente, após um olhar arrasado e amoroso para Rudolf (testemunhado pela multidão), ela começou a descer as escadas em direção à praça.

O conde estava do lado esquerdo de Adelaide e Becky à sua direita. Do canto dos olhos pôde ver Karl von Gaisberg e meia dúzia de uniformizados de verde e amarelo passarem pela multidão e se posicionarem como guardiões de honra para que Adelaide caminhasse ladeada por eles. Colocaram grades para evitar que o povo avançasse e abriram caminho para que ela passasse. A rainha alcançou a calçada, junto às velhas casas, na esquina da praça, de onde se avistava, mais adiante, a ponte.

O fato era: se Adelaide conseguisse levar Adlerfahne à Rocha, Razkavia se manteria livre. Mas o assassino estava à solta, talvez com outra bala para disparar; e havia ainda o peso da bandeira ancestral, a enorme dificuldade de manusear um mastro de 3,5 metros de altura e quase 5 metros quadrados de pesada seda com múltiplas camadas — ao contrário dela, Rudolf havia praticado bastante com a bandeira antes da cerimônia. Além disso, havia a angústia natural de quem acabara de presenciar o assassinato do marido...

O conde havia sacado seu revólver. Karl von Gaisberg aproximou-se de Becky e perguntou em voz baixa:

— Onde está Jim?

— Tentaram prendê-lo no palácio. Não sei se conseguiu sair de lá.

Ele então sussurrou:

— Ela vai conseguir?

— Quem sabe? Mas morrerá tentando.

— Esperemos que não...

Ele retomou seu lugar à frente do grupo, e Becky apertou o passo para junto de Adelaide, que a viu e lançou-lhe um olhar orgulhoso e angustiado.

— Rudi? — ela disse, com voz embargada.

Becky conseguiu apenas balançar a cabeça.

— Não consigo fazer isso, Becky — murmurou. — Não *consigo*...

— Sim, consegue — retrucou Becky. — Descanse se desejar. Tome o tempo que precisar. Mas você consegue, você *consegue*.

Adelaide parou, apenas para alternar o peso da bandeira, escorando a ponta do mastro no outro lado do quadril. Centenas de rostos ansiosos, olhos arregalados, bocas semiabertas estavam fixos nela. Então uma voz ecoou:

— *Ein hoch dem Königin!*

— *Hoch! Hoch für Adelaide!*

Mais vozes se uniram à primeira e a vibração fortaleceu Adelaide, que elevou a bandeira e retomou seu curso.

Jim chegou à praça no momento em que o cortejo saía da catedral, a tempo de escutar a fanfarra, o tiro fatal e de ver Rudolf cair. Um nó amargo de dó formou-se em sua garganta; Rudolf não havia procurado por isso, nunca havia almejado a coroa, mas dera o melhor de si, assumira responsabilidades com dedicação. Passou pela cabeça de Jim que, se o rei houvesse antevisto o sucedido, teria feito tudo de novo e cumprido com suas obrigações. Adelaide havia visto algo de especial naquele pobre-diabo, afinal. Jim sentia profunda admiração pela forma como homens que não eram naturalmente corajosos conseguiam encarar o perigo sem titubear.

Ele viu Adelaide apanhar a bandeira; um profissional de críquete não teria feito melhor, pensou. Então se lembrou de algo mais, e prevendo as acusações que recairiam sobre ele se as coisas dessem errado, forçou passagem até as escadas da catedral, disse algo ao pé do ouvido do arcebispo e pegou a coroa. Ninguém notara: o aro de ferro havia rolado escada abaixo e caído na sarjeta.

Não fazia sentido tentar chegar à ponte, por isso pegou o arcebispo pelo braço e, com a coroa na mão, fez sinal ao capitão dos hussardos para que se aproximasse. O homem semicerrou os olhos e segurou a espada com força, mas logo entendeu o que pretendia Jim e os seguiu. Juntos desceram as escadas com o arcebispo no meio, em direção à lateral da catedral, para a beira do rio.

Ali encontraram uma velha barcaça presa à margem por cordas. Jim havia observado o velho balseiro usá-la dezenas de vezes e parecia ser fácil, mas lhe custou todas as forças e as do capitão, além das preces do arcebispo, para que a embarcação saísse do lugar; e ainda assim seguiu oscilando desgovernadamente de um lado para o outro.

Jim olhou para cima e por entre os balaustres da ponte, flagrou a multidão e se perguntou se ela acabaria chegando à Rocha antes dele.

— Vamos! — disse. — Reme mais forte!

Por cima das cabeças das pessoas, Becky podia ver as estátuas perfiladas no parapeito da ponte. Cada uma delas estava apinhada de meninos que acenavam com seus chapéus. Assim como a praça, a ponte era cheia de pedrinhas e ela olhou com preocupação para os delicados saltos forrados de cetim com os quais Adelaide procurava se equilibrar.

A passos lentos, foram avançando até o ponto mais alto da ponte. A aglomeração de pessoas era tamanha — de pé, grudadas umas nas outras, dependuradas sobre a balaustrada — que Becky temeu que se alguém tropeçasse pudesse derrubar uma dúzia de gente rio abaixo. Adelaide chorava em silêncio. O maxilar estava tensionado, o rosto estava pálido e os braços trêmulos.

— Estamos na metade do caminho — encorajou-a Becky. — Continue andando!

— Agora é só a maldita subida, não é? — murmurou Adelaide, com lágrimas nos olhos, sem se deter.

Do outro lado da ponte, a via passava por um arco gótico e uma guarita; e pelo caminho, havia gente amontoadada em todas as janelas. A rua tornou-se mais estreita e estava difícil liberar a passagem por causa da multidão. Karl então gritou:

— Abram passagem! Abram passagem para a rainha!

O conde voltara a guardar o revólver e olhava atentamente para Adelaide, que estava a menos de um metro de distância, preparado para apará-la caso ela caísse. Seu rosto cansado e sério estampava orgulho e apreensão.

Ao alcançarem a guarita, Adelaide tremia tanto que Becky achou por um instante que ela deixaria cair a bandeira; e o que sucederia então? Mas isso não aconteceu: Adelaide fez outra pausa para descansar a bandeira na cintura e fitou o conde antes de se apoiar brevemente no braço dele; e voltou a se mover, por sob a guarita, e a multidão do outro lado da guarita se apertava, se empurrava, subia nos beirais das janelas, e abria caminho pelas escadarias que davam no cume da Rocha.

— Reme, capitão, reme!

Como o velho balseiro conseguia? Mais de uma vez, Jim se surpreendera com a capacidade de alguns velhos decrepitos, que mal conseguiam levar uma colher de mingau à boca, conseguirem cavar uma vala e pôr abaixo uma árvore em menos da metade do tempo de um jovem repleto de músculos salientes. E aquele era um exemplo. Ele e o capitão transpiravam e tremiam, enquanto a barcaça guinava descontrolada, longe de chegar ao outro lado.

— *Ja — hau ruck! Hau ruck!*

Maldição, pensou Jim, por que estava fazendo tudo isso? Bem, não era apenas por Adelaide. Era por Rudolf também, e pelo conde. E por Becky; e por Karl von Gaisberg; e por aquele instável pequeno país, com seu orgulho, sua história e honra. Ele ali se sentia um razkaviano, assim como o capitão. Lançou-se sobre o remo com

ímpeto, e em pouco tempo conseguiram sair da correnteza principal e se aproximaram do píer de madeira do outro lado da margem.

Logo pisavam em terra firme.

— Para onde agora? Pelo funicular?

— É o único caminho possível. Vamos!

Eles apressaram o súdito de Deus pela pista paralela à Rocha que dava na pequena estação e lá esmurram a porta até que alguém apareceu correndo para abri-la.

— Não, está proibida a entrada. O funicular não está funcionando...

O homem se calou ao ver o arcebispo com a coroa na mão e, boquiaberto, entendeu a situação. Na mesma hora, pôs-se a acionar alavancas e abrir torneiras, pois o funicular funcionava por contrapeso de água. Um tanque de água no topo (alimentado pela mesma nascente que mantivera vivos Walter von Eschten e seus cavaleiros séculos antes, e que agora desempenhava novo e importante papel na história de Razkavia) enchia outro tanque do funicular vazio que, ao ficar mais pesado que o outro abaixo dele, descia e impulsionava o de baixo a subir. Era silencioso, simples e agradável. Mas terrivelmente lento. Por isso, enquanto o arcebispo sentou-se no banco do veículo, Jim e o capitão correram pela íngreme subida paralela ao trajeto do funicular.

Adelaide olhou para cima, fechou os olhos e mordeu os lábios antes de voltar a abrir os olhos e ter certeza de onde estava pisando. O caminho era estreito — apenas duas pessoas poderiam passar ao mesmo tempo. Do lado esquerdo havia um corrimão ao longo dos muros de casas de pedra e, um pouco adiante, vislumbrava-se a paisagem da Rocha do lado direito. Das janelas, o público observou primeiro Karl e outros dois estudantes subirem os primeiros degraus, em seguida, Adelaide e o conde. Becky foi praticamente barrada, mas Adelaide a chamou desesperada:

— Becky! Fique comigo! — gritou, virando-se e descendo um degrau.

— Estou aqui — respondeu. — Estou com você.

Mais estudantes surgiram atrás delas; à frente, grupos de pessoas se empurravam e se acotovelavam. Os pés de Adelaide em seus delicados sapatos (agora estropiados e sujos) pisavam inseguros ao conduzi-la pelos degraus.

Um gemido baixo e constante vinha da garganta de Adelaide. Trincava os dentes. Becky pôde ver que os olhos da rainha também estavam molhados de lágrimas. Adelaide fez mais uma parada, e Becky não entendeu o porquê, e então o conde disse com sua voz rouca:

— O vestido... ela vai tropeçar — e saiu do lugar para que Becky subisse um pouco a pesada saia de seda do vestido todo bordado e assim os pés encontrassem o degrau seguinte sem cair em falso.

Becky pôde sentir todo o corpo de Adelaide tremendo e deixou que a rainha se

apoiasse nela por alguns segundos, e então ouviu seu sussurro:

— Saia do caminho... vou continuar... — e Becky se afastou para que Adelaide desse mais alguns passos.

Lentamente, ela foi subindo as escadas, um passo de cada vez, e cada vez mais devagar; e a multidão abaixo, os que a aguardavam no alto, as pessoas penduradas sobre parapeitos das janelas ou em cima de árvores que cresciam na lateral da Rocha, todos estavam agora em silêncio. As palmas e os gritos de exaltação haviam cessado, e quem quer que estivesse próximo a Adelaide veria a tensão em seu rosto pálido como giz e compartilharia de sua angústia, os lábios sangrando de tanto mordê-los.

— É logo depois da curva — disse Becky. — Estamos perto agora. Continue assim. Apoie-se em mim. Pare se precisar. Descanse. Tome o tempo que for necessário. Mas não está longe agora...

Adelaide estava exausta. Não lhe restavam forças para responder. Mal conseguia enxergar. Uma lamúria ininterrupta agitava-lhe o peito, e Becky viu, horrorizada, o sangue escorrer das unhas de Adelaide. O suor brilhava em sua face, que tinha fios de cabelo grudados na testa e sobre os olhos. Becky se aproximou para enxugar o rosto da amiga e sentiu-a tremendo até no crânio.

No topo da escadaria, após a curva, estava a praça de armas, com o mastro oficial da bandeira no centro e a plataforma do funicular ao fundo. Quase lá, quase lá... Porém, quando faltavam seis degraus para os pés machucados de Adelaide, uma sombra decaiu sobre elas.

No topo das escadas estava o corpo gigante e os escuros e taciturnos olhos de Otto von Schwartzberg.

E Adelaide hesitou. Parou.

— Não consigo — sussurrou. — Estou acabada, Becky, quero morrer, não consigo mais...

A expressão de Otto von Schwartzberg era inescrutável. Ele poderia tanto estar planejando matá-la ali mesmo como erguê-la nos braços e carregá-la até o final do trajeto; e devido à sua presença colossal ninguém — nem mesmo o conde — soube o que fazer durante alguns segundos. E a bandeira ia caindo, ia caindo...

Em meio à perplexidade geral, alguém surgiu do cume da Rocha e confrontou Otto von Schwartzberg. Louro, descabelado, sangrando, roupa toda amarrotada, o rapaz pôs-se na frente do gigante ameaçador. Levava alguma coisa na mão esquerda.

— Mova-se — disse. — Está no caminho da rainha. Mova-se agora mesmo.

Ninguém jamais falara assim com Otto von Schwartzberg, em nenhum idioma. Ele deu um passo para o lado e Adelaide subiu os últimos degraus até a plataforma, e então, ao ver a bandeira surgir no alto da Rocha, toda a cidade aplaudiu e celebrou.

A Guarda da Águia — sentinelas que patrulhavam a Rocha dia e noite — veio

correndo ao chamado urgente do conde e apanhou a bandeira das mãos de sua rainha, pouco antes desta desmaiar nos braços de Becky.

Por todos os lados viam-se cenas de extraordinário júbilo. Com a bandeira agora flutuando orgulhosa sobre o mastro da Rocha, chapéus eram jogados para o alto, urros de alegria ecoavam aqui e acolá, fogos de artifícios e uma fanfarra de trompetes da Guarda da Águia ressoavam. Para onde Otto von Schwartzberg havia ido, ninguém sabia. O conde estava preocupado com Adelaide, mas Becky levava na bolsa um frasco com sais de amônia. Ao encontrá-lo, abriu-o e passou de leve pelo nariz de Adelaide. O cheiro forte fez a moça se mexer, sacudir a cabeça. Abriu os olhos com dificuldade e avistou acima dela a Águia Escarlate esvoaçante em meio ao céu azul.

— Consegui — sussurrou.

Pouco depois, ouviu-se o som de maquinário e o belo funicular todo de madeira surgiu nos trilhos. De dentro saiu o arcebispo, frágil e ansioso, sujo com o sangue do rei, e então Jim lhe entregou o que havia levado consigo: a coroa de Razkavia.

Becky ajudou Adelaide a se levantar e, sob a bandeira que ela havia carregado até ali, a nova rainha pôs-se de pé, pálida e trêmula, coroada, ovacionada por todos os presentes, que ajoelharam em sua homenagem.

DISPOSIÇÕES

Horas depois de Adelaide ser coroada, ainda havia enorme comoção pela cidade, tanto por exultação quanto por tristeza. Milhares de pessoas haviam testemunhado a tragédia, mas ainda assim o fato parecia pouco crível. Só quando Adelaide se recuperou o bastante para descer a montanha no funicular foi que ela começou a absorver tudo. A carruagem conversível que levaria Rudolf de volta ao palácio como rei levava Adelaide sozinha, como rainha. Ela se acomodara no carro, pálida, tremendo muito, agora atingida em cheio pelo choque da perda, com a coroa de ferro na cabeça e expressão indomável. Estava desolada; não sabia dissimular seus sentimentos. E isso, Jim logo descobriria, era o que cativava as pessoas. Não conseguia esconder nada, por isso conquistava a confiança do povo.

Mas a situação envolvia enormes perigos. Jim colou seu cavalo à carruagem durante todo o trajeto até o palácio, temendo mais um tiro, enquanto o conde seguia em outro cavalo do outro lado do veículo. Grinaldas, festejos, gritos de aprovação vinham de todos os lados. Adelaide se manteve com a expressão apropriada para a ocasião: um sorriso alegre não seria apropriado como tampouco um rosto desesperado. Sim, ela estava triste, porém com brio, determinada, magoada, destemida. Os olhares de Jim e do conde se cruzaram e pareciam dizer a mesma coisa: por algum milagre do destino, Razkavia havia encontrado o governante certo. A pequena Adelaide do Acoradouro do Carrasco e cada centímetro dela nasceram para ser uma rainha.

Enquanto isso, soldados e policiais vasculhavam o perímetro da Praça St. Stephen no encalço do assassino. Mas havia sido um único tiro, o que dava margem para

infindáveis especulações e versões diferentes de cada testemunha sobre o local de onde ele teria partido. O que havia para ser uma única janela transformou-se em centenas, além de inúmeras sacadas, entradas das casas, os telhados barrocos e seus frontões, gabletes, cornijas... sem mencionar as pequenas e sinuosas vielas, metade delas desconhecidas até mesmo para quem morava nas proximidades da praça, e nunca mapeada. As buscas prosseguiram, porém sem grandes expectativas.

No palácio, havia um alvoroço só. Estava tudo preparado para receber o novo rei, e os convidados estavam chegando (um almoço para proeminentes cidadãos, e em seguida a grande recepção, também para os estrangeiros ilustres) e, de repente, não havia mais rei. Quando a carruagem e a escolta pararam em frente ao pórtico, o inimigo de Jim, o camareiro barão von Gödel, apareceu à porta, com uma suave reverência, porém sem conseguir disfarçar o rosto lívido e o nervosismo ao avistar Jim. O conde então se inclinou e disse algo em voz baixa a Adelaide, mas como Becky não estava por perto para traduzir, ela apenas acenou com a cabeça, como se tivesse entendido; e virando-se para Gödel, o conde disse:

— Sua majestade irá para os seus aposentos. A recepção acontecerá como planejada. Espero encontrar o senhor no Salão Verde em quinze minutos.

Jim desceu do cavalo, entregou o animal ao cavaleiro e seguiu o conde para o interior do palácio, pouco depois de outro cavaleiro aparecer com Becky e a condessa. Somente após se assegurar de que Adelaide estava em companhia da amiga, Jim continuou seu caminho até o Salão Verde.

Tão logo a porta do salão se fechou, o conde tirou o chapéu cheio de plumas e o atirou no chão.

— Schwartzberg! — vociferou com uma voz que estremeceu os vidros das janelas e agitou a tinta do tinteiro de cristal sobre a mesa.

— Acha mesmo?

— Quem mais? O lobo assassino... Mas ele não contava com nossa águia inglesa, hein? Não se caçam águias com armadilhas!

— Não, conde. Não acho que tenha sido ele. E se for o caso, ele terá sido esperto o suficiente para não deixar nenhuma prova que o incrimine. Tenho uma ideia...

Mas o conde estava demasiadamente preocupado para ouvi-lo, batendo com a mão na coxa, esfregando o queixo, andando de um lado para outro entre a mesa e a janela.

— Taylor, ela é extraordinária, tem brio... mas estou com medo, meu rapaz, minhas pernas estão bambas. O que será de nós? É melhor prepararmos um discurso para ela fazer na recepção... Ou deveríamos cancelar tudo? O marido acaba de ser assassinado diante dos seus olhos. É compreensível que uma mulher...

— Mas e o que se espera de uma rainha? — lembrou Jim. — E uma rainha é o que temos. Se quer meu conselho, não diga a ela o que fazer. Deixe-a encontrar as

próprias palavras. O senhor já testemunhou o dom que ela tem com as pessoas. Confie nela.

— Hum — disse o conde, esfregando o queixo. — Será?

— E precisamos pensar com urgência o que fazer com o barão von Gödel. O senhor sabia que ele havia me proibido de deixar o palácio nesta manhã? Mandou o Sargento das Armas revistar todo o palácio atrás de mim para me prender. Viu a cara de Gödel quando me avistou há pouco?

— Mas... — O conde estava pasmo. Sentou-se na cadeira pesadamente. — Mas você...

— Eu fugi, claro. Conde, o perigo está à espreita... talvez dentro do próprio palácio. Não confio nada nesse homem. Seria possível retirá-lo daqui?

O conde fez um gesto de cansaço.

— O posto de camareiro é hereditário. Não há nada a fazer com Gödel... Suponho que talvez pudéssemos criar um comando paralelo... Mas essas coisas devem ser feitas de forma apropriada. Deixe-me pensar a respeito.

Jim ia dizer alguma coisa, mas alguém bateu à porta. O barão von Gödel apareceu em seguida, pálido, mas sem perder a pose.

— Sua majestade nomeou-me seu secretário particular — disparou o conde. Uma mentira deslavada, mas o conde estava em posição de blefar. — Até que ela faça novas nomeações, o funcionamento do palácio permanecerá como antes. O sr. Taylor é meu representante; o senhor lhe dará toda a assistência que ele vier a precisar. O senhor entendeu bem? Ele não poderá ser cerceado em seus movimentos de maneira nenhuma. Como estão os preparativos para a recepção?

Gödel engoliu com dificuldade e então disse:

— Está tudo pronto, conde Thalgau. Devido às trágicas circunstâncias, dispensei a banda de música da Guarda da Águia na recepção. Sua majestade irá recepcionar os convidados no Grande Salão. Acredito que todos serão solidários nessa situação, não se demorando ao cumprimentarem a rainha.

— Muito bem. Assim que a recepção terminar, sua majestade receberá a mim e ao sr. Taylor em seu escritório particular. O senhor esteja preparado para atender a qualquer disposição da rainha.

— Certamente, conde.

Ele bateu os tacos do sapato, curvou-se levemente e se retirou.

— Ele vai lhe obedecer? — perguntou Jim.

— Em princípio, sim. Ele está observando para onde o vento está soprando... Maldição, este é um momento delicado. Penso que só temos uma semana para estabelecer o controle. Se até a próxima segunda-feira não conseguirmos tomar as rédeas deste país, será sua ruína. Agora vá, Taylor, troque de roupa e não se demore.

Vinte minutos depois, em traje de gala, Jim juntava-se aos convidados no Grande

Salão. Eram representantes das famílias mais distintas da Razkavia: praticamente toda a aristocracia, prefeitos, senadores, o porta-voz da Câmara Alta, conselheiros de Estado, eminentes advogados, banqueiros, clérigos, professores e até mesmo um ou dois poetas, dentre outros artistas. Todos apresentavam um comportamento dócil, solene, contido, mas dariam tudo para dar uma espiada na rainha.

Passados quinze minutos, uma fanfarra tocou, e a figura elegante de Adelaide, graciosa num vestido preto, desceu as escadas. A condessa estava ao seu lado, e Becky, passos atrás. Jim cruzou o olhar com o dela e piscou.

Originalmente, o rei e a rainha ficariam no pé da escada e ali receberiam os convidados por ordem de precedência. Mas Adelaide se manteve uns dois degraus acima, para que pudesse ser vista por todos e disse num hesitante, porém claro alemão:

— Sejam bem-vindos ao palácio. Meu querido marido teria desejado que eu os cumprimentasse pessoalmente e assim o farei, mas antes, por favor, permitam-me dizer algumas palavras. Quando meu marido era príncipe, jurei por Deus que seria uma boa princesa. Quando ele se tornou rei, jurei servi-lo e honrá-lo com fidelidade. Agora que a enorme responsabilidade e grande honra de reinar recaíram sobre mim, eu juro aos senhores servir Razkavia com toda devoção. Que não haja dúvida no coração de nenhum dos senhores: Razkavia tem uma rainha, e a rainha irá defender e amar seu país até o dia de sua morte. Vida longa à Águia Escarlate! Vida longa a Razkavia!

Nesse momento, todos souberam que ela lhes pertencia.

Naquela noite, quando a confusão do dia já havia diminuído, Jim saiu em busca de Karl von Gaisberg. Várias coisas o preocupavam, e nem tudo queria revelar ao conde.

Encontrou Karl no Café Florestan, sentado com cinco companheiros. Cumprimentaram Jim com ávida curiosidade: o que havia acontecido no palácio? Ele respondeu a todas as perguntas e então disse:

— Até agora, que eu saiba, a polícia ainda não prendeu ninguém. E, francamente, não creio que vá realizar nenhuma prisão. Mas tenho quase certeza de que Otto von Schwartzberg não está por trás disso; não faz o estilo dele.

— O que ele fazia na Rocha, então? — perguntou Gustav. — Achei que ele fosse derrubar a rainha e pegar a bandeira!

— Acho que ele estava testando-a. Não chegou a ameaçá-la. Vamos tentar raciocinar e recapitular o que realmente aconteceu hoje. Vocês estavam próximos o suficiente do rei para vê-lo descendo as escadas?

Karl fez que sim com a cabeça.

— Eu estava ao pé da escada. Anton estava mais adiante, próximo à ponte... Eu vi tudo.

— Eu estava no meio do povo — disse Gustav. — Eu também vi.

— Mas *o que* vocês viram?

— Bem... — disse Gustav. — Ouvi o tiro, vi o rei cair.

— Como caiu?

— Para trás. Espere, não...

— Não! — disse Karl. — Ele estava se virando para a esquerda, não foi?

— Ele caiu de costas — disse Anton. — Mas isso depois de ter se virado para a esquerda, foi o que achei.

— Acho que foi isso que vi também — respondeu Jim. — A bala o acertou em cheio no peito quando ele se virava e somente por isso ele morreu. Senão Ad... sua majestade a rainha não teria tido a chance de pegar a bandeira.

— Por Deus, é verdade! — disse Gustav. — Ela estava atrás dele do lado esquerdo. Ele caiu na direção dela!

— Logo — disse Jim —, isso não nos dá uma pista de onde veio a bala?

Eles ficaram em silêncio. E então Karl apanhou um lápis e, num dos gastos cardápios de Florestan, fez um esboço da praça, com as escadas da catedral e o local onde Rudolf havia caído.

— O quanto ele se virou? Estava no quarto degrau...

— Mais alto que isso, com certeza — comentou Anton. — Eu podia avistá-lo claramente do outro lado da praça. Acho que devia estar a uns dez degraus do chão. E ele não havia virado completamente.

— Um giro de noventa graus? — perguntou Gustav.

— Por aí — respondeu Karl. — Mas ele caiu de costas?

— Não. Um pouco de lado. Assim...

Gustav pegou o lápis e desenhou o ângulo. Jim fez que sim com a cabeça.

— Eu estava de lado. Ela estava entre mim e o rei, mas vi a bandeira caindo em minha direção. Acho que este ângulo de que falou Gustav é o correto. Faça uma linha reta.

Karl fez um risco.

— O que tem ali? — perguntou Gustav.

Karl deu de ombros.

— Um bloco de apartamentos? Não consigo me lembrar.

— Meu tio mora ali — disse Anton hesitante. — Pelo menos, em um dos prédios desse lado...

— O que estamos esperando? Vamos lhe fazer uma visita — disse Jim.

O tio de Anton, um próspero dentista chamado Weill, ficou satisfeito em receber o sobrinho e seus amigos. Assim como os vizinhos, ele e a esposa estavam na varanda quando ouviram o tiro e, estupefatos, viram o rei ser assassinado bem debaixo do nariz deles.

— Bem, o barulho do tiro foi muito alto, não achou, Mathilde? — perguntou. — Achei ter vindo lá de cima.

O apartamento onde moravam ficava no terceiro andar. Frau Weill não tinha certeza.

— Foi tão de repente. Parecia ter vindo de todas as direções. Como um trovão — disse ela. — Mas, sim, acho que veio lá de cima. Quem mora lá? Madame Czerny é velha demais, 89 anos, acreditam? Não consigo imaginá-la atirando em ninguém. E Herr Egger não estava em casa.

— Quem é Herr Egger? — disse Jim.

— Ele é um mercador de charutos — respondeu Herr Weill. — Um senhor muito simpático. Sempre me presenteia com Havanas no Natal. E eu sempre lhe ofereço extrair um dente em troca, ao que ele sempre responde: “Não, não, eu insisto, é sempre melhor dar do que receber.” Mas ele não estava aqui hoje, porque o encontrei ontem no bar do Hotel Europa e ele me disse que alugou o apartamento para uns jornalistas...

Herr Weill só se deu conta do que isso poderia significar um segundo depois dos outros. Olhou consternado para cima.

— Certamente... — disse a esposa. — Eles devem ter se identificado, mostrado a documentação... não?

— A polícia esteve lá? — perguntou Jim.

— Sim, estiveram em todos os apartamentos. Dissemos aos policiais o que vimos e ouvimos... Vocês não estão achando que...

— Bem, vamos ver se Herr Egger está em casa — disse Jim, levantando-se. — E, por favor, não comentem com ninguém essa história. A não ser seu advogado. Sugiro que lhe entreguem um relato do que sabem, narrando o que acabam de nos contar.

— Sim, sim. É uma boa ideia. Farei isso imediatamente — disse o dentista, pálido como um papel, indo em direção à escrivaninha.

— Herr Egger não vai entrar em apuros, vai? — perguntou Frau Weill. — É um homem tão amável! Eu não suportaria...

— Não sei — disse Jim. — Mas muito obrigado por sua ajuda. Qual é o apartamento dele?

Herr Egger estava em casa e parecia decepcionado. Havia levado para casa um enorme buquê de rosas para presentear a bela jornalista de Madri, e ela havia ido embora, sem ao menos deixar um bilhete de despedida. Bem, certamente o colega havia tirado uma foto privilegiada do assassinato do rei. Mas isto não lhe servia de consolo.

Ele recebeu Jim e os estudantes na sala de estar. As portas da varanda estavam abertas e Jim não teve mais dúvidas de que o tiro saíra dali. Os cabelos lustrosos de Herr Egger e seu bigode bem aparado, junto com a forte água-de-colônia de violetas

de Parma que dele exalava denunciavam um homem com uma vaidade maior que seu senso de ridículo, e decidiu que seria melhor não deixar transparecer suas suspeitas.

— Estou à procura de um jornalista — disse Jim. — Trabalho para um jornal inglês e soube que o senhor alugou seu apartamento a um dos meus colegas. O fato é que ele tem informações que me são relevantes e não consigo encontrá-lo. O senhor saberia onde posso encontrá-lo?

— Ah, está sem sorte, meu rapaz! Veio ao lugar errado. Sei que não foi seu colega quem alugou meu apartamento, e sabe por quê? Porque não foi um homem, mas uma mulher que o alugou. O que me diz disso?

— Surpreendente — disse Jim, sentindo o estômago dar um nó. — Uma jornalista? O senhor disse isso à polícia?

— À polícia?

— Pensei que eles tivessem passado por todos os apartamentos, à procura do assassino.

— Não sei se bateram aqui. Dei dia de folga aos meus criados.

— Muito... generoso de sua parte. Sua jornalista, como era sua aparência física?

— Oh, belíssima! — respondeu com malícia. — Espanhola, cabelos escuros, olhos negros, fartos... — Ele fez um gesto para mostrar o que ela tinha de fartos. — Sobrenome Menendez. Tenho familiaridade com mulheres espanholas. Falo um pouco do idioma. Viajo a Havana todo ano a trabalho. Charutos.

— Ela lhe deixou um endereço? Para que jornal trabalha?

— Não deixou nenhum endereço. Disse trabalhar para uma revista de moda, em Madri. Tinha um fotógrafo com ela. Uma maleta grande, tripé... Era uma bela mulher. Um pouco madura demais, eu diria, para jovens como vocês.

— Ela fala alemão? Ou o senhor falou em espanhol com ela?

— Conversamos em alemão. Ela falou com forte sotaque, mas a voz era agradável, como um violoncelo ao anoitecer... Querem um charuto? Provem estes. Lançamento. Vieram de Las Palmas. Aceitam uma taça de vinho?

O SALÃO DOS MAPAS

Adelaide parecia ter incorporado um furacão. Quase não dormia. Durante uma reunião privada com o secretariado e o conde, ela promoveu Becky a intérprete chefe e conferiu à condessa Thalgau o lugar de dama de honra; convocou o chefe de polícia, cobrou-lhe explicações de como pretendia apanhar o assassino de seu marido e ordenou que ele mantivesse o conde informado, diariamente, acerca dos progressos da investigação; supervisionou os preparativos para o funeral de Rudolf; encontrou-se com toda a equipe de empregados do palácio, do administrador aos assistentes de cozinha, para que soubessem o que ela esperava deles; planejou uma série de almoços com cidadãos formadores de opinião para quando o período de luto houvesse encerrado; numa carruagem conversível seguiu a carruagem com o ataúde que levava o corpo de Rudolf até a catedral; tomou duas horas diárias, intensivas e extremamente puxadas, de alemão e obtivera extraordinário progresso; pediu à embaixada inglesa uma cópia do catálogo de compras da loja Army and Navy e, com grande entusiasmo, ela encomendou todos os jogos à venda: Animal Misfitz, Zelo, Blinking Dandy, Puffette, Tipple-Topple, El Teb, Guessodor, Cape to Cairo, Wibley Wob e assim por diante. Depois de tudo isso, Adelaide teve o que seu médico particular chamou de prostração nervosa e dormiu durante 24 horas ininterruptas.

Em muito pouco tempo, a nova rotina do palácio começou a ganhar forma. O camareiro, inimigo de Jim, barão Gödel, não podia ser dispensado, mas podia ter suas atividades restringidas. Todas as decisões de Adelaide relacionadas ao palácio e ao mundo exterior passavam pelo conde Thalgau. Seu círculo pessoal era muito

pequeno: limitado a Becky e à condessa, e esta última, embora não fosse a mais alegre das companhias, era pelo menos confiável, isto dito pela própria Adelaide. Becky deu o melhor de si para aprender xadrez, com certo progresso; fez também amizade com uma camareira que lhe contou que a gata que vivia no estábulo recentemente dera à luz filhotinhos. Um foi escolhido e apresentado à rainha como seu gato de honra. Era de um negro azulado, o que significava sorte. Adelaide deu a ele o nome de Caçarola.

À medida que o alemão de Adelaide melhorava, Becky foi deixando o lugar de intérprete para desempenhar o papel de conselheira. Adelaide ainda tinha muita dificuldade para ler, por isso as duas praticavam a leitura com memorandos oficiais, aprendendo também sobre o níquel das minas de Karlstein, sobre as negociações alfandegárias com a Alemanha, as projeções de impostos e rendas públicas.

Um dia Adelaide decidiu ter uma conversa com o chanceler. Ele era o líder do senado, o titular de um dos maiores postos políticos do país. Não havia sido eleito democraticamente, mas designado pelo rei Wilhelm. Era um homem de idade chamado barão von Stahl, e o encontro com Adelaide foi educativo para ambos. Ele não sabia como tratá-la de início e preferiu a condescendência e a bajulação. Adelaide não tardaria em por um ponto final em tal comportamento.

— Ouvi falar que a rainha Victoria gostava de ser adulada pelo sr. Disraeli — disse ela em tom severo. — Apenas porque já era uma senhora de idade. Quando eu for uma senhora de idade, o senhor poderá fazer o mesmo comigo. Mas, por enquanto, não estou nada interessada neste tipo de tratamento, não só porque estou de luto, mas também porque não faltam jovens rapazes bem mais talentosos que o senhor para o flerte. Se desejar meu respeito, fale-me honestamente sobre o senado e deixe as lisonjas de lado.

Becky foi obrigada a traduzir com exatidão, pois o alemão de Adelaide já era bom o suficiente para entendê-la; e os minutos que se seguiram, com os olhos semicerrados da rainha de um lado, e os olhos esbugalhados de espanto do chanceler do outro, foram um tanto incômodos.

O homem não era má pessoa; logo se recompôs e se dirigiu respeitoso à rainha, dando um relato correto e completo das atividades no senado.

E logo ficou evidente, como já se suspeitava, qual era o maior motivo de tensão política no país. Tanto a Alemanha quanto o Império Austro-Húngaro queriam engolir Razkavia, não por causa das vinícolas, da meia dúzia de castelos e algumas águas termais, mas por causa do níquel das minas: o Cobre do Diabo. As ativas metalúrgicas de Essen estavam famintas pelo minério e o imperador Franz-Joseph não queria que Bismarck e o imperador Wilhelm obtivessem nenhuma vantagem sobre ele. A necessidade de se encontrar um acordo era tão urgente que sobrepujava até mesmo as questões internas, como a praga nas vinícolas de Neustadt, a queda na

arrecadação de impostos do cassino em Andersbad e a necessidade de encontrar capital novo para investimentos para a Companhia Férrea.

Adelaide o ouviu com atenção e lhe agradeceu. Quando o chanceler se retirou, ela já havia se decidido a visitar as minas de níquel e ver o que estava causando tanto frisson. Ignorou as objeções do conde Thalgau de que não seria sensato, de que no período de luto não seria uma viagem apropriada, e ordenou que providenciassem o trem da família real para levá-la e à sua comitiva a Karlstein. Numa bela manhã de outono, eles percorreram cerca de 64 quilômetros até Andersbad, de uma ponta à outra do país, e então tomaram a principal linha férrea até Karlstein.

Todos os mineiros e suas famílias estavam na estação para aguardá-la. O tapete vermelho e o discurso de boas-vindas já eram familiares a Adelaide. E o discurso que ela fez em resposta foi belamente exposto. Era curioso, pensou Becky, como Adelaide não conseguia alterar (e não tentava) o forte jeito *cockney* de falar de sua língua nativa: quando falava em inglês, toda ela parecia relaxar numa vulgaridade provocante; entretanto, quando falava em alemão, assumia uma postura mais ereta, agia com mais graciosidade, parecia irradiar uma qualidade que Becky conseguia nomear numa única palavra, que não era em alemão, mas em francês: *chic*. E Adelaide estava muito *chic* nessa manhã em Karlstein, e o público parecia admirá-la imensamente.

O engenheiro-chefe que os levou para conhecer o local era um jovem de cabelos encaracolados chamado Herr Köpke, que logo percebeu que o interesse da rainha era genuíno e poderia explicar detalhes sem precisar simplificar. Quando ela insistiu em descer a mina, no entanto, ele ficou perplexo.

— Mas majestade, não nos preparamos para uma visita no subsolo. As condições são bem distintas das que...

Ela o encarou:

— Se a mina é segura, não corro nenhum perigo. Caso não seja, quero saber a que condições meus súditos que aqui trabalham são expostos.

A resposta que ela deu se espalhou por toda Karlstein em menos de uma hora e, mais tarde, ao se despedir da cidade, a rainha seria mais ovacionada do que no fatídico dia da coroação no alto da Rocha de Eschtenburg.

Becky não viu nada da visita subterrânea. Apesar de não saber, era claustrofóbica e, assim que o pequeno trole iniciou o movimento de partida rumo ao interior da montanha, sentiu-se tomada de pavor e fechou os olhos com força. Já na superfície, com a luz do dia, Adelaide a olhou com severidade.

— Espero que tenha anotado tudo — disse Adelaide. — Que mau humor, Becky. Precisa mostrar um pouco mais de interesse e encorajar as pessoas.

O engenheiro-chefe fez uma leve reverência e beijou a mão da rainha ao se despedirem, e Adelaide lançou-lhe um longo e ardente olhar que fez o homem corar;

Becky também teria algo para criticá-la depois.

Antes de deixar essa região do país e voltar para Eschtenburg, Adelaide quis visitar o castelo de Wendelstein, onde Walter von Eschten havia finalmente derrotado Ottokar II. O castelo ficava a menos de dois quilômetros de Andersbad, adentrando por uma trilha na floresta. As terras de conde Otto não ficavam muito longe dali; por cortesia e segundo a etiqueta, seria esperado dele ir ao encontro da rainha, mas haviam informado que ele teria deixado o país, a caminho do leste da África para uma grande caçada.

O antigo castelo de Wendelstein era um monte de ruínas agora; apenas a torre permanecia intacta. A entrada estava obstruída por cascalhos. Adelaide caminhava pelo prado acompanhada do conde Thalgau, que lhe explicava como Walter havia provocado os boêmios a entrarem pelo amplo prado entre o castelo e os limites da floresta e então os atacado com seus cavaleiros, e como os boêmios, com a moral destrozada após meses de ataques táticos de guerrilha de Walter, perderam e fugiram. Enquanto isso, Becky contemplava emocionada a tranquila paisagem. Seu país, sua história...

O caloroso sol de outono dourava tudo. Os insetos zanzavam pela mata. Um homem capinava com uma foice ao longe. Além da floresta, um trem apitou da linha férrea. Era hora de partir.

Em sua segunda carta semanal à mãe, Becky mencionou que estava vivendo um dos momentos mais curiosos da sua vida. Ela e Adelaide tinham que participar da nomeação de todo e qualquer novo oficial, das homenagens ao general que se aposentava, da visita de um principelho, de inaugurações, recepções, da missa de ação de graças, de funerais... Houve momentos em que Adelaide se debulhou em lágrimas de exaustão ou de incontida fúria e descontou em Becky como se ela fosse a culpada de todos os seus problemas. Becky então se esforçava por lembrar que era uma súdita fiel a Razkavia e que aquela que lhe falava era sua rainha. Na maioria das vezes funcionava.

E a todo momento havia o contraste entre a Adelaide *cockney* e vulgar e a nobre Adelaide, que tratava Becky com profundo respeito; Adelaide tinha um charme especial para induzir seus convidados a jogar uma partida de xadrez, que ela jogava com paixão, e cada vez com mais habilidade e domínio estratégico. Também era perceptível seu poder de decisão, a autoridade e a sabedoria que ela ia gradualmente adquirindo. O que mais podia fazer Becky senão ficar fascinada?

Por fim, Adelaide deu início às ações diplomáticas; resolveu que iria convidar os representantes das duas grandes potências vizinhas a Razkavia para um encontro. Os ministros e assessores ficaram apavorados.

— Vossa majestade, isso é impensável — disse o ministro de Relações Exteriores.

— Tarde demais. Já me decidi.

— Mas há protocolos a serem seguidos...

— Que bom. O senhor lida com os protocolos e eu com as negociações.

Ela não voltaria atrás, mas ainda assim as objeções vespearam de todos os lados. Finalmente, ela perdeu a paciência e jogou um porta-tinteiro no ar, com gritos que dispensaram a tradução de Becky, mesmo que soubesse a versão em alemão para fanfarrões presunçosos e godos inúteis. Às pressas, os ministros e assessores se curvaram rapidamente e se retiraram. E os convites foram enviados naquela mesma tarde.

Enquanto isso, Jim e os Richterbund ocupavam todo o tempo com a busca da atriz espanhola. Jim havia contado ao conde sobre a jornalista e sobre o apartamento de Herr Egger, e o conde, por sua vez, relatara o caso ao chefe de polícia na reunião do dia seguinte. Mas Jim tinha pouca confiança na polícia, que sequer possuía um quadro de detetives. Os capacetes pontudos, as dragonas douradas e os uniformes granada mostravam que a polícia de Razkavia estava mais preocupada com a aparência do que com a eficiência.

Jim tinha quase certeza de que a atriz espanhola ainda estava na cidade, embora não soubesse dizer por quê. Karl, Gustav, Heinrich e os outros frequentaram cafés e tabernas na Cidade Velha em busca de informações, conversaram com funcionários da estação de trem, vistoriaram as entradas dos artistas da Casa da Ópera e dos dois teatros, importunaram os porteiros dos hotéis, mas nada conseguiram.

No fim das contas, foi Jim quem encontrou a primeira pista, da forma mais inusitada. Estava na área da Despensa do Administrador, uma espécie de ponto de encontro dos criados de melhor posição. Jim gostava de conversar com os criados e eles gostavam de Jim, sobretudo por seu jeito divertido e malicioso, seu despojamento. Estava Jim naquela área, num fim de tarde, quando o subadministrador apareceu balançando a cabeça, contrariado.

— Qual é o problema? — alguém perguntou.

— Esse Gödel. Quer uma camareira especialmente para atender uma mulher que ele pôs naquele quarto vazio no corredor do sótão, o de número 14. Não posso desperdiçar uma camareira com isso! E se disser que precisamos de mais dinheiro para contratar uma nova, ele vai tirar do nosso bolso, maldito seja!

— Quem é ela?

— Deus sabe lá! Uma mulher de meia-idade de Schloss Neustadt, acho. Não, me enganei: Ritterwald...

Jim sabia que se tratava de principados de famílias nobres. Mas por que Gödel teria interesse numa velha empregada? Jim apurou os ouvidos. O subadministrador disse a um lacaios:

— Escute, sei que é tarde e que já está fora do seu horário, mas precisa ajudar a mulher com as malas. Ela não tem muito, apenas um baú e algumas caixas.

— É para a coroa? Deixe que eu faço. Sempre quis ser lacaio — disse Jim.

O criado ficou mais do que satisfeito pela oferta e o subadministrador apenas deu de ombros e saiu apressado para providenciar uma bandeja com o jantar a ser entregue lá. Jim vestiu o colete e a jaqueta do lacaio e enrolou de qualquer jeito um guardanapo no pescoço, improvisando um peitilho.

— Não vou me preocupar com as meias — disse. — Direi que estão para lavar. Ela terá que esperar por outra chance de ver minhas belas pernas. Para onde tenho que ir?

O criado indicou-lhe o caminho e Jim se apressou por um estreito corredor que dava na entrada do estábulo, onde um carregador impaciente descarregava um baú de vime da parte traseira de uma carruagem e em seguida uma mala surrada de roupas que entregou a uma senhora na escada do veículo.

— Às suas ordens, vovó — disse Jim. — Deixe-me ajudá-la com esse baú. O que leva aí? Chumbo?

Na verdade, o baú estava bem leve; a senhora tinha poucos pertences. Ele subiu com o baú até o quarto que o subadministrador mencionara. Já haviam acendido uma pequena lareira e deixado uma vela no cômodo.

— Aqui estamos — disse ele. — Logo irão trazer algo para a senhora comer. Está tudo como de seu gosto?

A velha olhou em volta e fez um leve aceno de aprovação com a cabeça. Era magra, curvada pela idade, tinha faces vermelhas e movimentos rápidos como os de um passarinho.

— Obrigada, meu rapaz — respondeu ela. — Muito bom. Tenho certeza de que me sentirei confortável aqui.

— Como a senhora se chama? Gosto de tratar os mais velhos com respeito.

— É, já reparei. Meu nome é Frau Busch. E o senhor, quem é?

Jim sentiu como se tivesse recebido uma descarga elétrica.

— Jakob — disse ele. — Me chamo Jakob. O que desejar, Frau Busch, é só me chamar. Aí vem a criada com seu jantar. Bom apetite!

Ele saiu do quarto e ficou perambulando por um tempo pelas escadas, tentando entender o porquê daquele choque ao ouvir o nome dela. Onde mais ouvira aquele nome?

E então se lembrou. Gustav, na noite anterior à coroação, ao contar o que tinha descoberto nos arquivos de jornais sobre o príncipe Leopold: a única testemunha da morte do príncipe fora um caçador chamado Busch.

Ele morreu em Ritterwald, de onde a senhora vinha.

No dia seguinte, Becky também fez uma descoberta.

Sempre que tinha uma horinha livre, gostava de ir ao Salão dos Mapas. O velho rei Wilhelm fora um amante da geografia: viajara muito na juventude e colecionara

mapas com entusiasmo. O Salão de Mapas continha estantes e mais estantes, largas, com finas gavetas de mogno com puxadores de bronze, com mapas e cartas de navegação de todos os cantos do mundo. Havia também uma enorme mesa para examiná-los, com vários globos, tanto terrestres quanto celestiais, um telescópio sobre uma base de montagem equatorial e diversos itens para equipamentos de navegação em caixas de pau-rosa revestidas com feltro.

O Salão estava limpo e encerado, mas quase não era visitado. Becky o utilizava como um refúgio e desfrutava do silêncio e do cheiro de cera de abelhas do piso, da precisão dos mapas e dos instrumentos.

Na tarde do dia anterior ao encontro diplomático, ela passou alguns minutos no telescópio, tentando colocá-lo em foco, sem sucesso. Então, por acaso, resolveu procurar por um mapa de Londres para ver se mostrava a rua onde ela morava; foi quando ela se tocou de que não havia um catálogo dos mapas. Como podia o rei, por exemplo, encontrar um mapa do oeste da África quando assim o desejasse?

Sua mente metódica ficou cismada com a pergunta e então ela se lembrou de que no pequeno anexo, na saída do Salão dos Mapas, havia um armário que ela ainda não havia examinado. Talvez o catálogo-índice estivesse lá.

Ela abriu a porta do escritório e entrou. Diferente das demais portas do palácio, esta não estava muito bem-conservada, e quando Becky entrou, foi se fechando lentamente. E no instante em que ouviu vozes de pessoas entrando no Salão dos Mapas (alguns minutos depois de ter encontrado o catálogo), percebeu que os recém-chegados ignoravam sua presença.

Não tinha nenhuma intenção de se esconder, mas não pensou em tossir ou deixar cair um livro para que soubessem que estava ali, pois certamente o interesse deles pelo Salão de Mapas era tão inocente quanto o seu. Ela reconheceu uma das vozes: era a do conde Thalgau. Mas o tom que ele usava lhe era inédito: meio ríspido, meio desesperado. O outro homem tinha um jeito pedante e prolixo de falar. O pouco que deles ouviu foi suficiente para que Becky se mantivesse imóvel, com o firme propósito de acompanhar a conversa.

— Sei, Herr Bangemann, que o senhor tem um talento raro — disse o conde. — E desejo que o senhor o ponha em prática, se não se importa. Tenho um documento aqui.

Becky ouviu o som de uma gaveta sendo aberta e um papel grosso sendo desdobrado.

— Quanto tempo precisa para a primeira página?

— O tempo de lê-la até o final. Talvez um minuto?

— Muito bem. Vou cronometrar.

Silêncio. Becky não resistiu e contou os segundos também. Mais devagar que o relógio do conde, pois quando ela chegou nos cinquenta segundos, ouviu o conde

dizer:

— Acabou o tempo.

Ouviu-se o farfalhar de papel novamente e Herr Bangemann pigarreou de maneira refinada e começou a falar.

— Um relatório sobre a Expedição à Nascente do Orinoco e do Rio Bravo liderada pela Real Sociedade de Geografia de Razkavia, 1843-44...

Ele continuou por algum tempo. Estava evidente que ele recitava o conteúdo do papel de memória.

— Surpreendente — disse o conde. — Palavra por palavra. E quantas palavras consegue guardar na memória?

— Uma quantidade considerável delas — disse Herr Bangemann modestamente. — Ainda não precisei decorar mais de sessenta páginas de papel almaço, mas tenho relativa certeza de que seria capaz de guardar mais do que isso, se me fosse solicitado.

— E precisa apenas de uma única leitura?

— Exato. Levei uma pancada na cabeça quando criança e ganhei esse dom, suponho que como recompensa.

— Extraordinário... E, pelo que sei, o senhor é um homem de família.

— Tenho cinco filhas, vossa excelência. Todas meninas boas e inteligentes. Mas, sem dúvida, dão muitas despesas. Com meu salário de funcionário público...

— É verdade. Pois bem, Herr Bangemann: preciso de alguém exatamente com esse seu talento. Trata-se de uma missão de natureza particular, para não chamá-la de secreta...

Ele interrompeu a fala. O coração de Becky disparou. Teriam-na ouvido? Mas logo ouviu a porta da saída se abrir e fechar novamente e o conde prosseguir em voz mais baixa:

— Como disse, é uma missão altamente discreta. Ninguém deve saber, entende?

— O senhor pode confiar em mim inteiramente, conde Thalgau.

As vozes dos dois se transformaram em murmúrios. Becky se deu conta de que estava grudada à porta para escutar melhor e corou: nunca fizera isso antes e também não estava gostando nada disso. Os dois homens no Salão dos Mapas conversaram por mais alguns minutos, mas Becky não conseguiu ouvir quase nada, exceto, em dado momento, o barulho de moedas.

Mais tarde, a porta da saída se fechou e o silêncio voltou a reinar. Becky permaneceu onde estava por um bom tempo antes de sair com cautela. Foi uma experiência perturbadora, pois Becky imaginara o conde como um homem forte e firme como a Rocha de Eschtenburg; e, no entanto, ele se comportara de maneira furtiva no Salão dos Mapas.

Não poderia contar nada a Adelaide: sua majestade já tinha muito com que se

preocupar. Jim era a pessoa a quem confidenciar o ocorrido. Se pelo menos conseguisse encontrá-lo... Becky deixou um bilhete no quarto dele e cruzou os dedos.

Naquela noite, no salão de jogos, Becky abriu o tabuleiro de um novo jogo, A Corrida de Trem Continental. O tabuleiro era um mapa da Europa, e Adelaide olhou por um instante e deu uma fungada de desprezo, pois Razkavia era pequena demais para aparecer.

— Que mapinha — comentou e deu um peteleco no pequeno trem de latão que percorreria o trajeto de Londres a Constantinopla ou indo de Brindisi para Estocolmo. — Trens de lata, navios de lata caindo no precipício. Sabe o que eu sou, Becky? Uma princesa de lata. E, como no xadrez, cruzei o tabuleiro e virei rainha. Mas continuo sendo de lata... Que tal uma partida de xadrez? Não, também não quero, agora não. Vamos ao terraço pegar um pouco de ar fresco. Está tão abafado aqui.

Becky abriu as portas e as duas se dirigiram à balaustrada do terraço a fim de melhor apreciar a paisagem do parque. O ar estava fresco. A silhueta da floresta ao longe já perdera a definição. Algumas árvores apareciam perdidas numa mancha escura e o céu estava mais sombrio que nunca, acinzentado com um toque de azul prussiano. De repente, fez-se um rasgo entre as nuvens e o último raio de sol tocou a terra, fazendo o verde da grama e das árvores cintilarem de forma tão intensa, que Becky parecia ouvir o som daquele choque. Uma brisa inquieta deitou a grama como um espírito invisível, chegando até elas e lhes corando a face com seu frescor.

— Becky — disse Adelaide, olhando para o contorno escuro das árvores além da resplandecente grama.

— Sim.

— Acho que aqui é minha casa agora, não é?

— Acho que sim.

— Nunca achei que fosse ter uma casa. Achei que fosse morrer na rua ou num asilo público. Ou na prisão. Achei que seria um desses o meu destino... ou uma doença. Achei que fosse pegar uma dessas doenças, sabe... ou tuberculose, talvez... E definhar ou ficar maluca e morrer num asilo de loucos. Pra mim era mais do que certo um final desses.

— Mas não vai ser assim, não é?

Adelaide nada disse por um instante. E então suspirou tão profundamente que quase estremeceu. Contemplou a floresta, enquanto a brisa brincava com os escuros cachos que emolduravam seu rosto.

— Pobre Rudi — disse com ternura. — Nunca... nunca o *amei*, Becky... Eu gostava dele, de verdade, mas... mas acho que depois de tudo o que eu já fiz nesta vida, depois de sair com homens por dinheiro, acho que já não sou capaz de amar...

Não sei. É engraçado. Talvez tenha amado três homens. Um era um senhor chamado Molloy. Ele tomou conta de mim, depois que conheci a srta. Lockhart e o Jim. Era como um pai para mim, bom e gentil... E o velho rei. Estranho, não? Eu o conheci por apenas um mês e ele tinha todos os motivos para me odiar, mas tive muita afeição por ele...

A voz lhe faltou. A luz do sol já havia desaparecido e o céu estava negro e púrpura; as rajadas de vento que vinham da floresta fizeram com que Becky subisse o xale sobre os ombros.

— Acho que o rei também a amou — comentou Becky.

— Becky, estou sendo uma boa rainha?

— Que pergunta boba! Acho que ninguém no mundo poderia ser melhor rainha que você.

— Acho que a srta. Lockhart poderia. A sra. Goldberg, quero dizer. Quando essa rodada de conversações terminar, acha que ela viria nos visitar?

— Aposto que sim. Podemos escrever para ela e convidá-la.

— Eu acho que... — disse Adelaide em voz baixa, com as mãos no peitoral. — Acho que se ela... Adoraria que ela tivesse orgulho de mim... Acho que, se ela me aprovasse, eu não me importaria com a opinião de mais ninguém.

— Quem é o terceiro homem?

— O terceiro homem?

— Depois do sr. Molloy e do rei.

— Ah. Não sei. Acho que errei na conta. Foram só dois mesmo. Vou entrar; está ficando frio. Vou tomar uma xícara de chocolate quente e vou para a cama. Não fique aqui para pegar uma gripe. Vai ter muito o que falar amanhã.

Quando Adelaide já havia se recolhido, Becky se sentou para ler um pouco, mas não conseguia se concentrar. Foi bater na porta de Jim, mas ele nunca estava. Tentou jogar xadrez sozinha: mão direita contra mão esquerda, e então se esqueceu de quem era a vez; tentou jogar a Corrida de Trem Continental e desistiu quando seu pequeno trem de lata chegou a Viena. Tentou retornar à leitura, mas os dois livros à mão eram um tedioso e o outro frívolo, e estava cansada demais para ler o primeiro e sem paciência para o segundo.

Por fim, enrolou-se no xale e voltou para o terraço. O vento noturno estava agreste agora, dava para ouvir o açoitar dos galhos das árvores apesar da distância, o que a deixou apreensiva como se os espíritos estivessem à solta no vento, espiralando como folhas mortas, sem descanso, sem nunca ceder à terra, nunca totalmente mortos, porém presos num vasto limbo entre a vida e a morte, contorcendo-se e rodopiando pela eternidade...

Estava de pé, aparada pelo balaústre e fechou os olhos para o breu da noite para sentir o vento com mais intensidade.

De repente, teve uma vívida sensação de medo e reabriu os olhos; e um segundo depois, um braço envolveu sua garganta, uma mão tapou sua boca e alguém a derrubou no chão.

DENTRO DA GRUTA

Uma voz sussurrou no ouvido de Becky:

— Becky, sou eu, Jim. Fique calada. Não se mexa. É perigoso...

Ele destapou-lhe a boca e se agachou para espreitar por entre os balaústres.

Movendo-se o mais silenciosamente possível, ela se sentou para também espiar e então viu a silhueta de uma mulher, bem abaixo deles.

— Quem é? — sussurrou Becky.

— Uma antiga empregada chamada Frau Busch. Ela é a viúva do caçador que estava com o príncipe Leopold quando ele morreu — explicou Jim.

De repente, Becky reparou que Jim tinha uma pistola na mão. O brilho seco do luar parecia reluzir nos olhos dele. A mulher parou; encostou-se a uma parede, à sombra de um arbusto, a menos de 20 metros de onde Becky e Jim estavam escondidos.

— O que está acontecendo? O que ela está fazendo? — cochichou Becky.

— Sssh! — pediu-lhe Jim.

Jim olhava atentamente. A expressão em seu rosto denunciava que algo diferente acontecia agora. Becky olhou por entre as maciças colunas de mármore da balaustrada e viu outra pessoa movendo-se sorrateiramente na esquina do edifício na direção da mulher à espera junto ao arbusto.

— Outra mulher? — perguntou Becky.

Ele não precisou mandar Becky se calar: a tensão no rosto de Jim era a de um gato prestes a abocanhar o rato. Eles observaram a outra mulher se aproximar de Frau Busch. Elas sussurraram algo, então saíram da proteção do palácio e, na ponta

dos pés, atravessaram o caminho de cascalho até o gramado, a caminho do arvoredado ao longe.

— Vou segui-las. Fique aqui — sussurrou Jim.

— De jeito nenhum. Vou com você! — respondeu Becky.

— Não vai não. Aquela outra mulher é *perigosa*. Eu a procuro desde Londres, é uma assassina. Como vou encarar sua mãe se alguma coisa acontecer a você? Além disso, Adelaide precisa que você esteja em boa forma para amanhã, não se esqueça. É seu trabalho. E este é o meu.

Becky mordeu o lábio. Ele tinha razão. Então prendeu a respiração e cobriu a boca com as mãos:

— Ah! Você recebeu minha mensagem sobre o Salão dos Mapas? Deixei-a no seu quarto — perguntou Becky.

— Há dias não entro no meu quarto — respondeu Jim.

Jim voltou a atenção para o gramado. As duas mulheres logo desapareceriam por entre as árvores.

— Escute, não tenho tempo agora, vou perdê-las de vista. Conte-me tudo depois.

Ele correu até as escadas no centro da varanda e as desceu, alcançando o caminho de pedras que o levaria ao gramado. Becky voltou a se enrolar em seu xale escuro e observou Jim desaparecer na escuridão da noite.

Jim correu atrás das mulheres, tomando cuidado para não ser visto. O vento estava muito forte, fazendo das folhas e arbustos músicos de uma ruidosa orquestra. Ele não precisaria se preocupar em ser ouvido. Avançou sem tirar os olhos delas: uma estava tensa e nervosa, e a outra, leve e caminhando como um passarinho sobre o piso.

Para a insatisfação de Jim, as duas mulheres se dirigiam ao local de onde partiram os gritos que ele ouvira. Era difícil ter certeza; um amontoado de árvores se parecia muito com os outros, e o terreno subia e descia de maneira irregular; mas estava mais claro por causa da lua, e ele não teve dúvidas sobre o local.

Mas eis que Frau Busch, que parecia ser a guia, mudou de direção: tomou a esquerda, no sentido da ponte Palladian, que atravessava um lago artificial. Jim sabia que as águas do lago formavam uma pequena cascata artificial e romântica: rodeada de cedros e de uma capela em ruínas, que adentrava uma gruta. As duas mulheres desceram o pequeno vale ao lado do riacho até a entrada da gruta.

Tudo parecia diferente e estranho sob a luz do luar. A paisagem já era bastante peculiar à luz do dia, recordava Jim, que ali estivera na tarde seguinte ao episódio em que ouvira o grito. Não gostava de grutas, achava-as úmidas demais, suas formas disformes lhe eram grotescas e desagradáveis. E aquela gruta, em particular, era sinistra. À entrada, tinha a forma de uma enorme boca em rosto de pedra de olhos inchados. Ao redor da boca, várias imagens distorcidas de serpentes, sapos, lagartos

e rãs, talhadas na rocha, pareciam ter sido expelidas pela rocha. Uma brecha nas nuvens permitiu que a luz do luar penetrasse a floresta; os tons cinza e preto e as sombras criavam uma atmosfera típica de um folhetim de mistério barato: A Gruta Fatal ou A Caçada do Assassino.

Jim se agachou sob a sombra da parede coberta de hera da ruína e observou as duas mulheres pararem na trilha paralela ao riacho.

A senhora então se agachou e puxou uma corda escondida na relva. Um pequeno barco surgiu no final da corda. A velha entrou com facilidade no barco. A atriz espanhola entrou depois, sentando-se ao lado de Frau Busch, que pegou os remos. A atriz então acendeu um fósforo e acendeu o lampião que levava numa das mãos. Com algumas poucas remadas, o barco entrou na corrente do riacho e seguiu pela entrada da caverna.

Jim praguejou em silêncio e desceu o declive. Ao chegar na beira do riacho, não havia sinal do barco. A enorme e sombria boca da gruta bocejava debochadamente e engolia a escura água que entrava silenciosamente em seu interior, refletindo a lua em espirais de prata. O que ele faria agora?

Bem, teria de segui-las. Mas não imaginara que precisaria de um barco, maldição. Caminhou pela estreita passagem que margeava o riacho e entrou na gruta. A primeira câmara da gruta recebia muito pouca luz da lua, e ao passar para a segunda cavidade, o breu era total. O som do vento estava mais fraco agora, e o da água, mais forte, ecoava pelo teto e pelas paredes rochosas. Estava perigoso caminhar no chão enlameado e irregular, com o riacho correndo a centímetros de distância.

Jim prosseguiu em meio à escuridão. Queria acender um fósforo, mas temeu que o descobrissem ali. De todas as loucuras a fazer, entrar naquele buraco asqueroso devia ser das piores. Ainda por cima corria o risco de se perder: e se o túnel ao final se bifurcasse sem que ele percebesse...

Mantenha a mão na parede da gruta, pensou. Era pegajosa e fria. De repente, a parede se mexeu sob a mão de Jim, que pulou para trás assustado, para logo descobrir, com asco, que se tratava de um sapo. Devido ao susto, quase caíra no riacho. Voltou a se apoiar na parede, pois seria a única maneira de chegar ao final e achar a saída.

Foi quando um calafrio percorreu sua coluna. Em meio à escuridão da gruta ouviu-se um grito assustador. De alguém que parecia estar sendo torturado, que expressava imensa dor e desespero. Os ecos do som das águas impediam que se calculasse a distância dos gritos ou mesmo de onde vinham. Apavorado, Jim lembrou a história do Minotauro, na escuridão, à espera da próxima vítima no cerne do labirinto...

Jim não soube dizer quanto tempo ficou ali com seu coração a mil e o corpo arrepiado de medo. Finalmente, tomou coragem e, ainda pálido pelo susto,

continuou, mas não por muito tempo: as paredes rochosas mais adiante refletiam um fio de luz. O barco ressurgia, estava retornando.

Aflito, procurando um esconderijo, Jim percebia apenas sombras na escuridão. Contudo, uma das sombras era mais intensa que as demais: uma pequena abertura havia sido escavada dentro da rocha. Era tão rasa que ele mal cabia dentro, mas se pressionasse um pouco o corpo contra a pedra...

Ouviu o bater dos remos na água. Não havia tempo para procurar outro refúgio. Subiu a gola do casaco e baixou o chapéu sobre o rosto pálido, e agarrou a pistola guardada no bolso.

O som dos remos na água se intensificou, assim como a luz do lampião, que rapidamente passou a iluminar toda a galeria. Seria inevitável que o vissem.

Jim prendeu a respiração, observando tudo com olhos semicerrados, sob o chapéu, enquanto o barco passava por ele. Mas nenhuma das ocupantes o notou, talvez por uma delas estar sob forte emoção: o rosto da velha senhora estava consternado. Já a atriz tinha o rosto encoberto por um capuz, mas seu nervosismo revelou-se no soluço que fez estremecer todo o seu corpo.

E elas passaram. A escuridão voltou a dominar a galeria. O barulho dos remos diminuiu.

— E o que vai fazer agora seu idiota infeliz? — disse Jim em voz baixa, já sabendo a resposta.

Deu um longo suspiro e o soltou lentamente, buscando a caixa de fósforos. Já não teria problema acender um agora. Elas não voltariam. Acendeu um palito e deu vários passos adiante, protegendo a chama o máximo que podia antes que se apagasse. Repetiu o processo uma dúzia de vezes ou mais. Em uma ocasião, ouviu o barulho de algo caindo na água atrás dele e quase deixou cair o fósforo de pavor, mas avistou a cabeça de um rato nadando ao longe. Em outro momento, ouviu um gemido que parecia ecoar de todos os lados e que deixou suas pernas bambas.

Aquele era um sinal de que ele estava próximo, pois o gemido era humano, e não fantasmagórico ou de natureza demoníaca. A cada passo dado, mais convencido ele ficava acerca da autoria do gemido.

Pouco depois, contornou uma curva. A água ainda corria do seu lado esquerdo, mas o caminho se alargara alguns centímetros nesse trecho. Na parede rochosa à direita havia uma grade de ferro. Uma porta com grossas barras estava fechada com um enorme cadeado.

Era possível ver do outro lado da grade uma minúscula cela com uma cama e sobre ela a figura de um esfarrapado e aterrorizado homem deitado, que parecia ser uma versão esquelética do príncipe Rudolf; e quando o homem se sentou e se aproximou das barras de ferro, atraído pela fagulha do fósforo, Jim confirmou sua suspeita. No rosto coberto por uma enorme barba e grossa sujeira, a pálpebra caída

e o furinho no queixo eram os mesmos na pintura que Jim vira na galeria do castelo: pertenciam ao irmão mais velho de Rudolf, o príncipe Leopold, vivo.

— Vossa alteza — murmurou Jim em alemão, segurando um fósforo aceso.

O homem não reagiu. Seus olhos acesos e febris pareciam carecer de razão. Era como se diante de Jim estivesse um animal selvagem.

— Príncipe Leopold? É o senhor, não é? Escute, me chamo Taylor, entende? Taylor. Vou tirá-lo daí. Deixe-me ver esse cadeado...

Quando o fósforo se apagou, o príncipe soltou um lamúrio e afastou-se para dentro da cela. Restavam apenas três fósforos. Jim xingou em voz baixa e estava prestes a acender mais um fósforo quando ouviu um barulho que vinha do fim da galeria: o ruído de uma porta de ferro maciça se fechando e em seguida o som de botas. Alguém se aproximava.

O príncipe também havia ouvido o barulho e balbuciava lamentações incompreensíveis. Jim sussurrou:

— Escute, alteza! Tenho que ir agora, mas voltarei! Tirarei vossa alteza daí. Entendeu?

Logo depois, Jim afastou-se em silêncio, apalpando a parede esquerda do túnel. Ao alcançar a primeira galeria, fez uma pausa e olhou para trás. Uma fraca luz tremeluzia sobre a rochosa e úmida parede, mas imóvel; e os passos também haviam cessado.

Foi quando escutou a voz de um homem dizer de maneira amigável:

— Vamos, pare de choramingar. O velho Lutz está de volta. Fui até lá em cima esticar as pernas e pegar um ar fresco. O que está dizendo? Fogo? Chama? Não, não, isto é um lampião, não vai queimá-lo. Vá se deitar e dormir agora. Não vai querer estar acordado quando Kraus chegar para assumir o turno...

Do príncipe, chegou um abafado grito de medo; do outro, uma risada espalhafatosa.

Jim permaneceu ali para ver se falavam mais alguma coisa, mas nada ouviu. Virou-se e saiu da gruta.

Meia hora depois, quando o relógio do palácio badalou uma hora da manhã, Jim abriu a porta do quarto. Suas mãos e rosto estavam imundos, as botas e a calça salpicadas de lama, a camisa e o casaco úmidos e frios. Teria que se limpar antes de acordar o conde Thalgau.

Ao fechar com cuidado a porta, nela descobriu fixado um papel dobrado. Abriu-o e leu:

“Querido Jim, precisava lhe contar o que ouvi nesta tarde. Não sei o que significa, mas me deixou preocupada. Creio que, sobretudo, pelo jeito suspeito

como conversaram, mais do que pelo conteúdo da conversa propriamente...”

Era o bilhete que Becky havia escrito na noite anterior, com o relato da conversa que ela ouvira involuntariamente no Salão dos Mapas. Durante a leitura, Jim se sentou lentamente; já não fazia sentido procurar o conde. Será que não havia solo firme onde pisar? Todo o maldito palácio estava podre e corrompido por complôs e segredos; seria bem-feito se aquilo tudo desabasse sobre as cabeças desse bando de covardes. Exceto que Adelaide...

Adelaide tentava *salvar* essa porcaria de lugar, demônios!

Jim acendeu o último fósforo que tinha e queimou o bilhete; era mais seguro. Como não podia contar com o apoio do conde, o jeito era procurar Frau Busch. Ela já devia ter voltado ao seu quarto.

Rapidamente, lavou o rosto e se trocou, pôs um par de sapatos com sola de borracha e saiu. O corredor estava escuro, mas ele já conhecia bem o caminho: subiria as escadas até o sótão e contaria as portas até o número catorze.

Ao parar em frente à porta, Jim viu uma fresta de luz no interior do quarto da senhora Busch e ouviu movimentos leves de quem arrumava a roupa de cama. Bateu com suavidade à porta e, de dentro, chegou um profundo suspiro como resposta, seguido da pergunta:

— Quem é?

Ele girou a maçaneta e entrou, fechando a porta com cuidado.

— Sou eu, Jakob — disse. — Lembra-se de mim? Carreguei seu baú até aqui.

— O que quer? Não é um criado, logo vejo. Quem é o senhor?

A senhora estava de pé ao lado da cama, com uma volumosa camisola branca e uma touca que lhe encobria os cabelos grisalhos. A vela na mesinha de cabeceira cintilava no ambiente semivazio.

Jim disse:

— Sou o secretário particular do conde Thalgau e a senhora está em apuros, Frau Busch. Mais cedo, eu a segui até a gruta e reconheci o homem que está lá dentro. Por que o príncipe Leopold está sendo mantido prisioneiro? E por que a senhora é cúmplice da mulher dele?

Aflita, ela prendeu a respiração e se sentou na cama. Abriu a boca umas duas vezes, mas permaneceu muda e trêmula.

— É melhor me contar tudo — disse Jim. — A senhora sabe que foi ela quem matou o rei Rudolf. Vê essa cicatriz na minha mão? Ela me esfaqueou. E eu não ficaria surpreso se descobrisse que ela também está por trás da morte do príncipe Wilhelm e da princesa Anna. O seu marido estava com o príncipe Leopold quando anunciaram que ele havia sido assassinado, e agora a senhora está envolvida nessa história. Precisa perceber a gravidade da situação. O que está acontecendo?

Ela levou as mãos ao coração e fechou os olhos. Com um suspiro, estremeceu; e

iniciou um choro contido.

— Não foi minha intenção fazer mal a ninguém! Tudo o que fiz foi por amor. O que senhor vai fazer? O senhor vai me entregar ao barão Gödel? Ele me mataria. E isso não ajudaria ninguém.

— Quero saber tudo — disse Jim. — Ficarei aqui o tempo que for necessário. Conte-me tudo.

A mulher entrou debaixo das cobertas e puxou-as até o pescoço. Tremia como se fizesse um frio gélido.

— Eu era a ama-seca do príncipe Leopold e o amava verdadeiramente. Quando ele se casou, fui eu a primeira pessoa para quem ele contou. Ele trouxe a esposa para me conhecer em segredo. Queria minha aprovação, entende? Eu era a pessoa mais próxima a ele. Ela não era bem o tipo que eu gostaria para sua esposa, mas não cabia a mim escolher. Além disso, ela o amava, do jeito dela. Era selvagem e passional; eu não tinha dúvidas de que ela lhe seria fiel, e de que ele precisava muito disso; ele tinha muito medo do pai, do barão Gödel. E da própria posição e suas responsabilidades.

“Então guardei segredo sobre o casamento que, claro, não durou muito. A Família Real descobriu e a renegou e em seguida mandaram o príncipe para Ritterwald. Meu marido era o chefe dos caçadores: mandaram-no ir com Leopold à floresta matar um urso e depois inventar que antes o urso havia matado o príncipe. Alguns homens então apareceram na floresta e levaram o príncipe para Neustadt, para um asilo que tem lá, onde ele foi mantido prisioneiro. Sei disso, porque o barão Gödel me pagou para cuidar do príncipe lá.”

— Então Gödel planejou isso?

— Oh, sim.

— O rei sabia disso?

— Não sei. Aos olhos do rei, o príncipe Leopold morreu ao se casar com aquela mulher.

— Então foi Gödel quem o manteve vivo... Está louco o pobre homem.

— O senhor também não ficaria? Trancafiado num subsolo, sem que ninguém soubesse que está vivo, sem ter com quem conversar? Claro que ele enlouqueceu, pobre alma. Fiz o que pude para deixá-lo são, mas vi a loucura tomando conta dele, pouco a pouco... Como uma teia de aranha se acumulando num quarto vazio. Oh, eu me amaldiçoei muitas e muitas vezes! Rezei para que uma força poderosa fizesse o tempo retroceder dez anos, antes de tudo isso ter acontecido! Meu marido, pobre homem, não conseguiu suportar o que havia feito; suicidou-se logo depois. Eu cuidei de Leopold por toda a vida dele, desde que era bebê até se tornar um prisioneiro louco. Cuidei dele em Neustadt, e quando o transferiram para cá, há pouco tempo, também me trouxeram para que eu estivesse perto dele...

— Por que Gödel o trouxe para cá?

— Não sei. Suspeito que ele queira destronar a inglesa... O senhor é inglês?

— Sou.

— Foi o que imaginei. Um empregado dela?

— Sou. Assim como a senhora, Frau Busch. Ela é a soberana, não Gödel. O que ele fez é traição, e se a senhora o estiver ajudando de alguma forma, também é traidora. Fale-me da atriz. Como ela se chama?

— Carmen Ruiz é seu nome artístico. Mas também usa outros nomes.

— Por que a levou até lá hoje à noite? Isto também faz parte dos planos de Gödel?

— Não, por Deus! Ele não sabe nada sobre ela. Mantive contato com ela pelo bem dele, do príncipe. Príncipe! Há! Ele é o rei, por direito, e ela, a rainha! Essa inglesa...

— A senhora não conhece a história do seu próprio país? A rainha Adelaide é a *Adlerträger*, e por direito. Acha que esse pobre homem é capaz de governar o país? Ele não servirá para nada para o resto da vida. O que a senhora planejava ao envolver a mulher dele nessa história? Sabia que ela é a responsável pela morte de dois príncipes?

— Isso não é assunto meu.

Ela permaneceu sentada na cama, desafiadora, lábios tensionados, têmporas ruborizadas; brilhante e vermelho, o olhar, destemido. Jim sustentou o olhar ao dela. Finalmente, ela fraquejou e as lágrimas derramaram-se, atingindo a coberta da cama.

— Isso não é assunto meu! — disse ela soluçando. — Escrevi para ela porque ela o amava! E a levei até a gruta hoje, porque ela queria se assegurar de que ele estava vivo! Tudo o que faço é por ele, meu pobre bebê, meu Leo, meu pequeno príncipe...

— Quer vê-lo fora daquele buraco fétido?

— Quero!

— Eu também. Ele precisa ser libertado e merece os devidos cuidados. Mas me escute, Frau Busch.

— Estou ouvindo... — Os olhos estavam injetados de sangue, a respiração custosa.

— A senhora já ludibriou Gödel antes. Se ele descobrir, irá puni-la, mandá-la para longe, e a senhora nunca mais verá o príncipe Leopold. E se ele não a punir, eu a punirei. Caso a senhora seja afastada daqui, será o fim do príncipe. Por isso, diga-me: onde posso encontrar Carmen Ruiz?

— O que vai fazer?

— Como é mesmo a expressão que a senhora gosta de usar? Isso não é assunto seu. Se quiser que o príncipe continue vivo e se quiser continuar a cuidar dele, diga-me onde está essa mulher.

Ela pareceu engasgar. O peito estava ofegante, e então ela disse:

— Ela está no Para... Parasol... Paracelsus...

Em seguida, a cabeça de Frau Bush pendeu para a frente, ela exprimiu um gemido alto e um rasto de saliva escorreu até o queixo, caindo sobre o lençol. Jim procurou com urgência a campainha que soava na sala comunitária dos criados, mas lembrou-se em seguida de que não haveria nenhum criado ali a esta hora. Frau Busch parecia estar tendo um ataque apoplético: o que deveria fazer? Ele a deitou, certificou-se de que ela não estava engasgando e correu para bater na porta vizinha.

Abriu-a sem se anunciar e disse à sonolenta criada que o olhava atônita da cama:

— Frau Busch, na porta ao lado. Está doente. Não a ouviu gritar? Ela me acordou! Corra e vá chamar ajuda, rápido.

Ao deixar o quarto, desceu correndo para seu quarto, pegou a pistola e saiu novamente.

STATECRAFT

Quarenta e cinco minutos depois, Jim escalava a empoeirada escada que dava no sótão onde Karl von Gaisberg morava. Deu uma batida na porta de leve, abriu-a e, pela luz de um fósforo, viu que Karl estava num sono pesado. Um prato com resto de comida ocupava metade da mesa e um rato gordo se afastou preguiçosamente e encarou Jim de um buraco no lambri. Ao lado do prato sujo, um livro de Schopenhauer estava aberto com a página marcada por um florete sobre ela; uma vela apagada havia derretido entre dois chifres no crânio de uma cabra, cujos buracos onde antes havia olhos estavam ocupados por um par de óculos quebrados. Uma rolha de champanhe tampava o pote de um tinteiro e uma cadeira quebrada ao lado do fogão servia de alimento para o fogo. Uma fotografia de Sarah Bernhardt rodeada de corações desenhados enfeitava a parede rachada acima da cama de Karl e, no chão, havia pelo menos uma dúzia de papéis com borrões, rabiscos, cruces, diagramas, textos góticos em letra estreita. Num deles, Jim pôde ler: Uma análise das implicações idealistas do platonismo de Schopenhauer. No que parecia ser a última folha do bolo estava escrito com letras garrafais FINIS.

Jim passou por cima dos papéis, abriu a cortina e remexeu o carvão do fogão com o atizador para avivar a brasa.

Karl se espreguiçou e soltou um grunhido.

— O que está fazendo? Quem está aí?

— É o Jim. Onde você guarda o café?

— No pote florido. Parapeito da janela. Que horas são? O que está fazendo acordado?

Karl se sentou tremendo de frio e vestiu o roupão que Jim lhe jogou. O relógio da catedral, a poucos metros de distância, com seus dentes de engrenagens tiritantes, molas, pesos e maquinário antigo ronronante, estava prestes a marcar as cinco horas da manhã. Karl coçou a cabeça e bocejou, enquanto Jim punha água para ferver.

— Escute, companheiro — disse Jim. — Estamos encrocados.

Ele jogou o último pé da cadeira dentro do fogo e se sentou para contar a Karl os acontecimentos da noite. Ao terminar, a água no pequeno bule já fervia, e Karl saiu da cama para procurar duas xícaras.

— Leopold? — disse. — Tem certeza? Mas é impossível.

— Eu o vi. E também vi a atriz espanhola e ouvi a história da senhora. É verdade.

— Mas... por quê? *Cui bono*? Quem ganharia em mantê-lo todo este tempo preso? A Família Real, certamente que não.

— Não. Não creio que o velho rei soubesse disso. Esta foi uma conspiração arquitetada por Gödel. Ele tem Leopold debaixo da manga para poder trazê-lo de volta como governante quando lhe for conveniente. Lembra-se da briga na taberna na outra noite? Aquele sujeito, Glatz, falava de Leopold. Acredito haver uma forte corrente em defesa da pureza do sangue real no trono neste lugar. Gödel está tramando alguma coisa e por isso trouxe Leopold para a gruta do asilo de Neustadt, para poder revelar o príncipe...

— Você contou isso ao conde Thalgau?

— Não, maldição. Ele também está metido em alguma coisa suspeita — Jim contou a Karl sobre o bilhete de Becky e depois foi até a janela e contemplou a paisagem da cidade. O vento havia dissipado as nuvens e o ar estava fresco; ao leste, as estrelas iam se apagando com a aurora que chegava ao fundo. — Por isso, temos duas coisas a fazer — continuou. — Precisamos resgatar o príncipe Leopold, para o nosso próprio bem e para acabar com os planos de Gödel. E precisamos encontrar a espanhola. E tudo isso sem que o conde saiba. Você conhece um lugar na Cidade Velha chamada Paracelsus?

Adelaide despertou bem cedo. Estava tensa e ansiosa sob as cobertas de linho, acariciando o gatinho preto, sem conseguir parar de pensar na reunião em que ela teria que apresentar suas ideias aos representantes da Alemanha e da Áustria. Sentia-se no centro de uma abundância de vida conforme a cidade despertava também. Conseguia visualizá-los, seus súditos: os criados bocejando e acendendo o fogo das frias cozinhas, padeiros com suas finas tábuas deslizando por sob os crocantes pães recém-saídos da fornalha, camponeses tirando o leite das vacas, monges do mosteiro de São Martin murmurando rezas no oratório na primeira hora canônica. Aos poucos, todos iam acordando, exceto o pequeno Caçarola.

O sol já havia nascido, o fluxo nas ruas, engrossado e os garçons nos cafés já circulavam apressados de mesa em mesa com bules de café e pães fumegantes,

quando o representante do governo austríaco aproximou-se da janela aberta da embaixada, com um longo suspiro, balançando um par de tacos indiano na mão para revigorar a articulação dos músculos, e o chefe da comitiva alemã se encontrava na cama, ponderando sonolento se deveria pedir mais um brioche do café da manhã e garantir energia para o longo e rigoroso dia que lhe aguardava.

Num apartamento no terceiro andar de um imponente edifício no Glockengasse, um dos funcionários do Ministério de Relações Exteriores da Razkavia limpou o impecável bigode com um lenço, empurrou para trás a cadeira onde estava sentado e foi até o hall se despedir da família não sem antes ajeitar o cabelo já previamente lustrado.

A esposa segurava sua maleta de trabalho e seu chapéu Homburg, e as cinco filhas estavam em fileira, prontas para serem beijadas.

— Até breve, Gretl... Inge... Bertha... Anna... Marlene. Sejam boas meninas. Trabalhem bastante, como o papai. Adeus, minha querida. Devo chegar um pouco mais tarde hoje; temos uma tremenda missão a cumprir. Tremenda missão!

Elas o aguardavam disciplinadamente enquanto ele dava uma torcida extra ao bigode defronte do espelho e ajustava o chapéu garbosamente sobre o cabelo abrilhantado. Em seguida, acenou com a mão um adeus e desceu as escadas.

— Adeus, papai! Adeus, papai!

Herr Bangemann e seus colegas, escreventes e secretários e assistentes de administradores saíam de diferentes partes da cidade rumo ao palácio, com passos mais apressados que o normal nessa manhã. Porteiros e criados do palácio estavam atribulados arrumando o Salão de Reuniões para o encontro.

O Salão de Reuniões ficava na ala ensolarada do palácio, e a luz do outono iluminava seu interior com um esplendor meticuloso. A mesa levava uma toalha verde e na frente de cada cadeira (havia dezesseis: cinco para os alemães, cinco para os austríacos, cinco para os razkavianos e uma na cabeceira para a rainha) havia um bloco de notas com pluma, tinteiro de cristal com tinta vermelha e preta, mata-borrão, lápis, uma pequena jarra com água, um copo e um cinzeiro.

Atrás de cada cadeira principal havia uma menor e menos confortável para os assessores ou secretários. Atrás de Adelaide, obviamente, estaria Becky.

Enquanto os delegados chegavam à antessala, com os secretários carregando blocos de papel e caixas com documentos e livros de direito, Adelaide, a rainha, esperava em sua sala de estudos, no andar de cima e se olhava num espelho segurado por uma criada.

— Linda — disse ela. — É bom que deixe a todos de queixo caído. Aqui, ponha esta mecha de cabelo atrás da minha orelha. Becky! Pare de bocejar! É a terceira vez em menos de dois minutos. Eles não vieram até aqui para ver suas amídalas, garota! Foi dormir tarde? Há quanto tempo eles estão esperando? Dê-me mais um minuto.

Cinco minutos de atraso é chique. Quatro é pouco. Seis é lânguido. Não quero ser lânguida hoje. Vou balançar o coreto, vai ver se não vou. Está bem, Marie-Hélène, pare de me apertar, sua aborrecida, vá abrir a porta. Onde está o conde? Ah, aí está ele...

Esforçando-se para não bocejar mais uma vez, Becky os seguiu para fora do cômodo. Não havia dormido bem. Seus sonhos haviam sido povoados por uma mulher de capuz, vestida de preto, sem rosto e com uma faca, escalando a lateral do palácio lentamente até uma janela que ela não descobriu se era de Adelaide ou não. Agora tinha dor de cabeça e olhos vermelhos. Bem, teria que se concentrar mais do que nunca se desejasse ajudar Adelaide nas negociações. Para isso se tornara rainha, disse a própria Adelaide. Seria o feito mais importante de sua vida.

Sua majestade estava branca, bem composta, linda. Apenas uma leve tensão nos lábios e o polegar nervoso denunciavam sua preocupação. O laçao curvou-se e abriu as duas portas do Salão de Reuniões.

Bem, se algum dia deixasse de ser rainha, ganharia um bom dinheiro como atriz, pensou Becky, enquanto observou os mais de trinta pares de olhos presentes no recinto se virarem para a rainha, arregalados de admiração.

Adelaide foi até seu lugar e falou. Tinha escrito ela mesma o discurso, letra após letra, cuidadosamente, e Becky o traduziu e ensaiou com ela. Agora a professora observou a pupila com orgulho enquanto a voz clara entoava as palavras em alemão impecável, no tom perfeito para o tamanho do salão e para a solenidade da ocasião.

— Bom dia a todos. Bem-vindos ao Salão de Reuniões de meu palácio. De início, ponderei sediar esta conversa no Grande Hall do Castelo, onde Walter von Eschten assinou o tratado de 1254, que garantiu a liberdade de Razkavia. Mas depois pensei que reuniões em castelos ocorrem em tempos de guerra, e em palácios em tempos de paz. E Razkavia não se encontra ameaçada como se encontrava então. Nosso pequeno país é sólido, seguro e inabalável.

Adelaide fez uma breve pausa, um sorriso sutil de expectativa nos lábios, e como era esperado, murmúrios de aprovação vieram em seguida, acenos positivos com a cabeça. Quem poderia discordar de uma afirmação expressada tão inocentemente? E foi suficiente para estabelecer um clima de cooperação e boas intenções, apesar de certa malícia nas palavras.

Becky pôs-se a postos para iniciar os trabalhos e logo se esqueceu do sono, da dor de cabeça e da tensão nos ombros sobrepujados pelo fascínio de estar testemunhando um momento histórico.

No Café Florestan, os Richterbund tentavam resolver o quebra-cabeça que envolvia a palavra Paracelsus... Que diabos isso significava?

— Paracelsus-Strasse? — sugeriu um deles.

— Existe um lugar com este nome?

— Não! Você está pensando em Agrippa-Strasse, próximo ao castelo!

— Bem, ele estava pensando em outro alquimista... Paracelsus-Garten! Foi isso que ela quis dizer!

— Não é Paracelsus-Garten, é Parasol-Garten! Onde fica o teatro de marionetes!

— Isso mesmo! Se bem que há um Paradies-Garten também. Pode ser isso.

— Concentre-se na palavra Paracelsus, pelo amor de Deus. Paracelsus-Platz? Existe esse lugar?

— É um código. Ela se referia a ouro, por causa da alquimia. Aposto que ela falava de Goldener-gasse.

— Tem uma pintura de Paracelsus em algum lugar. Tenho certeza de tê-lo visto... num museu...

Jim olhou para Karl, que inflou as bochechas.

— É melhor começar a procurar — disse. — Cada um fica com uma parte da cidade e começa a vasculhar. Quem encontrar alguma coisa avisa aos demais. Anton, fique aqui e anote onde cada um estará e as novidades...

E a busca por Paracelsus começou.

Adelaide desempenhava seu papel de estadista com a paixão e a astúcia que empregava em seus jogos de tabuleiro, e Becky começou a suspeitar que ela havia praticado e se preparado para este momento em cada jogada de dados que fazia, cada movimento de peça no xadrez. Conforme a manhã ia se despedindo e os detalhes da negociação iam ficando mais claros, Becky, no centro de tudo, seguia os passos dela com admiração crescente.

Perto do meio-dia, o ministro de comércio alemão insistiu em um grande desconto no preço do níquel razkaviano para compensar o fato de que a Alemanha não poderia comprar todo o níquel. Adelaide pediu uma pausa e já no terraço, enquanto o restante dos delegados fumava seus charutos, em concentrada discussão, ela lançou um olhar sedutor ao ministro alemão e o convidou para ver as rosas. Confuso, ele atendeu ao pedido, e Becky, a poucos passos de distância, observou-os como um fantasma, os dois caminhando ao redor do roseiral. Adelaide o fitou e falou com emoção do grande afeto e da admiração que o povo de Razkavia tinha pela Alemanha, e de como esse elo afetivo entre os dois povos criava uma união espiritual que ia muito além de interesses comerciais. Em menos de cinco minutos de conversa o pobre homem estava praticamente convencido de que, primeiro, Adelaide estava apaixonada por ele, e que ele era nobre demais de tirar proveito disso. Por último, de que uma oferta de ajuda por parte da Alemanha seria recebida pela rainha com eterna gratidão. E quando essa rodada de negociações chegou ao fim, o tamanho do desconto que ficou acordado acabou sendo bem menor do que os alemães haviam pedido originalmente.

Foi então a vez dos austríacos dificultarem as coisas. O chefe da delegação

insistia em que Razkavia aumentasse a quantidade de níquel vendida à Áustria de 200 para 350 toneladas por ano. Becky viu os alemães eriçarem-se, mas àquela altura já era hora do almoço. Adelaide deu uma sutil ordem ao conde Thalgau, que se dirigiu ao lacaio, e quando todos chegaram ao Salão de Banquetes perceberam que o ministro das finanças da Áustria tinha lugar garantido ao lado da rainha. Diferentemente do influenciável ministro alemão, o austríaco mostrou-se menos maleável e Adelaide teve dificuldade em manipulá-lo. De qualquer forma, não havia clima para flertes estando ela na ponta da mesa sob a visão de todos os convidados.

Mais tarde, durante a sobremesa, enquanto comiam um *Charlotte à la Parisienne*, Adelaide encontrou uma brecha e puxou assunto sobre a vida pessoal do ministro. Era amante de boa música, por exemplo? Viena era um centro musical magnífico... De forma um tanto seca, mencionou a caça como hobby. Becky notou que Adelaide inclinou-se um pouco para frente demonstrando interesse. Caça? Ela queria saber mais sobre essa atividade. O que mais gostava de caçar? Como ela poderia se iniciar nesse esporte? Em um minuto, o ministro havia se esquecido da sobremesa e falava poeticamente sobre os prazeres da caça. Adelaide escutava atentamente, pincelando a conversa com uma pergunta aqui e ali, um comentário, e Becky se deu conta de que a rainha conseguira abocanhar sua presa; e, certamente, durante a rodada de negociações da parte da tarde, foi mencionado que a floresta ao redor das minas de níquel estava excepcionalmente bem provida de todo tipo de fauna e flora. Por isso, para incrementar a produção de minério, seria necessária a construção de mais uma linha férrea pelas montanhas que arruinaria a caça na região.

A informação lançou nova luz sobre os planos de expansão da produção de minério. Havia uma reserva grande de níquel, mas seriam necessários novos métodos para sua extração — talvez com a ajuda técnica do Instituto de Minas em Viena... O ministro austríaco mostrou-se ansioso em ajudar.

Becky estava maravilhada com as mudanças sofridas pela menina deselegante, mal-humorada, entediada e iletrada que conhecera poucos meses antes. Numa situação como a que viviam agora, aquela Adelaide teria se comportado com deboche, mau humor e uma tromba daquelas. Essa nova Adelaide, no entanto, era paciente, graciosa, esperta e implacável. Becky, que era uma pessoa genuinamente modesta, não pensou nem por um segundo que parte dessas mudanças era contribuição sua. Ao fim do dia, percebeu que algo havia mudado radicalmente, não apenas em sua opinião sobre Adelaide, como também na história de Razkavia, visto que as grandes duas potências vizinhas discutiam amigavelmente sobre um assunto espinhoso que poderia inclusive levá-los a guerrear entre si. Além disso, agora não havia mais qualquer vestígio ou impressão de uma Razkavia que não fosse segura e estável.

Ainda assim, este era um ponto que precisava ser garantido e seria o assunto das

conversações do dia seguinte. Becky praticamente dormia em pé. Foi direto para a cama, com dor de garganta, a cabeça latejando de exausta, e dormiu como nunca antes. Estava fazendo um trabalho, um trabalho complexo e importante; precisavam dela; e se sentia plenamente feliz por isso.

Ruas sem nome, vielas sem saídas, pequenas praças que convidavam o recém-chegado a entrar para em seguida esconder a saída... Os estudantes Richterbund eram capazes de acompanhar argumentos dos mais sutis pelas densas páginas da filosofia hegeliana, porém dar uma de detetive demandava um outro tipo de perspicácia. As buscas duraram todo o primeiro dia das negociações no palácio, sem render frutos. No posto de comando no Café Florestan, o mapa da cidade se estendia e ocupava cada vez mais espaço na mesa, um pedaço de papel após o outro, à medida que uma e outra área terminava de ser explorada por um dos estudantes. Testaram todas as variações possíveis: paraíso, Paris, paralelo, Paraguai, Parasol, paralisia; Cornelius Agrippa, Albertus Magnus e todos os nomes que tivessem uma conexão, mesmo que vaga, com alquimia ou ouro. Mas nada conseguiram.

Quando a noite chegou, Jim e Karl se dirigiram para a velha ponte e ali ficaram, apoiados no parapeito, contemplando o rio.

— Parapet — disse Karl.

— Parakeet.

— Seções parabólicas. O que vai fazer quando encontrá-la, Jim? Prendê-la?

— Não. A polícia poria tudo a perder. Já não tenho tanta confiança no conde Thalgau. Pensei em oferecer ajuda a ela.

— *O quê?*

— Ou pelo menos fingir. Diríamos a ela: “Ouça, se quiser ver Leopold livre, ajude-nos a tirá-lo de lá.” O homem está completamente incapaz; precisa de alguém que cuide dele, e Frau Busch sofreu um derrame. Não consegue se mover ou falar. Precisamos dessa Carmen Ruiz. Afinal, ela sabe exatamente em que estado ele se encontra. Sabe onde ele está e como funciona a segurança do local, mas não tem como libertá-lo sozinha. Talvez ela tenha um cúmplice, o sujeito que Herr Egger achou ser um fotógrafo, mas para esse tipo de trabalho ela vai precisar de uma equipe específica. Vai precisar de nós.

— Está pensando em usar o príncipe como isca para pegá-la, é isso?

— Exatamente. E uma vez que tenhamos os dois, podemos dar uma lição no calhorda do Gödel. Podemos deixá-la presa em algum lugar e arranjar um lugar seguro para Leopold. É isso o que faremos. Tem uma ideia melhor?

— Não. Conseguiu dormir ontem à noite?

— Não, estou pensando nisso agora — disse ele, bocejando.

— Por que não tenta descansar um pouco? Do contrário, estará exausto para fazer qualquer coisa, imagine enfrentar alguém dentro de uma gruta. Nós vamos continuar

as buscas. Se a encontrarmos antes do amanhecer, eu lhe mandarei uma mensagem.

Jim deu um tapinha no ombro de Karl.

— Bom rapaz — disse. — Mandarei cumprimentos seus a Fräulein Winter, que tal? Ela pareceu ter ficado bem impressionada com você no outro dia. Assim que amanhecer, irei para o Florestan.

O PEQUENO GLOBODE VIDRO

O tempo começava a mudar. Uma frente fria sobre a Europa Central trouxera ventos frios da Rússia e os primeiros flocos de neve do inverno. Mas não havia palidez alguma no sol que atravessava as janelas do Salão de Reuniões, no segundo dia das conversações tripartites.

Becky despertara de um sono profundo e perturbador. Sonhara que era mantida prisioneira por três espanholas idênticas, quando Jim apareceu feito um D'Artagnan, com espada e chapéu de plumas, uma ridícula barba postiça, que ele insistia em dizer que usava para espantar os mosquitos. Becky então lhe dizia contrariada que ele estava confundindo a palavra mosqueteiro com *moustique*: mosquito em francês. Mas ele não lhe deu ouvidos e ela o sacudiu. Até que percebeu, despertando de súbito, que quem a sacudia era sua criada. Parecia ter passado menos de um minuto desde que se deitara.

Banho, café da manhã, gargarejo e de volta ao Salão de Reuniões. Apesar do céu cinza do lado de fora, o bom humor ocasionado pelos dias anteriores permanecia intacto; era como se um encantamento houvesse recaído sobre os participantes da reunião, tornando-os mais joviais e compreensíveis, dispostos a abrir concessões e buscar ativamente soluções para superar os impasses. Becky, que estava no centro de tudo, sabia que muito desse encanto vinha de Adelaide, com seu bom humor que contagiava a todos, dissipando, com seu charme, o sentimento de rivalidade. Durante o almoço, Becky perguntou a si mesma se um homem conseguiria realizar esse feito e ela própria respondeu a pergunta: não. Então o sucesso de Adelaide devia-se inteiramente ao seu charme? Qualquer mulher bonita lograria a conclusão de um

tratado desta importância, apenas flertando e seduzindo? Claro que não. O charme de Adelaide não era o único responsável por essa vitória, mas também sua determinação nata, teimosia e inteligência de jogadora. Sua beleza era sim uma carta a mais na manga, que ela usava com sabedoria. Becky, que não era bela, não sentia inveja, mas admiração.

Mais tarde, nesse mesmo dia, um estudante entrou no Café Florestan e se aproximou das três mesas onde estava um mapa da cidade, que não parava de crescer.

— Não tenho certeza... — disse o estudante inseguro. — Há uma pequena praça com uma fonte repleta de folhas caídas e uma estátua de mármore, e acho que a estátua pode ser a de Paracelsus. É igual a da pintura que vi no museu, mas não tem identificação.

— Onde fica? — perguntou Anton, exausto, à procura de uma caneta.

— Bem, fica... mais ou menos... — disse o estudante, apoiando-se sobre o mapa, tentando se localizar. — Aqui. Chama-se Hohenheim-Platz. Posso levá-lo lá...

— *Hohenheim-Platz*?

— Esse era... — ia dizendo um dos estudantes presentes.

— Esse é ele! — disse um segundo estudante.

— Acho que você matou a charada! Tome um rum! Não, dois! Karl e Jim devem estar de volta em cinco minutos. Consegue tomar um rum em cinco minutos, não consegue?

E trinta minutos depois, o estudante, um pouco ébrio, chegava à pequena praça com Jim e Karl. Era tão pequena que mais parecia um pequeno átrio. Uma enorme árvore encobria quase todo o ambiente, inclusive a pequena fonte, seus galhos lotados de folhas. No centro, a estátua de mármore de um homem de aparência taciturna e enfurecida, com uma túnica, debruçava-se sobre um livro com o cenho franzido.

Havia uma única casa na praça e, ao redor, os muros de um cemitério, a lateral de uma igreja e os fundos de um armazém de cópias de documentos legais e materiais jurídicos. Jim esfregava o queixo, pensativo.

— É melhor nos assegurarmos de que não há saída pelos fundos da casa — disse. — Não fiquem encarando a casa. Sentem na beira da fonte e finjam admirar a estátua ou coisa parecida. Eu volto em cinco minutos.

E ele voltou cinco minutos depois com um buquê de rosas na mão. Karl ergueu as sobrancelhas.

— Ela é atriz — explicou Jim. — Conheço bem atrizes. Precisam de atenção e adulação. Assim como a gente precisa do ar para respirar. Essas flores vão garantir nossa entrada na casa, esperem e verão.

Ele escreveu um recado, anexou-o ao buquê e tocou a campainha da estreita e

escura casa. Um minuto depois, uma criada malvestida e de cabelos desgrenhados abriu a porta.

Jim ergueu o braço com as flores e disse:

— Para a atriz espanhola que mora aqui. Gostaria que a senhora entregasse essas flores para ela. Também tem um bilhete.

A criada abriu a boca, mas mudou de ideia e deu de ombros.

— Ficaremos aguardando — disse Jim.

A criada assentiu com a cabeça e fechou a porta. Dez minutos se passaram, e Jim teve tempo de jogar pedrinhas na fonte, buscá-las de volta, fazer pirâmides com elas e praticar arremessos de golfe com sua bengala nos pequenos paralelepípedos da rua.

Finalmente a porta se abriu novamente.

— Por favor, entrem. Fräulein Gonzalez os receberá — disse a criada.

— Agora é Gonzalez — murmurou Jim para Karl antes de acompanharem a criada para dentro da casa. O outro rapaz ficou do lado de fora para fazer a guarda do lugar. O interior da casa era escuro e cheirava a repolho. Subiram ao segundo andar até uma porta no corredor. Jim tinha a mão na pistola, dentro do bolso.

A criada bateu à porta, abriu-a e os anunciou antes de deixá-los passar:

— Suas visitas, Fräulein.

Carmen Ruiz estava de pé, ao lado da única poltrona que havia no cômodo, com o buquê de rosas nos braços.

Mesmo que não soubesse que ela era atriz, Jim teria desconfiado pela postura da mulher, a cabeça erguida, os negros olhos expressivos. Os cabelos escuros estavam firmemente presos e elaboradamente arrumados em um coque, na nuca; seus olhos estavam bem delineados e os lábios estavam impecavelmente pintados. Se ela estivesse num palco, os efeitos teriam sido dramáticos, mas a impressão era desoladora no estreito ambiente, sob a luz cinzenta do fim da tarde, a lareira apagada e uma única e suja xícara de chá ao lado de uma pequena bolsa sobre a única mesa. Usava um vestido gasto e amarrotado e os sapatos estavam sujos de lama.

Ela tremia. Por um instante, Jim pensou que fosse de frio.

— Quem são vocês? — disse ela num alemão consideravelmente melhor que o de Jim. — Seu nome não me diz nada. O que querem?

— Queremos ajudá-la a tirar o príncipe Leopold da gruta — respondeu Jim.

Houve um minuto de total e chocante silêncio, e então ela jogou as flores no chão e avançou para cima de Jim como uma tigresa enfurecida. Seus dentes estavam à mostra, e as unhas, apontadas na direção dos olhos dele. Ela estava possuída de ódio. Se Jim não tivesse se movido, ela teria feito dele pedacinhos e bebido seu sangue, ou coisa parecida; mas Jim também era um lutador instintivo e se safou com facilidade, fazendo com que a atriz tropeçasse e tombasse no chão.

Ela se virou na mesma hora, mas Jim foi mais rápido: antes que ela tivesse tempo de atacá-lo novamente, ele sacou a pistola. Mesmo em seu arrebatamento ela não ignorou a arma e se agachou, tremendo de nervoso, com olhos incendiados, enquanto Karl observava a cena boquiaberto.

— Sente-se — disse Jim. — Vamos fingir que somos civilizados. Quero saber mais da senhora, Señora Ruiz. Ou Menendez. Ou Gonzalez. Mas, no momento, eu tenho o domínio da situação e a senhora não tem nenhum. Faça o que estou mandando e se sente.

— Inglês — disse ela. — Você é inglês.

— Correto.

Jim indicou a cadeira e ela permaneceu imóvel por alguns segundos, e então se levantou do chão e foi se sentar com elegância. Respirava com dificuldade, o peito arfava sob o vestido vermelho de seda, e os lábios agora estampavam um sorriso de escárnio.

— *Ela* é inglesa — continuou a espanhola, a voz cheia de veneno. — Essa garota insignificante, escória de Londres, ser desprezível. Eu deveria estar no lugar dela. Uma criança! Um bebê cheirando a leite, ainda de fraldas. O que ela sabe da vida? E aquele palhaço do marido dela! O eterno garoto que nunca cresceu! Olhe para ela e olhe para mim... Não há comparação. Eu a deixo na sarjeta. Ela é sem graça, vulgar, ignorante, estúpida... estúpida, estúpida, vazia!

— Quando descobriu que seu marido estava vivo?

Ela pestanejou surpresa e fez um grande esforço para se concentrar na pergunta.

— Há um ano. A antiga babá dele me escreveu. Ela achou que estava morrendo e se sentia culpada. Tinha guardado recortes de jornal de todas as minhas performances por toda a Europa! Imagine! Ela cuidou dele num asilo e guardava os artigos para ele. Mas estava com dor na consciência e queria se livrar desse peso. Então me escreveu. Fiquei em estado de choque... mas no fundo já sabia. Sempre soube que ele estava vivo. Meu coração estava aprisionado, mas não enterrado. Podia senti-lo. *Sabia* que ele estava vivo.

Lágrimas furiosas escorreram dos olhos da espanhola. Suas emoções eram até teatrais, porém verdadeiras.

— Quanta crueldade! — prosseguiu. — Mantê-lo trancafiado por tanto tempo, em segredo! Melhor teria sido se o tivessem matado de uma vez! Teria sido mais misericordioso se tivessem lhe cortado a garganta e o deixado sangrar até morrer. Aqueles cretinos. Aqueles...

Sutilmente, ela deslizou a mão pela lateral da cadeira. De onde estava, Karl pôde ver o que Jim não pôde: o brilho de uma lâmina. E desta vez foi ele quem avançou e a enfrentou quando ela se levantou rapidamente para um novo ataque. Rosnando, ela caiu e se virou com agilidade, e Karl tropeçou na pequena mesa que estava entre

eles, fazendo com que a xícara caísse e se estilhaçasse no chão. Jim pisou com força no pulso dela e se curvou para arrancar a faca da mão da mulher.

— Pare com isso — disse Jim. — Karl, sirva uma dose de conhaque para a madame, acho que vi uma garrafa no aparador. Agora, escute.

Ele se agachou e a agarrou pelos cabelos, obrigando-a a encará-lo.

— Não sou um cavalheiro. Não me incomodo nem um pouco em lhe dar uns sopapos. Para mim, você não passa de uma assassina qualquer, e se eu a matasse, o mundo ficaria melhor. Mas existe aquele pobre-diabo preso na escuridão e agora eu devo a ele a promessa de tirá-lo de lá. E você vai me ajudar, entendeu?

Ele a sacudiu com força e ela cuspiu nele. Ele a sacudiu com mais força. Ela se contorceu e tentou mordê-lo. Ele então a estapeou com tanta violência que ela mal conseguiu respirar por alguns segundos, tamanho o choque. Encarou-o com olhos atônitos. Pouco a pouco, Jim soltou os cabelos dela e a ajudou a se sentar na cadeira.

Karl trouxe o conhaque, que ela segurou com as duas mãos, tremendo.

— Beba — mandou ele.

Ela deu um gole. Ele se abaixou para apanhar a bolsa que havia caído dentro da lareira apagada e notou que estava leve e vazia.

A atriz enxugou o rosto com o lado externo da mão: nada de palpadelas com um lenço, e sim um gesto genuinamente espontâneo, primitivo. A marca da mão de Jim no rosto dela ardia, vermelha, e agora, com os cabelos desordenados e a maquiagem borrada pelas lágrimas, a atriz envelhecera subitamente; contudo, se tornara mais real, mais acessível.

Jim se sentou.

— Precisa me contar tudo. Comece pelo príncipe Leopold.

Ela deu um suspiro alvoroçado.

— Ele se apaixonou por mim em Paris. Casamos quase que imediatamente. Por que não me casaria com um príncipe? Eu merecia ser uma rainha. Mas não permitiram. Tentaram anular o casamento, tentaram me subornar para que eu pedisse o divórcio, tentaram me chantagear, me ameaçar. Nada adiantou. Então me sequestraram e me mandaram para o México, para uma cidadezinha medíocre na costa do pacífico a milhares de quilômetros de qualquer lugar. Eles tinham esse poder. Pouco depois, fiquei sabendo que meu marido havia morrido. Mas todo esse tempo eu soube que ele estava vivo. Sabia que eram capazes de tudo, homens sem consciência, sem escrúpulos! Toda aquela corja decadente e podre da corte estava por trás disso, toda ela...

— O conde Thalgau também?

— Não o conheço. Quem é ele? Não deve ser importante.

— Otto von Schwartzberg?

— Um primo. Ele não é ninguém. Desdenham dele por ser um homem do campo, inculto. Estou falando do coração da corte. O velho rei, ele sabia o que tinham feito com Leopold. Não precisava dizer nada a Gödel ou qualquer outro, bastava um aceno com a cabeça, um estalar de dedos — ela estalou os seus — e eles compreenderiam a mensagem. Prenda-o, finjam que o mataram. — Ela então pressionou as mãos contra o peito e se ajeitou na cadeira com um olhar desafiador e orgulhoso. — Tudo o que fiz foi limpo. Dinamites e balas são armas limpas, não essa covardia imunda de aprisionar um homem até levá-lo à loucura. Eu matei, sim! E continuaria matando até que todos os culpados estivessem no inferno!

— Não fez isso sozinha. Tinha comparsas.

— Não tinha comparsas, tinha dinheiro. Homens fazem qualquer coisa por dinheiro.

— Mas não lhe restou nada — ele mostrou a bolsa vazia.

— Tenho o suficiente para pagar a dona da hospedagem.

— E depois?

Ela o encarou e Jim viu nos olhos dela uma alma confusa, genuinamente infeliz.

— Não sei — disse ela. — Quero ajudá-lo. A criada, Frau Busch, não pode ajudá-lo. Ela subornou o guarda para que nos deixasse a sós com Leopold por cinco minutos. Ela tem medo de Gödel. Eu não, mas também não posso fazer nada.

Jim olhou para Karl e novamente para ela.

— Muito bem — disse ele. — Agora, escute-me. Ele precisa sair daquele buraco, e vamos tirá-lo de lá hoje à noite. Mas se acha que aquele bando de parasitas do Gödel vai permitir que você se aproxime do trono, está muito enganada. Assim que Leopold se reerguer, vão matá-la como um rato. Não me interrompa. Leopold nunca será rei, mas tem a chance de ter uma vida razoavelmente decente se você ajudá-lo. E isso significa que terá que nos ajudar. Você não tem escolha, esta é sua única saída.

Ela hesitou. Como um passarinho ferido buscando escapar do gato, parecia relutar em aceitar a situação em que se encontrava. E Jim, o gato, nunca se sentira tão cruel.

Ela baixou a cabeça.

— O que tenho que fazer?

Jim começou a lhe explicar o plano. A chama nos olhos da espanhola esmoreceu como se o responsável pelo incêndio, agora silencioso, houvesse se retirado para os confins de seu interior. E por algum tempo Carmen Ruiz se mostrou arrependida e disposta a cooperar. Tão arrependida e dócil que Jim esforçou-se para não esquecer quem ela era e o que já havia feito. Os fatos agora pareciam inacreditáveis.

No Salão de Reuniões, o segundo dia de negociações já chegava ao fim e o esboço de um tratado se concretizava. Fora uma conquista impressionante. Adelaide havia convencido as duas potências a garantirem a independência de Razkavia e a

ajuda imediata à rainha, caso esta se encontrasse sob ameaça. Também se comprometeram a respeitar as fronteiras, extraditar criminosos razkavianos e integrarem uma União Aduaneira para facilitar o fluxo de produtos e o comércio entre os países. Em resumo, as potências haviam concordado em desistir de conquistar o pequeno reino que existia entre elas.

Os escrivães e secretários dos três países se retiraram para formatar o tratado e finalizá-lo para que fosse assinado na manhã seguinte, numa cerimônia. A rainha, os delegados e os representantes das grandes potências foram para uma apresentação de gala na Ópera. Becky foi para a cama.

Às oito da noite, nosso conhecido Herr Bangemann (das cinco filhas) terminou a última página do bloco que estava escrevendo, entregou-o ao secretário chefe e vestiu seu casaco e chapéu para ir embora.

O secretário chefe verificou o trabalho. Estava impecável. Cada palavra, cada vírgula em seu devido lugar, exatamente como no original, sem tirar nem pôr. Guardou-o junto com as duas cópias no cofre, trancou-o e se apressou para aprontar-se para a ópera.

Herr Bangemann, por sua vez, se dirigia para uma ampla casa, não muito longe do cassino, num bosque na montanha, no extremo oeste da cidade. Não estava indo para o seu apartamento, embora sua corpulenta esposa o estivesse aguardando placidamente; havia sopa de carne de veado e bolinho cozido no fogão; suas cinco filhas já se encontravam enfileiradas na porta para contar a ele como haviam passado o dia na escola.

O salário de escrevente de Herr Bangemann nunca seria suficiente para pagar as aulas de piano de Gretl ou o vestido novo de Inge, o chapéu de inverno de Bertha, os sapatos de seda de Anna, as aulas de dança de Marlene, sem mencionar os chocolates de que Frau Bangemann tanto gostava. Elas achavam que o patriarca tinha um posto importante no governo, por trabalhar até tão tarde e por lhes proporcionar tais luxos. De certa forma, elas tinham razão.

Herr Bangemann pagou o cocheiro, tocou a campainha, entregou seu chapéu e casaco ao criado e foi levado até um escritório, com uma aconchegante lareira, onde se encontravam dois homens sentados: um numa poltrona e o outro à mesa, ocupada por uma curiosa variedade de instrumentos: caixas de mogno com terminais de metal, carretéis de indução de cobre e um instrumento como o teclado de um piano, cada tecla com uma letra do alfabeto. Dos terminais, fios encapados seguiam até um canto no teto e depois entravam em um buraco escuro. Um som elétrico era emitido da geringonça.

Herr Bangemann olhou o aparato com curiosidade antes de cumprimentar o homem sentado na poltrona.

— Boa noite para o senhor também, Herr Bangemann — disse o anfitrião. — Por

favor, sente-se à outra mesa e comece quando quiser.

Havia uma mesa menor, com uma jarra de água e um copo. O operador das teclas espreguiçava-se, esticando os dedos. Herr Bangemann se sentou, pigarreou, fechou os olhos e reuniu na tela de sua memória fotográfica todo o texto do tratado tripartite.

— Considerando que... — começou ele.

Era uma paisagem invernosa: um castelo numa montanha encoberta por pinheiros; em primeiro plano, uma fileira de casas bem antigas, e do baixo céu, a neve caindo em espirais até se acomodarem pesadas sobre as calçadas e vias para em seguida voltar a espiralar e rodopiar.

Podia ser Razkavia. Na verdade, uma Razkavia de poucos centímetros e dentro de um globo de vidro com água para se criar uma tempestade de neve em miniatura, agora nas mãos de outro conhecido nosso: o banqueiro de Berlim, Herr Gerson von Bleichröder.

Ele ergue a esfera até a altura dos olhos, observa o interior do globo, e então o coloca gentilmente de volta na mesa. Esta é a única neve que cai em Berlim neste momento. Faz frio, mas as ruas estão secas. Bleichröder vai até a janela, contempla a bem iluminada rua Behrenstrasse lá embaixo, leva as duas mãos para trás e espera.

Espera ansiosamente que o matraquear do telégrafo no canto do escritório logo cesse, o que acontece em seguida. Julius, o secretário, que pacientemente reúne metros e metros de papel, agrupando-os numa caixa, diz:

— Pronto, senhor. Está tudo aqui.

— Que bom. Leia para mim, Julius.

Julius ergue as sobrançelas, mas se senta e obedientemente percorre os papéis em busca do início do texto. Durante a leitura, o banqueiro volta à sua mesa e se senta na posição habitual, reclinado, com as mãos atrás da nuca. O proeminente nariz e o queixo estão imóveis, porém os olhos esbugalhados movem de um lado para o outro, como se ele tentasse ver todas as implicações de cada uma das cláusulas lidas por Julius.

Finalmente, Julius chega ao fim do texto.

— Isso é tudo, senhor.

— Pois bem, o mensageiro está de prontidão?

— Sim, senhor.

— Ótimo. Mande tudo para o chefe.

Julius toca uma campainha e instrui um empregado a enrolar a tira de papel com cuidado, colocá-la num envelope e entregar ao mensageiro que aguardava no lobby. Bleichröder senta-se ereto na cadeira e esfrega uma palma da mão na outra.

— Agora, escreva uma carta, Julius. Está muito escuro, consegue enxergar? Ou gostaria de mais luz?

— Consigo enxergar perfeitamente, senhor, obrigado.

— À sua excelência, conde Emil Thalgau. É uma mensagem especial, Julius. Para ser endereçada ao Palácio de Eschtenburg.

Julius, de sua pequena mesa, imprime sua correta caligrafia numa espessa folha de papel.

— Meu caro conde Thalgau — começa o banqueiro. — É com grande satisfação que recebo a notícia da eminente ascensão de sua alteza real, o príncipe herdeiro, Leopold. Não tenho dúvidas de que a melhora na saúde do príncipe é fruto dos dedicados cuidados médicos prestados a ele.

“Os vários... dê-me um sinônimo para obstáculos, Julius.”

— Impedimentos, senhor?

— Servirá. Os vários impedimentos constitucionais para sua imediata ascensão ao trono são dos males o menor e o que menos preocupa o Banco Bleichröder e o príncipe Bismarck.

Ele faz uma pausa e agita o pequeno globo por um instante. O secretário aguarda com pena em punho.

Bleichröder prossegue:

— Aqui vai um pequeno teste para você, Julius. Soube pelo embaixador britânico que Londres não mexeria um único fio de cabelo para preservar essa menina que acredita ser rainha de Razkavia. Que ela é causadora de um tremendo embaraço. Em resumo, se lhe acontecer um acidente fatal, o leão inglês não moverá nem ao menos seu rabo imperial com a notícia. Agora, Julius, como dizer isso de forma diplomática?

O secretário franze a testa, organiza as ideias e continua a carta:

— Nem ao governo inglês. Fontes seguras do mais alto escalão confirmaram a preferência de Londres pela restauração da sucessão dinástica de direito.

— Excelente, meu rapaz! Escreva isso.

A pena do secretário põe-se a trabalhar e Bleichröder prossegue:

— Quanto ao tratado tripartite, não tenho dúvidas de que o chanceler, o príncipe von Bismarck, em breve, dará seu parecer a respeito. Sobre nosso acordo, confirmo-lhe a transferência imediata da primeira metade da soma combinada, mais precisamente, oitenta mil marcos, ao Banco Rothschild. O restante será pago no dia seguinte à coroação do príncipe Leopold.

“Cordialmente, Gerson von Bleichröder etc. Pronto, Julius. Mensagem Especial. Deve chegar a Eschtenburg amanhã pela manhã.”

— Sim, senhor.

Bleichröder volta a reclinar na cadeira, mãos atrás da nuca. Julius aguarda servilmente.

— Agora, Julius, diga-me o que entende desta correspondência.

— Em primeiro lugar, que o conde Thalgau enfrenta problemas financeiros, problemas estes que ele espera solucionar com a ajuda do Banco Bleichröder.

— Correto. Trata-se da hipoteca de toda sua propriedade, que se ele não pagar, ficará arruinado. É um patriota, é bem verdade, mas suas posses, seu castelo, são mais importantes que o futuro de Razkavia. Até agora, está tudo correto, meu rapaz, mas esta não foi uma suposição difícil, já que você viu o arquivo dele. Continue.

— Há um complô para tirar a inglesa do trono e substituí-la pelo príncipe Leopold... Trata-se do verdadeiro príncipe, senhor? Achei que ele estivesse morto. Além disso, a coroação dela foi legítima, não foi?

— Sim, ele é o verdadeiro príncipe, embora, provavelmente esteja louco a esta altura. E a situação da moça é legítima. Você já conhece o ritual pitoresco deles: a bandeira e coisa e tal. Não deixa de ser charmoso, até gostaria de ver... mas por que a inglesa precisa ser substituída? Vamos, Julius, o motivo real. Olhe nas entrelinhas.

— O tratado...

— Exatamente. O que acha que o chefe pensará do tratado?

Julius parece raciocinar: o tratado parece beneficiar as três partes envolvidas. Logo, há algo de errado com o acordo. A política oficial da Alemanha é a de negociar e conciliar; logo a política privada de Bismarck é a de tumultuar e subverter. A não ser que a negociação e a conciliação lhe fossem convenientes; de qualquer forma...

— O chefe deseja arruinar o tratado com o objetivo de... conseguir uma vantagem maior?

— Não necessariamente, Julius. O verdadeiro plano é o seguinte: o chefe quer restringir o poder do parlamento alemão. O *Reichstag* está se tornando forte demais e o tratado é uma iniciativa do Reichstag, não da chancelaria. Se fracassar, o argumento do chefe se justificará. As consequências do incidente também serão muito favoráveis: o chefe quer todo o níquel produzido naquele paisinho peculiar. A Krupps precisa do minério. O tratado impediria isso. Logo, o tratado não pode ser firmado. Entendeu tudo até agora?

— Sim, senhor.

— Além disso, a capital da Razkavia viverá um distúrbio amanhã. Num gesto amigável, o chefe despachará um regimento da tropa de infantaria para restaurar a ordem. Os soldados estão embarcando no trem neste momento.

Julius estava maravilhado. Ali sentado, neste silencioso escritório, no coração da Europa, aprendendo sobre estratégias de Estado tão complexas! Um raro e incrível privilégio.

— Entendo, senhor. Mas... o conde Thalgau e esse misterioso príncipe Leopold. Qual é a ligação entre eles?

Bleichröder ri. É uma risada alegre, parecida com a de um avô em ceia de natal.

— Eles não têm nenhuma ligação, Julius! Quando o pobre conde ler o primeiro parágrafo da carta, ficará estupefato. E, novamente, ao ler o último parágrafo! Na verdade, tenho conhecimento de que atores conservadores de Razkavia têm o príncipe Leopold na manga, como última cartada no jogo. Eles iam usá-lo no dia em que a inglesa foi coroada, mas ela foi mais forte que eles.

Julius está impressionado.

— Quer dizer que o assassinato...

— Foi planejado. Lembra-se da atriz espanhola de que lhe falei? Ela se casou com o príncipe Leopold. Mulher de brio, passional, sangue quente. Sabe como são as mulheres, Julius. Bem, na verdade, esta é um torpedo. Prepare-a, arme-a e mire-a na direção certa, aperte o botão e bum! A pobre mulher acha que está planejando tudo sozinha. Mas foi tudo planejado, Julius, tudo pensado com antecedência. A única coisa que não estava nos planos era a inglesa. Ela é forte e muito popular entre as massas. Bem, isso ficará no passado muito em breve. E, pobre Thalgau, pensa que a única coisa que vai acontecer é um atraso de seis meses na assinatura do tratado...

— Foi o que lhe disseram?

— Ah, sim. Ele não permitiria que fizessem mal à sua rainha inglesa. Dissemos apenas que desejávamos um pequeno atraso. E agora, quando ele vir o chão ruir sob seus pés... ai, ai. E em seguida ver-se metido nessa história como cúmplice de uma conspiração...

Julius permanece em silêncio. Bleichröder, sorridente, está olhando para o teto, mas, segundos depois, tosse rapidamente e se ajeita na cadeira.

— Vamos, meu garoto, esse tipo de coisa acontece com frequência. Daqui a um ano ou dois, falarei com o chefe em defesa do conde. Providenciarei uma posição de governador provincial ou cargo parecido para ele. Gosto de fazer amigos, Julius, não inimigos. Bancos prosperam em momentos de paz, você sabe. Esta é uma lição muito importante. Agora, releia a carta.

O secretário obedece. Bleichröder reclinase para escutar, sugere uma ou duas pequenas modificações e manda o rapaz solicitar a tradução da carta e sua transmissão via telégrafo para a casa no meio do bosque, próxima ao cassino.

Então volta a pegar o pequeno globo de vidro e chacoalha-o mais uma vez, a poucos centímetros do olho direito. Tenta acompanhar os rodopiantes flocos de neve, mas não consegue: vê apenas um borrão. Perdeu a visão no olho esquerdo e o direito consegue apenas distinguir o claro do escuro. A neve no pequeno globo de vidro rodopia e dança até descansar sobre a bela paisagem, imitando a de Razkavia, mas o banqueiro nada vê.

TRAIÇÃO

Num sono profundo, Becky ouviu uma batida à porta e murmurou:

— Vá embora! *Hau ab! Leine ziehe!*

Quem quer que fosse não foi embora e voltou a bater à porta, abrindo-a um pouco.

— Sou eu, Jim — sussurrou ele. — Preciso falar com você. Está dormindo? Sinto muito. Vou acender a lareira e arranjar alguma coisa para bebermos.

Becky resmungou e saiu da cama para vestir o penhoar, enquanto ele fechava a porta. Minutos depois, quando já havia se arrastado até a saleta de estar, descabelada, olhos sonolentos, descalça, Becky encontrou Jim na frente da lareira recém-acesa, com uma garrafa de vinho e duas taças. Parecia um marinheiro: vestia o suéter azul-marinho, o que a sra. Goldberg havia tricotado para ele, calça branca e sapatos com sola de borracha. Um casaco pesado estava sobre a mesa.

— Sabe o que você está parecendo? — disse ela irritada. — Um conquistador barato: uma vez a bordo, o barco e a garota me pertencem. Deve estar achando isso... Não quero vinho. Quero chocolate. *Schokolade*. Tem ideia do quão exausta estou? Por que iria querer vinho? E você também não precisa disso, já está cheio de cerveja, dá para sentir o cheiro daqui. Ai, que nojo. Se você fosse um cavalheiro, não ousaria sair entrando nos aposentos de uma dama sem *Schokolade*. Vá e arranje um pouco de chocolate quente agora mesmo. Pensando bem, melhor não. Os criados estão dormindo e você ia acabar botando fogo na cozinha. O que quer?

— Posso fazer um chá — disse ele solícito.

— Chá, não. Isso é coisa de inglês. O que quer, Jim?

— Quero que me escute. Sente-se. Vou esquentar o vinho.

— Ah, vinho quente... Por que não disse antes? Aí, é outra história...

Ele tirou um pequeno pacote do bolso com um pouco de açúcar e especiarias e despejou um punhado em cada taça e, em seguida, o vinho. Quando o atizador na lareira já estava em brasa, Jim o afundou no vinho, com cuidado para não tocar no vidro, e o líquido borbulhou intensamente.

— Está um pouco fuliginoso, mas dá para beber — disse ele, oferecendo uma das taças a Becky. Ela se sentou perto da lareira e abraçou os joelhos enquanto tomava um gole do vinho quente.

Jim contou tudo que havia acontecido desde o momento em que a deixara no terraço do palácio, duas noites atrás. Ela ouviu a tudo perplexa. Depois dos trabalhos dos últimos dois dias, havia achado que aprendera um pouco de política: algo complexo, porém transparente; e que as conquistas políticas eram possíveis por meio de árduas negociações e consensos. Havia se equivocado terrivelmente! Porque durante todo esse tempo, por debaixo dos panos, outro tipo de política estava sendo orquestrada. Um tipo silencioso, porém simples, que envolvia crueldade e violência.

— Estou... estou sem ar — disse ela. — O barão Gödel escondeu esse pobre homem num asilo todo este tempo? Não consigo acreditar nisso... E quanto à mulher? Foi ela quem matou o príncipe Rudolf? Onde ela está agora?

— Está com Karl e os outros, vigiada. Precisamos dela para libertar o príncipe Leopold. Estão vindo para cá agora. Depois que conseguirmos livrar o príncipe, poremos Gödel atrás das grades. Teremos limpado essa sujeirada.

— O que vai acontecer com ela?

— Ela é uma assassina, Becky.

— O que vai acontecer com ela então?

— Vamos entregá-la à polícia.

— E depois?

— Será julgada. A pena é enforcamento. Mas eu vou tentar que ela alegue insanidade. Assim poderá passar o restante de seus dias num asilo. Seria irônico, não?

— Não acho justo. Ela fez tudo isso por amor ao marido e agora você a está enganando para que o ajude, e vai traí-la em seguida.

Ele passou as mãos no cabelo e olhou para o chão, tenso.

— É verdade, mas o amor por alguém não é razão para sair matando. Ela não está bem, Becky. Se a visse, entenderia. Ela é muito estranha. O cabelo dela, por exemplo. Deve passar horas arrumando-o, puxando-o para trás com tanta força que a pele da testa também fica esticada para trás... e o coque está tão rigidamente preso na nuca que parece um tronco. Mas apesar de todo o esmero com os cabelos, não

liga para o estado dos sapatos: enlameados, gastos. Há vários outros traços dela que não fazem sentido. Acho que ela está perdendo a razão. E não é só isso. Algo nos olhos dela... De qualquer forma, louca ou não, ela é perigosa demais para ficar por aí à solta. E pense: se ela realmente conseguisse o que quer, ficaria satisfeita? Conseguiria reinar um país ao lado do marido? Ele está destruído, pobre-diabo. Não seria capaz de erguer a bandeira, menos ainda de carregá-la, imagine só negociar com esses diplomatas com quem Adelaide precisou negociar. Se Carmen Ruiz estiver bem de cabeça, este tipo de vida não a deixaria feliz. E se for mesmo louca, nunca saberá o que é a felicidade. É trágico, eu sei. E nós somos, de alguma forma, responsáveis por essa tragédia, mas precisamos fazer isso. Não podemos sacrificar tudo o que Adelaide conquistou até agora, que você conquistou. Não podemos arriscar o futuro do país por um instante de felicidade dela... que seria uma ilusão, afinal. É verdade que estamos usando o príncipe como isca e que a estamos usando para soltá-lo para depois traí-la. Mas farei tudo que estiver ao meu alcance para que ela não seja enforcada.

Becky tinha um nó na garganta.

— E o conde? Ele sabe?

Jim fez que não com a cabeça.

— Ele parecia muito abatido hoje — prosseguiu Becky. — Parecia doente. Até mesmo Adelaide notou. Aposto que está se sentindo culpado pelo que fez, seja lá o que for.

Jim mordeu o lábio.

— Velho tolo. Achei que pudesse confiar nele. Escute, Becky, eu... naquela manhã, quando a bomba explodiu em St. John's Wood... Fico muito feliz que tenha sido você e não outra professora... Você tem feito um trabalho magnífico. Mas ainda assim preferiria que você estivesse a quilômetros de distância daqui.

— Por quê?

— Porque as coisas estão tomando um rumo muito perigoso. Fico pensando em sua mãe. Se alguma coisa acontecer a você, não vou me perdoar. E como está sua mãe? Ela escreve sempre?

— Claro. E eu escrevo para ela. Duas vezes por semana. Longuíssimas cartas. Você não faria o mesmo?

— Minha velha mãe não teria como lê-las mesmo — disse ele. — Ela morreu quando eu tinha 10 anos. Tuberculose. Era lavadeira, em Clerkenwell. Foi meu pai quem me ensinou a ler e escrever... principalmente Dickens. Ele adorava o periódico semanal *All The Year Round*. Lembro quando ele me levou para uma sessão de leitura com o próprio Dickens, o verdadeiro e inimitável, lendo o trecho de *Oliver Twist* em que Sikes mata Nancy, causando calafrios em todos nós... Por que estou falando isso? Sua mãe. Isso. É por isso que preferiria que você estivesse a milhares

de quilômetros daqui. Escute, Becky, poderia dormir no quarto de Adelaide esta noite?

— Bem... tudo bem.

— Por precaução.

Jim se levantou, foi até a janela e afastou um pouco a cortina para ver o lado de fora.

— Becky, como isso tudo vai terminar? — disse ele, de costas para ela. — O que vai fazer depois que o tratado tiver sido firmado?

— Eu? Quero... quero ir para a universidade estudar Letras. Mas por agora desejo apenas ver esse tratado assinado amanhã de manhã. Foi a experiência mais estimulante da minha vida, Jim, não faz ideia do quanto significa para mim. É o futuro do meu país; e eu estou participando deste momento de discussões de enorme importância. Nada poderia ser melhor do que isso!

Ele sacudiu a cabeça. Continuava olhando pela janela.

— E quanto a você? — perguntou Becky. — O que quer fazer?

— Quero lutar, Becky. Consegue entender isso? Quero o perigo. Sabe, uma vez eu e Sally conversávamos sobre a felicidade e seu significado e ela me disse que não queria ser feliz. Que isso era uma fraqueza, uma espécie de passividade. O que ela queria era se sentir viva e ativa. Ser produtiva. Esse também é o meu espírito. Gosto de trabalhar e o meu trabalho é sujo, perigoso. Mas também quero outras coisas. Quero escrever uma peça de teatro que tenha Henry Irving no elenco. Quero perambular pela cidade fumando Havanas e jantar com belas garotas no Café Royal. Quero jogar pôquer a bordo de um barco no rio Mississippi. Quero ver Dan Goldberg entrar para o parlamento. Quero que você vá para a universidade e saia com um diploma de lá. Quanto a Sally... Sally, na minha opinião, tem capacidade para fazer o que quiser. Há um mundo de coisas que eu quero, Becky.

— Não mencionou Adelaide.

— Não.

Ele se voltou para Becky. Seus olhos verdes e o cabelo arrepiado o deixavam com a aparência de um espírito elétrico. E então ela percebeu que ele estava atento ao som que vinha de fora do quarto: de passos apressados no corredor, seguido de uma batida rápida à porta.

— Entre — disse Becky, se sentando.

Uma camareira entrou com olhar ansioso.

— Sinto muito, Fräulein — disse ela. — Trago uma mensagem para...

Constrangida pelas roupas inapropriadas de Becky, ela olhou para Jim e lhe entregou um bilhete.

— Obrigado — disse ele, e a criada fez uma reverência e se retirou.

Ele abriu o bilhete, leu seu conteúdo rapidamente e jogou o papel na lareira.

- Hora de partir.
- O que vai fazer?
- Lutar, claro!

Ele se inclinou e beijou brevemente a face de Becky. Ela corou, confusa. Que ousadia, foi o que pensou de imediato, e em seguida pensou que o invejava por sua energia nata. Por último, pensou que estava com medo. Todos os seus devaneios de aventureira, pirata, subitamente lhe pareciam infantis e patéticos. Jim era real.

Levantou-se e o acompanhou até a porta. Ele colocou algo numa das mãos dela. Era uma pistola.

— Vá dormir no quarto de Adelaide — disse ele. — E esconda isso. Se precisar usá-la, segure-a com as duas mãos e esteja preparada para o tranco. Vejo você mais tarde.

E ele se foi, rápida e silenciosamente pelo corredor. A criada continuava à vista. Becky escondeu a pistola sob o penhoar e chamou a moça.

— Sua majestade já voltou da ópera?

— Sim, Fräulein. Todos já retornaram, exceto o conde Thalgau.

— Por quê? Onde está o conde?

— Não sei dizer, Fräulein. Ele não retornou com o restante do grupo. É tudo que sei. Isto é tudo, Fräulein?

— Sim, Ilse. Pode ir...

Becky voltou para o quarto com o coração acelerado e pegou o que precisaria para passar a noite no quarto de Adelaide.

Karl, uma dúzia de rapazes e Carmen Ruiz se encontravam na ruína da capela ao lado da gruta. Todos vestiam roupas escuras, como pedira Jim; o céu escuro não permitia a entrada da luz da lua e tudo o que eles conseguiam ver eram rostos pálidos em meio à penumbra. Anton havia sido designado para ficar de olho em Carmen Ruiz, e Jim o avistou de pé, cansado, um passo atrás dela.

— Boa noite, Señora — Jim a cumprimentou e ela inclinou a cabeça. — Tudo calmo? — sussurrou para Karl.

— Só silêncio. Na verdade, dá para ouvir sim os gritos do príncipe vindos debaixo da terra, como um ogro ou coisa parecida. Hansi está de guarda no alçapão lá em cima com outro grupo.

Jim havia encontrado mais cedo uma escada subterrânea escondida por um alçapão que, por sua vez, estava escondido por arbustos no local onde ele escutara os gritos pela primeira vez.

— Tudo pronto, então?

— Tudo pronto. Deixaremos Jan com mais três rapazes na boca da gruta para nos darem cobertura.

Jim concordou com a cabeça.

— Bom, há um barco escondido atrás dos juncos, ali adiante. Vamos trazê-lo até aqui, pois o príncipe está fraco demais para andar muito longe. Em seguida seguimos pela floresta e escapamos.

Jim deu um aperto de mão em todos os companheiros, eles desejaram sorte uns aos outros, e então Jim e os doze vultos desceram o declive que dava na montanha. A noite estava tranquila, sem ventania açoitando os galhos das árvores. Ao chegarem ao pé do declive, Jim escutou o riacho. Um pássaro cantou de algum lugar da floresta, ao longe, e um pequeno animal mergulhou nas águas.

Eles esperaram que Jan e os outros três entrassem na gruta e Jim saiu em busca do barco.

Karl, Anton e a mulher subiram no barco e entraram na gruta remando. Jim guiou os demais pelo estreito caminho, pelo breu do interior da gruta. Ele havia alertado a todos que se mantivessem bem próximos à parede. Tinham lampiões, mas só os usariam na saída.

— Boa sorte, rapaz — sussurrou Jim. — Se precisar, grite com vontade.

— Sem problema — respondeu Jan num sussurro.

O longo e frio silêncio não era menos desagradável agora que Jim tinha companhia e um objetivo. O constante cair de pingos de água, o ambiente abafado, o limo nas paredes, a sensação claustrofóbica que o ambiente causava, tudo permanecia tão opressor como da primeira vez em que ele ali estivera. Vez ou outra, o som de algo se chocando na água, à sua esquerda, dizia que Karl não havia conseguido manter o barco longe da margem, embora o volume não fosse alto suficiente para chamar a atenção. E, de certa forma, era bom saber que eles estavam por perto.

Finalmente Jim parou. Viu fracos reflexos de luz sobre a parede da gruta mais adiante. Deteve o homem atrás dele com a mão.

— Cuidado, agora. Estamos quase lá.

Como não sabiam como era feita a segurança do calabouço, teriam que improvisar ao chegar lá. Era essencial que Jim tivesse tempo e espaço para abrir o cadeado. Mas, acima de tudo, deveria haver o elemento surpresa.

Jim tirou a pistola do bolso. Os olhos estavam fixos no reflexo de luz na parede rochosa. Ele se moveu mais vagarosamente, mantendo os outros atrás.

Por estarem no escuro, tinham a vantagem de entrar num ambiente que para eles parecia estar bem iluminado. Jim foi o primeiro a chegar no local. Avistou um lampião pendurado num gancho, uma pequena mesa, dois soldados sentados, cartas de baralho ensebadas e o encurvado príncipe atrás das grades de ferro.

— Continuem sentados e ponham as mãos sobre a mesa — disse, surpreendendo os homens.

Ambos os soldados pularam de susto e suas exclamações foram tão estridentes que acordaram o homem na cela, que se sentou de imediato e deu um grito

apavorado. Os estudantes chegaram em seguida. Karl ajudava Carmen Ruiz a sair do barco, enquanto Anton segurava a pequena embarcação. E então ela correu para a cela, gritando o nome do príncipe arrebatadamente. O príncipe recuou.

— Não se movam — disse Jim aos soldados. — Não façam barulho. Não façam nada. Karl, pegue minha pistola e fique de olho neles.

Outro estudante tirou os rifles dos soldados, ainda sentados e boquiabertos. Jim, a esta altura, já trabalhava na abertura do cadeado.

— Por favor, senhora — disse Anton. — Mova-se um pouco para o lado, deixe-o trabalhar...

— O que fizeram com ele? — clamou ela e se virou como uma tigresa feroz para os soldados, que estremeceram. Os estudantes viram que o rosto do príncipe tinha hematomas e estava inchado. — Quem o machucou? Quem ousou machucá-lo?

— Señora! — disse Anton severo. — Vamos tirá-lo daí em um minuto. Estes homens serão punidos, não se preocupe.

— Quase lá — murmurou Jim, revirando e dobrando o arame que tinha na mão. — Cadeado novo. Do jeito que eu gosto...

E então um tiro retumbou atrás deles.

Um tiro abafado, porém alto devido ao eco na galeria, em seguida outro tiro e um grito de Jan. Todos olharam em volta, olhos arregalados. A mulher ficou imóvel.

Karl disse:

— Heini, leve três rapazes com você e corra para ajudar Jan. Peter, pegue um lampião e corra pelo outro lado até encontrar as escadas. Espere por nós lá.

Jim não parou o que estava fazendo nenhuma vez. Enquanto os outros se dirigiam aos seus postos, ele calmamente retirou o arame do cadeado, olhou-o atentamente, dobrou-o um pouco mais, enfiou-o no cadeado outra vez. Mais tiros soaram detrás dele. Leopold estava encolhido num canto, agarrado a um cobertor e ganindo como um cachorro sendo espancado.

Jim murmurou:

— Calma, companheiro. Mais um girozinho e tiramos você daí. Venha e suba as escadas, que tal?

Ele falou baixo e persuasivamente, e pouco a pouco o homem foi se aproximando. Mais tiros ecoaram, e pareciam mais próximos deles. Gritos ressoaram numa das galerias.

O cadeado abriu. Jim disse:

— Príncipe, precisa sair. É seu dever sair. Venha.

Ao lado dele estava Carmen Ruiz, trêmula.

— Venha, Leo! — ela murmurou. — Venha, meu príncipe!

Ele foi até a porta e olhou para a escuridão da caverna, de onde alguém gritava ordens e passos se aproximavam cada vez mais.

Jim agarrou o príncipe e o tirou da cela. Não havia tempo para delicadezas. Ele e Carmen arrastaram-no, passando pelos dois soldados aterrorizados e indo na direção de Karl, que estava no pé da escada convocando os demais. Outro estudante que segurava um lampião estava ao lado dele olhando aflito para cima.

— Eles estão quase chegando — alguém disse atrás deles, mas logo veio o estrondo de um tiro vindo lá de cima, imensamente alto e alguém berrando; e um corpo caindo.

— Cuidado! — disse Karl, e Hans surgiu da escuridão rolando as escadas, morto.

— Corram! — veio um grito desesperado de cima. — Corram! Estamos encurralados...

O barco passava à deriva, despercebido. Do canto dos olhos, Jim viu a mulher puxar o barco pela corda para a margem e entrar, arrastando o príncipe pela camisa. Leopold caiu na beira e deu um grito e então sua camisa rasgou, desvencilhando-o da espanhola. Desesperado, ele procurou se apegar à escorregadia rocha. Anton se agachou e o agarrou de volta para a margem. A última coisa que viram da mulher foi o rosto pálido, a boca aberta num grito silencioso pela perda, suas mãos tentando alcançar o príncipe, a correnteza e toda ela desaparecendo na escuridão.

Jim praguejou.

— Traga o príncipe! — gritou e correu para as escadas. Se conseguissem lutar e abrir passagem para a saída, os outros talvez conseguissem tirar Leopold dali. Com a mão firme na pistola, subiu as escadas, pulando três degraus de uma só vez, e deu uma cabeçada no primeiro sujeito que avistou.

O soldado caiu com um grunhido. Jim passou por cima dele e abriu o alçapão. Um corpo estava estendido no meio do caminho. Jim o retirou e então sentiu uma forte pancada na nuca.

Tonto, ele caiu e rolou pela fria e úmida grama. Gritos, relampejos de lampiões, correria; e então ele estava novamente de pé, arrastando-se, atirando na direção dos lampiões e dos que atiravam contra ele no escuro, jogando-se na grama, rolando e se levantando para atirar novamente. E de relance, viu a pálida figura do príncipe com sua camisa rasgada sendo carregado de fora do alçapão por dois homens, que deviam ser Anton e Karl.

— Corram! Corram! — gritou Jim.

Mas os gritos continuaram, homens pesados derrubaram Jim no chão. Outra pancada brutal na cabeça. E a última coisa que lhe passou pela cabeça antes de desmaiar foi: quem nos traiu?

CAÇAROLA

Becky despertou, dolorida e com frio, no pequeno sofá ao lado da cama de Adelaide. Sua majestade ainda dormia. Ao bocejar e se espreguiçar, deixou a pistola que escondera debaixo do travesseiro cair no chão e o barulho despertou Adelaide.

— Quem está aí?

— Sou eu — disse Becky, pegando a pistola e escondendo-a novamente.

— O que está fazendo aqui?

— Eu... Jim me pediu que dormisse com você, por... ai, não sei por quê. Sabia que você ronca, vossa majestade?

Adelaide, entre muitos travesseiros, com olhos inchados, fitou Becky com desdém e voltou a fechá-los.

— Onde estão os meus soldados? — murmurou. — Por que eles não estão fazendo minha guarda? Posso saber como você pode me proteger?

Becky abriu a boca para responder, mas alguém bateu à porta. A criada de Adelaide entrou com uma bandeja de café da manhã e inclinou o tronco para a frente numa reverência, surpreendida com a presença de Becky.

— Bom dia, majestade — disse a moça. — Bom dia, Fräulein...

Adelaide resmungou quando a criada abriu as cortinas. Em menos de um minuto, acendeu a lareira. O gatinho preto acordou pouco depois, entre as cobertas da rainha, mostrando a rosada língua num longo bocejo.

— Venha aqui, Caçarola — disse Adelaide, levando o gatinho rente ao rosto e o beijando, enquanto a criada ajeitava os travesseiros de maneira que Adelaide ficasse mais confortável para comer.

— Está bem nublado, majestade — informou a criada. — Acho que vai nevar. Algo mais?

— Não. Que horas são? Não importa. Fräulein Winter me dirá. Já sei o que você pode fazer: preparar o banho. Preciso estar impecável hoje. E você também — disse a Becky. — Se ficar dormindo em sofá vai acabar com o pescoço duro e parecendo suporte de guarda-chuva atrás de mim. O que Jim está aprontando?

Do banheiro, veio o som de água sendo despejada na banheira. Becky levou a bandeja até o colo de Adelaide e se sentou ao lado para não elevar a voz.

— Não tive a oportunidade de lhe contar antes. Não queria distraí-la, deixá-la preocupada. Mas na noite anterior a das negociações, eu estava no terraço com Jim quando vimos uma mulher conversando com uma criada...

Adelaide colocou o gato ao lado da bandeja e agora abria a tampa da manteigueira.

— Estou ouvindo. Você viu uma mulher com uma das criadas. Quem era?

— A esposa do príncipe Leopold, o irmão mais velho do príncipe Rudolf.

— *Rei* Rudolf. Ele era rei — disse Adelaide, agora apegada às precedências e etiquetas, exceto no que se referia a Caçarola, enquanto passava manteiga numa rosquinha entre as patas do gatinho. — E você disse *esposa*. Ela é viúva.

— Não, é esposa, pois Jim descobriu que Leopold ainda está vivo.

Adelaide empalideceu e afundou uma colher de prata no pote de geleia de damasco. O gatinho agora lambia o pequeno pote com creme de leite. As mãos de Adelaide moviam-se cada vez com mais vagar à medida que Becky contava os detalhes de como Jim fizera tal descoberta.

— E onde Jim está agora? — ela perguntou quando Becky acabou de falar.

— Jim e um grupo de estudantes foram libertar o príncipe da gruta e...

Ambas ficaram imóveis, Becky sem conseguir falar, Adelaide com a rosca na mão, no meio do caminho em direção à boca. O gatinho havia dado uma leve tossida numa expressão de dor e em seguida engasgou terrivelmente e finalmente tombou com o focinho sobre a cama. Atônitas, elas observaram o bichinho se esparanhar, debater-se, dar um miado desesperado e morrer.

O som de água sendo despejada na banheira cessou. A criada voltou a entrar no quarto e disse:

— O banho está pronto, majestade. Deseja que eu...

Ela não concluiu a pergunta, pois nesse instante a porta do quarto foi escancarada e em seguida apareceu a condessa Thalgau. A criada virou-se assustada. A condessa, com olhos arregalados, viu a jovem mucama e a dispensou distraidamente com a mão. A criada se curvou afobada e saiu do quarto às pressas. Imediatamente, a condessa foi para a cama de Adelaide.

Adelaide e Becky continuavam petrificadas. A condessa estava ofegante. Ainda

vestia o penhoar e os cabelos estavam desordenados.

— Oh... graças a Deus... — disse ela, tirando a rosca da mão de Adelaide.

E então a condessa viu o gatinho. Sua vista perdeu o foco e ela ficou tonta. Becky a segurou e a ajudou a sentar na cadeira mais próxima.

— O que está acontecendo? — perguntou Adelaide com voz ameaçadora.

Becky nunca havia visto a condessa naquele estado. Sua habitual atitude fria e arrogante desaparecera e ela agora chorava copiosamente. Não conseguia ficar quieta na cadeira. Levantou-se e foi até Adelaide e tirou a bandeja do café da manhã de cima dela, levando-a para bem longe, como se fosse algo tóxico.

E em todo este tempo, soluçava e buscava recuperar o fôlego:

— Um complô... acabei de saber... não consigo suportar a vergonha... Vossa majestade está bem? Não provou nada? Que Deus seja louvado... oh, isto é demais para mim...

Becky correu para a porta e virou a chave. Em seguida foi consolar a condessa, agora no sofá, ainda em prantos.

— Meu marido... eu não sabia... ele estava fazendo alguma coisa errada... mas não isso! Ele não fez isso! Foi Gödel! Eles nunca pensaram que sua majestade teria êxito... achavam que logo hesitaria, esmoreceria e fracassaria... mas vossa majestade decepcionou-os e obteve sucesso... ainda por cima depois das conversas, do tratado... nunca vão permitir que vossa majestade assine esse tratado!

— Mas o conde? — disse Becky. — Ele não está por trás desse plano de envenenamento?

— Ele me confessou nesta manhã que havia providenciado para que o tratado fosse adiado por seis meses, nada além disso! Ele descobriu que Gödel estava tramando algo muito pior. Mas ele, eu, nós só ficamos sabendo do envenenamento agora, eu juro...

Adelaide acariciava o gato morto instintivamente. Enquanto a condessa falava, a expressão da rainha ficava mais e mais obscura até parecer uma nuvem prestes a trovejar. Então ergueu a pequena criatura sem vida em seus braços e a colocou sobre a mesinha de cabeceira antes de se sentar na beirada da cama e tocar os pés descalços no chão. Seus olhos escuros crepitavam e a face estava corada.

— Iam me envenenar? A *rainha*? Então era esse o complô Leopold? — perguntou, encarando a condessa.

— Leopold? — A condessa mostrou-se chocada. Ela obviamente nunca havia ouvido falar disso.

Becky explicou tudo rapidamente. A condessa pôs as mãos na cabeça.

— Onde está o conde agora? — perguntou Adelaide.

— Está doente. Ele estava me contando tudo quando seu coração... não sei... ele teve um ataque. Eu vim direto para cá...

— E a senhora? Está do meu lado?

— *Ja! Ja, natürlich! Auf alle Zeiten!*

E ela se curvou desastradamente, essa enorme mulher de comportamento frio e coração quente, antes de envolver Adelaide rapidamente com o lençol.

— Vou me vestir agora mesmo — disse Adelaide. — Deixe o banho para lá. Estou limpa o bastante. Becky! Pegue o vestido de seda branco. Não estou mais de luto. Estou irascível, isso sim. E com pressa. Onde diabos está Jim? Por que ainda não voltou?

Visto que Becky não tinha como responder à pergunta, não o fez, e de qualquer forma Adelaide já se encontrava no banheiro escovando os dentes. Becky achou o vestido branco de seda — comprado antes da morte de Rudolf, nunca usado — e esticou-o sobre a cama, ao lado da meia-calça e das roupas de baixo.

Dez minutos depois, Adelaide estava vestida e a condessa tentava ajeitar-lhe os cabelos. Becky chegou correndo do closet com um porta-joias, depois com o perfume, o ruivo. Adelaide então se lembrou de algo e disse:

— Becky, escute, na última gaveta da escrivaninha tem uma bolsa de veludo. Pegue-a para mim.

Becky a encontrou. Era uma pesada bolsa menor que a palma da mão, rendada com fios de ouro, com feixe de ouro e um cadeado. Entregou a Adelaide, que a escondeu entre os seios ao ouvir alguém bater à porta.

As três se olharam. Adelaide se levantou.

— Como está meu cabelo?

— Ótimo. Devo abrir a porta?

— Vá em frente. Fique aqui condessa, como minha guarda de honra, como manda a etiqueta.

Becky destrancou a porta e se afastou.

O barão von Gödel entrou, acompanhado do capitão e de um grupo de soldados. O camareiro estava ofegante, a veia em sua garganta pulsava contra o colarinho impecavelmente branco. Olhou rapidamente ao redor, como se procurasse alguma coisa, e Becky se deu conta de que era a bandeja com o café da manhã. Talvez devessem ter escondido-a como prova da traição, mas agora era tarde demais.

A primeira a falar foi a condessa, extremamente irritada.

— Barão Gödel! Qual sua explicação... para este ato repugnante de traição e tentativa de assassinato?

Sem olhar para ela, o barão se virou para o capitão e disse:

— Leve a condessa até o marido, o conde. Ele está doente. Ela não tem serventia aqui.

A condessa deu um passo para frente e disse claramente em alto e bom som:

— Ficarei ao lado da rainha. Este é meu dever, esta é minha escolha. Daqui não

saio.

Ainda evitando-a, o barão fez um gesto para o jovem capitão, que disse taciturno:

— Tenho a autoridade para obrigá-la a se retirar, ilustríssima.

— Sei disso. Pois bem, não vou lhe facilitar as coisas.

Ela ergueu o queixo e o encarou. Adelaide bateu as palmas das mãos, surpreendendo o capitão e o camareiro.

— É bom que não encostem a mão em ninguém aqui — disse Adelaide, encarando ambos os homens com desdém e raiva, e então se virando para a condessa. — Condessa, não quero que a senhora se machuque. Sou-lhe muito grata. Sua lealdade me é muito preciosa, mas, por favor, vá com o capitão sem retrucar. Vá ficar com seu marido, que precisa de seus cuidados. Certamente, nos veremos em breve quando este disparate chegar ao fim. Enquanto isso, diga a quem quiser saber que eu sou a rainha e que não me renderei jamais.

Adelaide falou num alemão claro e cuidadoso, e embora a reação da condessa tivesse sido de rebeldia, ela concordou com uma reverência. Num impulso, Adelaide foi até a mulher e a beijou. Lágrimas caíram dos olhos da condessa e suas mãos apertaram as de Adelaide. Becky custou a acreditar na mudança repentina daquela que fora uma das criaturas mais frias e arrogantes que conhecera, quando assumiu a função de professora da então princesa Adelaide.

O capitão bateu os tacos dos sapatos quando a condessa se retirou do quarto e mandou dois soldados acompanharem-na. Gödel se virou para Becky e Adelaide e, neste instante, Becky avistou um objeto que quase fez seu coração sair pela boca: a pistola que Jim lhe havia dado estava à vista sobre o sofá de seda azul. Ela deu alguns passos como se pretendesse ficar ao lado de Adelaide e tentou tapar a visão dos homens em direção ao sofá. Talvez conseguisse pegá-la antes que a vissem.

Gödel disse ao capitão:

— Fiquem de olho nelas. Nas duas. Levem-nas para o castelo.

Adelaide viu o que Becky tentava fazer e começou a falar para distraí-lo.

— Aposto que está surpreso em me ver de pé e viva, barão, depois do café da manhã envenenado que o senhor me mandou. Foi o senhor, não foi?

Fingindo dobrar a camisola de Adelaide, Becky pegou a pistola e a escondeu dentro do lençol, virando-se a tempo de ver o constrangimento de Gödel em buscar uma resposta.

Finalmente, ele falou:

— Vamos com isso, capitão!

O capitão bateu continência e deu um passo à frente.

— Peça-lhes que me acompanhem até a carruagem lá embaixo. Se resistirem, serei obrigado a ordenar que meus homens as levem à força.

Sua voz era trêmula: para ele, Adelaide continuava a ser sua rainha.

Em outras circunstâncias, ela teria lhe lançado um daqueles olhares fulminantes e ele seria seu escravo pela eternidade, mas a vergonha o impedia de encará-la. Em vez disso, olhava para um ponto fixo distante dela, com a mão na pistola, esperando taciturnamente.

— Não sou idiota, capitão, e espero que não seja descortês — disse. — Deve permitir que Fräulein Winter pelo menos troque de roupa; certamente não vai deixá-la sair na rua de camisola.

O capitão corou.

Gödel disse impaciente:

— Escoltem-na até o quarto dela e esperem-na trocar de roupa. Em seguida levem-na para a carruagem. Tem cinco minutos, Fräulein.

Becky se retirou, segurando o penhoar com força. Não olhou para o soldado que a acompanhou e, ao entrar em seu quarto, bateu a porta com toda a força.

Rapidamente, lavou o rosto, escovou os dentes e vestiu uma roupa confortável. Afinal, não tinha sentido ir para a prisão bem vestida, mas fazia todo o sentido manter-se abrigada, imaginou. Jogou alguns pertences na velha valise da mãe e enfiou a pistola na cintura.

Pôs a capa, cobriu a cabeça com o gorro e em pouquíssimo tempo abriu a porta e saiu. O soldado fez sinal para que ela o seguisse e juntos caminharam tensos pelos desertos corredores do palácio rumo ao Portão Leste, até uma entrada lateral escondida atrás da estufa de laranjas, onde uma carruagem fechada aguardava ao lado de uma escolta montada.

Gödel se encontrava ao lado do veículo.

— Dê-me isto — disse ele, arrancando a valise da mão de Becky. Ela o observou, indignada, revirar sua bolsa, mexendo em suas meias, roupas íntimas, sua camisola. Nada encontrou e devolveu a bolsa para Becky, que a pegou com brusquidão e o olhou com desdém.

Um soldado abriu a porta da carruagem. Becky entrou e a carruagem partiu na mesma hora, fazendo-a cambalear e cair sentada no banco. A única luz no interior do veículo vinha das frestas das pesadas cortinas e Becky perguntou:

— Quem está aí? Não enxergo nada.

— Apenas eu — disse Adelaide. — Pare de se mover de um lado para o outro, está me deixando zozza.

Becky se ajeitou no assento e tirou a pistola da cintura, aliviada.

— Pelo menos não vai me acertar se disparar sozinha — disse, colocando-a na bolsa. — Há somente seis balas. Temos que garantir que todas serão bem usadas.

Sentou-se do lado de Adelaide e viu — apesar da penumbra — a expressão de fúria no rosto da amiga. A carruagem saiu dos limites do palácio e então acelerou rumo ao castelo.

Pouco depois, mensageiros chegaram às embaixadas da Alemanha e da Áustria-Hungria. Pediam profundas desculpas, mas sua majestade adoentara-se subitamente. Estava incapacitada de comparecer à cerimônia de assinatura do tratado. A solenidade teria que ser adiada por pelo menos três dias, segundo recomendações médicas. A última sessão das conversações teria que ser suspensa temporariamente até que a rainha estivesse reabilitada, o que obviamente era ansiado por todos etc.

Uma mensagem similar, porém mais sucinta, foi dada aos representantes de meios de comunicação na sala de imprensa criada especialmente para o evento. Cerca de vinte jornalistas se encontravam no local. Dois terços eram estrangeiros, incluindo um cavalheiro do *The Times* e três repórteres de um jornal popular de Londres, este último ansioso por novidades sobre a rainha *cockney*, como Adelaide era chamada nas matérias.

O correspondente do *Wiener Beobachter* leu em voz alta a mensagem que um oficial lhe entregara. Na mesma hora, os colegas começaram a fazer perguntas ao oficial, que apenas ergueu as mãos e disse impotente:

— Sinto muito, cavalheiros, mas não posso dizer mais do que sei, ou seja, que Sua Majestade indisps-se nas primeiras horas desta manhã, e que enquanto isso as negociações estão suspensas, que mais notícias serão divulgadas ao meio-dia... meio-dia, senhores. Com licença. Meio-dia!

Ele saiu e os repórteres e correspondentes internacionais puseram-se a escrever no mesmo instante. Os mais ágeis e experientes, que conseguiam realizar duas tarefas ao mesmo tempo, pegaram seus chapéus e abrigos e correram para os cabriolés, enquanto compunham mentalmente as primeiras orações.

Os advogados e escreventes, incluindo nosso conhecido Herr Bangemann, receberam a notícia com preocupação e, na falta de terem o que fazer, ocuparam o tempo especulando a respeito, jogando cartas ou compondo versos despretensiosos. Um dos colegas de Herr Bangemann mostrou como criar um mandarim chinês, dobrando um pedaço de papel e Herr Bangemann começou a fazer cinco miniaturas iguais em ordem decrescente de tamanho.

Jim não fizera ideia, nem sequer imaginara o quanto odiaria ser prisioneiro. Era profunda e completamente odioso. Sentia-se impotente, como um bebê, no meio da escuridão, nas mesmas condições em que encontrara o pobre Leopold. Seus olhos se encheram de cáusticas lágrimas ao se lembrar da cena no alçapão no meio da floresta: Leopold se agarrando desesperadamente a Karl, enquanto os soldados o arrancavam para longe. Ou apenas imaginara isso, devido ao segundo golpe que levava na cabeça?

Tampouco conseguia esquecer a imagem de Carmen Ruiz no barco com as mãos esticadas, enquanto a correnteza a levava escuridão adentro. Jim não fazia ideia de onde o barco teria ido parar ou mesmo se ela conseguira ver a luz do dia afinal.

Jim enxugou o rosto com raiva e tentou se concentrar na imagem de Adelaide, mas acabou ainda mais consumido pela cólera. Péssima ideia. Levantou-se da dura cama e arrancou o colchão de cima do enferrujado estrado, apoiando-o na parede. Em seguida arrancou um dos paus do estrado e o usou para golpear a porta. Alguém gritou do outro lado:

— Pare com essa algazarra! Se continuar, entraremos aí e lhe daremos uma coça!

Jim respondeu com uma enxurrada de palavrões e impropérios, que fez o homem do outro lado da porta mudar de ideia sobre entrar lá dentro; saiu em busca de seu superior.

Jim subiu no que havia sobrado da cama e saltou, tentando alcançar as barras da pequena janela no alto de uma parede. Alcançou o vão de pedra, uma espécie de parapeito, que cedeu, e Jim tateou em falso. Levou uns dez minutos improvisando uma escada com os restos da cama, mas bastou subir no monte improvisado e tudo desmoronou. Deu um berro furioso e chutou o entulho.

A luz que vinha de fora da cela era sombria e cinzenta, e Jim imaginou que seriam cerca de dez da manhã. Supôs também que deveria estar no castelo, por causa das paredes de pedra, embora qualquer prisão devesse ter esse tipo de parede.

Após mais um chute na porta, sentou-se no chão.

— Faça alguma coisa — disse a si mesmo. — Use a cabeça.

Se não conseguia alcançar a janela ou o teto e não conseguia fazer um buraco nas paredes nem no chão, que era de pedra, restava-lhe apenas a porta como saída. Haviam-na aberto para enfiá-lo ali dentro e em algum momento teriam que reabri-la.

Levantou-se para observá-la de perto. Era de madeira antiga, de carvalho maciço e sem ferrolho ou maçaneta. Na altura dos olhos, havia uma pequena janela, do tamanho da mão de Jim, com uma cortina de ferro que a cobria. Através da cortina, uma tampa de madeira de correr cobria a visão para o lado de fora. A janela tinha mais ou menos sete centímetros de profundidade.

A malha impedia que Jim tocasse a tampa com o dedo, mas foram suficientes alguns minutos cutucando a cortina com uma lasca que arrancara da madeira do estrado para ele conseguir abrir uma fração da malha de ferro, na parte lateral.

Cinco minutos depois, Jim conseguia abrir a tampa de madeira. O que viu estava longe de ser espetacular: um corredor de pedra sombrio, iluminado apenas pela fraca luz de uma alta janela gradeada ao longe. Estava deserto, sem mobília ou guardas, e Jim pôde ver outras celas, todas abertas.

Isso significava que ele era o único prisioneiro: informação relevante. Olhou os cadeados, pendurados nas portas: porcarias medievais, pensou com desprezo. Se o cadeado de sua porta fosse igual aos outros, bastaria um pedacinho de arame para abri-lo em alguns segundos. Se ao menos conseguisse alcançá-lo e tivesse um pedacinho de arame... Voltou a fechar a tampa de madeira da janelinha da porta para

que não descobrissem que ele era capaz de abri-la. Então levou a lasca até os dentes e olhou em volta: teria deixado algo passar despercebido?

Bem, poderia começar pelos bolsos. Vazios, exceto por um lenço; obviamente, lhe haviam tirado o estilete e sua chave mestra. O que vestia? Sapatos, cinto, blusa, casaco, calça...

O suéter de lã de Sally! Teve uma ideia. Não conseguiu deixar de sorrir. Ela tinha se dedicado tanto ao trabalho...

Assoviando baixinho, ele tirou o pesado suéter azul-marinho e se sentou para desfiá-lo.

A porta do Salão do Governante fechou-se com Adelaide e Becky dentro e a chave girou do outro lado.

— Bem — disse Becky. — Prisioneiras. E está frio aqui. Eu diria angustiante. Sabia que meu pai esteve preso aqui? Acabo de me lembrar. Ele morreu...

De repente, ela caiu em prantos. Não por ela, mas pelo pai que mal conhecera, morto de febre tifoide naquele mesmo edifício. Ela havia sonhado em seguir a causa dele pela democracia, mas agora tudo parecia ruir diante dela e isto era injusto, cruel...

Indiferente às lágrimas de Becky, Adelaide, com a testa franzida e muito séria, andava de um lado para o outro no tapete em frente à fria e suja lareira. O castelo não tinha um governante havia séculos, desde que haviam erigido o palácio, e o salão onde estavam provavelmente estivera vazio por todo este tempo. Alguns minutos depois, Becky se acalmou, fungou e enxugou os olhos.

— Está bem — disse. — Acabaram-se as lágrimas. Não vou mais fazer isto. Será que vão trazer nosso café da manhã? Devo tocar a campainha?

E havia realmente uma campainha sobre o aparador da lareira, uma gasta e velha corda. Adelaide a agarrou e a puxou com violência e toda a corda desceu, levantando sujeira e poeira. Um som de campainha soou satisfatoriamente no corredor, do lado de fora.

— Bastante útil — disse Adelaide, fitando a corda. — Podemos alternar, cada vez uma se pendura no que restou da corda. Eu primeiro. Você, com seu peso, poderia acabar rasgando a corda.

A porta se abriu e o capitão apareceu.

— Capitão, está ciente de que alguém tentou nos envenenar esta manhã?

O homem piscou nervosamente e engoliu em seco, sacudiu a cabeça e deu de ombros.

— E que por isso não comemos nem bebemos nada desde ontem?

— Eu... eu providenciarei que lhes tragam algo para beber e comer.

— Faça isso.

Ele iniciou um gesto de reverência, deteve-se na mesma hora, concordou com a

cabeça, ainda assim bateu os tacos dos sapatos e se retirou. A chave da porta voltou a girar, trancando-a.

Adelaide soltou um resmungo e se sentou na borda de uma poltrona carcomida, após retirar um pouco da poeira sobre ela.

— Acho que, se chegaram a este ponto de prenderem a gente, é porque o plano de Jim não funcionou. Espero que ele esteja bem.

Becky sentiu uma pontada gélida na boca do estômago. Só agora se dava conta de quanto sua confiança e otimismo dependiam da crença de que Jim estava livre.

— Claro que ele está bem — disse, com voz trêmula.

— Meu pobre Caçarola... O que será que vai acontecer? Espero que seja rápido. Não ligaria se fosse por um tiro. Não gosto da ideia de ter a cabeça cortada...

— Pare com isso — disse Becky. — Não seja *boba*. Não se importaria se fosse um tiro? Pois é *bom* que se importe. Não se *atreva* a resignar-se. Eles não têm esse *direito*. Precisamos descobrir o que estão tramando e detê-los.

Os olhos de Adelaide brilharam perigosamente. Era rainha já há tempo suficiente para esquecer como era ser tratada daquele jeito. Mas consentiu com a cabeça.

— Está bem. Bom, eles não podem fazer nada sem um responsável. Precisam de alguém para assinar documentos, ratificar leis e... carregar a bandeira. Para ser o Adlerträger. Precisam de uma autoridade, não?

Becky, que a fitava, concordou:

— Então acha que vão fazer Leopold carregar a bandeira, se é que estão com ele?

— Acho. Estavam crentes que eu ia engolir aquele café da manhã e que a esta altura estaria mortinha da silva, como o Caçarola. Aí, eles poderiam dizer: “Oh, que lástima, a rainha bateu as botas”, me dariam um funeral luxuoso e todos chorariam, sem perderem a imagem de bons moços, de inocentes. E então apareceriam com esse esquisito do Leopold e fariam com ele o que quisessem...

— Mas não sabemos se estão mesmo com ele. Se o plano do Jim de resgatar o príncipe...

Alguém destrancou a porta e um soldado a abriu para que outro entrasse com um carrinho levando uma bandeja com bule de café, duas xícaras e um prato com rosquinhas. O soldado pôs a bandeja sobre a mesa, bateu continência e se virava para sair, quando Adelaide disse:

— Espere.

Ela pegou uma rosca e deu a ele. Os olhos desconcertados do oficial voltaram-se para o sargento que estava na soleira da porta.

— Coma isto — disse ela. — *Essen sie*.

O sargento fez que sim e o soldado deu uma pequena mordida e mastigou educadamente, engolindo com dificuldade antes de sorrir sem graça. Adelaide encheu uma xícara de café.

— Agora beba — disse.

Estava quente e ele precisou soprar. Deu um gole, e outro, e uniu os lábios.

Adelaide olhou para Becky.

— Quanto mais deveríamos dar a ele? Caçarola começou a se contorcer na mesma hora.

— Ele era pequenino. Acho que uma pessoa demoraria mais a sentir os efeitos.

— Especialmente um homenzarrão como este. Mais! — disse ela. — *Trinken sie mehr!*

Tentando disfarçar o constrangimento, ele bebeu mais do café, enquanto Adelaide o observava atentamente com olhos semicerrados. Quando ele terminou, Adelaide pegou a xícara, sem tirar os olhos dele, e finalmente fez que sim com a cabeça.

— Está bem, mande-o embora — disse para Becky.

O homem bateu os tacos dos sapatos, fez um cumprimento e, ainda confuso, se retirou. Adelaide foi em busca das rosquinhas na mesma hora e Becky serviu-se do resto do café.

— Vamos ter que compartilhar o café — disse.

Adelaide concordou com a cabeça, com a boca cheia. Mas seus olhos brilharam subitamente. Teve uma ideia. Becky comeu uma rosquinha — estava seca e farelenta — pacientemente esperou sua vez para tomar o café.

— E então?

— Estava aqui pensando no que estava dizendo antes de eles entrarem: sobre a bandeira.

— Uma autoridade só se torna autoridade depois de carregar a bandeira. E tudo o que precisam fazer é pegá-la e entregá-la a Leopold para carregá-la e está tudo acabado.

— Só se a bandeira estiver lá — disse Adelaide.

— O quê?

— Imagine se eles acordarem amanhã e descobrirem que a bandeira desapareceu.

Becky encarou Adelaide e viu que ela falava sério.

— O que está sugerindo exatamente? Que fujamos daqui sem sermos vistas, roubemos a bandeira sob os narizes dos guardas... e depois?

— Não sei — disse Adelaide. — Só consegui pensar nisso até agora. Mas é um bom começo, não é?

Pegou a última rosca calmamente. Becky foi até a janela, que dava para um estreito jardim vigiado por um único sentinela. Do outro lado, o edifício arranhava o céu cinzento. Todas as janelas estavam obstruídas. Com exceção do sentinela, nada mais se movia; não havia vida. Becky se sentiu desolada. Estava prestes a se virar quando seus olhos captaram algo diferente no céu: os primeiros flocos de neve começavam a cair.

LÃ

Nove dos estudantes, incluindo Karl, Anton e Gustav, haviam sobrevivido ao combate na gruta. Karl e Gustav estavam levemente feridos. Foi uma luta corpo a corpo, pois os soldados temiam atirar e acertar o príncipe e tiveram que recorrer aos próprios punhos e às espadas, dando a chance de os estudantes lutarem em condições iguais. No entanto, a peleja não durou muito, pois os soldados queriam apenas capturar o príncipe e tão logo conseguiram arrancá-lo dos braços de Anton, correram com ele em direção ao palácio, repelindo os estudantes que os perseguiram.

Em seguida, o grupo principal de soldados surgiu da gruta, e os estudantes, em menor número e sem armas de fogo, viram-se obrigados a fugir. Foi quando descobriram que Jim também havia sido capturado. Um forte sentimento de culpa e fracasso tomou conta do já alquebrado e sofrido grupo, que voltou se arrastando ao campus da universidade.

Acordaram no dia seguinte e encontraram a cidade em rebuliço, invadida por rumores e contrarrumores. Aglomerados de pessoas ocupavam esquinas em acaloradas discussões, lendo jornais e sendo dispersos pela polícia. A rainha havia adoecido, era o que diziam. Uma carruagem fechada fora vista saindo do palácio e entrando no castelo. Tropas haviam sido deslocadas da guarnição de Neustadt. E, coincidentemente, uma manifestação de Glatz e seus amigos começara no início da manhã.

A Bolsa de Valores estava fechada e um boletim sobre o estado de saúde da rainha estava sendo divulgado a cada hora pelo palácio. Karl e os outros, que

sabiam bem mais do que a maioria, estavam elétricos de ansiedade pelo que não sabiam. Tentaram averiguar com a companhia de água o curso do rio que se unia ao riacho que passava pela gruta. Nenhum dos rapazes conseguia esquecer a cena de Carmen Ruiz sumindo impotente pela correnteza. Por mais que fosse uma assassina, ela não merecia morrer daquele jeito, como um rato no escuro, fim este que para eles era quase uma certeza. Mas nada descobriram e, sentindo-se uns desgraçados, os rapazes de Richterbund se dirigiram ao Café Florestan, enquanto a cidade se fragmentava entre o medo e as especulações.

Quando a luz da tarde começou a se dissipar, os preparativos de Jim chegaram ao fim. Um guarda havia entrado na cela apenas duas vezes durante todo o dia: para levar uma bandeja de comida e para removê-la. E nas duas ocasiões havia encontrado Jim aparentemente mergulhado em estado apático sobre o colchão. Comera metade do frio e gorduroso gulache para não se abater e havia fingido letargia e desânimo, o que surtira efeito. Também observara a rotina da guarda, que fora ainda mais útil. E durante todo este tempo havia estado desfiando seu suéter de lã.

Não fora uma tarefa fácil: O fio era escorregadio e o casaco estava firmemente tricotado. Além disso, a pouca luz dificultava a visão. Ao terminar, Jim estava tremendo de frio pela falta do quente agasalho, mas em posse de oito novelos de pesados fios de lã. E como iria usá-los agora?

Assoviando baixinho, pegou uma grossa e longa lasca de madeira da cama quebrada. Era pontuda e Jim se sentou para enrolar uma boa quantidade de lã em um dos lados como suporte para agarrá-la: confeccionava uma adaga de madeira.

Em seguida, virou-se para a parede da cela, onde vira duas pedras frouxas. Usando outro pedaço de madeira, conseguiu arrancar uma pedra do tamanho de sua cabeça e alcançou o que estava atrás da pedra, na parede, e o que realmente procurava: pequenos cascalhos. Retirou uma boa porção até encontrar um do tamanho de um ovo de ganso, meio arredondado. Jogou o restante do cascalho para debaixo do colchão e colocou a pedra do tamanho de sua cabeça no lugar.

Logo depois, tricotando com dificuldade, fez uma espécie de rede para envolver a pedra redonda e a atou firmemente a um cabo que improvisara com vários fios de lã entrelaçados, que ele podia girar como uma arma, já que o peso da pedra somado à velocidade seria capaz de deixar um cavalo zonzo. Testou várias vezes contra o colchão até que seus músculos estivessem familiarizados com o peso da pedra.

Jim tinha agora duas armas. Já estava escuro e ele tinha sede e fome. Não acreditava que quisessem matá-lo de inanição ou não lhe teriam trazido refeição mais cedo. Por isso, provavelmente, voltariam em algum momento. Pensou em bater na porta e gritar para chamar alguém, mas correria o risco de deixar os guardas em alerta e precisava deles relaxados, esperando encontrar Jim apático como das outras

vezes. Era melhor esperar. Sacudiu o colchão para espantar os insetos, escondeu a pequena adaga na meia e se deitou. Como um gato, adormeceu tranquilamente.

Roendo a unha do polegar, Adelaide ajustou o lampião que lhe haviam dado e franziu a testa.

— Já fez os peões?

— Estou quase acabando.

— Então se apresse.

Preocupada em evitar que sua majestade tivesse um ataque de nervos, Becky sugerira uma partida de xadrez. Desenharam o tabuleiro no empoeirado piso e agora Becky confeccionava peças para o jogo com pedaços de papel e fios soltos da bainha das cortinas. Não foi fácil e ela chegara a quebrar uma unha esfregando metade dos peões improvisados na fuligem da lareira para escurecê-los.

— Só restam duas borlas. Faltam quatro para fazermos os reis e as rainhas. Por que não atiramos no guarda e vamos procurar as duas que faltam?

— Se tivermos que disparar qualquer tiro, eu é que vou atirar. Mas não nos guardas. Eles estão apenas cumprindo ordens. Onde estão os bispos?

— Bispos?

— Você não fez os bispos. Saia da frente, deixe que eu faça isso.

Adelaide prendeu os cabelos atrás das orelhas, ajoelhou no chão empoeirado e começou a dobrar papéis e enrolar fios. Becky foi para a janela. Já era quase noite e um grupo de soldados com uma lanterna surgiu no jardim. Observou-os distraída limparem a neve numa área rente à parede mais afastada, e dois deles começaram a cavar um buraco retangular, enquanto outros quatro soldados trouxeram um pesado e sólido pacote e o deixaram no chão, contra a parede. Ao se dar conta do que estava assistindo, Becky se virou de costas aflita e desconcertada e foi distrair Adelaide.

— Como está se saindo?

— Terminei os bispos — disse Adelaide olhando para Becky. — Dá para perceber que são bispos, porque tem umas coisinhas na cabeça deles. Onde está a pistola? — Adelaide se levantou e a tirou da bolsa de Becky. — Por Deus, como é pesada, não? Quantas balas têm? Seis. Queria tanto que a srta. Lockhart estivesse aqui. Ela saberia o que fazer.

— Tenho certeza que sim — Becky engoliu a saliva com dificuldade. Pensava na mãe e uma imagem lhe veio à mente: a da gasta sala de estar de sua casa, familiar e aconchegante, com as tintas da mãe espalhadas pela mesa sob a luz do lampião e um *muffin* assando no fogo, a avó acenando a cabeça de sua cadeira e Tom-Tom ronronando defronte da lareira... Era tudo tão vívido que teve que segurar o choro.

— Nem comece a se lamentar, Becky — disse Adelaide, voltando a guardar a pistola na bolsa. — Controle-se. Eu não choro desde... nem me lembro. Ah, lembro sim. A última vez que chorei estava na casa da sra. Catlett, em Shepherd Market.

Ela me encontrou no meio da rua, passando fome. Me levou para a casa dela, me deu comida e me limpou. Primeiro não entendi por que fazia isso por mim. Mas logo descobri. Foi quando chorei pela última vez: quando me dei conta do que estava fazendo, do baixo que tinha chegado, mesmo com os lençóis de seda. Ainda dei sorte de não chegar ao fundo do poço, de ter encontrado a velha Bessie Catlett e não outras tantas que existem por aí. Ela conhecia todos os duques, condes e outros nobres. Ela sabia como agradá-los, seduzi-los... e nos ensinou tudo, nos treinou. Todo o mês ela chamava um médico para olhar a gente. Mas uma vez uma das garotas, que era minha amiga, ficou doente. Foi mandada embora no mesmo dia. Bessie Catlett não gastava um tostão com remédios; nunca aceitou ter uma das meninas sem trabalhar. Dizia que havia dúzias, centenas de garotas nas ruas buscando trabalho. Por isso, a pobre Ethel foi jogada fora. Sempre quis saber o que aconteceu com ela. Espero que tenha ficado boa e encontrado um homem decente, mas acho difícil, há tão poucos por aí...

— E foi lá que você conheceu o príncipe Rudolf?

— É, um aristocrata apareceu com um grupo, mas Rudi não quis fazer nada, entende? Então a gente ficou no quarto conversando. Ele foi tão gentil... O resto da história você já conhece.

— Quanto tempo você ficou lá?

— Quase dois anos.

— E o que fez antes disso?

— Não me lembro. — Adelaide olhou para baixo abruptamente. — Vamos jogar xadrez ou não?

Becky se ajoelhou de frente para ela e o tabuleiro desenhado no chão. Estava pouco visível devido à fraca luz.

— Você começa. Suas peças são as brancas.

Becky ouviu um débil e constante som de marteladas do jardim. Começou a falar amenidades para que Adelaide não ouvisse o barulho e moveu o pião do rei duas casas. Adelaide fez um coque com os cabelos e se concentrou com um leve suspiro de satisfação.

Jim acordou. Um molho de chaves soava do lado de fora da porta e uma fraca luz brilhou da pequena janela que se abriu por alguns segundos. Já totalmente desperto, a mão direita estava armada com a pedra. A porta se abriu. Com os olhos semicerrados, Jim observou o guarda entrar com a bandeja de comida, deixando o lampião no chão do lado de fora.

Ainda melhor: significava que havia apenas um homem desta vez. Um pouco de sorte, afinal...

Olhando para Jim com cautela, o guarda curvou-se para deixar a bandeja no chão. Era demasiado prudente para ficar de costas para o prisioneiro, porém velho demais

para se mover com agilidade. E quando Jim saltou do colchão e avançou com a pedra girando em punho, o guarda não teve tempo de se esquivar.

Jim fez o que fez a contragosto. Não gostava de acertar ninguém na cabeça. Mas a imagem de Adelaide lhe deu coragem e a pedra atingiu o lado direito do crânio do homem, que se estatelou no chão em seguida.

Com um enérgico puxão, Jim arrancou o molho de chaves do cinto do guarda. Pegou um pedaço de pão da bandeja e o guardou no bolso da calça para comer depois e saiu da cela.

Foi fácil descobrir qual era a chave de sua cela: a mais velha e pesada. Trancou o homem lá dentro por precaução, apanhou o lampião e correu pelo corredor silenciosamente com seus sapatos de borracha e a pedra na mão.

Parou numa curva, apurou os ouvidos, olhou em volta. Havia uma porta aberta no topo de uma escadaria, de onde reluzia o brilho de um lampião, e Jim subiu as escadas na ponta dos pés e ficou ouvindo do lado de fora.

Apenas o som do manusear de papéis. Olhando pela fresta da porta, Jim viu parte das costas de um homem sentado. Ele se moveu e Jim pôde ver que virava a página de um jornal.

Silenciosamente, Jim pôs o lampião no chão, guardou no bolso a pedra atada à trança de fios e pegou a adaga que estava escondida na meia.

Em seguida, num movimento felino, entrou no cômodo, onde um bule de café ciciava na lareira. Antes de o homem ouvir qualquer coisa, Jim já havia lhe tapado a boca com uma das mãos, enquanto a outra pressionava a ponta da adaga com força contra a garganta do guarda.

— Se fizer qualquer ruído ou movimento eu furo você — sussurrou Jim.

O homem enrijeceu-se todo. Era corpulento, baixo, rosto avermelhado, com um resfôlego de quem fumava charutos.

— Agora curve-se e tire suas botas. Mova-se bem devagar. Minha adaga vai ficar o tempo todo colada em sua garganta, por isso não tente nenhuma tolice.

O homem obedeceu.

— Agora, as meias — disse Jim, pressionando a adaga contra a garganta do guarda ainda mais para encorajá-lo.

O guarda tirou as meias, constrangido. Mas Jim não tinha tempo de sentir pena naquele momento.

E então viu uma recompensa: um revólver pendurado num coldre atrás da porta.

— Ponha a meia na boca. Isso mesmo, na sua boca, toda ela. Rápido.

O homem fez o que Jim lhe mandou com relutância. Jim correu para pegar a arma e já a tinha na mão antes que o guarda tivesse tempo de reagir. A arma estava carregada.

— Muito bem — disse. — Pode tirar a meia da boca para me responder umas

perguntas. Se tentar gritar, dou-lhe um tiro no coração antes que tenha tempo de emitir o primeiro som. Agora me diga: que lugar é este?

— O castelo — disse o homem com voz trêmula.

— Onde está a rainha?

O guarda abriu a boca e voltou a fechá-la, mas olhou para cima involuntariamente.

— Ela está lá em cima — disse Jim. — Entendo. Onde?

O guarda continuou com a boca fechada.

— Ponha a meia de volta na boca — disse Jim.

Jim devia estar mais ameaçador, pois o guarda obedeceu desta vez sem titubear. Jim deu um chute na canela do homem com toda força e ouviu um som de dor abafado sair da garganta do guarda.

— Doe? Da próxima vez vou quebrar um dos seus dedos e isso vai doer muito mais. Tire a meia da boca de novo e me conte onde ela está.

Com olhos cheios d'água, o guarda retirou a bola de pano da boca e murmurou:

— Tem uma escada ao longo do corredor. Ela está no quarto andar, nos aposentos do antigo governador. Tem uma grande porta dupla.

— E qual é a saída mais rápida daqui?

— No fim do corredor, pela porta da escada dos criados. Em seguida, pela cozinha. Por favor...

— Enfie a meia de volta na boca. Rápido, ou faço você engoli-la.

O guarda obedeceu, o gordo rosto humilhado.

— Agora fique de pé e vire de costas.

O guarda moveu-se lentamente e Jim fixou a meia na boca do guarda amarrando alguns fios de lã ao redor da cabeça do homem.

— Ponha suas mãos para trás.

Jim então atou firmemente as mãos do homem a um cano de ferro preso à parede. Os fios eram resistentes como um chicote, ele não conseguiria se soltar, pensou Jim. Após olhar em volta e se certificar de que não havia nada em que o guarda pudesse encostar para fazer barulho, Jim lhe mandou um beijo, pegou o lampião, a pistola e saiu.

— Xeque — disse Adelaide. — Você não está prestando atenção.

— Quase não enxergo nada. O que é isto? Um bispo? Isto era um peão há menos de um minuto! E era um dos meus!

— Como quiser — disse Adelaide, devolvendo a peça e mexendo outra. — Xeque-mate. Estava apenas querendo prolongar o jogo. Quer jogar outra partida?

Becky se levantou, bocejou, espreguiçou e tremeu de frio. Não tinha ideia de que horas seriam. Tinha fome, frio, estava exausta e amedrontada. Pensou que, naquele instante, ela precisava muito mais de Adelaide do que Adelaide precisava dela.

Olhou para o lampião, para ver se dava para aumentar a chama, pois esta já

começava a falhar. Talvez o óleo estivesse acabando.

Havia acabado de se agachar para ver mais de perto a mecha, enquanto Adelaide juntava as peças de papel e algodão, quando ouviram um som na porta. Adelaide se levantou e ajeitou a saia do vestido.

Então a porta foi destrancada e a maçaneta girou.

— Jim! — gritou Becky e na mesma hora ele levou o dedo à boca, pedindo silêncio.

Ele estava sujo, machucado e com a barba por fazer. Tinha um corte na testa e o cabelo desgrenhado. Levava uma pistola numa das mãos e um lampião na outra. E havia uma segurança, uma determinação nele que Becky nunca havia visto antes. Estava formidável.

Becky também notou outra coisa e se virou para Adelaide: uma onda intensa e eletrizante oscilava entre Adelaide e Jim. Becky achou por um instante que eles haviam se esquecido da presença dela, do castelo e de tudo mais ao redor. Mas então Jim piscou e, para a surpresa de Becky, curvou-se para Adelaide.

— Vossa majestade — disse em voz baixa. — Ponham suas capas se tiverem uma, e me sigam sem fazer barulho. Becky, está com a pistola? Ótimo. Não a use, exceto se eu mandar. O mais importante agora é sairmos em silêncio. Depois conversamos.

As duas vestiram suas capas na mesma hora. Becky pegou a bolsa e ambas seguiram Jim na ponta dos pés para fora do aposento.

Minutos depois, o capitão mandou um de seus homens à sala da guarda para mandar que tirassem Jim da cela. Ao ver o corpulento soldado, descalço, amarrado à parede, debatendo-se e aparentemente em vias de comer a própria meia, o homem deu uma risada. Mas os gemidos, os chutes, os movimentos desesperados dos braços atados e os olhos revirados logo interromperam a risada.

— Aonde ele foi? — perguntou, retirando a meia da boca do colega.

— Lá para cima, para o quarto dela... da rainha... e depois pela cozinha. Espere! O que aconteceu ao Trautmann? Ele não voltou da cela com a bandeja de comida...

— Vá lá ver! Que droga de soldado é você? Não queria estar no seu lugar quando o capitão descobrir...

O recém-chegado tropeçou nas botas quando saía e as jogou no guarda com um palavrão.

— É melhor você calçar isto.

E correu para soar o alarme.

Corredores e escadas intermináveis, passagens com abóbadas, arcos, portas secretas, janelas com barras de ferro e um hall cujo piso de madeira empoeirado era grande o suficiente, pensou Jim, para jogar uma boa partida de críquete. Várias colunas de pedra se erguiam até o distante teto, cobertas de raízes de plantas

entrelaçadas. Imensas janelas tomadas de fuligem — algumas com as vidraças quebradas havia muitos anos — contemplavam a cidade coberta de neve e ali pararam os três, surpresos, para admirar aquela beleza glacial. De repente levaram um susto ao verem uma fileira de silenciosos observadores rente à parede atrás deles.

Os dedos de Jim apertaram o cão da pistola, e então ele viu o brilho das armaduras vazias. Mas onde era a saída?

Havia se metido num labirinto abominável.

— Jim? — sussurrou Adelaide.

— O quê?

— Lembra da fábrica de carvão animal? Quando a gente fugia da sra. Holland?

— Nunca vou me esquecer.

— Nem eu. Lembrei desse dia e pensei que pelo menos aqui é mais limpo.

— O resultado será o mesmo se eles nos pegarem. Vamos tentar aquela porta...

Um alto arco dava numa escadaria de pedra que descia. Os três moveram-se silenciosamente como fantasmas, e apenas a fraca luz do lampião, que Jim mantinha escondida o tanto quanto conseguia, poderia entregá-los.

— Olhem. O que é isto? — Jim parou defronte de uma janela com vista para um jardim ou o que restara dele. Árvores e arbustos desnudos, adornados pela neve, umas duas estátuas, uma fonte coberta de gelo e uma pérgula em ruína criavam uma atmosfera de melancolia.

A janela ficava pouco mais de 3 metros acima do chão do jardim, e além do jardim via-se a rua e pequenos focos de luz detrás de cortinas das velhas casas.

— Segure a pistola — disse Jim a Adelaide, tirando a adaga da meia.

Ele demorou apenas alguns segundos para conseguir desemperrar o fecho. O ar que vinha de fora era fresco e agradável.

— O que vamos fazer? Pular? — perguntou Becky.

— A altura é pequena e a neve irá amortecer a queda. Você vai primeiro e depois a rainha. Quando chegar perto do chão, dobre os joelhos e então role para evitar torcer o tornozelo. Quando se levantar, eu lhe joga a bolsa. Vá logo e não pense, pule.

Sobrecarregada pelas camadas da saia e a pesada capa, Becky subiu a janela com dificuldade e acabou caindo mais rápido do que havia pretendido. O tombo abriu uma clareira na neve, ao redor dela, que caiu com o rosto no chão; mas tão logo se recuperou do susto, viu que estava ilesa.

Jim jogou a bolsa e então ajudou Adelaide a subir na janela — com muito mais empenho do que ele tivera com ela, pensou Becky.

Adelaide caiu na neve como um passarinho pousando no solo e girou o corpo como aconselhara Jim, levantando-se rapidamente. Jim amarrou alguma coisa na

fechadura da janela e ao saltar, Becky viu que ele tinha na mão um novelo de lã cujo fio estava preso à janela. Jim puxou o fio e a janela se fechou, então rompeu o fio e guardou o restante do novelo no bolso.

— Não dá para desfazer nossas pegadas na neve, mas não precisamos chamar a atenção deles com a janela aberta. Vamos para aquela porta, contornando a parede do castelo.

Jim pegou o lampião que havia deixado no chão e então as guiou pela lateral do jardim.

— Fiquem atrás deste arbusto. Saíam apenas depois que eu conseguir abrir o portão.

O cadeado era uma massa disforme de ferrugem. Jim pegou a adaga, a enfiou na fechadura e a virou com força. A frágil argola abriu-se na mesma hora, e em seguida o portão para a rua adiante.

Adelaide e Becky correram pela neve fofa e se juntaram a ele. Em minutos, eles corriam pela estreita rua.

— Vocês têm ideia de onde estamos? — perguntou Jim.

— Acho que, se seguirmos adiante, vamos dar no rio... — disse Becky, sem ter certeza.

— Lá está a Rocha! — apontou Adelaide.

Os três pararam para olhar. Entre alguns edifícios altos, o topo iluminado da Rocha brilhava sob o escuro céu.

— Vamos nos guiar por ela — disse Jim. — Iremos ao Café Florestan. Vamos, apertem o passo e não tirem o capuz.

Quinze minutos depois, Becky e Adelaide estavam na sombra de um pórtico. Jim se agachou e pegou um punhado de neve para limpar o rosto e, quando estava livre da sujeira, entrou no ambiente acolhedor e enfumaçado, com cheiro de cevada, do Café Florestan.

O lugar estava cheio e a atmosfera estava carregada de tensão: muita conversa, porém nenhuma risada, muitas testas franzidas e rostos taciturnos. Um casal observava curiosos Jim passar por entre as mesas e cadeiras na direção de seus amigos estudantes. Jim tocou o ombro de Karl.

Karl deu um salto.

— Jim, graças a Deus! Venha, sente-se...

— Ainda não. Olá rapazes. Karl, preciso que saia comigo um instante.

Karl o seguiu na mesma hora.

— O que houve? — perguntou preocupado, em voz baixa. — Sabia que a rainha está desaparecida? Há rumores de todo o tipo. Estão até falando que Gödel mandou matá-la... Quem é?

Adelaide baixou o capuz e se aproximou do lampião que iluminava a parte de fora

do café.

Surpreendido, Karl ofegou e curvou a cabeça, mas Jim segurou-lhe o braço e disse:

— Aqui não. Escute, precisamos ir para um lugar seguro. Acha que estaremos fora de perigo nos fundos do café? Acabamos de escapar do castelo. Temos sede, fome e frio, mas não podemos simplesmente entrar e sentar.

Karl assentiu com a cabeça.

— Deem-me um minuto. Vou pedir para o Matyas abrir a porta dos fundos. Fica ali naquele beco.

Ele entrou e, dois minutos depois, a porta no beco se abriu e logo depois Karl apareceu e os levou para um pequeno cômodo, com um fogão de cerâmica de onde ardia uma acolhedora chama. A luz de um lampião sobre uma asseada mesa com toalha xadrez reluzia por todo o caloroso ambiente. Um gato acomodado numa cadeira de balanço ronronava preguiçoso.

Karl tirou o gato da cadeira, e, grata, Adelaide se sentou.

— Conteí a verdade a Matyas, o dono do estabelecimento. Ele manterá segredo. Está trazendo um pouco de sopa e uma garrafa de vinho. Quer que recolha sua capa, majestade?

Alguém bateu à porta de leve. Karl a abriu e o dono do estabelecimento entrou com uma enorme bandeja, deixando-a sobre a mesa antes de reverenciar Adelaide. Era um homem alto e corpulento, tinha olhos azuis e pouco mais de 50 anos. Estava maravilhado como uma criança defronte da árvore de natal em ver a rainha dentro de sua sala.

— Madame... majestade... perdoe-me o improviso. E se desejar algo mais, por favor, diga-me e eu providenciarei na mesma hora. Está tão segura aqui quanto se estivesse em seu palácio.

— Espero estar mais segura aqui do que no palácio — disse Adelaide em perfeito alemão. — Mas tenho certeza de que nunca me senti tão bem acolhida. Obrigada.

O dono do local se curvou e se retirou. Havia trazido sopa, pão e vinho. Enquanto os três comiam, Karl achou copos e abriu a garrafa de vinho.

— Por Deus — disse Jim. — Esta foi a melhor sopa que já comi na vida. Poderia tomar mais um litro dela. Qual foi a última vez que vocês duas comeram?

— Hoje de manhã — disse Becky. — Jim, tentaram envenená-la! A rainha!

Ela contou a eles toda a história e Jim trocou alguns olhares taciturnos com Karl. Karl contou sobre a luta na gruta e a morte dos dois estudantes. Jim estava furioso.

— Tem a mulher também — disse. — Não podíamos tê-la deixado ser levada para aquele breu sem fazer nada...

— Não havia nada que pudéssemos ter feito — disse Karl. — Conversamos com os funcionários da companhia de águas...

Karl se calou ao ouvir uma batida na porta. Pôs-se de pé, assim como Jim, que sacou a pistola. Karl abriu a porta e um estudante entrou ofegante e se curvou rapidamente ao ver Adelaide.

— Perdoe-me — disse com voz trêmula. — Acabo de vir da estação Tristan-Brücke. Está interditada. Ninguém pode entrar e um grande número de vagões chegou do norte. Consegui me esconder e espionar o lugar. Tropas da Alemanha estão saindo dos trens, centenas deles, armados. Vim correndo para cá assim que pude. Mas... o que está acontecendo, majestade?

— Obrigado, Andreas — disse Karl. — Bom trabalho.

Karl estava atordoado, como se não conseguisse dar conta de tanta coisa acontecendo ao mesmo tempo. Virou-se para Jim e perguntou:

— E agora, o que faremos?

— Escutem — disse Adelaide. — Quantos de seus amigos se encontram no café?

— Uns doze.

— Estão armados?

— A maioria. Mas lutariam com ou sem armas.

— Tenho certeza disso, Herr von Gaisberg — disse ela. — Precisarei da ajuda deles, pois tenho uma ideia. Pensei nisso no castelo para deter o barão Gödel, mas agora vejo que é por uma causa muito maior. Refiro-me à bandeira.

Jim olhou-a como se tivesse captado o pensamento de Adelaide. Ela viu o sorriso no rosto dele e continuou:

— Enquanto a bandeira estiver em minhas mãos, Razkavia estará livre. Pretendo fazer o que fez Walter von Eschten, em 1253. Não temos condições de defender a Rocha como Walter fez, não com canhões e metralhadoras Gatling apontadas para nós. Mas podemos levar a bandeira para Wendelstein e reunir o povo lá. E é isso que pretendo fazer. Vocês podem me ajudar?

Entusiasmado com a ideia, Karl assentiu vigorosamente com a cabeça.

— Vou chamar os outros! — disse e saiu.

Jim fitava Adelaide com genuína admiração. Mesmo suja e desarrumada, estava mais linda que qualquer mulher que já conhecera, embora continuasse sendo aquela fantasminha assustada e frágil que entrara, anos antes, no escritório onde ele trabalhara, à procura de Sally. A determinação de então, quando ainda era uma menina medrosa que só sabia falar sussurrando, permanecera imutável. No entanto, ela agora era a monarca de uma nação, poderosa, zangada e linda. Adelaide sorriu para ele e Jim sabia que o sorriso significava “confio em você, Jim. Podemos fazer isso”. Ele retribuiu o sorriso.

E então os estudantes de Richterbund foram chegando, um a um, na pequena sala de estar nos fundos do Café Florestan, ajoelhando-se defronte de Adelaide, sua rainha, e beijando-lhe a mão. Em seguida, todos se posicionaram ao redor da cadeira

onde ela estava sentada para ouvi-la.

Adelaide falou rapidamente em inglês e Becky traduziu para o alemão que os rapazes teriam que resgatar a bandeira do país, o símbolo mais sagrado da nação, de mãos inimigas. Quem não quisesse participar da missão poderia desistir ali mesmo e sair com sua honra intacta. Os que ficassem talvez não sobrevivessem para ver a aurora seguinte. Nenhum deles se moveu e Adelaide disfarçou a emoção que sentiu com a atitude dos rapazes e se levantou, virando-se de costas brevemente. E então disse em alemão:

— Obrigada, cavalheiros. Eu esperava coragem, mas os senhores também me deram esperança. Por favor, sentem-se enquanto discutimos a melhor forma de levar a cabo nosso plano.

Adelaide se sentou novamente. A maioria dos rapazes se sentou no chão com pernas cruzadas, outros se ajeitaram nos braços das cadeiras.

— Precisamos detalhar nosso plano de ação — disse ela. — Por isso, se alguém aqui sabe alguma coisa sobre a Rocha e o funicular ou qualquer informação que possa ser útil, fale agora, por favor. E se alguma coisa me acontecer... Se algo me acontecer, a bandeira deve ser entregue a Herr von Gaisberg. Ele será o próximo *Adlerträger*.

Um rumor apreensivo e de aprovação ecoou no recinto. Karl ia dizer alguma coisa, mas voltou a fechar a boca. As bochechas ardiam.

Jim então disse:

— Muito bem, cavalheiros, falem. Quanto mais informação conseguirmos, menos serão as chances de alguma coisa dar errado. Quem começa?

FERROVIA FUNICULAR

Rumores se espalhavam por toda a cidade como um incêndio sobre mil fuzíveis. Nos cafés, tabernas, lobbies de hotéis, no foyer da Casa da Ópera, nas salas de estar e cozinhas, o burburinho era geral.

— Dez mil soldados alemães...

— Armamentos nos vagões na estação!

— A rainha fugiu com um amante...

— O conde Thalgau está morto! Ele se matou!

— Não se matou nada. Ele foi preso!

— Ouviu falar do tratado? Iam entregar nossa soberania de bandeja! Por isso não queriam torná-lo público!

— Não deviam tê-la matado daquele jeito...

— Mataram-na? A rainha levou um tiro?

— No castelo. Vi quando o pelotão entrou. E muitos homens se recusaram a obedecer às ordens!

— Não vai acreditar nisso: o príncipe Leopold está vivo. Meu primo é lacaios do palácio e diz que Leopold teve uma terrível doença, mas que apareceu agora para salvar seu país no último minuto.

— Você ficou sabendo...

E assim por diante.

Algumas ruas estavam muito movimentadas, outras, desertas. Uma multidão se aglomerava do lado de fora da estação. Os alemães ainda não haviam aparecido, mas era possível ouvir o som de pesados equipamentos sendo retirados de dentro

dos vagões. Um grupo de manifestantes indignados se dirigia rumo ao palácio, aos gritos: “Queremos a rainha! Queremos a rainha!”. Indivíduos que não tinham ideia do que queriam dez minutos atrás estavam agora no meio dos protestos, desejosos em ver Adelaide e defendê-la contra... bem, contra qualquer coisa.

No palácio, o barão Gödel tentava manter o controle da situação, sem saber exatamente que situação era aquela. A invasão alemã o pegara de surpresa. Ele não havia imaginado que fossem entrar no país, mas sim que fossem aguardar a distância e que o apoiassem quando o príncipe Leopold subisse ao trono. A entrada das tropas alemãs em Razkavia estava completamente fora dos planos. Em busca de um culpado, Gödel invadiu os aposentos do conde e da condessa Thalgau. A condessa tentou detê-lo, mas Gödel forçou a entrada até o quarto, encontrando o conde deitado, rosto sofrido, olheiras. Mesmo Gödel ficou impressionado com a mudança no velho guerreiro.

— Qual foi o combinado com Berlim? — o camareiro perguntou autoritário. — Insisto que me conte imediatamente.

O conde o olhou rapidamente e voltou a fechar os olhos.

— Onde está a rainha? — perguntou com voz rouca e cansada.

— Maldito seja, Thalgau! Responda a minha pergunta! O que você combinou com Bismarck?

O conde deu um suspiro. Daqueles demorados, profundos, que pareceu ter lhe varrido a alma.

— Não fiz nenhum acordo com Bismarck. Fiz com o banqueiro. Era para que eu enviasse a ele o conteúdo do tratado em vinte quatro horas, isso era tudo. Em troca... uma quantia em dinheiro. Arrependo-me amargamente. Não sabia... Terei que me dar um tiro... Mas o que você fez, Gödel... O príncipe Leopold... Mil vezes pior... Onde está a rainha? O que você fez com ela?

O conde se sentou na cama e confrontou Gödel, que deu um passo atrás.

Mas antes que o camareiro respondesse, um ajudante apareceu, fez uma atrapalhada reverência e entregou um papel a Gödel, que o pegou com mãos trêmulas.

— General von Hochberg para o barão Gödel... — leu ele. — Quem é o general von Hochberg?

— O oficial responsável pelas forças alemãs — balbuciou o assistente. — Esta mensagem foi entregue em mãos há poucos minutos desde a estação Tristan-Brück.

O camareiro leu:

“Entendo que o instrumento responsável pela transferência legal de autoridade deste país é a bandeira que se encontra no topo da Rocha. Por favor, providencie para que ela seja entregue em meu vagão na Estação Tristan-Brücke em uma hora. Caso isso não aconteça, meus homens terão que tirá-la de

lá à força.”

Gödel cambaleou. O papel caiu de suas mãos e ele se apoiou no braço do jovem assistente.

Então recobrou sua postura habitual. Ignorando o conde e a condessa, correu para a porta, seguido por seu assistente.

No meio do corredor, ele parou subitamente. Era um homem medroso, cauteloso e calculista. Não sabia agir por impulso e, quando se via obrigado a agir assim, sentia-se inseguro, sem chão. Gödel se virou para o jovem assistente.

— Eles querem a bandeira — disse. — Querem que eu entregue a bandeira para eles. Mas se ela estiver em minhas mãos...

Seus olhos aguardavam uma resposta do rapaz.

— O senhor não precisaria entregá-la a eles?

— Exatamente. Agora, escute com atenção. Quero uma carruagem na saída do Portão Oeste agora mesmo para me levar até a Rocha. Em seguida, diga à enfermeira para acordar o príncipe Leopold e vesti-lo. Assim que ele estiver pronto, mande uma carruagem levá-lo à Estação do Jardim Botânico. Entendeu?

O assistente repetiu as palavras. Gödel continuou:

— Por fim, vá à estação Tristan-Brücke e providencie uma locomotiva para levar o vagão real ao Jardim Botânico e em seguida para Praga. E, pelo amor de Deus, não deixe que os alemães descubram nada disso.

— Locomotiva, vagão real, Jardim Botânico, Praga — disse o obediente empregado e saiu apressado.

O barão Gödel acariciou as sobrancelhas e foi na mesma hora para seus aposentos fazer as malas.

A condessa pegou o papel que o camareiro deixara cair no chão e leu seu conteúdo em voz alta para o marido.

Sombrio, ele ouviu atentamente e disse ao final:

— Minna, o soldado que estava na saída continua na porta? Ainda estamos presos?

Ela foi verificar.

— Não tem ninguém lá fora.

— Onde está meu binóculo?

Talvez aquilo fosse demais para ele. Ela havia prudentemente removido as balas do revólver do marido mais cedo, quando o desespero e o arrependimento dele haviam chegado ao auge, mas não conseguiria fazer mal a si mesmo com um binóculo. Então levou a maleta de couro para ele e, exaurida, se sentou.

Pelas escuras ruas, Adelaide e seu pequeno bando de estudantes caminhavam em direção à Rocha. Era possível ouvir os distúrbios na cidade: gritos distantes, janelas sendo quebradas, ruídos que se assemelhavam a tiros. O grupo se manteve à sombra,

caminhando em silêncio pelas vielas e pistas cobertas de neve.

Ao alcançarem o pé da rocha, cada um se dirigiu para um local diferente. Um dos estudantes foi para a estação Tristan-Brücke para depois relatar o que estava acontecendo por lá. Outro saiu em busca de uma carruagem e cavalos. Karl e outros quatro companheiros foram para o outro lado da Rocha subir o trajeto pelo qual passara Adelaide no dia da coroação. O problema era que eles ficariam muito expostos nesse lado da Rocha, que dava para o rio e para a ponte. Jim, Becky, Adelaide e os outros estudantes foram para a estação do funicular. Não usariam o veículo, pois seria ainda mais arriscado que ir caminhando pela ladeira. Além disso, precisariam da ajuda do maquinista e não queriam correr o risco de serem traídos. O funicular corria por trilhos que se apoiavam em vigas horizontais de madeira que subiam até o topo da Rocha como uma espécie de escada e os alpinistas ficariam menos visíveis subindo pelo escuro trilho.

A entrada do funicular estava silenciosa e vazia. Um dos funiculares estava embaixo, ligado ao segundo, parado no cume.

Becky ficaria embaixo, escondida atrás de uns arbustos, ao lado do trilho.

— Tome — disse Jim, entregando a Becky um novelo de lã.

— Para que serve isso?

— Para sinalizar. Segure a ponta e dê um puxão se achar que há perigo. O Fritz, aqui, irá desenrolar o novelo à medida que formos subindo.

Ela pegou a ponta do grosso e escuro fio de lã e o amarrou no dedo indicador. Adelaide pôs o capuz e escalou o portão de madeira, e em seguida escalou a íngreme subida atrás do funicular. Havia apenas uma via tanto para o carro que subia como para o que descia. No meio do caminho, a via se dividia em duas para que os veículos se desviassem um do outro, e novamente se transformava num único trilho até o final da rocha.

— Boa sorte! — disse Becky em voz baixa. — *Viel Glück!*

Ela se sentou numa das vigas de madeira sob a sombra de um dos arbustos. Na altura dos olhos estavam as rodas do funicular. Um pequeno córrego passava por trás dos pés dela. Becky tocou a gélida água corrente e levou-a à boca, pensando: “Walter von Eschten bebeu desta água quando aqui lutou...”

A ponta do fio de lã, movia-se e se esticava de leve em sua mão à medida que os outros escalavam os trilhos.

No meio da subida, o fio acabou. Fritz chamou Jim em voz baixa, que lhe passou outro rolo de lã. Fritz uniu uma ponta à outra e continuou subindo.

As vigas de madeira estavam tomadas pela neve. Eles já haviam passado os telhados das casas e Jim temia que alguém os visse. Deste lado da Rocha, não dava para ver as ruas principais, as praças, a catedral, a ponte e o palácio, mas era possível avistar a estação Tristan-Brücke com suas luzes de lamparina brilhando um

pouco adiante. Na escuridão dos arbustos atrás deles, Jim ouviu o som de água correndo pela pedra e se deu conta de que vinha do córrego que alimentava o tanque que movia o funicular.

— Como funciona o funicular? — perguntou Jim a um dos estudantes ao seu lado.

— O tanque do funicular lá de cima se enche de água e então ele fica mais pesado do que o que está lá embaixo, desce e empurra o de baixo para cima. O maquinista controla a velocidade com um freio. Enquanto os passageiros embarcam ou desembarcam, o tanque do funicular que está no topo se enche e o de baixo é esvaziado. É simples.

— E o que está lá em cima já está pronto para descer?

— Isso eu não sei. Não está pensando em descer por ele, está?

— Estou apenas curioso.

Não falaram mais nada até chegarem à pequena estação no topo da Rocha. O funicular acima deles parecia que ia despencar a qualquer momento e esmagá-los, e Jim ficou feliz quando saiu do trilho e conseguiu pisar sobre a plataforma da estação. A plataforma fora construída em duas seções, em níveis diferentes. Fritz se agachou na extremidade mais baixa da plataforma, com o fio de lâ em punho, enquanto Jim, Adelaide e o restante do grupo subiam as escadas em direção à plataforma mais alta.

Esta ficava no mesmo nível do topo da Rocha, o local plano onde Adelaide fora coroada. No centro, estava o mastro com a bandeira estendida, imóvel. Além da bandeira, apenas a guarita de sentinela ocupava o ambiente.

O local abrigava dois soldados, que guardavam a bandeira em turnos de quatro horas, dia e noite. Na maior parte do tempo o trabalho deles consistia em ficarem alertas e se mostrarem imponentes. Mas quando fazia frio, os guardas marchavam rapidamente de um lado para o outro para se manterem aquecidos.

Um pequeno portão separava a plataforma da estação do topo. Escondido na sombra do telhado da estação, Jim foi se aproximando do portão. Os sentinelas haviam deixado pegadas na neve ao redor do mastro. Jim ouviu o barulho regular das botas deles, mas não conseguia vê-los, pois estava escondido atrás da parede da estação.

Adelaide e os outros vinham logo atrás. Todos os estudantes empunhavam pistolas.

De repente, ouviu-se um ríspido comando, muito alto no silêncio da noite.

— Alto lá! Quem está aí?

Eles ainda não haviam sido vistos, por isso certamente o comando devia ter sido para o grupo que vinha do outro lado. Antes que Jim tivesse tempo de reagir, Adelaide caminhou rapidamente para o portão e disse:

— *Die Königin*. A rainha.

Jim se posicionou ao lado dela em seguida. Os sentinelas estavam confusos e seus rifles agora estavam apontados para Karl, que chegava ao topo da Rocha, mas logo em seguida para Adelaide, que começava a abrir o portão.

— Baixem as armas! — disse Karl. — Não estão vendo quem é?

Ambos os guardas ficaram boquiabertos quando Adelaide retirou o capuz e deu um passo à frente. Um dos estudantes levou um lampião para perto dela para que os guardas pudessem ver o rosto da rainha. Um deles olhou para o colega, desconfiado, mas o outro já baixava a arma, tenso e assombrado. Finalmente, o segundo soldado recuperou o juízo e fez o mesmo.

— Queria que Becky estivesse aqui — murmurou Adelaide. — Jim, diga a eles que eu ordeno que eles baixem a bandeira, pois o país foi invadido e vamos levá-la a Wendelstein. E se eles quiserem salvar a nação, podem se juntar a nós.

Jim traduziu com a ajuda de Karl. Os dois sentinelas se entreolharam, claramente confusos.

— Mas, vossa majestade... A *Adlerfahne* deve ficar aqui até a morte do monarca! É nosso dever garantir que ela continue voando.

Adelaide concordou rapidamente com a cabeça e disse:

— Eu sei. E os senhores são bons soldados. Mas é por isso que estou aqui. Eu vou carregá-la. Se não a levamos...

Ela se calou, pois na direção da estação de trem ouviu-se uma salva de tiros e em seguida o estrondo de uma peça de artilharia. Todas as cabeças se viraram na direção da estação. Jim traduziu as palavras de Adelaide e acrescentou:

— Esses são os alemães. Um traidor de dentro do palácio tentou aprisionar a rainha e chamou os alemães para invadirem o país. Eles iam matar a rainha, mas ela conseguiu escapar a tempo. Agora, vocês vão fazer o que a rainha mandou e descer a bandeira?

Um dos soldados olhou para a bandeira com uma expressão que beirava a de desespero.

— Estamos aqui para zelar pela bandeira! — disse. — Ela é mais importante do que qualquer rei ou rainha! Ela está aqui há quinhentos anos e todo este tempo... Todo este tempo, houve homens como eu para tomar conta dela e... Não posso, vossa majestade! Mesmo que aqueles sejam mesmo alemães, precisamos manter a bandeira voando sobre a Rocha.

Adelaide compreendeu o que ele queria dizer e soube exatamente o que responder.

— O senhor tem razão. E se Walter von Eschten estivesse vivo, ele estaria orgulhoso dos dois, como eu estou. Mas ele nunca precisou enfrentar armas pesadas como estas lá embaixo...

E outra bomba estourou. Agora também dava para ouvir gritos e ver uma fumaça próxima à estação.

— Se a bandeira ficar aqui — prosseguiu Adelaide numa mistura desesperada de inglês com alemão —, o país não vai durar mais que uma hora. Se eles subirem aqui agora, ficarei ao lado de vocês para lutar pela bandeira e garantir que ela continue voando. Mas se a levamos agora, eles não vão poder dizer que conquistaram Razkavia, pois não terão a bandeira! E pensem, pensem no que Walter von Eschten fez séculos atrás. Ele baixou a bandeira. Ele a levou para Wendelstein, lembram? Para o castelo de lá. Lutou contra os boêmios e os derrotou. Todos no país ficarão sabendo o que isso significa, eles virão se juntar a nós e derrotaremos os alemães. Entendem? Juntem-se a nós! Venham conosco para Wendelstein e salvem a bandeira!

Por vários segundos ninguém falou ou se moveu. O inseguro soldado ficou dividido entre a razão e o coração, e finalmente, após meio minuto, o coração prevaleceu.

Baixou o rifle e fez uma reverência à rainha.

— Soldado Schweigner — disse. — Ao seu comando, rainha.

— Cabo Kogler — disse o outro. — Estamos com vossa majestade nesta missão. Adelaide não resistiu a dar uma pequena palma de satisfação.

— Bravo! Agora baixem rápido esta bandeira...

Eles foram imediatamente para o mastro. Logo depois, Jim ouviu um leve assobio vindo da plataforma do funicular e correu para lá.

— Ela está puxando o fio de lâ! — disse Fritz. — Alguma coisa está acontecendo lá embaixo.

Jim desceu para a plataforma mais baixa, onde Fritz estava agachado, e os dois tentaram espreitar pelo declive lá embaixo.

— Tem alguém na estação — sussurrou Fritz. — Duas pessoas... mais... estão entrando no funicular! Vão subir aqui!

Ao lado deles, abaixo do funicular, ouviram o tinido de metal e o veículo começou a descer bem devagar contra o freio dos trilhos e em seguida ouviu-se o som de água entrando no tanque.

— Abra as portas do funicular! — disse Jim. — Rápido!

Ele correu para a plataforma mais alta e encontrou Karl e os outros abrindo o pequeno portão que separava a estação do topo.

— Rápido — disse Jim. — Vamos descer neste funicular enquanto eles sobem pelo outro... É controlado pelo veículo de baixo...

Atrás de Karl, os dois soldados soltavam a bandeira da adriça com reverência. Adelaide os ajudava a dobrar a bandeira como se fosse um lençol recém-lavado, mas a tarefa estava sendo dificultada pelas partes cobertas de gelo.

— Apressem-se! — disse Jim, sussurrando. — Estamos em perigo. Venham

rápido para a plataforma!

Adelaide terminava de dobrar a última ponta. Ninguém queria se mover até que ela o fizesse. Os soldados pegaram suas armas novamente e os estudantes se enfileiraram para que Adelaide passasse. Outro barulho de tranco entre o funicular e o trilho ecoou com força.

Adelaide começou a andar. Impaciente, Jim a envolveu com os braços e quase a ergueu ao passarem pelo portão. Todas as quatro portas do funicular estavam escancaradas e o grupo entrou apertado segundos antes do veículo começar a descer de vez.

— Fechem as portas e se agachem! — sussurrou Karl. — Deitem no chão. Eles não podem ver a gente!

Tremendo de nervosismo, Becky foi engatinhando para trás de um arbusto cheio de neve e observou os homens — o barão von Gödel, um jovem assistente e um oficial com uma espada e um capacete emplumado — entrarem no funicular, acompanhados do maquinista sonolento, resmungando muito enquanto vestia a túnica.

O fio de lã havia sido útil. Fritz sentira o puxão, pois respondera com outro, mas Becky não tinha ideia do que estava acontecendo no topo da Rocha.

Após checar a tensão do cabo, o maquinista moveu a alavanca do freio para a frente e o funicular começou a subir após dar um tranco. Movia-se regularmente, durante o dia, quando o maquinista estava totalmente desperto e sem as rodas cobertas de gelo. Ainda assim estava subindo, e Becky saiu de trás do arbusto, tirou a neve da roupa e cruzou para o meio da plataforma para ter uma visão melhor lá de cima.

Chegou a tempo de ver o movimento harmonioso com que o funicular desviou para a esquerda para o outro que descia passar à direita, voltando para a via principal logo em seguida. Por achar que o funicular que descia estava vazio, não deu atenção a ele. Becky estava concentrada no cume da Rocha. Por isso, quando o carro parou na plataforma, num solavanco, Becky ainda olhava para cima e quase caiu de susto quando as quatro portas do carro se abriram e uma dúzia de vultos saiu na direção dela.

— Mas o que... Oh, meu Deus! Jim, é você?

— Sou eu. E temos que sair daqui *depressa*. Eles já devem ter visto o mastro vazio e...

— O tronco! — exclamou Becky.

— Que tronco?

— Podemos colocá-lo atravessado nos trilhos e...

Ela saiu da plataforma e foi para trás dos arbustos onde estivera escondida. Karl e outro estudante a seguiram e, ao verem o que ela estava tentando fazer, agacharam-

se para ajudá-la. Enquanto isso, ouviram o barulho de água saindo do tanque do funicular para um aqueduto em algum lugar abaixo do trilho. Rebocaram o tronco e o arrastaram para fora do arbusto, para os trilhos.

— Enfiem-no por debaixo das rodas — disse Becky, em desespero, ignorando os cortes e escoriações que ganhara.

Outros dois estudantes foram ajudá-los e o tronco caiu na frente das rodas dianteiras do funicular, pouco antes de o cabo que o erguia se esticar e empurrá-lo para cima num arranque.

— Cuidado! — gritou Karl, e puxou Becky para fora do caminho bem na hora. O carro começou a subir e arrastar o tronco com ele.

Num último esforço, os dois estudantes levantaram o tronco, que caiu entre os trilhos, emperrando o funicular. A parada brusca fez o cabo soar como uma corda de harpa.

— Por aqui, rápido — chamou Jim e eles caminharam pelos trilhos e subiram na plataforma com a ajuda de várias mãos.

— Escutem — continuou Jim. — Willi e Michael estão de volta. Não conseguiram nenhuma carruagem ou cavalos. Mas descobriram que, numa das vias mortas, estão preparando o trem real. Suspeito que alguém está tramando alguma tolice, mas se chegarmos lá antes, conseguiremos tomá-lo. Vamos nos separar agora em grupos: eu e o soldado Schweigner vamos com Becky e a rainha. O cabo Kogler com Karl e seu grupo. O restante vai por conta própria. Todos para a estação. Nos encontraremos sob aquela estátua de não sei quem, daquelas mulheres nuas, vocês sabem qual. Estará cheia de gente, vamos ter que fingir que não nos conhecemos e falar aos sussurros. Mas tenho um plano. Agora, vamos embora! Corram!

Jim ajudou Adelaide a descer as escorregadias escadas que davam na rua, e então, segurando a pesada bandeira nos braços como se o embrulho fosse uma criança, ela caminhou com o grupo rumo à estação. Jim escrevia algo num caderninho enquanto caminhava.

Das janelas dos aposentos do conde e da condessa Thalgau era possível avistar além dos telhados da cidade e ver o cume da Rocha. O velho guerreiro guardou o binóculo e ficou ereto.

— Minna! — chamou. — Meu uniforme. Providencie-o, por favor, minha cara.

A condessa se endireitou assustada no sofá. Havia cochilado um sono inquieto.

— Mas o que vai fazer?

— Vou me lavar, fazer a barba e me vestir. Então vou ao estábulo procurar um cavalo.

— Você não está bem!

— Nunca me senti tão bem em toda minha vida.

Ele estava pálido e seus olhos se mostravam muito vermelhos, a mão esquerda

tremia e os pés se arrastavam sutilmente no carpete; o queixo estava erguido, os ombros para trás. Ela sabia o que ele ia fazer e que era a coisa certa, afinal. Fitou-o e não enxergou nele um traidor, mas sim o jovem e orgulhoso soldado por quem ela se apaixonara quarenta anos antes, e que continuava vivo dentro dele.

Apressou-se para pegar o melhor uniforme do marido, o da calça verde-escuro com listras brilhantes, paletó com botões de ouro e trança e o capacete longo e preto com uma pena vermelha. Em seguida, as botas de montaria e a capa. Por último, o cinto com a espada e o sabre de cavalaria. Ajudou-o a se vestir. A mão esquerda do marido tremia; ele não conseguia abotoar o paletó, e ela, para não deixá-lo constrangido, abotoou-os sem dizer nada.

— Minha menina — disse ele e lhe acariciou a face.

Ele pegou o coldre de couro que continha o revólver e ela o prendeu ao cinto, agora recarregado. E por fim ele apanhou a escura capa e a jogou sobre o ombro esquerdo.

O conde então fitou a esposa. Não era fácil para nenhum dos dois falar naquele momento. No entanto, as pequenas intimidades do vestir, abotoar, escovar, o movimento de endireitar a postura com o queixo erguido, a ternura da mão familiar sobre a face do outro superavam qualquer vergonha.

Ele beijou os cabelos grisalhos da esposa e se foi.

O general alemão havia dado uma hora a Gödel para lhe levar a bandeira e era um homem de palavra. Quando, após sessenta minutos, ninguém apareceu com a bandeira, ele pediu que selassem seu cavalo.

Distanciando-se da multidão e da confusão da estação com a ajuda de seu eficiente subalterno, o general e o ajudante partiram por uma saída lateral. O jovem oficial consultara um mapa da cidade e o general guiou seu cavalo em direção à Rocha.

— Sabe, Neumann — disse ele, quando entravam numa das movimentadas ruas. — Acho que há algo estranho no ar. Não ficaria surpreso se esse tal Gödel estiver tramando um golpe por conta própria. Melhor ainda se assim o for.

— Por que, senhor?

— Política, caro rapaz. Se realmente houver um motivo para resgatá-los, e nós o fizermos, seremos ovacionados. Aquela é a Rocha? Com um funicular no topo? Há homens acenando com lampiões?

Olharam pelos espaços entre as casas. Educadamente, o general fez seu cavalo recuar para que um jovem casal passasse: uma esbelta jovem com um capuz carregando o que parecia ser um bebê e um jovem com uma japona que abraçou zelosamente a moça ao passarem rapidamente pelos cavalos.

— Algo parece estar errado — disse o jovem oficial. — No cume do morro. Parece que a ferrovia está obstruída ou coisa parecida.

O general bateu com as rédeas no cavalo, que saiu em disparada na direção da estação do funicular, as ferraduras tocando ruidosamente o paralelepípedo.

Quase neste mesmo momento, dois irmãos, ladrões que se dedicavam a arrombar estabelecimentos que ficavam às margens do rio e levar as mercadorias roubadas num pequeno bote, tiveram um dos remos enganchado num corpo.

Dava para ganhar um dinheiro com o corpo, se conseguissem levá-lo a tempo para a Escola de Anatomia, antes de o defunto entrar em decomposição. Por isso valia a pena adiar a invasão ao promissor armazém de tabaco e puxar o corpo para dentro do bote.

Era uma defunta atraente: cabelos pretos, lábios vermelhos, formas voluptuosas. Era compreensível que tivessem ficado desapontados quando ela começou a tossir água e reavivar, e inclusive pensaram em lhe dar uma pancada na cabeça para que virasse defunto de vez. Mas esses irmãos eram sentimentais. Enquanto Miroslav remava de volta para o casebre arruinado que habitavam na Cidade Velha, Josef esfregava pacientemente as mãos da mulher, ajudava-a a se sentar e despejava umas gotas de conhaque nos lábios dela. Pouco tempo depois, ela já respirava sem dificuldade e os olhos estavam bem abertos.

— Acho que ela vai ficar bem, Slava! — disse Josef. — Sim, minha cara, guarde o fôlego, estará sequinha e confortável em poucos minutos. Que sorte a sua de estarmos fazendo um pequeno passeio de barco, hein? Estamos quase em casa. A senhora vai ficar bem...

A estátua a que Jim se referia era uma imagem alegórica da paz, recebendo tributos do comércio e das artes, toda em bronze sobre um pedestal de mármore. Não tinha nenhuma ligação aparente com a estação de trem, mas as três estátuas nuas e alegres eram o ponto de encontro e agora, com uma multidão confrontando as tropas alemãs, que se encontravam do lado de fora da entrada da estação, a paz, o comércio e a arte estavam mais populares que nunca. Jovens haviam escalado o monumento e um deles estava sentado, escarranchado nos ombros confortáveis da paz, sacudindo os punhos fechados e gritando obscenidades aos invasores.

Por isso, Jim e os demais companheiros conseguiram conversar sem serem notados em meio ao empurra-empurra. Jim falou primeiro com Anton.

— Você fica na cidade. Pegue essas anotações. Use-as como base para um panfleto. Digite-as, imprima quantos exemplares conseguir e cole-os nos muros, postes, portas, espalhe-os por toda a cidade. O fundamental é que as pessoas saibam o que está realmente acontecendo. A rainha foi presa sob as ordens de Gödel e ia ser executada, mas conseguiu fugir. Ela tem a bandeira sã e salva e, como Walter von Eschten, a está levando para Wendelstein. A bandeira está sã e salva; é esta a mensagem. Não deixe que ninguém pense que ela se rendeu ou traiu a nação. Faça tudo isso imediatamente.

Anton assentiu com a cabeça, curvou-se sutilmente para Adelaide e desapareceu. Jim acenou para Karl com a cabeça e este disse:

— Agora precisamos chegar à lateral da estação, depois daquele hotel adiante. Temos que ir para a guarita de sinalização. Michael disse que o trem real está estacionado em frente, com a locomotiva já produzindo densa nuvem de vapor. Obviamente, Gödel pretendia fugir, mas nós chegaremos antes dele. O tio de Willi é maquinista de trem; ele sabe como pilotar uma locomotiva, e o soldado Schweigner também... Eles vão tomar o controle do veículo. O importante é conseguirmos embarcar a rainha. Assim que ela estiver dentro do vão o trem deve partir, não importa se alguns não conseguirem embarcar. Agora, vamos nos separar, tentem encontrar o melhor caminho e boa sorte para todos.

Foram necessários cerca de cinco minutos até conseguirem forçar passagem entre a multidão até o hotel e entrarem pela rua que margeava o edifício, vinte segundos até conseguirem invadir o deserto hall de bagagens e mais trinta segundos para saírem de lá. E então chegaram numa pequena e suja plataforma sob um enorme reservatório de água. A poucos metros de distância, defronte da guarita de controle, estava o Trem Real. Vapor saía da chaminé da locomotiva e, de repente, em meio à penumbra, as figuras de Willi e do soldado Schweigner surgiram ao lado do trem e entraram no vagão real.

— Agora, mexam-se — disse Jim, e o grupo desceu um declive no fim da plataforma pelo inóspito piso em direção ao trem.

O estudante Michael os aguardava em frente à porta aberta do vagão. Ele disse em voz baixa:

— Vamos ficar aqui e tentar barrar outros trens pelo tempo que der. Já está tudo certo para vocês pegarem a linha Andersbad e não encontrarão empecilhos até este ponto, pelo menos. Boa sorte!

Eles subiram no trem e Michael fez sinal para a cabine da locomotiva. Lá de dentro, alguém pôs a mão para fora da janela e acenou de volta. Após um solavanco, o trem pôs-se em movimento.

NOITE FANTASMAL

Ouviram-se gritos atrás da composição e o estalido de rifles, mas o trem já ganhara velocidade e logo entrou na principal linha férrea. Dois vultos negros contrastando com a neve acenaram por alguns segundos do lado de fora e então se apressaram para mudar o curso do trilho. Jim relaxou e olhou em volta.

Eles estavam na parte traseira do vagão que possuía dois compartimentos. Não havia muito para ver, pois o único foco de luz no ambiente vinha da noite lá fora. Karl acendeu um fósforo e liberou o gás de um dos lampiões. À medida que a chama ganhava força o interior se tornava mais visível: uma bela e confortável sala de estar ou bar, com assentos de veludo, piso acarpetado e móveis de mogno.

Adelaide acomodou a bandeira cuidadosamente sobre uma das mesas e então olhou para os presentes.

— Sr. von Gaisberg — disse. — Poderia pedir a todos para virem aqui, por favor?

E então ela olhou para Becky, pálida e exausta, apoiando-se sobre o encosto do assento.

— Sente — disse ela, sentando-se em seguida. — Poderá tirar uma soneca em breve, mas antes preciso falar com todo mundo.

Karl retornou com cinco estudantes e o cabo Kogler. Ela pediu a todos que se sentassem e eles obedeceram, o cabo o fez com evidente desconforto, segurando o rifle na vertical ao seu lado.

Adelaide falou e Becky traduziu:

— Parabéns a todos. Estivemos bem perto de perder a bandeira; é evidente o que

o barão Gödel pretendia fazer quando subiu até a Rocha. Mas ainda temos a bandeira e Razkavia permanece livre, e eu ainda sou a rainha. Agora lhes direi o que vamos fazer. Vamos para Andersbad, o final da linha. De lá iremos diretamente para o forte. Eu falarei com a tropa e convocarei todos os nobres da cidade para se unirem a nós. E então iremos para o castelo em Wendelstein. O país inteiro entenderá a mensagem.

Karl pigarreou:

— Wendelstein fica a poucos quilômetros de Schwartzberg, majestade. O conde Otto...

Ele hesitou e Adelaide disse:

— Prossiga.

— Bem, majestade, está segura das intenções dele em relação à vossa majestade? Todos sabemos das ambições dele de ascender ao trono. E se ele participou desses complôs?

— Não sei o que o conde Otto fará. Mas sou rainha há tempo suficiente para entender a importância que a bandeira tem no imaginário dos cidadãos razkavianos e o feito de Walter von Eschten em Wendelstein. E isso vale também para o conde Otto. Agora, caberá a ele decidir que papel vai querer desempenhar nesta história. Alguém tem mais perguntas?

Adelaide olhou em volta. Os rostos que a fitavam estavam sombrios. Ninguém se pronunciou.

— Muito bem. Precisamos descansar um pouco. Sugiro que todos tentem tirar um cochilo até a chegada a Andersbad. Fiquem à vontade para deitarem onde desejarem. Estou orgulhosa de todos vocês...

Becky havia alcançado aquele estágio de exaustão em que começava a imaginar coisas ou talvez ver o que estava invisível. Notou um olhar diferente por parte de Adelaide ao fitar Jim e vice-versa. Um olhar intenso, terno, porém ao mesmo tempo selvagem, voraz, embora tímido, tudo isso ao mesmo tempo. Os dois não tiravam os olhos um do outro. Após Becky e Adelaide terem se retirado para o compartimento dianteiro, Becky acendeu um lampião no quarto de dormir principal e viu que Adelaide roía as unhas, tinha a face ruborizada e a respiração arfante.

— Vá buscar Jim — foi tudo o que disse.

Becky fez o que lhe foi pedido e quando os dois chegaram ao quarto, Adelaide estava abrindo a pequena bolsa de veludo que pedira a Becky que pegasse na cômoda, tanto tempo atrás, nos aposentos reais. Jim estava trêmulo, os olhos verdes estavam vermelhos de cansaço, mas soltavam faíscas semelhantes às dos olhos de Adelaide. A cena era realmente indecorosa, achou Becky. Se eles se tocassem corriam o risco de explodir...

E então Adelaide surpreendeu os dois.

— Eu havia planejado fazer isso no meu aniversário, mas não tenho certeza da data e nenhum de nós deve viver até lá mesmo. Se recusarem, lhes darei uma surra, pois sou a rainha e faço o que quero. Agora, Jim, ajoelhe-se, ande logo. Ajoelhe-se!

Ele se ajoelhou lentamente e ela tirou da bolsa uma medalha de ouro em forma de estrela presa a uma fita de seda escura.

— É da Ordem de St. Stephen. É uma Ordem de nobreza. Significa que você agora é um nobre, um barão ou coisa parecida, não consigo me lembrar. Por tudo o que você fez, desde o início, pelo rei Rudolf e pelo país, não por mim.

Pela primeira vez na vida, Jim parecia completamente incapaz de falar. Entretanto os olhos transpareciam raiva, pensou Becky. Mas então ele tomou a mão de Adelaide e a beijou.

Ela pendurou a medalha no pescoço dele e se virou para Becky.

— E você — disse. — Também tenho uma condecoração para você — disse enfiando a mão dentro da bolsa e tirando um broche de ouro com um laço carmim. — Venha aqui.

Becky se aproximou e Adelaide prendeu o broche em seu peito.

— Isto simboliza a mais nobre Ordem da Águia Escarlate — disse. — De segunda classe, pois é para civis. Por ter sido uma boa intérprete. Agora, vá dormir no outro quarto, Becky, pois preciso falar com... quero falar com...

Becky se retirou e, ao fechar a porta, ouviu um suspiro abafado — ou seria uma respiração dificultosa ou ambos? Sentiu-se excluída, não porque fora mandada para o outro quarto, mas porque os dois precisavam desesperadamente... de quê? Ela sabia, mas corou só de pensar. O desejo que sentiam um pelo outro era algo que ela apenas conseguia imaginar. Talvez porque não fosse madura o suficiente, talvez porque a paixão aparecesse mais tarde para ela ou quem sabe ainda precisasse encontrar alguém por quem...

Com faces coradas e o emblema da mais nobre Ordem da Águia Escarlate no peito, Becky adormeceu. O trem seguiu seu rumo pelo silêncio da noite nevada.

Na plataforma da locomotiva, o estudante Willi verificava os controles. O indicador de pressão oscilava em 120 libras por polegada quadrada, o que era um pouco baixo, e, ao mesmo tempo, o nível de água também estava baixo. Não haviam tido tempo de encher devidamente o tanque. Daria para alimentar a fornalha e aumentar a pressão? Isso obrigaria que fizessem uma parada para abastecer a locomotiva com mais água, mas onde? No entanto, se mantivessem a baixa velocidade, poderiam ser pegos... Eis um impasse.

E este não era o único problema. Estaria a linha desobstruída? Não havia nenhum trem previsto à essa hora, mas se um trem especial passasse, estariam os trilhos posicionados em seu favor?

E também havia o soldado Schweigner. Willi o achou um sujeito estranho.

Alimentara a fornalha com determinação, mas pouco falara, respondendo às perguntas de Willi monossilabicamente. Agora estava debruçado sobre a janela da locomotiva, com olhos semicerrados voltados para a fumaça e a neve, que voltava a cair com força.

Os pesados flocos rodopiavam para dentro da locomotiva, e Willi estava satisfeito com o bramido da fornalha à sua frente. Inclinou-se sobre a janela da direita, oposta à janela onde estava Schweigner. Protegeu os olhos da neve com as mãos para tentar descobrir onde estavam. Viu apenas escuridão. Um segundo depois, Willi recebeu uma pancada na nuca tão violenta com uma pá, que chegou a ouvir um ressoar de sinos no ouvido. Ou seria sua imaginação? Ajoelhou-se bruscamente. Suas mãos buscaram apoio no corrimão. Tudo aconteceu com extraordinária lentidão, e então outra pancada lhe acertou em cheio, reavivando toda a dor que sentira no primeiro golpe.

— A rainha... — tentou falar, mas não terminou a frase, pois caiu, deslizando para fora do trem na escuridão, chocando-se contra cascalhos, raízes de árvores, gelo, ultrapassando o gelo, numa profunda e gélida água parada.

O soldado Schweigner permaneceu alguns segundos imóvel, tremendo. Mal conseguia segurar a pá. Mas havia cumprido parte de sua missão. A seguinte e última não tardaria muito em ser concluída.

Segurou a pá com força, despejando grande quantidade de carvão na fornalha, e então a fechou. Verificou a velocidade: quarenta quilômetros por hora, que acelerava rapidamente. A pressão também aumentava. Com a pá, esmagou o cano que levava o vapor para a chaminé. E então, quando a locomotiva baixou a velocidade para cerca de trinta quilômetros por hora, o soldado Schweigner saltou da plataforma da locomotiva e rolou por um banco de neve, parando com um baque violento.

Levantou-se com dificuldade, apoiando-se na árvore com que se chocara, e limpou a neve dos olhos para ver o trem se afastar acima dele e ganhar velocidade na subida de um morro. Em seguida viria um longo declive. Schweigner conhecia bem aquela linha. Mas não saberia prever quando a fornalha explodiria. Ficaria a cargo de Deus.

Com uma careta de dor, ele subiu a encosta e começou a caminhar os cerca de 800 metros até a pequena cidade de St. Wolfgang, onde sabia haver um telégrafo.

Do porão de uma oficina gráfica, no campus da universidade, rapazes carregavam pacotes de folhetos com tinta ainda fresca em direção à rua, passando de mão em mão, enfiando-os em caixas de correio, bolsos, fixando-os em postes e muros, portas. Aqui e ali, pessoas paravam para ler o que diziam os panfletos ou puxavam a manga da roupa de quem estava ao seu lado e apontavam para o anúncio:

— A rainha está com a bandeira! Ela foi para Wendelstein, como Walter von Eschten!

— Que golpe de mestre! Como nos bons tempos medievais!

As ruas estavam mergulhadas no caos. Confrontos se espalhavam pela cidade. O comandante do exército alemão, o general von Hochberg, havia resguardado a maior parte de sua tropa, pois imaginara que em algum momento o exército razkaviano criaria coragem e daria suporte aos pequenos grupos de cidadãos revoltados com rifles de caça e paralelepípedos.

Tão logo descobriu o que havia acontecido no cume da Rocha, o general prendeu o barão Gödel. O camareiro estava tão atônito e frustrado que sequer resistiu. Imediatamente depois, o general von Hochberg viu focos de incêndio no distrito bancário e enviou soldados para apagá-los e defender os civis. Estava prestes a providenciar uma tropa para desobstruir as barricadas na porta da universidade quando um agitado major apareceu a galope num cavalo, acompanhando uma carruagem fechada.

— General! Veja quem está aqui! Nós o encontramos na estação Jardim Botânico...

O general olhou para o príncipe Leopold e para a enfermeira que o barão Gödel tinha enviado junto.

— Quem é ele?

— O príncipe Leopold — disse a enfermeira, preocupada em proteger o príncipe, porém apreensiva por não saber se estava fazendo a coisa certa.

— Ah, agora entendo — disse o general, ao descobrir o restante dos planos do barão Gödel. Olhou de relance para o semblante miserável do príncipe Leopold e se virou para o major. — Leve este pobre homem de volta para o palácio, dê a ele uma boa dose de conhaque e deixe que a natureza cuide do resto. Neumann, onde está? Vamos dar um ponto final nestas barricadas...

Enquanto isso, os estudantes continuavam a distribuir os panfletos pela Cidade Velha, pelos becos e vielas e praças recônditas, com sua mensagem de esperança e luta. Miroslav Kovaly, um dos ladrões mais antigos do local, vasculhava as redondezas em busca de comida para sua hóspede quando um jovem lhe entregou um panfleto.

— Tome, vovô! Leia! Leve para casa e mostre para a família...

— Pode deixar, obrigado...

O sacudir do trem despertou Jim. Seu braço estava sob a cabeça de Adelaide. Ela ainda dormia, e quando Jim tentou tirar o braço, ela se esticou e murmurou:

— Não vai embora....

Ele a beijou e se sentou na cama, massageando o braço dormente.

Não era sua imaginação, o trem realmente sacudia como se fosse um barco no meio de uma tempestade.

— Acorde! — disse ele, sacudindo os ombros dela. — Por favor, amor, pelo amor

de Deus...

— O que foi? — Ela se sentou sonolenta, sentiu o movimento brusco do trem e envolveu o pescoço de Jim para se apoiar. — Jim, o que está acontecendo?

— Acho que o trem está descontrolado. Vou lá na frente ver. Vista-se e pegue a bandeira. Fique próxima da cama em caso de chocarmos.

Jim vestiu o paletó, os sapatos e então a abraçou.

— Amo você — disse. — Ouviu bem? Mais do que tudo. Que a vida, que Razkavia, que a Inglaterra. Tinha que lhe dizer isso pelo menos uma vez.

O rosto dela estava escondido no pescoço dele. Ele acariciou-lhe os cabelos escuros e cheios e ela disse:

— Jim, de todos os homens que conheci, você foi o único que amei; amo você desde o dia em que o vi em Lockhart e Selby's... nunca deixei de amar... eu te amo, Jim...

E então houve uma explosão que soou como a bomba que explodira meses antes naquela ensolarada manhã em St. John's Wood. E um segundo depois um solavanco violento fez o vagão tombar e os jogou contra a parede, embora a essa altura já não desse mais para saber o que era parede, chão ou teto. O cheiro de gás agora era fortíssimo, bem como o calor de carvão queimado e de ferro quente...

Jim estava com as pernas obstruídas, mas conseguiu se desvencilhar e caiu para trás, quebrando o vidro de uma das janelas. Levantou-se com dificuldade e encontrou Adelaide zonza, com um corte no supercílio. Arrastou-a para um lugar seguro.

Ela vestia apenas uma *chemise*. Na confusão de roupas de cama entrelaçadas, Jim encontrou a capa de Adelaide e a cobriu. Ao se levantar, bateu com a cabeça e soltou um palavrão antes de quebrar o vidro de uma janela que estava acima dele.

— Venha comigo — disse, erguendo-a nos braços. Ela era leve como uma criança. Ele a passou pelo buraco da janela e então a empurrou pelos pés até tirá-la do trem.

— Ande! Afaste-se do motor. Vou procurar por Becky! — gritou para ela e então encontrou um dos pés da bota de Adelaide. Ela estava descalça na neve. E lá foi ele, para a lateral do vagão tombado. Depois de alguns segundos, remexendo a bagunça, encontrou o outro pé e saiu do vagão com as botas.

— Rápido, vá buscar a bandeira, rápido!

Ela fez que sim, fitou-o com aqueles adoráveis olhos negros e calçou as botas antes de se dirigir para o segundo vagão mais adiante. Jim ouviu vozes e viu braços, cabeças e corpos surgindo de dentro do vagão destroçado, mas foi para a porta do outro lado e quando conseguiu abri-la, gritou:

— Becky! Becky! Onde está você?

Ela respondeu calmamente em meio à escuridão.

— Não grite! Acho que quebrei o braço ou a costela. Algo. O pescoço. Não sei.

Não consigo me mover.

Ele entrou no escuro vagão e tocou um dos braços e a cintura dela. Becky estava presa debaixo da cama superior do beliche, que despencara com a colisão. Ele conseguiu remover a cama e ficou segurando-a para que Becky saísse.

— Consegue se mover agora?

Ela tentou e deu um berro de dor. Tentou novamente e Jim continuou segurando a cama. Quando Becky conseguiu se mover e sair de onde estava, ele soltou a cama.

— Está com suas botas?

— Não...

— Vai precisar delas.

Jim foi Tateando no escuro até encontrá-las, jogou-as pela porta aberta acima deles e então a agarrou pela cintura para erguê-la para fora do vagão. Ela desmaiou, o que facilitou a tarefa para Jim, que sentiu as costelas quebradas de Becky, mas agarrou-a sem dó até que tivesse conseguido tirá-la lá de dentro. Ele passou pela porta e então a arrastou.

A esta altura, a maioria dos estudantes já havia saído do segundo vagão e o cabo Kogler entregava a Adelaide a bandeira, que tinha uma das extremidades rasgada e um pedaço de seda vermelha dependurada.

— Estão todos bem? — perguntou Adelaide.

— Michael está morto — disse Gustav, com voz estremecida. — Quebrou o pescoço. Está morto...

Atrás dele, dois estudantes carregavam o corpo do amigo. Deixaram-no na grama sob uma árvore e o cobriram com um cobertor. Jim pôs a mão sobre o ombro de Gustav num gesto de solidariedade.

Karl perguntou:

— Onde está Willi? Ainda está lá dentro?

Olharam para a locomotiva destruída, tomada pelas chamas, ainda intensas. Os troncos escuros se destacavam na penumbra como o cenário de uma peça de teatro. Na sua exaustão, raiva, desmesura, Jim não teria ficado nada surpreso em ver Henry Irving surgir de repente em seu trenó do conto *The Bells* ou testemunhar as árvores tombando subitamente como um cenário pintado para revelar Louis dei Franchi ferido após o duelo fatal em *Os Irmãos Corsos*.

— Concentre-se — murmurou e sacudiu a cabeça. — Willi não está aqui — disse em alemão. — Nem o soldado, qual o nome dele...

— Schweigner! — respondeu o cabo. — Desde o início, ele não estava convencido dessa missão. Maldição. Devia ter ido com ele na locomotiva...

— Foi tudo rápido demais para que tivéssemos tempo de raciocinar. Tirem tudo que precisarem dos vagões e vamos embora, rápido.

Como se para enfatizar a última palavra de Jim, uma explosão assustou a todos. O

gás que escapava do tanque entrara em combustão e sacudiu tudo ao redor.

Dois rapazes entraram nos vagões para pegar as armas. Jim disse ao cabo:

— Sabe onde estamos?

— A poucos quilômetros de Andersbad. Olhe ali, uma placa.

Uma placa de latão da Companhia Férrea de Razkavia, com tinta bastante gasta, estava fixada no tronco de uma árvore.

— Não estamos longe do castelo então — disse a si mesmo.

— Fica no topo da montanha — disse uma voz fatigada atrás dele e Jim viu Becky sentada num cepo de árvore, com as mãos nas costelas.

— Se está tão perto assim, temos que ir para lá imediatamente — disse Adelaide. — E içar a bandeira lá.

Calou-se ao ouvir o mesmo som que os demais ouviram: o distante apito de uma locomotiva vindo da direção da capital. A noite estava silenciosa e o trem devia estar longe, mas teriam que se apressar.

— Vamos partir agora — disse Jim.

Karl perguntou:

— Mas e Fräulein Winter?

Becky continuava sentada no tronco, imóvel. Jim pôde ver no brilho do rosto dela as lágrimas escorrendo.

— Não consegue se mover? — ele perguntou com delicadeza.

Ela balançou a cabeça negativamente.

— Deixem-me aqui. Vou ficar escondida.

— Não seja tola! — irritou-se Adelaide. — Acha mesmo que vou permitir que deixem você para trás? Nem perca seu tempo pensando nisso. Peguem cobertores dos vagões, vamos fazer uma maca! Alguém, rápido!

Karl e dois outros estudantes entraram no vagão, enquanto Jim e o cabo Kogler arrancaram dois troncos de árvores novas e limparam os galhos.

Minutos depois, Becky estava deitada sobre um cobertor suspenso por dois troncos. A dor que ela sentia era angustiante e precisou fazer um enorme esforço para não urrar em prantos, enquanto a carregavam pela subida desigual do morro.

Pouco a pouco, o fatigado grupo avançou entre árvores de troncos grossos, distanciando-se da linha férrea. Jim olhou para trás. Dava para ver o brilho do fogo consumindo o trem. O som do outro trem que se aproximava já estava mais claro e ele parecia ter diminuído a velocidade, o que significava que haviam avistado o trem em chamas ou que assim o esperavam encontrar. Logo, que alguém os tinha alertado. Schweigner... Jim deu de ombros.

— Quão longe está o castelo? — perguntou Karl.

— No topo do morro. Estamos no caminho certo.

— Preferiria que houvesse uma trilha. Esse piso é horrível para caminhar. Ei,

companheiros, um de vocês quer trocar comigo?

Os quatro rapazes que estavam carregando Becky trocaram agradecidos com Jim, Karl, Gustav e o cabo. Becky estava imóvel, mas Jim ouviu seu gemido baixinho.

— Falta pouco, garota — disse, mesmo sabendo que era mentira.

Passando por sobre pedras e troncos caídos das árvores, musgos cobertos de gelo e tropeçando em buracos escondidos pela neve, eles seguiram morro acima, com atenção redobrada no chão. Entretanto, o breu reinava em volta deles. Não tardou muito para que o joelho contundido de Jim, de longa data, começasse a latejar de dor, mas ele continuou andando; sapatos cobertos de neve, rosto arranhado pelos gravetos nas árvores. Adelaide, um pouco mais à frente, com a bandeira colada ao peito, praguejava consigo mesma em voz baixa.

E então eles escutaram o guincho abafado de freios do trem que se aproximava, abaixo deles, e o sibilo da chaminé da locomotiva.

— Eles chegaram — disse Karl.

— Não parem — disse Jim.

A pobre Becky parecia ter desmaiado novamente, pois não se ouvia nada de dentro do pesado cobertor. Sem dúvida, era perigoso carregá-la daquele jeito; ela corria o risco de ter o pulmão perfurado pela costela quebrada. Jim tinha quase certeza de que todos ali morreriam naquele canto esquecido da Europa por uma batalha que no fim das contas era inútil. Dan Goldberg tinha razão: a Alemanha iria esmagar Razkavia mais cedo ou mais tarde. Ou então a Áustria.

E se fosse possível encontrar o fio condutor, a causa e o efeito dessa história toda, pensou, talvez encontrasse a resposta lá no início de tudo, anos atrás, numa caderneta bancária ou na infância frustrada de um príncipezinho qualquer; embora o mais provável era que houvesse um milhão de fios condutores e, se um deles houvesse se rompido ou torcido, as consequências teriam sido completamente diferentes. Não havia regras, receitas ou padrões no desenrolar dos acontecimentos, pensou Jim, tudo era caótico e aleatório.

E ali estavam eles, esse extenuado grupo de pessoas feridas, lutando para conseguir içar um pedaço de seda retangular sobre um amontoado de ruínas e dispostos a morrer por isso. Já que nada fazia sentido, esse ato tornava-se tão coerente quanto qualquer outro.

A subida estava menos dificultosa. Havia menos árvores na parte de cima, o céu continuava escuro, mas a aurora se aproximava: a brisa agora trazia consigo um frescor e uma agitação característicos de mais um novo dia, embora o frio fosse desagradável. Até mesmo o suor que escorria do rosto de Jim era frio.

— Vamos trocar — disse um dos que carregavam Becky e os quatro entregaram a maca aos outros quatro que estavam descansando. Jim olhou para Adelaide, de cabeça baixa, capa desalinhada e chemise molhada e enlameada na bainha rendada.

A bandeira continuava rente ao peito.

— Tudo bem, garota? — ele perguntou.

Ela ergueu a cabeça e o queixo. Sob a luz da noite fantasmal, que antecedia a aurora, nesse período em que o mundo ganhava um tom homoganeamente cinzento, os enormes olhos de Adelaide brilhavam negros e transbordavam sentimentos.

— Está — ela murmurou. — Quanto falta?

— Não sei. Mas deve faltar pouco.

Ele a pegou pela mão e a ajudou a subir um barranco coberto de neve.

Haviam alcançado o limite do perímetro das árvores.

Estavam no fim da floresta, defronte de um paredão de montanhas irregulares. O céu sobranceiro estava pesado de neve, com um tom escuro de cinza metálico-violáceo. Bem em frente, do outro lado de um declive coberto de neve inviolada, jaziam as ruínas de Schloss Wendelstein, que Adelaide vira pela última vez sob o sol quente de uma tarde outonal. O lugar parecia ainda mais desolador agora. A torre estirava-se até o céu como um dente quebrado, as linhas das paredes tombadas se confundiam com o branco da neve.

Do lado esquerdo, uma trilha ligava o castelo à floresta. A escuridão se concentrava com força sob os galhos das árvores. O mundo estava envolto em silêncio.

E silenciosamente, o grupo prosseguiu seu caminho pela neve. Ali o trajeto estava mais limpo, porém frio e terrivelmente lento, pois a neve alcançava a altura dos joelhos. Becky havia despertado e pedido que a pusessem no chão, e Karl a ajudava a caminhar. Em aproximadamente dez minutos cruzaram os quase quatrocentos metros que os separava da primeira parede derrubada do Castelo.

O ideal seria buscar refúgio na torre, visto que se tratava de uma concha oca. O teto havia desabado e o piso estava coberto de um amontoado de cascalho e extenso aglomerado de espinheiros.

Adelaide olhou em volta e se deu conta de que nunca deixara de ser rainha e cabia a ela deliberar sobre o próximo passo sem hesitação.

— Peguem um dos pedaços de madeira que estavam usando para carregar Becky. A primeira coisa que vamos fazer é fixar a bandeira nele, entre aquelas pedras ali. Vou me sentir melhor quando vir a Águia Escarlata voando outra vez.

Não havia nada com que prender a bandeira, mas então Jim se lembrou do último novelo de lã. As sobancelhas do soldado Kogler se ergueram quando ele viu a precariedade do improvisado, mas o fio acabou sendo muito útil. Entretanto a bandeira mal se mexeu, ficou pendurada inativa no ambiente sem vento com a borda tocando a neve. Jim e Gustav uniram os dois pedaços de pau com o cobertor, elevando um pouco a bandeira que deixou de tocar o chão.

Era fundamental que eles se mantivessem aquecidos. Jim, que estava sem seu

suéter desde que fugira da masmorra, tremia violentamente. Adelaide também tremia, apesar da grossa capa que vestia. Jim a colocou sentada ao lado de Becky para que as duas aquecessem uma à outra.

Foi então que o cabo Kogler bateu uma continência e disse timidamente:

— Peço que me perdoe, vossa majestade. Sei que não devia lhe dizer isso, mas... sabe, faz tanto frio lá na Rocha que, às vezes, durante a vigia, nós, sentinelas, tomamos uns goles de aguardente. Sei que posso ser levado à corte marcial por isso, mas não toquei no cantil ainda e se achar que vai ajudar a aplacar o frio de vossa majestade e de sua jovem assistente, por favor, esteja à vontade...

Ele tirou do bolso um cantil de metal gasto e o abriu.

— É conhaque de ameixa. Minha avó é quem faz lá em Erolstein. Garanto que nunca provarão nada melhor.

O semblante de Adelaide era severo ao encarar o cabo. A luz do dia se mostrava mais forte e já era possível enxergar com clareza.

— O senhor devia ter vergonha — disse ela. — Dê-me isto. Não posso permitir que meus soldados se embebedem em serviço. Estou perplexa. — Ela deu um gole, piscou várias vezes, respirou fundo e então deu vários goles. — Mas eu o perdoo. Pode dizer a sua avó que concederei a ela um certificado de qualidade real ao conhaque. Becky, tome um gole. Ande.

Adelaide levou o vasilhame à boca de Becky, que gemeu de dor ao tentar se mexer.

— Quer se deitar, querida? — perguntou Adelaide. — Pode ficar com todo o cobertor. Eu já estou bem aquecida...

Mas Becky recusou com a cabeça. Adelaide então se aproximou da amiga.

— Não tem aí neste bolso um pedaço de salsicha, tem? — perguntou Gustav ao cabo. — Não estaria nada mal, não? Um pedaço de salsicha daquelas bem grossas com bastante gordura e bem temperadas por fora...

— Para mim não — disse Karl. — Prefiro um doce. Torta de maçã. Com canela e açúcar na cobertura e creme de leite em cima para completar.

— Enjoativo demais — comentou outro estudante. — Eu quero carne. Um prato de carne de veado com ensopado gulache com cebola, alho e páprica, igual ao do Café Florestan, com creme de leite por cima... e bolinhos cozidos...

— Nada disso — disse outro rapaz. — Não há nada melhor que um bom pão. Bem quentinho, recém-saído do forno. Abri-lo ao meio e ver sair o vapor e então uma mordida e...

— Basta desta conversa — disse Adelaide. — Não dá para comer palavras e estão todos ficando ainda com mais fome. Qual é a distância da cidade até aqui? Pouco mais de um quilômetro, certo? Pois bem, alguém pode ir até lá comprar pão e o que mais der para carregar assim que a padaria abrir. Enquanto isso...

Mas não haveria enquanto isso. Adelaide acabara de avistar uma movimentação por entre as árvores de onde eles haviam acabado de passar. Ao ver a expressão no rosto dela, Jim, os estudantes e o cabo se viraram no mesmo sentido. Então se levantaram e permaneceram unidos. Adelaide se levantou logo em seguida e pôs a mão no pedaço de madeira que segurava a bandeira. Becky, sentada debaixo do cobertor, desejou de todo o coração que pudesse se levantar, até tentou, mas a dor não lhe permitiu. O grupo então se preparou para defender a bandeira contra os soldados alemães que surgiam, um por um, detrás das árvores, com rifles cruzados nos ombros, avançando a passos largos e determinados sobre a neve.

FANTASMAS

Os primeiros flocos de neve pousaram nos cílios de Becky, que piscou para limpá-los, mas imediatamente outros flocos caíram. O céu agora estava claro e era possível ver a neve que caía pesadamente. Becky olhou para cima e em seguida para o exército vindo da floresta — uns cem homens ou mais. O véu esbranquiçado que envolvia a tropa lhe dava aspecto fantasmagórico; era como se houvessem rasgado um milhão de travesseiros de penas desde o céu.

Becky ficou na dúvida se não estaria tendo alucinações, sonhando acordada. Este mundo nevado — em branco e cinza — transfigurava-se, mutante, figuras de outro mundo caminhavam sobre ele, tornando-se visíveis para então voltarem a desvanecer. Ali fora o exato local onde Walter von Eschten guerrear, e depois de todo esse tempo, ali estava ele, em tamanho gigante, com seus cavaleiros de capacetes emplumados em volta. Becky sentiu um orgulho indescritível por esses homens voltarem do passado para salvá-los. E mais gente surgia das ruínas, emergindo da confusão visual que a neve causava. Jim e os demais também notaram os recém-chegados e observaram boquiabertos.

Ao ver o líder dos fantasmas se aproximar de Adelaide, Becky achou que seu coração sairia pela boca. Jim correu para protegê-la, com a pistola na mão.

— O rapaz inglês! — disse a voz grossa e maliciosa. Uma voz que nada tinha de fantasma: a voz de Otto von Schwartzberg.

Becky limpou a neve que lhe atrapalhava a visão, curiosa em entender o que acontecia à sua frente, e acreditou ter visto Adelaide estender a mão para o gigante, que se curvou e a beijou.

— Primo — disse Adelaide. — Achei que estivesse na África caçando leões.

— Oh, há presas mais interessantes para caçar aqui! Ah, soube do seu artifício com a bandeira. Boa peça que pregou neles, roubando-a bem debaixo de seus narizes! E claro, para onde mais iria a prima senão para Wendelstein?

— Como ficou sabendo?

— Um súdito fiel à vossa majestade me contou — disse Otto, dando um passo para o lado.

Atrás dele estava a figura cansada e pálida do conde Thalgau, mas ainda mantendo o brio de soldado em seu semblante e caráter.

Adelaide o olhou austera e ele baixou os olhos, e então o velho guerreiro se ajoelhou e tirou o chapéu, a pesada neve caindo agora sobre os cabelos grisalhos.

— Vossa majestade — disse com a voz embargada. — Eu errei. Eu lhe traí e a meu país. Não tenho palavras para expressar a vergonha que sinto de mim mesmo. Vossa majestade tem um coração magnânimo, fez o certo intuitivamente e eu fiz tudo errado. Mas eu não a decepcionarei novamente. Confie em mim, majestade, e lutarei ao seu lado até a morte. Cada gota do meu sangue, cada minuto que me resta de vida lhe pertence, eu lhe imploro que me perdoe e que me deixe servi-la como merece.

A voz embargada falhou e ele se calou. Adelaide foi até o conde e lhe estendeu a mão, que ele beijou com fervor.

— Claro que o perdoo. Agora levante-se e faça o que o sr. Taylor disser.

— Então o senhor é o general? — perguntou Otto a Jim, amigavelmente. Ao ver a estrela de ouro na fita verde acrescentou:

— Meus parabéns, barão.

— Obrigado, conde. Veio aqui para lutar ou para conversar? — disse Jim.

— Para lutar. Depois conversamos, no café da manhã. Quantos vocês são?

— Seis homens. Um rifle, seis pistolas. Isso é tudo. Quando acabarem as balas, começaremos a atirar pedras.

Otto olhou em volta. Ainda sem saber o que pensar do conde Otto, Becky não tirava os olhos dele: o homem parecia transitar entre os séculos XIX e XIII, convertendo-se ora em Otto ora em Walter, ora em ar, ora em neve.

— Então — disse ele e se virou de costas. — Barão, já que o senhor está no comando, eu lhe ofereço 24 homens, todos armados com rifles, além de mim e minha balestra. Quantas balas lhe restam?

— Apenas seis.

Otto tirou a espada da bainha, oferecendo o cabo a Jim, que aceitou e prestou continência ao conde, levando o cabo até a testa, num clássico ritual, antes de enfiá-la no cinto.

— Não vemos a hora de tomar esse café da manhã — disse Jim.

Becky viu Jim se transformar num genuíno general. Como se tivesse nascido para isso, ele organizou os homens pela ruína do castelo, escondendo um aqui, outro ali, ordenando que dois esperassem num canto para dar retaguarda, concentrando a força principal no centro, atrás de uma parede baixa na frente da bandeira. Otto apenas observou, balançando a cabeça positivamente.

Finalmente, Otto perguntou:

— E a rainha?

— Eu ficarei com a bandeira — disse ela.

— Mantenha-se agachada então, prima. Mas a outra moça deve se esconder na torre.

Becky estava fraca demais para protestar. O conde Otto a ergueu nos braços como se ela fosse um bebê e a carregou em segurança para dentro da torre, acomodando-a atrás de uma pilha de cascalhos.

— Não atirem enquanto eu não der o comando — disse Jim.

Foi o último raio de claridade que Becky pôde ver. Houve um momento de total silêncio, em que a neve caiu com tanta intensidade que parecia haver mais flocos de neve do que ar. Mesmo as pessoas mais próximas pareciam fantasmas cinzentos.

E então veio um som de tiro explodindo num jardim numa tarde de inverno, e escutado por uma criança através da janela de cortinas. O som do tiro foi abafado e amaciado pelos incontáveis flocos de neve que caíam. E então outro tiro, e outro; pequenas explosões. Um estalido, silêncio, outro estalido... Tudo soava inofensivo, como se a única coisa que os sons produzissem fossem cores e clarões.

Mas a cada estalido, uma bala era disparada como uma águia que se libertava da mão do caçador. Rasgavam o ar e os frágeis flocos de neve, deixando para trás invisíveis turbilhões de calor que se dissipavam aleatoriamente, esparramando neve mesmo depois das balas já terem se chocado contra uma pedra ou se afundado no frio solo ao longe.

Com o coração em chamas e a mente congelada, Becky podia perceber uma confusão de detalhes, numa espécie de mosaico partido. Havia uma imagem e haveria outra, mas não havia nenhuma completa agora.

Das ruínas da torre, viu um soldado todo de verde, como caçador, com fuzil na mão, cair de joelhos e erguer sua arma para a imensidão branca de flocos rodopiantes.

Ouviu o quicar metálico de uma bala sobre uma rocha.

Viu duas pessoas movendo-se desajeitadamente com neve até o joelho, longas capas que lhes dificultavam ainda mais o avançar das pernas, usando rifles como bengala.

Becky viu quando a bandeira tremulou sutilmente ao toque de uma brisa, e Adelaide ao lado, como uma criança que olha orgulhosa o pai.

Ouviu um ressoante choque entre metais, arquejos de alguém fazendo grande esforço, outro choque, um gemido incerto, entre um choro e um grunhido, outro choque, um arquejo, um choque, outro arquejo.

Becky viu plumas, um homem com uma máscara de ferro, um cavalo empinado, patas agitando-se no ar. Viu uma mão em espasmos, a palma para cima, viu os dedos se fecharem e depois relaxarem completamente, e viu a palma da mão ser coberta em menos de um minuto por flocos de neve, como moedas jogadas a um mendigo. No começo derreteram, mas quando mais flocos foram caindo, lá foram ficando, cobrindo a palma completamente até que só houvesse dedos, depois as pontas dos dedos, depois quatro sombras e, por fim, nada.

Viu Otto von Schwartzberg inclinando-se sobre um homem ferido, um gigante sobre uma criança, uma enorme mão reconfortante, um braço para servir de abrigo.

Viu-o pegar a balestra, puxar a heroica corda, erguê-la, soltar a flecha. Ouviu o zumbido da flecha, ouviu poderosas gargalhadas quando o alvo foi atingido.

Becky viu um soldado, rosto largo e vermelho, olhos apagados, esbugalhados de espanto ao ver a ponta de uma espada perfurar-lhe a pele, dilacerando suas costelas até tocar seu coração e lhe tirar a vida.

Viu Jim, ensanguentado, saltar de um monte de pedras ao redor da bandeira, mirar sua pistola e atirar, uma, duas vezes, puxar o gatilho uma vez mais e então atirar a arma descarregada contra aqueles que o atacavam — um deles, ela viu tombar na neve —, viu Jim passar a espada para a mão direita, oscilando-a de um lado ao outro para se acostumar ao peso, e então saltar novamente e desferir a arma branca pontiaguda contra combatentes sombras fantasmagóricas.

Becky viu sangue: o vermelho colorindo gradualmente um monte de neve. Viu enormes gotas quentes de sangue mergulharem, pesadas, na neve fofa, deixando buracos, como feridas abertas.

Viu o corajoso conde Thalgau, sua figura ereta e robusta, investir com determinação contra o inimigo, apesar da força física que lhe começava a faltar; Becky viu quando ele fitou Adelaide e em retorno recebeu o olhar agradecido dela, voltando a lutar bravamente, rumo à escuridão da própria morte.

Becky lembrou da pistola que levava na bolsa e, gemendo de dor, pegou-a com as duas mãos e atirou, sentindo um contentamento feroz ao ver um homem cair.

Viu Adelaide ser atingida; teve a impressão de ter visto inclusive o trajeto da bala, do pequeno ponto preto, do tamanho de uma abelha, pelo ar até atingir seu destino, no peito de Adelaide. Viu o sangue vívido jorrar, viu uma pálida mão estendida urgente para apanhar a bandeira, viu Jim tomando Adelaide nos braços, a bandeira escapulir e tombar; viu Otto se jogar para apanhá-la e balançá-la sobre sua cabeça com uma das mãos, enquanto a outra segurava uma pistola, pronta para disparar.

Becky viu Jim sobre o corpo de Adelaide, olhos que pareciam mais felinos do que

humanos, abrasados, num verde esmeralda furioso. Ele parecia lutar contra o ar, golpeando-o, cortando-o. E os pesados flocos de neve pareciam rodopiar ainda mais concentrados sobre Jim, povoados de sombras pegajosas, debatendo-se, pendurando-se sobre ele, puxando-o para baixo, derrubando-o.

E então, o silêncio.

Os flocos continuavam a cair suavemente do céu, ocupando as fissuras das paredes, acomodando-se em olhos, dentes, rostos já sem vida, como véu leitoso criando máscaras de pierrô, para gradualmente perderem os contornos, transformando-se num cobertor branco e amorfo. O sangue, que desabrochava nos cristais de gelo, logo se dissipou, fundindo-se com o branco. Soldados e estudantes, corpos e pedras, caçadores e cavalos não passavam de pequenos pontos em meio à imensidão da neve.

Algun tempo depois vozes quebraram o silêncio.

Em princípio, Becky achou que fossem personagens de um sonho ou fragmentos de uma conversa de outro mundo, de outra vida:

- ... desapareceram...
- ... escutei o tiroteio da fazenda...
- ... conde Otto von Schwartzberg...
- ... morto! Tantos...
- ... um uniforme alemão...
- ... do trem, lá embaixo...
- ... a rainha? Certamente não...
- ... um nobre... olhe... a estrela e o laço...
- ... está respirando?...
- ... não pode estar vivo...
- ... o conhaque! Rápido...
- ... não consigo soltar a mão dele...
- ... está tudo bem, somos amigos... dê um gole...
- ... conde Otto... ele está com a bandeira...
- ... mande um dos homens buscar ajuda...
- ... o que foi isso? Ouviu?
- ... na torre... rápido...
- ... viva!

Era Becky que decidiu falar, mesmo que fosse com fantasmas.

Um homem apareceu na porta ancestral da torre. Era idoso, com bigodes e parecia aflito. Ele a viu, virou-se para pedir ajuda, então subiu os degraus com dificuldade e ergueu seus trêmulos e velhos dedos num aceno, como o de um avô que faz sinal para a neta que se inclina para frente, para que ele possa pegá-la no colo.

E então Becky se deu conta de que tudo estava, realmente, acabado.

A CLÍNICA SUÍÇA

Os habitantes da cidade de Andersbad carregaram os sobreviventes e os mortos, tanto os alemães quanto os razkavianos. Foi um trajeto que envolveu muito frio, desconforto e melancolia. O Instituto Médico do pequeno *spa* ficou rapidamente abarrotado. Homens feridos se espalhavam sentados ou deitados, inconscientes, pelos corredores da enfermaria, da clínica de hidroterapia, da sauna.

Os médicos trabalhavam arduamente, embora estivessem mais acostumados a tratar de problemas de reumatismo e indigestão típica dos nobres do que ferimentos de espadas e balas. As águas medicinais eram curativas, mas não milagrosas, embora fosse o que prometiam nos panfletos. O diretor mandou que sua equipe dividisse os pacientes em grupos: aqueles que poderiam esperar um pouco até serem atendidos, os que estavam fadados a morrer e os que poderiam ser salvos se fossem operados imediatamente. Mandou também que dessem prioridade ao terceiro grupo. E por volta das três da tarde, chegou a vez de Jim.

— Como esse sujeito ainda não morreu? — perguntou o cirurgião. — Duas balas...

— Três — disse um assistente, despejando a bala recém-tirada do corpo de Jim em uma tigela.

— Três furos de bala, quatro cortes... de espada? É o que parece... precisa de pontos... múltiplos hematomas, fraturas... quem é ele?

— Não sabemos. Tem uma medalha de alguma ordem no pescoço; um nobre de alguma coisa...

— Nosso ou deles?

— Oh, nosso. Os do outro lado estão limpos e arrumados.

— Mantenha-o confortável. Encontraram mais furos de bala?

Um jovem parrudo com corte de espada acima do olho e uma clavícula quebrada forçou passagem entre o aglomerado de gente no lobby onde Becky estava, deitada num sofá, ainda atarantada de dor.

— Fräulein Winter...

— Karl! É você? Graças a Deus! Você...

— Eles vão consertar o osso quebrado em breve. Mas estou bem. Como está?

— Ouviu alguém dizer se...

— A rainha? Não sei. Eu a vi cair. Acho que a colocaram na sauna. É lá que estão deixando os...

Ela sabia o fim da resposta: os mortos.

— Oh, não... mas o que você vai fazer?

— Vou me juntar ao conde Otto. Ele me disse para vir para cá tratar o ferimento e depois ir me juntar a ele nas montanhas, nas colinas nos arredores de Neustadt, mas acho que vão demorar muito para começarem a cuidar dos que ainda conseguem caminhar. Estou pensando em talvez ir logo embora.

— Tome cuidado! Por favor, tome cuidado!

Karl, que estava agachado para não precisar elevar a voz, pegou a mão de Becky e a beijou educadamente.

— Adeus, Fräulein Winter.

— Ah, por favor, pode me chamar de Becky! Se vai mesmo partir...

— Desejo de verdade poder voltar a vê-la, Becky. Quando tudo isto terminar...

Ambos agiam com desconforto, timidez. E então ela viu de relance uniformes entre a multidão na entrada do instituto: uniformes limpos, secos: alemães?

— Tome cuidado — ela sussurrou. — Vá. O conde Otto será um bom líder. Por favor, continue vivo...

Ele beijou-lhe a mão novamente e desapareceu.

Horas depois, o médico recusava-se a escutá-la.

— Descanse — ele disse. — Não se mexa, fique tranquila. Não há nada melhor para costelas quebradas. Elas vão ficar boas, mas se continuar agitada assim...

— Não percebe que é o senhor que está me deixando mais agitada? — disse ela desesperada. — Preciso saber onde ela está! Está viva ou morta? Será que não pode nem me responder isso?

— Ela quem? De quem está falando? Fräulein, terei que lhe prescrever um calmante. Muita excitação neste momento pode...

— A rainha! A rainha Adelaide! Está viva ou morta? Precisa me dizer! Sou a assistente dela, sua companhia, sua amiga... Isso é cruel demais! Precisa me dizer!

O médico virou-se para a enfermeira:

— Enfermeira, traga-me um pouco de tintura valeriana. E um xarope de papoula.

Assim que a enfermeira se retirou, o médico pôs a mão sobre a testa de Becky e disse em voz baixa:

— Está viva e longe daqui, a salvo. Foi gravemente ferida: a bala passou a um centímetro do coração. Ainda não sabemos se conseguirá se recuperar dos ferimentos. Nós a enviamos para um lugar mais seguro. Se ela ficasse aqui, com certeza seria presa novamente. Estamos sendo vigiados pela polícia alemã, que já vasculhou todo o hospital, além disso, tem uma louca que... Fräulein?

Becky não precisou da tintura valeriana; ao ouvir “a salvo”, uma onda tranquilizante a invadiu e ela desmaiou.

Ao fazer a separação dos pacientes por grupos, os médicos colocaram Adelaide no daqueles que morreriam, sem hesitarem: se é que ela já não estava morta. Então puseram seu frágil e frio corpo na sauna e somente no fim da tarde alguém suspeitou que ela pudesse sobreviver. Um ajudante que levava o corpo de um pobre homem para lá ouviu a respiração de Adelaide e viu que ela movia as pestanas, os lábios e os dedos.

Em alguns minutos, um médico sentia o pulso dela, e pouco depois dois outros médicos foram ao local.

— Acha que devemos operar?

— Imediatamente.

— E depois?

— Quer dizer, politicamente?

— Ouvi dizer que tentaram executá-la ontem. Ela conseguiu fugir com a bandeira e a passou para Schwartzberg. Se descobrirem...

— A cidade está um caos. O general alemão é o único que está dando ordens. Foi o que escutei.

— Se descobrirem que ela está viva...

— O povo vai querê-la de volta. Ela simboliza a liberdade do país. Até mais que a bandeira, ousa dizer.

— Eles a forçariam a resignar o trono.

— Ela nunca renunciaria!

— Eles a prenderiam e a deixariam morrer de fome. Não vão deixá-la sobreviver.

— E nós não podemos deixá-la morrer.

— Concordo... O que faremos?

— Vamos operá-la. E em seguida enviá-la em segredo para a Áustria. A clínica de Schwannhofer em Viena.

— A Suíça seria melhor. Os austríacos...

— Podem usá-la como barganha? Tem razão. Conheço um homem em Kreuzlingen; o St. Johann...

— É um lugar excelente. Vamos levá-la para a sala de operações.

E quatro dias depois, sentado numa cadeira de rodas, Jim olhava amargurado pessoas patinando sobre o lago congelado do outro lado das amplas janelas de um *Trinkhalle* na cidade suíça de Kreuzlingen. O lugar tinha atmosfera pesada e fria, o cheiro que predominava era o de sabão fenólico e o silêncio só era interrompido por sons de vapor. Samambaias cresciam abundantes em recipientes de vidro ao lado de mesas de vime, um senhor de idade demorava quase cinco minutos para virar as páginas do jornal, que o fazia meticulosa e ruidosamente. Jim o olhou carrancudo.

O trio de cordas que tocava um repertório de Strauss e Suppé na clínica termal e os escassos aplausos educados abafaram o som de passos se aproximando. A jovem loura num casaco de pele de raposa sentou-se num banco a um metro de Jim e aguardou até que ele se virasse e a visse.

Ele estava pálido e machucado. Um cobertor cobria seus joelhos. O cabelo louro estava bem penteado para trás, a gola alta imaculada e a jaqueta de três botões de tecido enrugado verde musgo escuro era o espelho da moda de então.

Finalmente, ele virou o rosto e reconheceu sua velha amiga, deixando escapar uma exclamação emocionada.

— Sally!

Ele ergueu os braços e ela tomou-lhe as mãos e se aproximou para beijá-lo.

— O que aconteceu? — perguntou Sally Goldberg. — Adelaide está...

— Está acamada. Não pode se mover...

Ele fez uma pausa, ciente do funcionário que se aproximava com uma bandeja com copos e uma jarra com água sulfúrica.

— Você está saudável demais para tomar esta porcaria — disse ele a Sally. — E eu, doente demais. Vamos tomar um caldo de carne. *Fleischbrühe, bitte* — disse ao garçom, que murmurou respeitosamente e se retirou em seguida.

— Do que ele chamou você? — perguntou Sally.

— De barão. O que não é uma mentira. Foi praticamente a última coisa que Adelaide fez antes do combate. Eu não estava... eu não podia... não tinha o direito de recusar. E ela tinha todo o direito de conceder o título, afinal era a rainha. Quando eles me operaram e me mandaram para cá, a única coisa que tinham para me identificar era a medalha no meu pescoço. Eu estava inconsciente. Faz os empregados saltarem ávidos por me agradarem. Mas assim que chegar em casa voltarei a ser o velho Jim de sempre. Mas como chegou aqui? Achei que ainda estivesse na América!

— Voltamos antes do que havíamos planejado. E a primeira coisa que eu vi foi isto. — Ela tirou da bolsa um recorte de jornal dobrado. — Fiz uma ligação para Andersbad e me disseram onde você estava. E aqui estou.

Jim pegou o jornal:

QUEDA DE ANTIGO REINO
A rainha *cockney* está desaparecida
O voo da águia vermelha.

Notícias reportam que o reino de Razkavia foi anexado ao Império Alemão. O pequeno país, pouco maior que Berkshire, fora independente desde 1276, mas distúrbios ocorridos nos últimos dias, somados a um pedido de ajuda do chanceler, o barão von Grödl, ocasionaram a interferência das autoridades alemãs. Um regimento da Infantaria Pomerana se encontra neste momento na capital, Estenburg, onde estão sendo realizadas negociações para que o país faça parte da União Aduaneira da Alemanha, sendo o país futuramente administrado desde Berlim.

A Razkavia tornou-se motivo de grande interesse há cerca de seis meses durante a coroação do rei, Rudolf II. Os leitores talvez se recordem que ele foi assassinado durante a cerimônia e que seu posto fora ocupado pela rainha, uma inglesa. A rainha Adelaide está desaparecida há alguns dias. Também desapareceram vários itens valiosos do Tesouro de Razkavia, inclusive a bandeira ancestral.

Jim amassou o jornal possesso de raiva e o atirou no chão.

— Malditos mentirosos! Estão insinuando que ela armou tudo isso e ainda fugiu com um monte de dinheiro!

— Foi o que pensei. Trouxe Frau Winter comigo. Ela está com Becky agora. É melhor você me contar tudo o que aconteceu.

— Mama, não pode acreditar no que dizem os jornais. Tem que acreditar em mim. Eu estava lá. Ah, estivemos tão perto de conseguir, mama! Mais um dia e teríamos conseguido assinar um tratado que manteria Razkavia independente e a salvo para sempre! E eles a amavam, o povo. E a senhora precisava ter visto como nós lutamos... no fim...

As mãos de Frau Winter soltaram as da filha e ajeitaram o cobertor que Becky havia amarrotado em sua agitação.

— Nunca vou perdoá-la por ter colocado você em perigo. Se tivesse imaginado que...

— Mama, terá que perdoá-la se quiser falar comigo novamente. Ela só poderia ser líder se as pessoas estivessem dispostas a segui-la. E ela não me pôs em perigo, ela foi traída. Nunca pensei que os jornais fossem capazes de escrever tanta falsidade. Achei que fosse proibido escrever mentiras nos jornais. É cruel demais, mama, depois de tudo que ela fez. Mas o conde Otto sabe a verdade. E os homens que lutaram também. Ah, mama, quando as pessoas vão poder escutar a verdade?

Frau Winter não sabia a resposta.

Naquela tarde, Sally Goldberg foi ter uma conversa com o cônsul britânico. Era um homem rechonchudo, de modos secos e impertinentes, e não disfarçou a irritação por ter que interromper seus afazeres, mais exatamente, catalogar os espécimes secos da flora das montanhas que coletara em sua viagem de verão aos Alpes.

— Em que posso lhe ajudar, senhora?

— Gostaria de saber se o senhor teria informações a respeito da posição do governo britânico sobre a invasão de Razkavia. Enviamos alguma representação a Berlim? E quanto à segurança dos residentes britânicos? E os atentados contra a vida da rainha, que é uma cidadã britânica?

— Posso saber o motivo de seu interesse?

— Sou uma cidadã britânica preocupada!

— Entendo. Bem, Razkavia não é objeto de imediata prioridade para o governo britânico e sua majestade. Além disso, que eu saiba, há poucos residentes lá, mas sem dúvida o representante de sua majestade na capital está cuidando eficientemente dos interesses desses cidadãos. O que mais gostaria de saber? Algo sobre Berlim? Ah, sim. Bem, há muito faz parte da política do governo de sua majestade buscar e promover relações cordiais com as grandes potências. A Alemanha é uma nação de imensa importância para nós. Não seria interessante a Grã-Bretanha interferir no que é essencialmente, no nosso entender, uma questão interna da Alemanha. E, finalmente, qual era a outra pergunta? Ah, sim, a famosa rainha *cockney*. É muito comum esse tipo de incidente em regimes ultrapassados e corruptos: tornam-se presas fáceis de charlatãs aventureiras. Parece que ela se mandou com metade do Tesouro, leu nos jornais? Era uma dançarina de cabaré antes de virar rainha, ou coisa pior, ouvi dizer. A esta altura deve estar no meio do caminho para o Brasil. Uma história e tanto, não? Enfim, sra... Goldberg, não é obrigação do serviço diplomático dar apoio e proteção a criminosos, por mais pitorescos que sejam. Não, nós diplomatas temos um trabalho muito sério a fazer, ousei dizer até, um trabalho de gente grande. Não temos nenhum interesse nessa rainha *cockney*. Algo mais que...

— Entendo. Obrigada. Não, não tenho mais perguntas. Boa tarde.

Quando a luz do dia diminuiu sobre o lago, a enfermeira apareceu para trocar a roupa de Adelaide e informar que ela estava autorizada a receber uma visita.

— Mas apenas por uma hora — disse. — Não pode se mover nem se agitar. Precisa descansar.

Adelaide franziu a testa. Mas eles estavam sendo bons para ela ali e, de qualquer forma, não lhe restavam energias para retrucar. A enfermeira ajudou-a a sentar e ajustou a camisola na altura do ombro de Adelaide antes de se retirar em silêncio.

A cama ficava de frente para longas janelas que, quando abertas no verão, davam acesso para uma varanda com vista para o lago. Adelaide não se impressionava facilmente por belas paisagens, ou assim o era antes, mas após três dias deitada defronte daquela vista acabara descobrindo nuances na luz e no tempo que considerou tão fascinantes quanto a política. O pio de um pássaro a fez girar a cabeça para a esquerda e ver as luzes de um barco a vapor deixar o píer e tomar seu rumo pelas águas escuras.

— Adelaide?

Só podia ser Jim. Sentiu o coração disparar e se virou para ele. A bengala de Malacca, a gravata de seda, os olhos verdes doces e irônicos...

— Minha nossa — disse ela. — Está mesmo arrumado sem ser espalhafatoso...

— Disse o macaco ao pintar o rabo de rosa...

— E amarrá-lo com um laçarote verde. Ai, Jim, amo você!

— Fico feliz em ouvir isso. Vim por um beijo.

Ele se inclinou, ela também. Os dois estavam doloridos demais para um beijo demorado, mas teriam muito tempo para outros beijos. E ambos tiveram a mesma impressão, como se compartilhassem o mesmo pensamento: que as paredes da prisão haviam derretido, revelando uma paisagem ao ar livre, e que os grilhões haviam sido retirados deles e não haveria mais perseguições. Estavam livres.

— Sente-se ao meu lado — pediu ela.

— Acho que não consigo levantar as pernas. Somos dois trapos precisando de remendos.

Ele puxou uma cadeira para perto da cama e se sentou com dificuldade antes de segurar a mão de Adelaide.

— Não tenho um tostão, Jim. Não tenho como pagar por isto aqui. Não sei o que vai acontecer quando...

— Eu tenho. Pare de se preocupar.

— Como? Você é rico?

— Ganhei na jogatina. E também de um pouco do que escrevi e o trabalho de detetive também dá um bom trocado, pode acreditar. Há dinheiro suficiente para pagar pelo tempo que precisarmos. E depois é só ganhar mais dinheiro. É o que terei que fazer já que vamos nos casar.

— Vamos, é? Quando decidiu isso?

— No trem. E você não pode mudar de ideia. Está proibida.

— Está bem.

Ela ficou ali sentada, placidamente, a felicidade pulsando em suas veias. A fumaça do barco estava bem longe agora, afastando-se lentamente em direção a Friedrichshafen, na costa alemã.

— Jim. Preciso que me diga uma coisa, com sinceridade. Também perguntaria para Becky. E, na verdade, eu vou perguntar para ela. Eu fui uma rainha, não fui? Foi real?

— Foi.

— E fiz um bom trabalho?

— Foi a melhor governante que jamais terão. Você foi magnífica.

— Que bom. Também achei, mas... e agora, você acha que devo voltar e lutar? Ou ser uma rainha no exílio? Ou tudo acabou para mim?

— Lembra-se de alguma coisa da batalha de Wendelstein?

— Lembro do frio. E tinha neve nas minhas botas. Lembro de ter fixado a bandeira numa pilha de pedras... e do conhaque de ameixa do cabo, Deus o abençoe. E do pobre conde... e de Otto aparecendo no meio da nevasca. Achei que ele fosse um fantasma. Ele me chamou de prima, não chamou?

— Chamou. Lembra-se de ter levado um tiro?

— Não. Lembro de um estrondo e então tudo desapareceu na minha frente.

— Bem, você caiu para um lado, eu a peguei, e a bandeira caiu para o outro lado. Você estava segurando-a. Quando você a deixou cair, Otto a pegou. Por Deus, ele é um gigante, aquele homem. Ele balançou a bandeira ao redor da cabeça como se fosse um lenço, foi a última coisa que vi.

— Então ele é o Adlerträger!

— É o que parece.

— E eu não sou mais... estou livre. Estou livre. Graças a Deus!

— Você não gostou de ser rainha, então?

— Amei poder fazer as coisas acontecerem... juntar aqueles diplomatas todos e convencê-los a fazer um tratado. Oh, adorei isso, Jim. Foi o melhor trabalho do mundo. Mas... as cerimônias... eram sufocantes. Acho que não ia aguentar esta vida por muito tempo.

Ela sorriu.

— E este sorriso?

— Lembrei do dia que a sra. Holland apareceu e me raptou. Quando eu era uma garotinha, na rua Burton, com a srta. Lockhart, você e o sr. Garland. Eu tinha ido passear com o velho Trembler Molloy e ele me levou para ver o Palácio de Buckingham. Ele disse que a gente ia fazer uma visita à rainha e tomar um chá com ela, e eu acreditei. Mas quando chegamos lá, a bandeira real não estava hasteada. Ele disse: “Maldição, ela deve ter viajado neste fim de semana. Bem o estilo dela.” E enquanto fui rainha achei que seria engraçado se um dia fosse ao Palácio de Buckingham fazer uma visita à rainha. Com direito a tapete vermelho, guarda de honra, toda a pompa. Mas agora acho que isso nunca vai acontecer.

— Seria uma visita desagradável. Ouvi dizer que ela é uma velha rabugenta. Eu ia preferir fumar um charuto e bater um papo com o Príncipe de Gales.

— É! Acho que ele ia gostar de Andersbad, não ia?

— Mas teriam que fazer umas melhorias no Cassino antes.

— Está bem. Podemos fazer isso... Não, não vamos, vamos? Está tudo acabado. Jim, eu li o jornal hoje. Pedi à enfermeira para me trazer um e a descarada, sonsa, me trouxe um em alemão. Mal sabe ela que sei ler melhor em alemão do que em inglês. Li o que estão falando de mim.

— São apenas mentiras. Todo mundo sabe disso.

— Todo mundo que estava *lá* sabe a verdade. Mas para todas as outras pessoas

no mundo eu não passo de uma rainha *cockney*, uma ladra barata...

— Enganando todo mundo.

— Trapaceira. Uma charlatã sem vergonha. Tenho que me controlar, Jim, senão vou ficar com muita raiva. Meu coração está acelerado.

Jim ignorou as dores no corpo e se sentou na cama, ao lado de Adelaide, abraçando-a com o braço esquerdo e pousando a mão direita sobre o frágil peito dela, no local onde ela dizia ter o coração acelerado. Jim o sentiu bater. Parecia um passarinho engaiolado.

— Bem melhor.

— Tenho uma ideia para trazer a verdade à tona — ele disse um minuto depois.

— Qual?

— Vou escrever um livro. Nada de sangue ou sensacionalismo. Um livro sério, histórico, acadêmico. Sobre as negociações e o tratado. Vou colocar no papel tudo o que você e Becky conseguirem se lembrar e vou a Viena conversar com o lado austríaco, pôr tudo em branco e preto. E vou escrever como traíram você e exatamente o que aconteceu com a bandeira. Também vai ajudar Otto na sua reivindicação pelo trono, pois vai provar que a sucessão foi feita diretamente para ele.

Ela descansou apoiada nele, silenciosa. A respiração acalmou, ficou mais regular, e quando Jim a fitou, viu que tinha os olhos fechados. Ele apenas contemplou os longos cílios, desfrutou do perfume natural dos cabelos dela e, por alguns segundos, pensou que aquilo lhe era suficiente: ficar ali sentado, abraçado a ela. Pouco depois ele também adormeceu.

No andar de baixo, os médicos folheavam suas anotações antes das visitas noturnas; os cozinheiros mexiam molhos, preparavam a massa e cortavam legumes. Os músicos começavam a chegar para o concerto noturno em Trinkhalle; os atendentes da piscina, as enfermeiras na sauna a vapor, os massagistas auxiliavam os últimos pacientes do dia.

As luzes elétricas já estavam ligadas ao redor da pista de gelo e homens com vassouras varriam o piso de gelo para os patinadores que não tardariam em chegar, deslizando ritmicamente.

O inspetor que media a qualidade da água acabara de concluir sua análise de rotina e estava fechando o laboratório. No subsolo, onde ficavam as águas termais, os engenheiros giravam as rodas hidráulicas que bombeavam a água da nascente para os canos que alimentavam a fábrica de engarrafamento das águas curativas. Os tanques deveriam estar completos para o dia seguinte.

Estava tudo pronto para fecharem a bilheteria da Companhia de Navios a Vapor, mas o cobrador tinha um problema nas mãos que ele repassou com gosto para seu chefe.

— Ela veio de Friedrichshafen e diz ter perdido seu bilhete. Bem, não posso me responsabilizar por ela. Acho que ela tem que pagar, é o que diz o regulamento, mas ela diz que já pagou do outro lado. É o que ela diz...

— Está bem, está bem. Onde ela está?

O coletor fez sinal com a cabeça para a sala de espera, onde estava sentado o seu problema: uma mulher malvestida de meia-idade, olhos negros, pele morena, com uma cesta no colo. Devia ser italiana ou espanhola.

— Aposto — disse o cobrador cochichando — que ela não tem dinheiro e que está tentando se safar de pagar a passagem, se quer saber minha opinião.

— Não quero saber sua opinião — disse o chefe, abrindo a porta da sala de espera. — Madame, vamos fechar o estabelecimento. Soube que a senhora perdeu seu bilhete.

A mulher parecia tentar prestar atenção no que ele dizia, mas estava distraída, por algo mais interessante em algum lugar. E tinha uma estranha expressão facial: ausente; como se estivesse entre dois mundos.

— Sim.

Ela se levantou e esperou que o homem dissesse mais alguma coisa.

— Bem, há um formulário que a senhora pode preencher... — ele hesitou. Quanto mais a fitava, mais esquisita ela lhe parecia. E o tempo estava passando e ele estava sendo aguardado para tocar trombone nessa noite com a banda Kreuzlingen Silver, e ... — Ah, deixe para lá. Não tem importância. Venha, vou lhe mostrar a saída.

Ao segurar a porta para que ela saísse, notou que a mulher não se banhava há algum tempo e que falava sozinha. Dentro da cesta, havia apenas uma enorme e afiada tesoura.

— Maluca — disse ele ao cobrador, enquanto os dois observavam a mulher cruzar a rua e subir o morro em direção à clínica. — Não tinha por que perder tempo argumentando com uma desmiolada. Venha, vamos trancar tudo.

Becky caminhava pelo corredor da colunata com a sra. Goldberg e observava os homens varrendo a pista de patinação.

— Como você está? — perguntou Sally.

— Ainda sinto dor. Aparentemente, não há nada a fazer com costelas quebradas a não ser esperar que elas saiam sozinhas. Mas pelo menos não peguei pneumonia, que é comum nesses casos. Acho que sou forte como um touro. Mas pior que a dor é a frustração... o sentimento de fracasso...

— Posso imaginar.

— Sabe, antes dessa história toda começar, eu costumava ler revistas de suspense que minha mãe ilustrava e fingia ser Deadwood Dick ou Jack Harkaway, lutando contra ladrões e capturando piratas. Queria tanto poder participar de aventuras perigosas e emocionantes. Hoje posso dizer que consegui. Participei de negociações

diplomáticas importantes, escapei de um castelo e lutei num combate... disparei uma pistola e acho que matei um homem e... acho impossível que alguém jamais viva tanta emoção em apenas seis meses como eu vivi. E sabe como me sinto?

— Vazia.

— Exatamente! Vazia, esgotada, exaurida. Tudo isso para nada. A traição... Adelaide trabalhou tão duro e quase alcançou o que buscávamos... e todo este tempo, alguém trabalhava para minar todo esse trabalho. Estavam enganando Adelaide! E o país inteiro! Até mesmo o barão Gödel! E nem sabemos quem esteve por detrás de tudo.

— Um homem chamado Bleichröder — respondeu a sra. Goldberg.

Becky a olhou confusa.

— Quem é ele? E como sabe disso?

— É o banqueiro do príncipe Bismarck. Dan, meu marido, há algum tempo vem compilando um dossiê. Bleichröder é uma espécie de espião, um agente secreto, um... qual é mesmo a palavra em iídiche? Um *macher*. Um reparador. Dizem que é um senhor muito simpático e praticamente cego; é judeu, logo não é muito bem quisto pela sociedade alemã, muito menos pelos conservadores da corte. Mas cuida dos interesses de Bismarck há anos. Assim que Dan ouviu o que aconteceu em Razkavia imaginou que tivesse o dedo de Bleichröder. Parece que Bismarck iniciou uma queda de braço com o Reichstag, o Parlamento alemão, e parte de seus planos era fazer o tratado fracassar para desmoralizar o parlamento. Mas quando nos demos conta disso já era tarde demais, claro. Lemos as notícias nos jornais americanos.

Becky enxugou uma lágrima de raiva do rosto.

— Então tudo pelo que passamos fazia parte de um plano organizado a centenas de quilômetros de distância... oh, é tão injusto. Meu país não teve nenhuma chance desde o início!

— Você, Adelaide e Jim deram o melhor de si. Utilizaram toda a coragem, imaginação e sabedoria que existem, mas a força ganhou.

— Então não há esperança de nada, a não ser o uso da força?

— Nem sempre. Mas por um bom tempo. Acabam surgindo rachaduras, o centro perde o poder e as pessoas acabam lembrando o que costumavam ser e decidem querer retomar o controle do próprio destino. A vida não é estática, Becky. A vida é dinâmica. Tudo muda. Aí está a beleza de viver...

Chegaram ao fim do corredor de colunas. Os homens com suas vassouras deram um retoque final na pista de gelo e se retiraram.

— O que Adelaide vai fazer agora? — perguntou Sally. — Uma vez conheci a ex-rainha de Sardenia. Ela tinha uma vida horrível. Nunca mais conseguiu levar adiante a vida que tinha, presa ao passado. Envolvia-se em complôs inúteis para reassumir o trono, sempre cercada de exilados obcecados, envelhecendo mal e cada vez mais

amarga. Espero que isso não aconteça com Adelaide.

— Acho que sei o que ela vai fazer — disse Becky. — Ela ainda não sabe e eu não conversei sobre isso com ela, mas no primeiro dia da rodada de conversações do tratado, quando entrou na sala de reuniões, ela parecia uma atriz entrando em cena. E se saiu muito bem, comandando a situação e cativando a todos... Ela é uma estrela. Não ficaria nem um pouco surpresa se ela entrasse para a carreira de atriz.

— Que boa ideia! E Jim pode escrever peças para ela. E você vai para a universidade. Há tanto para se fazer, Becky, tantas coisas interessantes... Olhe, estão arrumando as cadeiras para a orquestra. Vamos nos arrumar para o jantar?

Becky se sentiu revigorada pela conversa com a sra. Goldberg. Ela era exatamente o tipo de mulher que Becky queria ser um dia: conseguia mostrar que as coisas eram possíveis, trazia esperança com ela e sentido de viver. Ao saber o que Jim fizera com o suéter que tinha tricotado para ele, riu entusiasticamente, como se não existisse tempo ruim, como se todo o universo fosse só harmonia, repleto de luz.

Becky deixou a colunata e foi para o seu quarto, onde mama tirava uma soneca. Logo estariam sentadas à mesa de jantar, e talvez Jim pudesse se juntar a elas. Em poucos dias Adelaide conseguiria se levantar, embora fosse demorar a se recuperar totalmente; nada de patinação por um bom tempo para Adelaide ou Becky, que desejava deslizar pelo gelo — ou pelo menos tentar.

Ainda sonhando acordada, entrou no longo corredor silencioso onde ficava seu quarto, três portas distantes da de Adelaide. Ao passar pela escada de serviço, uma enfermeira surgiu carregando cobertores e passou apressada por ela. Curiosamente, ao olhar a mulher veio à mente de Becky a imagem que Jim descrevera de Carmen Ruiz. Becky então teve o impulso de olhar para um ponto específico da enfermeira, que agora estava bem à sua frente: os sapatos.

Estavam gastos e imundos!

E nesse templo de higiene... E o chapéu estava torto, como se ela...

Becky tomou fôlego e tentou gritar:

— *Hilfe! Zu Hilfe!*

Mas a dor nas costelas não lhe permitiu, e apenas um clamor rouco saiu. Ao ouvi-la, a enfermeira se virou energicamente, jogou os cobertores no chão e voou para cima de Becky como um animal.

Becky viu uma tesoura apontada para ela, viu lábios exageradamente vermelhos, dentes muito brancos, e buscou a maçaneta da porta mais próxima, onde pudesse se esconder...

Caiu num quarto escuro com forte cheiro de sabão fenólico. Arrastando-se pelo piso brilhante, tentou se desvencilhar da mulher, que também perdera o equilíbrio devido à virada brusca, tropeçando sobre as pernas de Becky, e agora dava tesouradas na direção do piso. Becky se virou, morrendo de dor, e conseguiu

escapar das tesouradas, mas notou que a saia fora furada algumas vezes. Agarrou o cabelo da mulher — estava sujo e oleoso; a touca que usava já havia caído — e o puxou de um lado ao outro, como se estivesse montada num cavalo bravo, e não soltou a mulher até ouvir o som da tesoura cair no chão. Finalmente alcançou a beirada de uma bancada repleta de frascos e utensílios laboratoriais, acima dela, e se reergueu, estremecendo de dor pelas costelas quebradas.

No entanto, a bancada não estava fixa no chão e pendeu para o lado, derrubando recipientes e derramando líquidos, e uma das pesadas pontas do móvel foi caindo na direção de Becky, que percebeu que o peso seria suficiente para quebrar suas pernas. Na mesma hora, Carmen Ruiz avançou novamente com a assustadora tesoura na mão...

A bancada atingiu a mulher na nuca como uma guilhotina e a derrubou na mesma hora. A tesoura foi parar a um centímetro da garganta de Becky e, em seguida, o silêncio reinou, exceto pelo som de gotas de algum líquido derramado.

Becky não conseguia se mover.

Suas pernas estavam presas sob o corpo inerte da mulher. A cabeça de Carmen estava recostada em seu colo em um ângulo tão esdrúxulo que Becky teve certeza de que ela estava morta. E na nuca da mulher estava a pesada beirada de carvalho da bancada. Ondas de intensa dor começaram a oprimir o peito de Becky, como nunca antes: não conseguia fôlego nem ao menos para gemer.

Desejou que alguém aparecesse logo.

A mão esquerda estava presa nas costas, mas a direita estava sobre a perna, ao lado da face de Carmen. O rosto da mulher estava úmido de lágrimas. Por impulso, Becky tentou enxugá-las.

Ah, essa dor! Era irracional... Estava quase perdendo a consciência. Sentiu um sono repentino, estava tão cansada. Pequenos sonhos começaram a povoar sua mente, como imagens difusas de uma lanterna mágica... Imaginou Carmen Ruiz entrando na clínica e procurando pelo vestiário das enfermeiras, e lá encontrando um uniforme para se disfarçar; folheando a lista de pacientes para saber aonde ir. Becky viu o príncipe Leopold em um frio quarto, chamando pelos criados que haviam fugido, viu os fantasmas de sua infância. Viu os jogos com que brincara com Adelaide, a princesa de lata, os dados, os tabuleiros e as peças de xadrez abandonadas, juntando poeira. Viu os vendedores na Cidade Velha varrendo os vidros quebrados que sujavam as ruas, a condessa Thalgau vestida de preto, o rosto longo e largo tomado de dor e tristeza, lentamente guardando na mala os pertences do conde; e os estudantes de Richterbund, sentados em silêncio no Café Florestan, à espera de novidades sobre Karl e Gustav e os que haviam falecido. Imaginou o general alemão, agora governador ou administrador provincial ou com um cargo similar — que em seu sonho era um sujeito implacável, cortês e astuto — reunindo

oficiais no palácio e repartindo as responsabilidades, lidando imparcialmente com todos os novos encarregados. Ela viu o maquinista do funicular supervisionando o trabalho dos empregados que tentavam retirar o enorme tronco de árvore das rodas do carro. Viu lojas e escritórios sendo abertos, funcionários públicos molhando suas penas no tinteiro, garçons batendo seus guardanapos em poeiras imaginárias, filhas enfileiradas para beijar o pai dedicado, o café sendo moído, o pão na fôrnelha, a cerveja fermentando na caneca de porcelana; viu um mastro de bandeira vazio e ninguém para contemplá-lo; viu jornais nas bancas sendo avidamente lidos e comprados.

Viu um jovem montando num cavalo, um dos braços numa tipoia, correndo pela floresta. Viu um gigante com mãos ameaçadoras e bigodes enormes passar o binóculo para um camarada e apontar de cima de uma montanha, por entre pinheiros, para um pequeno forte coberto de neve. Viu uma caverna nas montanhas, uma fogueira queimando, rifles empilhados contra uma parede de pedra e uma velha bandeira iluminada pelo brilho vermelho da brasa.

Mas tudo não era mais que um sonho. Quando um médico que passava por ali viu a porta aberta do laboratório, encontrou uma cena bizarra: uma mulher morta com a cabeça no colo de uma menina profundamente adormecida.

SUMÁRIO

[Capa](#)

[Folha de Rosto](#)

[Créditos](#)

[Curiosidades de Interesse Histórico](#)

[1 - A Máquina Infernal](#)

[2 - Sra. Goldberg](#)

[3 - Os Guardiões Irlandeses](#)

[4 - O Teatro Alhambra](#)

[5 - Etiqueta](#)

[6 - Águias e Armadilhas para Pássaros](#)

[7 - Whirlpool](#)

[8 - A Coroação](#)

[9 - Disposições](#)

[10 - O Salão dos Mapas](#)

[11 - Dentro da Gruta](#)

[12 - Statecraft](#)

[13 - O Pequeno Globo de Vidro](#)

[14 - Traição](#)

[15 - Caçarola](#)

[16 - Lã](#)

[17 - Ferrovia Funicular](#)

[18 - Noite Fantasmal](#)

[19 - Fantasma](#)

[20 - A Clínica Suíça](#)